ELLERY QUEEN

CARA OU COROA

SETE
ASSASSINATOS...
E NENHUMA
PISTA !!



ELLERY QUEEN

Cara ou Coroa

Título original inglês

DOUBLE, DOUBLE

1950

Tradução

MARIA DO CARMO CARY

Ellery Queen
Cara ou coroa
Título original: Double, Double
Tradução: Maria do Carmo Cary
Tradução cedida por Publicações Europa-América, Lda.
© 1950 by Little, Brown and Company
© Publicações Europa-América, Lda.
© 2000 BIBLIOTEX, S. L. para esta edição
© 2000 ABRILCONTROLJORNAL,
por acordo com Bibliotex, S. L. para esta edição
Editora: Bárbara Palia e Carmo
Capa: Carlos Bravo
Coordenação editorial: Camilo Fernández González
com a colaboração de Maria Eduarda Vassallo Pereira
e Ignacio Vásquez Diéguez
Revisão: José Antônio Almeida
Produção gráfica: João Paulo Batlle y Font
Impressão e encadernação:
Prínter, Indústria Gráfica, S. A.
Ctra. N-II, Km. 60020 Sant Vicenç deis Horts (Barcelona)
Impresso em Espanha
Data de impressão: Outubro de 2000
Todos os direitos reservados
ISBN: 972-611-629-9
Dep. Legal: B. 44 832-2000
Tiragem: 100 000 exemplares
abril'Controljornal, uma empresa do grupo
abrilControljornalEdipresse
Largo da Lagoa, 15C5-116 Linda-a-Velha — Portugal
De venda conjunta e inseparável da revista Visão

Terça-feira, 4 de abril

Ellery pensava que não ia voltar a Wrightsville. Sentia mesmo saudades do lugar como um homem que recorda a casa da sua infância, olhando-a através da lente filtrante de um dos olhos sentimentais. Dizia muitas vezes que, apesar de ter nascido na cidade de Nova Iorque, Wrightsville era a sua pátria espiritual — uma cidade de ulmeiros majestosos, pavimentos de pedras irregulares e ruazinhas tortuosas, aninhada no centro de um vale fértil e encostada ao ventre fecundo de uma das cordilheiras mais matriarcais da Nova Inglaterra. AH, as florestas eram sempre verdes ou do branco imaculado da neve. Havia campos bem cultivados para regalar os olhos, respirava-se um ar revigorante e as montanhas desdobravam-se a perder de vista. O lugar cintilava na sua memória como um diamante ou uma esmeralda.

Mas não como um rubi, porque a cor do sangue aproximava-se demasiado da realidade.

O envelope irradiava, porém, um brilho cor de rubi.

Ellery examinou-o novamente, sem o abrir.

Era um envelope comprido de um papel azulado com pretensões a elegância, como os que se encontram à venda em todas as tabacarias da América. Este fora comprado na secção de papelaria do armazém da Vila Alta, tinha a certeza. Algumas portas mais à frente ficava o escritório sonolento de J. C. Pettigrew, Compra e Venda de Propriedades, e ao lado do armazém, na direção de Upper Whistling, ficava a casa de chá de Miss Sally, onde as senhoras da alta sociedade de Wrightsville se juntavam todos os dias para saborear a famosa especialidade, rica em calorias, de Miss Sally, a mousse de ananás, marshmallow e noz. O Wrightsville! Olhando para ocidente da porta do armazém, para o lado de baixo da Rua Principal, viam-se, ao longe, as costas da estátua de bronze cheia de verdete do fundador, Jezreel Wright, presidindo ao bebedouro para cavalos no centro da Praça circular, e mais além, no arco ocidental da praça, o novo pavilhão do velho Hotel Hollis, onde, em alguns quartos, se conservavam ainda os receptáculos de porcelana que a gerência fornecia, em tempos mais antigos, para as necessidades noturnas dos hóspedes. Olhando para o lado oposto da rua, na porta ao lado da loja e de Louie Cahan, brilhava o anúncio de néon do drugstore Paga-Pouco. Bacios de porcelana e luz florescente — era a sua ideia de Wrightsville; e Ellery virou, impacientemente, o envelope que lhe trouxera à ideia a sua ilusão.

Não tinha remetente.

É claro que não havia de ter. As pessoas que mandavam um envelope como aquele, com a morada escrita a lápis, em maiúsculas deliberadamente mal feitas, anunciavam, de imediato, o seu desejo de anonimato. Uma carta anônima. Ellery sentiu-se tentado a atirá-la para a lareira.

Mas abriu-a cuidadosamente.

Continha alguns recortes de jornal presos pelo canto superior esquerdo com um clipe vulgar de metal.

Não havia mais nada.

O recorte de cima continha o cabeçalho do Wrightsville Record, o único jornal diário de Wrightsville, com a data: Quarta-feira, 1 de Fevereiro.

Um jornal de há dois meses, portanto. Ellery leu o artigo todo.

Noticiava a morte por ataque cardíaco de Luke MacCaby, de 74 anos de idade, residente na Rua State, Vila Alta.

Ellery não tinha ideia do nome, mas havia uma fotografia de uma coluna representando a casa do falecido e pareceu reconhecê-la.

Era um edifício muito grande, com um alpendre, telhados inclinados, águas-furtadas e torreões, pintado muito carateristicamente de um amarelo sujo, à moda vitoriana; no seu tempo, fora uma casa luxuosa, com talha de madeira e bandeiras de vitral mas, agora, parecia prestes a desmoronar-se no meio da paisagem triste onde se erguera durante seis ou sete décadas. A Rua State, o eixo de nordeste que sai da Praça, é a rua maís larga da cidade e, nos primeiros quarteirões, é uma rua bela e majestosa. Mas, mais adiante, degenera. Era a zona residencial elegante de Wrightsville no fim do século antes de as famílias principais se terem mudado para a encosta do monte. Agora, essas antigas mansões em declínio são habitadas pela baixa classe média; algumas são atualmente pensões. Os alpendres estão a cair, a talha partida. Os caminhos que levam até as portas das casas estão abandonados e cheios de ervas. Toda a zona está urgentemente necessitada de obras e pinturas.

Se a casa de MacCaby era aquela que Ellery pensava, situava-se na esquina das Ruas State e Upper Foaming e era a maior de todas, mas também a mais decadente das vizinhanças.

MacCaby, dizia o Record, era o Eremita da Cidade. Raramente saía dos seus domínios semiarruinados, onde se dedicava a ocupações misteriosas; há muitos anos que não aparecia na Praça ou na Rua Principal, segundo informações dos comerciantes da Vila Alta. Antigamente, MacCaby tinha fama de avarento, e dizia-se que passava o tempo a olhar para hipotéticos montes de dinheiro e diamantes no interior da sua caverna ancestral, à luz do gás; mas este boato, que tanto se podia basear num mito como na realidade, parecia não ter grandes fundamentos, pois, entretanto, deixara de se falar nisso e fora esquecido;

e já há muito tempo que o Eremita da Cidade era considerado um miserável que se alimentava a pão e água. O que também não era verdade, pois tinha um empregado, guarda, criado ou acompanhante — ninguém sabia ao certo quais as suas funções; mas não havia dúvida de que Luke MacCaby vivia com dificuldades, pois assim o afirmava o conhecido clínico da Vila Alta, o Dr. Sebastian Dodd (de quem Ellery também nunca ouvira falar). O Dr. Dodd, entrevistado pelo Record confessara relutantemente que mandara as suas contas ao velho durante muitos anos, até que "percebi que o velhote não tinha sequer o suficiente para fazer uma vida decente, por isso deixei de o importunar". Apesar disso, o Dr. Dodd tinha continuado a tratar MacCaby até o dia da sua morte. O velho sofria de uma doença cardíaca crônica. O Dr. Dodd receitava-lhe uns comprimidos para aliviar as crises.

Tanto quanto se sabia, Luke MacCaby era o último membro da sua família; a mulher morrera em 1909 e não tinha tido "descendência", pelo que, segundo o Record, só restava dele as recordações duvidosas do seu criado-acompanhante-guarda, Harry Toyfell. Toyfell tratava de MacCaby há quinze anos. Era também um velho — e parece que outro dos originais da cidade, pois era conhecido pelo nome de o Filósofo da Cidade. Frequentava o bar de Gus Olesen, na Estrada 16, na companhia de Tom Anderson e Nicole Jacquard. Quando viu o nome de Tom Anderson, Ellery ficou mais interessado: pelo menos, este era um velho conhecido seu, a que chamavam, em Wrightsville, com uma certa ternura, o Bêbedo da Cidade ou o Mendigo da Cidade. Mas não conseguia lembrar-se de Nicole Jacquard. A não ser que... Pois era! Em 40 ou 41 tinham falado a Ellery numa família de canadenses franceses da Vila Baixa (no dialeto de Wrightsville "canucas") de apelido Jacquard, em que os pais eram especialistas da produção de crianças; parece que tinham falado de "outros" trigêmeos...? Se Nicole Jacquard era esse Jacquard, o que era provável, não era exatamente um modelo de bom comportamento da Vila Baixa. Esse Jacquard — e Ellery esperava que esse comportamento não tivesse outros motivos mais repreensíveis do que a necessidade de alimentar os numerosos pequenos Jacquard — era efetivamente conhecido pelo nome de o Ladrão da Cidade. Ellery começava a sentir-se entusiasmado; era quase como voltar a casa.

A notícia do jornal dizia pouco mais do que isto. Toyfell e o seu estranho patrão tinham fama de "brigar como cão e o gato". Quando lhe perguntaram porque é que tinha ficado durante tantos anos naquela triste ruína, tratando de um eremita excêntrico que (provavelmente) pouco ou nada lhe pagava pelos seus serviços, Toyfell respondera com estas palavras profundas: "Também gostava de flores." Toyfell era um jardineiro exímio; fizera milagres no jardim de MacCaby, o único lugar onde havia vida naquela casa, segundo se dizia, com estacas

roubadas nas mansões de North Hill. O Gladíolo Gigante e MacCaby era uma atração sazonal da loja de florista de Andy Birobatyan, na Rua Washington.

Agora que o patrão morrera, perguntavam a Toyfell quais eram os seus "planos" para o futuro. Respondera: "O Sr. John Hart anda atrás de mim há cinco anos para ir tratar do jardim dele. Acho que é o que vou fazer agora." John Hart — John Spencer Hart — era o milionário proprietário da "velha fiação de algodão" da Vila Baixa, como o lembrava o Record aos seus leitores. Conhecendo Wrightsville como conhecia,

Ellery não se admirou com a explicação, que constituía uma mera reminiscência do passado; há vinte anos que se não fiava algodão na velha fiação. Os milhões do Sr. John Hart tinham sido ganhos com tintas, numa fábrica muito feia que existia ainda nas esquinas das Ruas Washington e Lower Whistling, com um letreiro em aço inoxidável ostentando o nome de fábrica de tintas de Wrightsville.

"E assim se encerra um outro capítulo romântico da história de Wrightsville. O serviço fúnebre será oficiado pelo Dr. Ernest Highmount, vigário da Primeira Igreja Congregacional da Rua West Livesey. O enterro terá lugar no cemitério de East Twin Hill, no talhão da família MacCaby."

Requiescat in pace. E que o teu novo emprego de jardineiro do milionário John Spencer Hart te proporcione uma vida de filósofo materialmente mais compensadora, Harry Toyfell. Mas por que diabo é que alguém pensará que tudo isto me interessa ?

Ellery olhou para a assinatura ao alto da notícia.

Por Malvina Prentiss **.**

Abanou a cabeça e passou ao recorte seguinte.

Era um outro recorte do Wrightsville Record. A data era posterior: Segunda-feira, 13 de Fevereiro. Esta segunda história era sensacional. O Record descobrira um "furo" e anunciava-o em altas vozes. (Muito diferente do Record do tempo de Frank Lloyd, ou mesmo de Diedrich van Horn. Estava a transformar-se num jornal sensacionalista. Era, com certeza, a política da nova gerência.)

O segundo recorte era uma continuação da notícia obituária de 1 de Fevereiro. Luke MacCaby, o velho excêntrico miserável, afinal, não era miserável. Na altura da sua morte era um dos homens mais ricos de Wrightsville!

O que só prova que os mitos se baseiam mesmo na realidade.

MacCaby era, sem que ninguém o soubesse, um dos sócios principais da Fábrica de Tintas de Wrightsville.

A razão que levara MacCaby a manter secreta a sua posição de sócio de uma companhia com um ativo de muitos milhões de dólares, que se expandira prodigiosamente durante a guerra e continuava sempre em crescimento desde essa altura “nunca será conhecida. Segundo o Sr. Hart, o Sr. MacCaby insistira em manter secreta a sua ligação à companhia, sem nunca revelar as suas razões para tal. O Sr. Hart acha que o Sr. MacCaby era um excêntrico, etc” .

MacCaby tinha as suas ações, dividendos e praticamente toda a sua fortuna depositada num grande cofre na cave do Banco Nacional de Wrightsville; os próprios funcionários do banco (como o dissera o Sr. Wolfert van Horn, o diretor) não sabiam que MaeCaby era acionista da Fábrica de Tintas de Wrightsville. Hart tinha aberto uma conta especial num banco de Connhaven; todos os cheques relativos aos dividendos eram depositados nessa conta e MacCaby recebia a sua parte em dinheiro — a seu pedido, segundo Hart.

A história era sensacional.

Descobrira-se tudo, segundo o Record, quando Otis Holderfield, um advogado local, apresentara no tribunal um testamento redigido, segundo Holderfield, pelo Sr. MacCaby algumas semanas antes da sua morte.

Mas isto não era nada em comparação com a revelação seguinte. Luke MaeCaby deixara toda a sua fortuna a um cidadão muito conhecido de Wrightsville, um homem digno, famoso pela sua bondade; que era — e vão ficar espantados com a notícia — o Dr. Sebastian Dodd!

Uma história sensacional!

Os honorários do Dr. Dodd continuavam a ser de dois dólares no consultório e de três pelas visitas. Os doentes do Dr. Sebastian Dodd eram os agricultores pobres, os habitantes mais pobres da Vila Baixa e da Vila Alta; era um especialista da pobreza. Dizia-se que só tinha dois fatos e andava numa carripana antediluviana. Já tinha morrido à fome se não fossem os doentes do Hill que o consultavam, de vez em quando, depois da morte do Dr. Milo Willoughby, em vez de irem a esses “rapazes novos”. A sala de espera do Dr. Sebastian Dodd estava sempre cheia e a sua conta no banco sempre vazia. Trabalhava tanto para ser um falhado que até tinha metido um ajudante jovem, o Dr. Kenneth Winship, para o ajudar a ser mais pobre.

Era este homem que recebia, agora, uma fortuna de mais de quatro milhões de dólares. O Record entrava em transe. Quem é que dizia que a Virtude não era recompensada?

O Dr. Sebastian Dodd não cabia em si de surpresa.

Que é que querem que eu diga? Não sei que dizer. Não fazia ideia... ele nunca me disse nada...” De início o velho médico afirmara sem grande convicção que devia ser uma brincadeira. Quatro milhões de dólares! Mas

quando o Dr. Otis Holderfield lhe citou a cláusula e o codicilo e o Sr. John Spencer Hart o confirmou, o Dr. Dodd ficou entusiasmado. Começou a falar das péssimas condições do Hospital Geral de Wrightsville. O único hospital de Wrightsville nem sequer tinha um pavilhão de quartos particulares antes de 1946, disse o Dr. Dodd. O equipamento estava ultrapassado e era incompleto e o número de camas era também muito insuficiente para a cobertura médica de uma comunidade de 10 000 habitantes. “Quando, em 48, sucedi ao falecido Dr. Milo Willoughby como diretor do hospital”, disse o Dr. Dodd, segundo o Record, “prometi a mim mesmo que não descansava enquanto o Hospital de Wrightsville não tivesse uma enfermaria pediátrica moderna, que é uma coisa tão necessária. A generosidade do Sr. MacCaby permite-me fundar agora um pavilhão pediátrico.”

Mas a Harry Toyfell, o Eremita da Cidade, não tinha deixado nada.

O Filósofo da Cidade respondeu com uma nobreza digna da sua reputação quando o repórter do Record lhe perguntou o que é que pensava do fato de não ter sido contemplado no testamento do velhote que tinha servido durante tantos anos. “Que o teu dinheiro pereça contigo”, dissera, e o Record identificara a fonte da sua sabedoria como os Atos dos Apóstolos. VIII, 20. “O túmulo adubado com ouro cobre-se de ervas daninhas”, acrescentara Toyfell, citando-se, desta vez, a si mesmo (ou pelo menos o Record não conseguira identificar a citação). “O dinheiro não ia fazer de mim um homem melhor, pois não? Todos os homens são iguais aos olhos do Sr.. Leia as palavras de Jesus. Leia Paine.” O Record elogiava as virtudes cristãs de Toyfell e citava como exemplo aos seus leitores a espiritualidade severa deste velho humilde. Em seguida, o Record fazia também a sua citação, falando do camelo e do fundo da agulha.

Não Sr., Harry Toyfell nunca suspeitara da riqueza de MacCaby.

A história estava também assinada: Por Malvina Prentiss.

Este — que era o último — datava de segunda-feira, 20 de Fevereiro. Uma semana depois, a história assumira já proporções monstruosas. John Spencer Hart suicidara-se.

Desta vez, Ellery leu com um interesse evidente.

Ao saber que era o único herdeiro da fortuna de quatro milhões de dólares deixada por Luke MacCaby, o Dr. Sebastian Dodd contratara Otis Holderfield, o advogado que redigira o espantoso testamento de MacCaby, para zelar pelos seus interesses legais. Harfield apresentara ao seu cliente, para ser assinada, uma carta dirigida ao Sr. John Spencer Hart, presidente do conselho de administração da Fábrica de Tintas de Wrightsville, pedindo um relatório preliminar do estado das finanças da companhia. O Dr. Dodd assinara a carta, o

Dr. Holderfield enviara a carta registrada ao Sr. Hart, com um aviso de recepção, e o aviso voltara devidamente assinado pelo destinatário; nessa mesma noite, o milionário, que se queixara de se sentir engripado, tinha acompanhado a mulher até a mansão dos Hart, viu-a sair de carro para a festa de inauguração da casa dos Hallam Luck — que tinham acabado de se mudar de Hill Drive para uma luxuosa casa nova em Skytop Road —, entrara novamente em casa e mandara sair os quatro criados, ao serão. Hart tinha-se metido, depois, na biblioteca, fechara a porta à chave, escrevera um bilhete à mulher e dera um tiro na cabeça.

Este efeito espetacular derivava obviamente de uma causa, que só podia ser a carta, talvez ameaçadora, que o milionário acabara de receber do advogado. (Para o Record, que refletia assim fielmente os costumes de Wrightsville, todas as "cartas de advogado" eram sinistras.) Mas qual fora o ingrediente que pegara fogo à peça? Uma investigação mais cuidada em breve o descobriu. Hart, sem que a própria mulher o soubesse, jogava e especulava imprudentemente há anos, pois, aparentemente, só era competente na administração da fábrica de tintas. Tinha gasto, assim, toda a sua fortuna pessoal; perdera igualmente as suas ações da Fábrica de Tintas de Wrightsville; e tinha mesmo arriscado e perdido parte das ações do seu sócio. Hart estava à beira da ruína e corria o risco de ser preso quando chegou o pedido oficial do novo sócio de uma perícia contabilística. Uma bala certeira parecia a única solução razoável para o problema.

Um relatório de Finegold Izzard, uma firma de auditores (situada no n.° 108 de Upham Block, junto à Praça), revelou que a Fábrica de Tintas de Wrightsville continuava próspera, apesar das imprudências de Hart. "Não há qualquer projecto de redução do pessoal", disse o Dr. Dodd, agora o único proprietário da fábrica, segundo a notícia do Record "pelo menos por agora. No que se refere à gestão da empresa, tive várias conversas longas com George Churchward, um funcionário do Sr. Hart que dirige a fábrica desde o princípio da guerra, e estou convencido de que o Sr. Churchward é muito competente. Assim que todas estas complicações legais estiverem resolvidas, o Sr. Churchward será nomeado Vice-Presidente do Conselho de Administração, com responsabilidade total pelo funcionamento da fábrica. Entretanto, continuará a desempenhar as suas funções atuais". O Record noticiava ainda que George Churchward era um dos jovens gestores com mais futuro daquela região muito industrializada, que tinha 41 anos de idade e era casado com Angel Asperley Stone, a simpática filha de Willis Stone (o conhecido agente funerário da Vila Alta) e pai de três dos mais belos rebentos de Wrightsville, Charline Willis, de 5, Love Asperley, de 3, e George Júnior, de 16 meses. "Parabéns, George Churchward!"

John Spencer Hart deixava a viúva, Ursula Hart (Brooks de solteira) e um filho, Carver B., aluno do segundo ano da Universidade de Yale. “Creio que o seguro de vida de John Hart é muito reduzido”, disse o Dr. Sebastian Dodd ao Record, numa entrevista exclusiva, “pois pediu empréstimo até o limite máximo sobre o seguro e não pagou algumas prestações, por isso a Sra. Hart e o filho ficam na pobreza quase absoluta. Vou escrever-lhe hoje. Assim que os problemas da fábrica de tintas e do testamento estiverem resolvidos, a Sra. Hart passa a receber uma mensalidade paga pela empresa, até o fim da sua vida. E se o jovem Carver quiser trabalhar na fábrica temos lugar para ele” .

Os planos para a construção da Ala Pediátrica MacCaby-Dodd no Hospital Geral de Wrightsville eram adiados, explicou o Dr. Dodd na sua entrevista, até haver uma clarificação do estado da Fábrica, dados os “investimentos pessoais imprudentes” do falecido J. S. Hart.

O repórter do Record acrescentava ainda um derradeiro toque de humanidade ao último capítulo daquilo a que Ellery dera já o nome de As Aventuras de Sebastian Dodd. Harry Toyfell, que tinha acabado de tomar posse do emprego de jardineiro chefe da propriedade dos Hart era North Hill Drive “está outra vez desempregado, pela segunda vez em menos de três semanas, devido à ação da Grande Ceifeira. Mas Harry está a suportar os golpes do destino como o grande filósofo que é. Aceitou já um novo emprego de jardineiro de um dos principais cidadãos dos Wrightsville. Refiro-me ao Dr. Sebastian Dodd em pessoa” .

A história estava também assinada: Por Malvina Prentiss.

Ellery levantou-se e jogou outro graveto no fogo.

Mas precisava não só de calor, como também de luz.

Quem mandara os recortes do Record? E por quê?

Lembrara-se imediatamente de Emmeline DuPré. Emmeline DuPré era uma mulher alta e magra como um espeto, dura e venenosa, que vivia no seio da alta sociedade, no n.° 468 de Hill Drive, a duas portas da grande mansão Wright, e que era a representante da Arte e da Cultura em Wrightsville, pois dava lições de dança e arte dramática à juventude de boas famílias. Miss DuPré merecia bem a alcunha que lhe cabia na nomenclatura de Wrightsville — a Pregoeira da Cidade; tinha a língua sempre pronta para tocar a rebate, dando más notícias. Mas pensando melhor, Ellery decidiu que isto era um trabalho mais subtil. Emmeline DuPré operava a preto e branco, e não num cinzento sinistro.

Porque Ellery sentia que havia qualquer coisa de sinistro naquela história. Mas o quê? Wrightsville conhecia-o como criminologista. Mas onde estava o crime? John Spencer Hart tinha cometido um crime, mas o mistério fora esclarecido pelo próprio criminoso. Haveria algum crime oculto? A pessoa que

enviara anonimamente os recortes suspeitaria ou saberia de algum ato criminoso? Mas os editoriais noticiosos da autoria de Malvina Prentiss não davam qualquer indicação nesse sentido. Luke MacCaby parecia ter morrido com um ataque cardíaco; era um doente cardíaco, e mesmo que o não fosse, aos 74 anos a vida é notoriamente precária. Quanto ao suicídio de Hart, a sua motivação era satisfatória e convincente e a história do Record mencionava inclusive que o bilhete em que anunciava o seu suicídio à Sra. Hart era comprovadamente da sua mão: a viúva e o filho tinham reconhecido a letra no inquérito orientado pelo juiz Grupp, a cujo olhar duro não escaparia qualquer tentativa de corrupção.

Era tudo muito aborrecido.

Finalmente, Ellery guardou o envelope e o seu conteúdo na gaveta reservada aos papéis soltos.

Aliás, tudo aquilo não passava de uma brincadeira do 1° de abril, um bocado fora de tempo.

Mas aquele pequeno mistério perseguía-o como um cãozinho a ladrar-lhe aos calcanhares.

Sexta-feira, 7 de abril

Quando chegou o segundo envelope por correio especial, três noites depois, Ellery abriu-o imediatamente, com uma curiosidade indisfarçável. Via-se que fora enviado pela mesma pessoa. O tamanho e o papel do envelope, a morada escrita a lápis em letras toscas, o carimbo de Wrightsville, a ausência de remetente eram idênticos.

De dentro dele saiu um recorte do Record, datado de Segunda-feira, 3 de abril, que caiu em cima da mesa.

O Bêbedo da Cidade desaparecera.

Tom Anderson deixara de existir.

Ellery concentrou-se na leitura do recorte.

A investigação do Chefe da Polícia, Dakin, demonstrara "quase com uma certeza absoluta" que Anderson morrera. O casaco e o chapéu dele foram encontrados na manhã de Domingo, 2 de abril, na borda do Rochedo de Little Prudy no Pântano. (O Pântano, recordou Ellery, era um maciço pantanoso sulfúreo situado no limite oriental da Vila Baixa; era o papão das crianças da Vila Baixa e o local de origem de uma raça superior de mosquitos.) Havia "provas inconfundíveis", afirmava o chefe Dakin, "de uma luta travada à beira do rochedo", no decurso da qual Anderson devia ter sido atirado para as areias movediças lá de baixo. O Record chamava a atenção para o fato de o lodaçal situado por debaixo do Rochedo de Little Prudy ter uma profundidade "insondável" e de qualquer objeto que aí caísse ser imediatamente aspirado para o fundo. As tentativas de dragagem do pântano tinham sido interrompidas, por inúteis. "Quem é que lutou com Tom Anderson na borda do Rochedo de Little Prudy?" perguntava o Record indignadamente. "Quem é que atirou para o pântano, condenando-o a uma morte horrível? Wrightsville exige uma resposta imediata a esta pergunta!*

O falecido, concluía o Record, deixava uma filha, Rima Anderson, de 22 anos de idade.

Assinatura: Por Malvina Prentiss.

Ellery poisou o recorte de jornal.

O mistério adensava-se. Qual era a relação entre o assassinato do Bêbedo da Cidade — se se tratava de um assassinato— e a de Sebastian Dodd?

Porque havia uma relação. Tinha de haver. No primeiro recorte não havia qualquer ligação entre Anderson e Luke MacCaby, a figura central da história. Na segunda e na terceira notícia nem sequer se falava de Anderson. E, de repente— na história n° 4 — aparecia novamente Anderson, desta vez como protagonista. Mas isolado. Não havia qualquer referência a MacCaby, a Hart ou ao Dr. Dodd, ou mesmo ao seu velho amigo Harry Toyfell.

Mas, apesar disso, estavam todos ligados, e talvez com Ni-cole Jacquard (o Ladrão da Cidade) também. Estavam ligados devido ao fato de alguém em Wrightsville os ter relacionado. O anúncio suspeitava de qualquer coisa ou tinha informações secretas. O anônimo tinha razoes para crer que Anderson, o Bêbedo da Cidade, tinha sido empurrado por alguém com intenções homicidas. O anônimo sabia que o assassino de Anderson, o Bêbedo da Cidade, era uma consequência de acontecimentos relatados rias três primeiras notícias do Record.

Seria? E o Anônimo quereria dizer que MacCaby e Hart tinham sido também assassinados? Que um deles?

Mas havia também o próprio. Tim Anderson. Anderson fora, obviamente, um homem culto e respeitável antes de começar a beber. Mesmo quando estava bêbedo como um cacho, empoleirado em equilíbrio instável no pedestal podre de imitação de pedra do monumento à Primeira Guerra Mundial da Vila Baixa — destacando-se sobre um fundo de fábricas de tijolo vermelho enegrecido, de casinhas rectangulares —, de dois andares, todas tortas, de lojecas de fachadas pretensiosas corno o Armazém de Sidney Gotch... na sombra escura e irregular da velha fiação de algodão — agora a Fábrica de Tintas de Wrightsville —, mesmo assim, o Bêbedo da Cidade inspirava pena, em vez de suscitar o riso ou a repugnância dos seus conterrâneos. Ellery juraria que não havia maldade no infeliz. Se fora vítima da violência, a maldade estava noutros.

E aquela notícia surpreendente de que Anderson tinha uma filha. Deixa uma filha, Rima Anderson, de 22 anos de idade. Uma reportagem incompleta. Malvina. Trabalharia como criada para todo o serviço num dos hotéis da Vila Alta? Como jornaleira numa das quintas mais pequenas do vale? Ou seria frequentadora habitual de uma das casas de pegas baratas da Rua Barking? Aquele nome de Rima... Sentia-se irritado, porque tinha a ideia dele, só não conseguia lembrar-se de onde. Mas, apesar da sua falta de memória, o nome não parecia evocar para ele o ambiente dos bairros de lata de Wrightsville. Estava antes associado a uma imagem de graciosidade, solidão, verdura... No entanto, tinha a certeza de que nunca tinha conhecido ninguém com esse nome em Wrightsville.

Ora, pensou, tudo isto não me adianta nada. Mesmo nada.

Ellery atirou o segundo envelope para a gaveta dos papéis soltos.

Amanhã veremos, disse consigo mesmo.

Sábado, 8 de abril

Na manhã seguinte, mal Ellery tinha acabado de tomar a sua segunda chávena de café, tocaram à porta. Abriu a porta, e viu uma criança pequena na entrada. O vestíbulo e o corredor estavam escuros e teve de espreitar para ver melhor. Era evidente que a rapariguinha trazia um vestido da mãe — que devia ser uma original — e que estava a lutar corajosamente contra o seu nervosismo.

— Que é? — perguntou com um sorriso amável.— Ellery Queen?

Olhou para trás dela, procurando no escuro. Era uma voz de uma mulher . . .—....

— Foi a menina que falou? — perguntou vivamente.

— Meu nome é Rima Anderson. Posso falar consigo

Nos minutos seguintes. Ellery procurou recompor-se. O mundo da ficção estava cheio de heroínas, filosofou ele involuntariamente, a que os autores tinham procurado atribuir todas as qualidades que uma mulher não tem. Mas aqui estava uma moça de carne e osso que podia ter saído direitinha de um livro. Na verdade, Rima Anderson tinha saído mesmo diretamente de um livro, como Ellery, em breve, o havia de descobrir.

Tinha uma qualidade especial e incrível... a consistência. As mulheres são feitas de pele, cabelo, músculo, glândulas sudoríparas e mais uma quantidade de coisas; mas esta moça tinha a harmonia de uma estatueta. Era feita de uma só peça. Lembrava-lhe as Tanagras e a terracota, e parecia tão frágil como essas estatuetas. A moça entrou com passos inaudíveis. Parecia um pássaro ou uma fadinha.

Quando a viu melhor, à luz da casa, verificou que não tinha um ar nada frágil. Parecia um fruto em miniatura bem maduro. Era uma criança que perturbava como uma mulher. O paradoxo mulher-criança afirmava-se ao máximo nos seus olhos. Eram tão límpidos e serenos, tão inocentes e desconhecedores do mal como os olhos de qualquer rapariguinha; mas, quando outros olhos se fixavam neles, velavam-se como olhos de criança. O efeito era inédito e encantador, mas indescritível. Era preciso ver para compreender.

A própria voz era estranha. Era cantante, musical como um som informe e simultaneamente significativo da natureza. A voz de um regato, de uma dríade. E isso, pensou Ellery. É uma ninfa que vive dentro de uma árvore. Nessa altura,

lembrou-se de quem era “Rima”. Rima era a mulher-criança, a rapariguinha-pássaro da selva venezuelana, de um livro que não lia há vinte anos.

E ali estava ela.

Mas onde estava o velho Nuflo, o avô? E os seus cães, Susio e Guloso? Estava quase à espera de os ver, assim como a árvore tropical, o colibri e o macaquinho de pêlo sedoso.

— Rima é o seu verdadeiro nome?

— Sim, Rima é o meu nome verdadeiro.

Dado pelo pai. Pelo Bêbedo da Cidade. Tinha-lhe chamado Rima em honra de W. H. Hudson e tinha-a moldado à imagem e semelhança da verdadeira Rima. Moldar assim uma criança à imagem de um nome é brutal, mas poético. De repente, Ellery começou a ver Tom Anderson a uma luz completamente diferente. O chefe Dakin e o Record podiam estar enganados.— Um homem assim podia ter-se empoleirado na borda do Rochedo de Little Prudy e levantado voo, como ícaro.

Ninguém em Wrightsville conhecia bem esta moça; era, talvez, uma espécie de mito da cidade, uma criatura do folclore local. O Bêbedo da Cidade devia tê-la escondido, protegendo o produto delicado da sua energia criadora das influências corrosivas da comunidade. E Ellery sabia mesmo sem o perguntar que os companheiros de brincadeira de Rima tinham sido os pássaros e os animaizinhos e que habitava no mundo natural onde Wrightsville se aninhava — feito de planícies, montes, nos e florestas, mas, sobretudo, nas florestas mais selvagens, onde ninguém se aventurava. E se Rima tinha a pele tão brilhante, o cabelo tão encaracolado e os lábios tão vermelhos e macios, era porque a sua beleza era um produto da natureza, do sol, do vento e da chuva. E, por isso mesmo, era tão superior aos produtos do mundo dos salões de beleza e dos cosméticos baratos.

A moça envergava um vestido simples de algodão barato, meias pretas grossas, sapatos brancos rasos de má qualidade e uma touca de mau gosto. Todo o seu vestuário era do tipo que se vende nas lojecas de aldeia das regiões rurais afastadas de tudo; Ellery não conhecia nenhuma loja, mesmo na Vila Baixa, que vendesse mercadoria tão fora de moda. Devia ter ido a pé a Fidelity, uma comunidade muito pobre a ocidente de Wrightsville, ou a Shinn Corners, um lugar enterrado nas regiões agrícolas remotas do Sudoeste do distrito, para comprar aquelas coisas. Eram mais baratas aí e, além disso, havia menos gente para a ver. Era tímida como um passarinho. A palidez que transparecia por debaixo da sua pele bronzeada era já um produto do contato com Nova Iorque. Devia ser a sua primeira visita a uma grande cidade. Desejou absurdamente ter um tentilhão, ou um ratinho do campo para lhe oferecer... e pensou como é que

havia de a mandar de volta a Wrightsville vestida de uma maneira menos espetacular. Era um problema; mas decidiu que o resolveria mais tarde, quando lhe ocorresse alguma ideia ou se proporcionasse uma oportunidade.

— Por que é que veio aqui tão longe, a Nova Iorque, para falar comigo, Miss Anderson?

Ela riu — a risada inesperada de um passarinho.

— Pode me chamar de Rima!

— Está bem. Por que riu, Rima?

— Ninguém nunca me chamou Miss Anderson. — Quando Ellery repetiu a sua primeira pergunta, ela respondeu. — O meu pai, Thomas Hardy Anderson, costumava falar de si.

Thomas Hardy Anderson...

— O Bêbedo da Cidade. — Proferiu estas palavras com naturalidade. Era um fato, como a fama de ladrões que tinham os esquilos, sabia-se que era assim e não se falava mais nisso. Tinha a aceitação fácil de todos os animais selvagens, pensou; uma cria de corço não se preocupava com a moralidade dopai.

— Que é que ele dizia de mim, Rima?

— Dizia que era um homem que se sentia sempre obrigado a descobrir a verdade. Disse-me que, se alguma vez estivesse em apuros e que ele tivesse desaparecido, viesse ter consigo. E agora estou em apuros.

— Por isso veio ter comigo.

— Pois.

Ellery levantou-se e mexeu na persiana. Depois, voltou-se para trás e disse:

Sei que ele desapareceu.

— Acho que o meu pai morreu. — Era a maneira direta de ela dizer as coisas. Não perguntou como é que ele o sabia; o fato de o saber não a surpreendeu.

— A polícia de Wrightsville pensa o mesmo, não é?

— Foi o que me disse o chefe Dakin. E uma mulher do jornal. Não gosto dela, mas gosto do chefe Dakin.

— E é por isso que pensa que o seu pai morreu, Rima? Porque lhe disseram?

— Já sabia antes de me terem dito. — Levantara-se, entretanto, e fora até a janela.

— Porque é que diz que já sabia? Sabe alguma coisa mais do que os outros?

— Não, mas sei. Se estivesse vivo já tinha vindo ter comigo, ou tinha-me escrito. Morreu. — Continuava a olhar para a Rua 87, sem interesse, como se a morte do pai não fosse importante. Ellery estranhou-a novamente. As regras normais de comportamento não pareciam aplicar-se a ela. A curiosidade que parecia demonstrar por uma rua de Nova Iorque não passava, provavelmente, de uma precaução. O pardal vê a migalha no passeio e levanta voo, poisando num fio telefônico, onde está em segurança, espiando daí o que se passa. A sua atitude vigilante relaciona-se misteriosamente com as suas necessidades vitais.

— Houve já outras pessoas que se foram embora sem dar explicações e sem avisar, Rima. Por exemplo, porque se meteram em sarilhos.

— Podia ter-se metido num sarilho, mas se tivesse de se ir embora dizia-me antes. Morreu.

— A luta no Rochedo de Little Prudy...

— Empurraram-no. Foi assassinado.

— Por quê?

Pareceu hesitante.

— Não sei, Sr. Queen. É por isso que vim ter consigo. Voltou inesperadamente para o sofá, sentou-se em cima das pernas e sorriu-me. Tinha feito progressos. O pardal tinha resolvido que o homem que estava no passeio era inofensivo.

— Posso tirar os sapatos? Fazem-me doer.

— Esteja à vontade.

Tirou-os e começou a mexer os dedos dos pés.

— Detesto andar de sapatos, e o Sr.?

— Também detesto.

— Então, por que é que não os tira?

— Bom... Está bem, vou tirá-los! — disse Ellery, e tirou os sapatos.

— Também vou tirar as meias, se não se importa. Fazem-me comichão. Que bom...

Tinha as pernas cor de mel, umas lindas pernas ágeis cheias de arranhões, mas as solas dos pés eram feias; estavam cobertas com uma pele córnea que parecia plástico. Ela reparou para onde ele estava a olhar e franziu o sobrolho.

— São feios, não são? Mas não sou capaz de andar de sapatos.

Ellery estava a vê-la a correr nos bosques. Pensou como é que ela andaria vestida no seu habitat natural.

— Primeiro, pensei falar com os dois amigos dele — continuou Rima. — Mas...

Não faz transições, pensou ele. Temos de acompanhar o seu voo, quando não perdermos: — Nick Jacquard ? Harry Toyfell?

— Mas não gosto deles, Jacquard não presta. E Toyfell dá-me a impressão... — Calou-se.

— Dá-lhe impressão de que, Rima?

— Não sei... Não eram boas companhias para o pai. Até há pouco tempo, tinham má influência sobre ele.

— Acha que Jacquard, ou Toyfell, ou os dois, tiveram alguma coisa a ver com o que aconteceu ao seu pai?

— Não, não. Eram mesmo amigos dele. Mas não quero falar com eles. Não gosto deles.

E, no momento, pareceu perfeitamente lógico a Ellery que ela não quisesse fazer perguntas sobre o desaparecimento do pai às únicas pessoas que conviviam com ele, só porque não gostava delas.

Levantou-se e começou a andar para cá e para lá, impacientemente, um hábito que, em Ellery, denotava perturbação. Rima olhava-o, confiante.

— Diga-me tudo o que sabe sobre o seu pai, Rima. Era mesmo de Wrightsville? Como é que ganhava a vida?

— Nasceu num lugar qualquer do Wisconsin. Nunca falava da família dele. Acho que tinha pais muito severos e ignorantes e que brigou com eles e saiu de casa na adolescência. Queria ser poeta. Trabalhou para ganhar dinheiro para ir para a costa Leste e entrou na Universidade de Harvard; dava explicações para pagar os estudos. Um professor famoso de Harvard disse-lhe que nunca passaria de um poeta de terceira classe, mas que podia vir a ser um excelente professor. Fez um curso de pós-graduação de Ciências da Educação e, depois, arranjou um emprego de professor de literatura inglesa na Universidade de Merrimac, em Connhaven... Hardy não era mesmo o nome dele. O primeiro apelido dele era Hogg, mas mudou para Hardy quando se inscreveu em Harvard.

Ellery assentiu com a cabeça.

— Era professor há dezoito anos em Merrimac quando conheceu a minha mãe, que era uma aluna dos cursos de pós-graduação da universidade. Nessa altura, era já professor efetivo e um dos mais populares da universidade. Tinha 44 anos, e a mãe era da minha idade. Nunca nenhum deles se tinha apaixonado antes. Apaixonaram-se um pelo outro.

Um solteirão de mais de quarenta anos, com antecedentes de antagonismos familiares e frustração criadora, que era obrigado a sublinhar a sua paixão pelos sons e formas verbais através do ensino da literatura. Anderson tinha-se entregue inteiramente ao primeiro amor da sua vida. A mãe de Rima era muito bonita e prometia vir a ser uma grande poetisa.

— O pai costumava dizer que a mãe punha mais poesia numa lista de mercearia do que ele numa ode inteira. — A mãe de Rima era oriunda do Middle West, uma das numerosas filhas de uma família de novos-ricos. Os pais queriam que ela fizesse um bom casamento e opuseram-se violentamente a essa aliança com um professor universitário mal pago “enterrado nos bosques da Nova Inglaterra”. A mãe de Rima cortou com a família e casou com o seu professor.

— Viviam na própria universidade e, no ano seguinte, nasci eu. O pai chamou-me Rima, que era o nome da heroína de Green Mansions. Quando eu tinha dois anos fez uma casinha nos montes dos arredores de Connhaven e fomos viver para lá, totalmente isolados. O pai ia todos os dias à universidade, a mãe tratava de mim e da casa e escrevia poemas nas costas do envelope e nos cartuchos da mercearia — como Emily Dickinson, e eu brincava nos bosques. Ao fim de semana andávamos os três pelos bosques. Andávamos quase nus, à noite dormíamos sobre uma cama de rebentos de abeto, embrulhados em cobertores e éramos muito felizes. Acho que éramos a família mais feliz do mundo. Quando fiz cinco anos, o pai levava-me todos os dias de automóvel à escola e à tarde ia outra vez buscar-me. Mas aprendi tudo o que sei com ele e com a mãe, e nos bosques... Quando eu tinha dez anos a mãe adoeceu e morreu. De um dia para o outro. Não sei o que foi — uma doença rara. Num dia estava connosco, e no dia seguinte tinha desaparecido. Rima calou-se.

— Nunca hei-de esquecer do que disse o pai à beira do túmulo da mãe, depois de toda a gente se ter ido embora. Não tinha dito uma única palavra depois da morte dela, mas tinha-me dado a mão todo o tempo. “Isto é pura maldade, Rima. Não há beleza nem justiça nisto”, disse; e nessa noite, depois de me ter deitado, saiu e voltou muito tarde, bêbedo. As recordações que Rima tinha desse tempo eram de passos vacilantes, gritos, vapores de uísque, choros selvagens na noite e uma ternura ainda mais selvagem. Anderson tinha períodos de abstinência, e, nessa altura, andava pálido e silencioso e as mãos tremiam-lhe, nesses períodos, costumava ler os poemas da mulher a Rima. Mas esses intervalos de temperança tornaram-se cada vez mais raros e, finalmente, cessaram por completo. Geralmente quem tratava de Rima eram os amigos, as mulheres dos outros professores; mais tarde, houve ameaças de intervenção judicial caso Anderson não deixasse de beber ou não entregasse a criança às autoridades. Fora a própria Rima que contrariara todas essas tentativas de separação.

— Fugi uma quantidade de vezes de uma série de lugares— contou a Ellery. — O pai era sempre bom para mi, mesmo quando estava muito bêbedo. Ninguém foi capaz de me separar dele e, ao fim de algum tempo, desistiram.

Em seguida, após uma série de incidentes desagradáveis nas aulas, o professor Anderson foi despedido da Universidade de Merrimac.

— Foi nessa altura que viemos para Wrightsville — disse Rima. — Houve alguém que arranjou ao meu pai um emprego de professor de inglês no liceu de Wrightsville. Vivíamos na pensão da Sra. Wheatley, na Rua Upper Purling. A Sra. Wheatley tomava conta de mim durante o dia. Já morreu.

O emprego de Tom Anderson no liceu só durou oito meses. Quando a diretora Martha E. Coolye o surpreendeu a dar aulas com um copo de uísque em cima da mesa foi despedido imediatamente.

— Cinco semanas depois, a Sra. Wheatley punha-nos fora por não pagarmos o quarto. O pai disse: “Não lhe queiras mal, Rima. £ pobre e estamos a ocupar espaço que lhe podia render dinheiro. Assim que eu endireitar a minha vida e arranjar um emprego, procuramos outro lugar para morar.”

A recordação seguinte de Rima era de uma barraca à beira do Pântano. Tinha sido construída por uns engenheiros por ocasião de um estudo do Pântano, num dos períodos em que os protestos da população exigindo a sua drenagem quase deitaram abaixo o partido político que estava no poder em Wrightsville. O telhado deixava entrar água e a cobertura de cartão impermeabilizado com alcatrão quase desaparecera. Mas conseguiram reconstruir a barraca e, nos anos seguintes, Rima acrescentou-lhe mais um quarto, construiu um soalho novo, com tábuas apanhadas aqui e ali, e plantou hera que recobriu as paredes exteriores.

— Agora é bonita — disse Rima, rindo. — Mais parece um vaso de flores do que uma casa.

— E os mosquitos do pântano? — perguntou Ellery.

— Os mosquitos não me picam — disse Rima.

Depois disso, tinha vivido sempre aí. O terreno não pertencia a ninguém, pelo menos que Rima o soubesse; nunca ninguém os incomodara. Nos primeiros anos, as organizações de senhoras caritativas da cidade e as autoridades tinham tentado tirar a criança ao pai mas Rima fugia sempre e voltava para o pé dele.

— Ele precisava de mim. Soube isso no dia em que a mãe morreu. Precisava de alguém que gostasse dele e o não condenasse por estar sempre bêbedo. Precisava de alguém que o despisse quando vinha para casa, que lhe segurasse a cabeça

quando vinha mais bêbedo do que o costume, que lhe lesse alto ou que o metesse na cama. Onde é que arranjamos camas, móveis, um fogão? Não sei. O pai conseguiu arranjar tudo aquilo de que precisávamos. Também precisávamos de pouca coisa.

Finalmente, acabaram as tentativas de arranjar “uma casa decente” para a moça e os Anderson deixaram de ser importunados.

— Esqueceram-se completamente de mim!

Tom Anderson ganhava qualquer coisa de vez em quando a fazer uns biscates, e todos os meses chegava uma pequena soma em dinheiro endereçada a Thomas Hogg Anderson enviada para a Posta Restante de Wrightsville, com o carimbo de Racine, Wisconsin, mas sem a morada do remetente.

— Acho que é de um irmão ou irmã do pai que lá mora ainda — disse Rima, com indiferença. — O pai só falou disso uma vez, que eu me lembre. Disse a rir: "Sou o pária da tribo Anderson, minha querida. Ferve-lhes o sangue quando são obrigados a contatar com o intocável, mas dão uma satisfação às suas almas impecáveis mandando-me assim esta esmola, para calar a consciência. E tudo para ti, minha querida. Não toco num tostão desse maldito dinheiro."

Mas gastava-o sempre. Era um ritual. Todos os meses o pai ia ao correio da esquina da Rua Principal com a Praça, trazia o envelope para casa, Rima abria-o cerimonialmente e escondia o dinheiro numa lata que estava na prateleira por cima do fogão, enquanto o pai voltava as costas; mas, depois, Tom Anderson — e o dinheiro — desapareciam durante um dia ou dois.

— Foi assim durante anos. Insistia sempre para que eu o escondesse, e eu escondia-o sempre, para ele ficar satisfeito. Às vezes, mandava-me mesmo escondê-lo num sítio diferente.

De vez em quando, quando precisava muito dinheiro, Rima tirava um ou dois dólares da lata antes da pensão ter desaparecido. Mas, geralmente, passava muito bem sem esse dinheiro. Cultivava legumes no jardinzinho que ficava por detrás da barraca e o pai tinha um jeito especial, que era uma autêntica arte, para trazer para casa farinha, criação, fruta e bacon.

— Sabe — disse Rima com naturalidade—, chamavam-lhe também o Mendigo da Cidade, além de o Bêbedo da Cidade.

Mas não gostava. "Dou-lhes alguma coisa em troca do que me dão a mim", costumava dizer. "Divirto-os. Na Idade Média eu podia ter sido o bobo. Nunca pedi na minha vida." Mas não era verdade, e ela sabia-o.

— Era para mim — disse a Ellery. — Se fosse só para ele, preferia morrer à fome.

Ellery duvidou da afirmação, mas não disse nada. A dignidade de Tom Anderson tinha sido enterrada com a mulher. Os restos pouco consistentes dessa dignidade cediam ao menor capricho e, principalmente, à sua ânsia de esquecimento.

Por vezes, matava coelhos e outras pequenas peças de caça nos bosques a norte do pântano. Rima nunca lhes tocava.

— São os meus amigos — disse, a rir. — Não os podia comer. Rima passava o dia nos montes e nos bosques situados em

torno de Wrightsville. Havia bagas vermelhas doces para apanhar, rios onde se podia banhar, pássaros e animais feridos para tratar, prados de erva morna e alta onde se podia deitar enquanto o pai se sentava de pernas cruzadas ao lado dela, ensinando-a e fazendo-lhe perguntas, com o livro na mão. Pois as autoridades escolares tinham descoberto que era impossível confinar Rima Anderson na sala de aulas e tinha-se falado mesmo num processo por infração às leis da escolaridade obrigatória, que resultaria no internamento da moça na Casa de Correção de Moças de Limpscot, no Norte do Estado. Tom Anderson, nessa altura, pareceu acordar. Deixou de beber durante quarenta e oito horas, Rima coseu e escovou o fato dele, e Anderson foi à cidade pedir uma audiência especial ao Conselho Escolar. Depois de uma sessão confusa o Conselho aprovou uma disposição especial, prescrevendo que Rima se deveria apresentar no fim de cada semestre para fazer exames das disciplinas que constava do currículo dos estudos secundários e, caso não fosse aprovada, o Conselho Escolar interviria.

— Mas eles tiveram de engolir a sua má vontade — gargalhou Rima, dobrando o corpo com o riso. — O pai era um professor muito severo e passei sempre a porcaria dos exames deles com muito boas notas. — Rima obtivera as suas melhores notas em literatura inglesa. — Chamavam-lhe nomes, desprezavam-no e diziam que era um mau pai, e muito do que eles diziam era verdade, mas o pai interessou-se sempre pelos meus estudos, e como eu gostava dele e ele era um ótimo professor, aprendi mais do que a maior parte dos outros miúdos de Wrightsville. Acho mesmo que podia ensinar umas coisas de literatura aos professores! Não tínhamos nada — segundo se dizia em Wrightsville —, e quando tínhamos alguma coisa diziam que o pai a punha no prego ou a vendia para comprar bebida. Mas nunca tocou nos livros, mesmo quando estava mais precisado de dinheiro, e se vier a Wrightsville, Sr. Queen, mostro-lhe uma biblioteca que o vai pôr de boca aberta.

E agora Tom Anderson tinha desaparecido. Morrido, insistia Rima.

— Quero saber o que lhe aconteceu. Como é que foi. — Baixou as pálpebras. — Quem é que o matou.

Viu que tinha as mãos completamente imóveis. Tinha um autodomínio animal, pensou Ellery.

— Rima — disse Ellery, sentando-se novamente em frente dela. — Há uns minutos, quando falou dos dois artigos do seu pai — Nick Jacquard e Harry Toyfell — disse que eles tinham má influência sobre ele “até há pouco tempo”

Que é que queria dizer com isso? Ele tinha deixado de andar com Jacquard e Toyfell? Tinha-se fartado deles?

— Deixou de beber. Renunciou à bebida. Ellery olhou para ela.

— O Sr. não acredita. Pensa que ele não era capaz. Mas eu sei que foi assim. Em todos estes anos que se seguiram à morte da mãe ele nunca tentou deixar de beber. Mesmo quando não bebeu durante dois dias, naquela altura em que teve de ir falar com o Conselho Escolar por minha causa, foram só dois dias; nunca fingiu que se ia emendar. Mas há um mês, sem mais nem menos, disse-me que estava farto de ser o Bêbedo da Cidade. Fiquei surpreendida e perguntei-lhe o que é que tinha acontecido. Não me quis dizer. "Vamos ver", disse.

Nunca me tinha dito uma coisa assim. Acho que foi por isso que acreditei. Primeiro pensei que ele só desejava deixar de beber. Mas depois, à medida que os dias e as noites foram passando e que ele continuava a vir para casa pelo seu pé, num andar tão normal como qualquer outra pessoa e sem cheirar a uísque, vi que tinha mesmo deixado de beber. Tremiam-lhe as mãos ava voltas na cama durante grande parte da noite. Às vezes, parecia doido e corria à volta da barraca como se estivesse fora de si— Uma vez, quando pensava que eu estava a dormir, saiu da cama, acendeu uma vela e tirou uma garrafa de uísque de um buraco do chão. Pô-la em cima da mesa ao lado da vela, tirou a rolha e sentou-se com a mão em cima da garrafa, a olhar para ela. Via-se uma artéria a latejar por debaixo da pele e o suor escorria-lhe pela cara abaixo. Ficou assim sentado durante bem uma hora. Depois, rolhou novamente a garrafa, pô-la outra vez no buraco do chão, assentou outra vez a tábua do soalho e meteu-se na cama.

Ellery perguntava a si mesmo por que é que ela estaria a inventar aquela história. Não podia ser verdade. Era impossível que um alcoólico de tão longa data como Tom Anderson deixasse assim de beber. Mas, depois, viu a claridade estranha dos olhos dela e duvidou da sua dúvida.

— Talvez não fosse para durar muito — disse Rima, calmamente. — Mas durou um mês. Até a noite em que morreu.

— Continuou a andar com Toyfell e Jacquard?

— Continuou. Mas disse-me que era para se pôr à prova. Contou-me que continuava a ir à taberna com eles e que se sentava com um copo vazio na frente enquanto eles bebiam. Jacquard troçava dele — ficava furioso com isso. Mas talvez que essa fúria o ajudasse a não beber.

— É por isso que acha que o seu pai estava sóbrio quando lutou com alguém no Rochedo de Little Prudy, na semana passada?

— Tenho a certeza de que estava.

Não podia ter a certeza, mas tinha. E Ellery também tinha, sem saber porquê.

— E ele nunca lhe disse por que é que tinha resolvido deixar de beber assim sem mais nem menos?

— Não. Mas sei que havia de me dizer qualquer dia. Não lhe queria fazer perguntas. O pai não gostava que lhe fizesse perguntas.

Ellery acenou com a cabeça e começou a pensar noutra coisa. Ao fim de algum tempo, tomou uma decisão. Era uma decisão difícil, porque Rima constituía um enigma que ele não tinha decifrado completamente. O caso era difícil e exigia uma certa improvisação. Disse-lhe:

— Mandou-me alguma carta, Rima?

Era uma pergunta ridícula. Mas o Anônimo também era tímido. Parecia indicado fazer a pergunta naquele momento. Podia provocar um olhar, um tremor, um suspiro.

Mas Rima limitou-se a abanar a cabeça.

Ellery continuava a fixá-la.

— Conhecia um velhote da Vila Alta chamado MacCaby?

— Luke MacCaby? Ouvi o pai falar nele. Harry Toyfell era empregado dele. Mas Luke MacCaby morreu. Morreu e deixou muito dinheiro a um médico da Vila Alta chamado Dodd. Sebastian Dodd.

— O seu pai falou-lhe alguma vez da morte de MacCaby?

— Disse-me o que lhe tinham dito sobretudo Toyfell. Mas toda a gente falava disso na cidade, disse ele.Estavam todos muito excitados.

— Ele conhecia o MacCaby? — insistiu Ellery.

— Não sei. Por que é que me faz todas essas, perguntas sobre o MacCaby?

— Já lhe perguntei por que é que insistia em tirar as amígdalas a todas as cotovias doentes, Rima? Continuo a saber o que se passa em Wrightsville — retorquiu Ellery com ar imponente. — Tenho as minhas fontes. Já agora, diga-me também: sabe alguma coisa de John Spencer Hart?

Não houve a menor reação. Estava mesmo a tentar lembrar-se.

— Hart... Tinha qualquer coisa a ver com Luke MacCaby, não tinha? Acho que morreu há pouco tempo na cidade um homem com esse nome. Mas não sei lá muito bem o que se passa em Wrightsville — confessou Rima. — Raramente vou à cidade. As únicas pessoas que vejo são os miúdos que vão aos bosques apanhar bagas e que se perdem, tenho de lhes ensinar o caminho para casa. Conheço melhor os cães de Wrightsville do que as pessoas de lá. Há sempre um bando de cães à volta da cabana, a coçar-se e a abanar a cauda.

— O seu pai conhecia John Spencer Hart?

— Tenho a certeza de que não conhecia! Agora me lembro: ° Sr. Hart não era um homem muito rico que vivia numa grande propriedade em North HilI

Drive?

— O seu pai falou-lhe alguma vez de John Spencer Hart?

— Que eu me lembre, não...

— O seu pai conhecia o Dr. Dodd, Rima?

— O Dr. Dodd? Não sei. — Parecia aflita; as suas mãozinhas delicadas agitavam-se. — Deve pensar que eu sou parva. Mas não me interessa o que se passa em Wrightsville e nunca perguntei ao pai quem é que ele conhecia, o que fazia ou onde é que ia. Não era que eu não quisesse saber, mas ele é que não gostava que eu lhe fizesse perguntas. Quando me queria dizer alguma coisa, ouvia. Quando precisava da minha ajuda, ajudava-o. Mas, de outra maneira, não o aborrecia. As pessoas estavam sempre a pregar-lhe sermões. Eu era a única pessoa que o aceitava tal como ele era e que respeitava os seus direitos de ser humano, mesmo que ele fosse um ser humano muito inferior, como pensavam as pessoas de Wrightsville... Não sei mesmo, Sr. Queen.

— Sei que o Dr. Dodd tratava muita gente na Vila Baixa e, por isso, pensei...

— Mas nós nunca estamos doentes. Quer dizer, nunca estávamos. : ¦

— O seu pai também não?

— Ele era um homem estranho em muitas coisas. Achava que ir ao médico era um sinal de fraqueza. Quando se sentia mal aguentava, não ia para a cama como as outras pessoas.

— Rima, você é a pior cliente do mundo. Não me elucida nada.

— Desculpe...

— E agora vai-me dizer que o seu pai não tinha inimigos.— E não tinha.

— Tinha pelo menos um! ¦

— Não tinha... O pai era uma pessoa encantadora. Até a senhora Coolye, a diretora que o despediu do liceu de Wrightsville, chorou quando foi obrigada a mandá-lo embora. Chris Dorfman, o polícia que fazia a ronda de automóvel e que foi julgado no ano passado porque partiu a cara das moças da Big Tootsie numa briga de bêbedos, costumava trazer o pai a casa em vez de o levar para a esquadra; dizia-me: <*É uma pena o teu pai ser assim. É um excelente homem.” Ninguém queria mal ao pai por causa da maneira de ser dele.

— Que é que isso quer dizer? — Ellery olhou fixamente para ela.

— Há pessoas que matam as joaninhas. Não porque as joaninhas façam mal, mas porque as incomodam por qualquer razão. Não é uma questão pessoal. É uma questão de conveniência.

Ellery continuava a olhar para ela.

— Se não tem indícios... — Rima levantou-se do sofá, mas desta vez vagarosamente. — Não vai querer aceitar o caso.

— Rima, quanto dinheiro tem? Corou violentamente.

— Que parva que eu sou. Os seus honorários. É claro Sr. Queen. Desculpe. Não...

— Não falei dos meus honorários. Perguntei-lhe só quanto dinheiro tinha.

Ela olhou para ele. E, de repente, tão de repente como fazia tudo o resto, abriu a carteira de imitação de cabedal e mostrou-lhe o seu conteúdo.

A carteira continha um lenço, um bilhete de trem, uma caixa de rebuçados de ginja e umas moedas soltas, cinquenta cêntimos, quando muito.

— Foi o que sobrou depois de ter comprado o bilhete de ida e volta a Nova Iorque e de ter pago o bilhete de autocarro da estação até aqui. O pai não tinha tocado no dinheiro de Racine do último mês. De outra maneira, não podia ter vindo.

— Isso é que é pior. — Ellery fez uma cara feia.— Pior? Por quê?

— Porque estraga os meus planos.

— Que planos? Não estou a ver...

— Queria que você tivesse um aspecto elegante quando voltássemos a Wrightsville.

— Vai voltar para Wrightsville comigo! — Outra vez a risadinha de pássaro.

— O quê? Pois vou — disse Ellery. — E é importante que você tenha um ar elegante, Rima. A última moda. O chique de Nova Iorque.

— Quer que eu compre outra roupa. — Ele corou ligeiramente quando ela olhou, primeiro, para o fato e, depois, para ele. — Eu sei que isto é horrível — disse, desconsolada. — Mas não tinha dinheiro para comprar outras coisas melhores. Não tenho fato.

— É uma maçada — disse Ellery com ar aborrecido. Mas, depois, fez uma cara mais satisfeita. — Mas olhe, não vejo por que é que vamos estragar os meus planos só porque não tem algum dinheiro. O melhor é eu emprestar-lhe aí uns duzentos dólares, Rima.

— Duzentos dólares?

— Pois.

— Mas nunca vou ter dinheiro para lhe pagar. — Tornou a emitir o seu gorjeio perante a infantilidade dele.

— Claro que vai. Não pode passar o resto da vida nesse vaso de flores infestado de mosquitos, pois não?

Ela ficou espantada.

— Mas onde é que hei-de viver?

— Cá por mim não sei. Mas tem de arranjar um emprego qualquer...

— Por quê?

— Por quê? Ora... Porque me deve duzentos dólares!— Agarrou-lhe no braço e ficou surpreendido ao constatar que era tão flexível como as asas de uma gaivota. — Mas basta de conversas. Agora, vamos à rua comprar-lhe um saia-casaco, uma blusa, um chapéu, roupa interior, meias e sapatos, vai ao cabeleireiro pentear-se e arranjar as unhas dos pés e das mãos.

Foi tudo aquilo de que se lembrou de momento.

Fim de semana, 8-9 de abril

O fim-de-semana foi bastante agitado. A primeira aventura foi uma excursão de compras. Ellery introduziu Rima à socapa no Lachine da Quinta Avenida, onde se pode comprar de tudo, desde um gancho de cabelo a uma estola de visom, e onde os caixeiros nunca se espantam com nada. Passou a maior parte da tarde a torcer nervosamente os dedos, esperando os resultados das artes mágicas do salão de provas. Às 4h30, viu Rima e ficou de boca aberta. Depois, veio uma sessão interminável com François, no quinto andar. Rima reapareceu, finalmente, acompanhada por um gaulês agitado, que repetia em voz aguda que não se podia melhorar o que era já perfeito e que uma pele assim não precisava de mais nada, Monsieur. Mas o cabelo, Monsieur, e os pés, Monsieur! Ellery replicou indignado que o cabelo, Monsieur, e os pés, Monsieur, eram como Deus os tinha feito, François replicou que se era assim, Monsieur, por que raio tinha Monsieur levado Mademoiselle ao cabeleireiro dele e Rima sentou-se de qualquer maneira em cima do fato novo, tapou os olhos pintados com as unhas pintadas e desatou a chorar, reduzindo François e Ellery a um silêncio desesperado. Nessa altura, uma empregada maternal mandou-os embora aos dois e, quando Ellery a tornou a ver, Rima estava novamente calma e impecável, sorriu-lhe com um sorriso sofisticado e disse: “Estou a contento, Pigmaleão?” e Ellery de repente deixou de se sentir envergonhado e foi invadido por uma onda de admiração e adoração.

Em seguida, levou-a a jantar ao restaurante mais seleto de que se lembrou.

Já a não considerava uma criança. Pelo contrário. O que é mais, deu por si a fazer uma cara feia ao galã da mesa do lado. Mais tarde, quando voltaram para a Rua 87, viu a admiração nos olhos do inspetor Queen; e quando o inspetor, que era um verdadeiro inglês no que se referia à inviolabilidade do seu quarto, ofereceu a sua cama a Rima para passar a noite, Ellery percebeu que Rima se tornara irresistível. Levou-a, à pressa, para um hotel feminino na Rua 60, onde as despedidas teriam de ser feitas sob o olhar frio de uma recepcionista idosa.

Voltou à Rua 87 com o colarinho suado.

Encontrou o pai à sua espera.

— Já de volta? — perguntou o inspetor Queen.

— Uma pergunta escusada — disse Ellery com frieza. — Que é que eu ficava a fazer?

— É estranha a moça — disse o inspetor, com ar ausente. — É de Wrightsville, não foi o que disseste?

— Foi.

— E, amanhã, vais para lá com ela?

— Vou!

— Estou a ver — disse o inspetor, e foi deitar-se. A moça estava a tornar-se um problema.

No dia seguinte, no trem, Ellery, cheio de olheiras, tentou analisar em que consistia o encanto dela. Não era o fato. O fato limitava-se a acentuar o que ela era. Mas que era ela?, pensou, e sentiu que ela afastava a mão da dele. Passado um momento abordou a questão do ponto de vista negativo. Ela não era... Não era muitas coisas mas, depois de as enumerar a todas, ficava ainda qualquer coisa de positivo que continuava a ser um mistério irritante. Finalmente, resolveu que o segredo do encanto dela se relacionava de qualquer maneira com a dicotomia mulher-criança. Não era nem uma coisa nem outra, mas era também as duas ao mesmo tempo. Pegava na mão de uma pessoa como uma criança; mas, depois, largava-a de repente, como uma mulher. No fundo, tratava-se provavelmente — e Ellery estremeceu — de uma inocência incrível. Uma inocência assim era única. Não tinha experiência táctil do mundo. Conhecia o mundo dos livros, sem dúvida; e também o mundo da natureza, inegavelmente; mas não tinha nenhuma experiência dos homens. Era o resultado de ter sido criada nos bosques, como um animal selvagem. Uma coisa de que Thomas Hardy Anderson se não tinha lembrado. Uma moça assim podia fazer grandes estragos, nos outros e nela mesma. As suas ações e reações eram imprevisíveis; movia-se em esferas diferentes. Onde os valores eram também diferentes e misteriosos. O contato normal com os pais, os amigos, os parentes, os estranhos, os professores, com pessoas intolerantes, brutais ou apaixonadas — com a vida na terra—, esse contato feito de choques e de ternura, que permite que o indivíduo em crescimento atinja a maturidade, fora-lhe recusado durante os anos da sua formação. Havia nela espaços em branco, cuja natureza e extensão eram insondáveis para todos e muito mais para a própria Rima. Não podia esquecer a maneira como ela tinha sido educada, a sua inocência, a sua solidão.

E, de repente, Ellery viu o perigo de ela se afeiçoar a ele como uma coisa abandonada. Havia já sinais disso. Deixara de lhe chamar Sr. Queen e tratava-o por “Ellery” e “querido”. Dera-lhe a mão uma dúzia de vezes. Não lhe fazia perguntas; não parecia interessada em saber o que é que ele se propunha fazer com ela depois de chegarem a Wrightsville; entregara-se totalmente nas suas mãos. Depois de terem ido almoçar ao vagão-restaurante, atirou para longe os

elegantes sapatos novos, deitou-se ao comprido no banco do compartimento, com a cabeça no colo dele, procurou durante um momento a posição mais confortável, como um cachorrinho e, depois, adormeceu, com um suspiro feliz. Como se ela fosse Mowgli e ele um ramo de árvore. O problema — e que problema — é que ele não era um ramo de árvore. Ellery deu consigo a pensar que tinha de a casar depressa com um jovem poeta com boas qualidades — tinha de ser um poeta — assim que o conseguisse encontrar. Não a podia deixar andar à solta.

Quando acordou, Rima bocejou, esticou-se e remexeu-se um pouco, mas não fez menção de se sentar novamente.

— Olá, querido. — A voz era ensonada e o sorriso também. Sentiu a mão dela procurar a dele.

— Dormiu bem? — Ellery tentou fazer a pergunta com ar paternal.

— Um sono leve, fruto de uma boa digestão — respondeu Rima, rindo.

— O quê?

— Nunca vi o Paraíso Perdido} Você é engraçado, Ellery.

— Cômico ou ridículo?

Ela riu outra vez, atirando a cabeça para trás.

— Desculpe! Gosto muito de si.

— Eu também gosto de si, Rima. — A saia do saia-casaco

novo tinha subido até muito acima dos joelhos e Ellery puxou-a para baixo quase sem dar por isso. Ela olhou-o com ar estranho.

— Por que é que fez isso?

— Fiz o quê?

— Foi por que as minhas pernas são feias?

— Foi porque são bonitas.

— Então por que é que as tapou?

— Ora, Rima — começou a dizer, zangado.

— Foi uma coisa que nunca percebi. Já vi moças no lago Slocum e no lago de Pine Grove com fatos de banho tão diminutos que ficam quase nuas. Mas quando se vestem estão sempre a puxar as saias para baixo. Para tapar as pernas que exibiam pouco antes. — Pois é. É isso mesmo. Tudo tem o seu tempo e o seu lugar, Rima, como pode ver.

— Mas nós estamos sozinhos, Ellery. Não quer ver as minhas pernas?

— Não. Quer dizer, sim, quero. E por isso que, segundo as regras, você não me deve mostrar. — Que regras?

— Nunca foi à igreja?

— Não. — Pois devia ir. Devia ir, Rima.

— Mas eu não me importo que você veja as minhas pernas, Ellery.

— Mas talvez me importe eu! Nesta altura ela tirou a mão da dele.

— Quer ver as minhas pernas mas importa-se de as ver? Não está bom da cabeça?

— Mostrava as pernas a qualquer homem que as quisesse ver?— Não...

— Então, já vê.

— Quer dizer, dependia do homem que as quisesse ver. Que regras são essas de que me falou?

— O quê? Ora, são as regras da sociedade, da moral, das boas maneiras sei lá... Uma data de coisas. — Ellery disse, já desesperado. — O seu pai nunca lhe ensinou mais nada além da literatura inglesa?

— Ensinou-me tudo.

— Parece que se esqueceu de algumas coisas...— Quer dizer, do sexo?

— Ora, Rima! Daqui a duas semanas o campo vai estar lindo...

Estava a ver que Rima Anderson ia ser um problema ainda mais complicado do que o pai.

Chegaram a Wrightsville ao fim da tarde. Lá estava o velho Gabby Warrum à porta do cubículo do chefe da estação, abanando o seu único dente e acenando ao maquinista. E os dois rapazes de jeans sentados no carrinho de mão, balançando os pés descalços, eram iguaizinhos aos que estavam sentados no mesmo lugar num certo dia de Verão de 1940, quando Ellery descera pela primeira vez do mesmo trem na plataforma da estação de Wrightsville.

Nada mudara. Quase nada pelo menos. Os cromados do restaurante da estação tinham perdido talvez o seu brilho primitivo e o azul dos toldos estava notoriamente desbotado; a garagem que abrira no lugar da serralharia ostentava um novo anúncio luminoso; havia um “hotel” de três andares (sem nome) entre as barracas, do lado de lá de uns carris que não existiam nesse tempo; e o cascalho do largo da estação desaparecera, juntamente com o excremento de cavalo, e fora substituído por um pavimento calcetado. Mas, para o lado da Vila Baixa, perfilavam-se ainda de encontro à linha do horizonte as mesmas chaminés de fábricas, o mesmo autocarro de traseiras arredondadas, com o letreiro Companhia de Ônibus de Wrightsville, fazia marcha atrás para encostar à plataforma da estação, para sul estendiam-se os mesmos campos a perder de vista e a mesma tira estreita da Rua Lower Whistling serpenteava na direção de oeste e, depois, do Norte, até se transformar em Upper Whistling e se tornar respeitável, ao chegar à Vila Alta. As Ruas Lower Dade e Washington, vindas do lado ocidental da cidade, e a Rua Lower Apple, Piney Road e a Rua Shingle, provenientes da parte oriental, apertavam-se ainda umas de encontro às outras e confluíam para a estação, no canto sudeste do município.

Mas tinha um aspecto simpático e o ar, apesar da Vila Baixa, tinha um cheiro a limpo, como se tivesse sido lavado e estendido a secar ao sol.

— Você gosta de Wrightsville — disse Rima quando Elery a; meteu no táxi de Ed Hotchkiss. Parecia espantada.

— Gosto muito, Rima.

Rima olhou para ele e, depois, para Wrightsville, pela janela Ia franzindo ligeiramente o nariz.

— Para onde? — disse Ed.

— Não se lembra de mim, pois não? — perguntou Ellery, sorrindo.

Ed Hotchkiss coçou o nariz. Estava mais gordo; tinha queixo duplo.

— Já o levei no meu táxi há muitos anos. Espere!

— Está a lembrar-se.

— Green... Não... Queen! Viva, Sr. Queen!

— Olá, Ed.

— Imagine-se! — Sacudiram as mãos num cumprimento vigoroso. — Outra vez de visita à terra? Para quem são as más notícias desta vez? Ou veio em lua-de-mel?

— Isto é comigo? — murmurou Rima.

Ed olhou para Rima, voltou-se novamente para Ed e piscou-lhe o olho.

— Upham House — disse Ellery. Era impossível ficar no mesmo hotel. Era uma coisa que se não fazia em Wrightsville. Quando Ed Hotchkiss voltou o carro para entrar na Rua Washington, Ellery pegou na mão de Rima e disse, em voz baixa — Pisquei-lhe o olho ele percebeu tudo. Quer dizer “maroteira” na linguagem de Wrightsville.

— Pensou que éramos casados! — Rima contorceu-se de riso em silêncio.

— Duvido. Vou ficar no Hollis...

— Mas você mandou-o ir para Upham House.

— E onde você vai ficar.

— Eu? Ficar num hotel em Wnghtsville?

— Agora não me venha outra vez com a história da Mansão dos Mosquitos. Vão ser simpáticos consigo, está sozinha e tem uma mala com um ar respeitável.

— Isto faz parte dos seus planos?

— Tome lá dinheiro.

A moça olhou para as notas que ele lhe tinha metido na mão.

— Mas já lhe devo tanto dinheiro!

— São os meus planos — disse Ellery, com firmeza. Não tinha ideia de quais eram os seus planos, para além de a vestir, alojar e alimentar decentemente

e de a proteger?! — Depois pensamos nesses pormenores. Olhe lá, Rima. Já ficou alguma; vez num hotel?

— Não.

Outro problema.

— Mas sei o que é preciso fazer — continuou Rima em voz um tanto ou quanto seca. — Não se preocupe. Parece que pensa que sou uma selvagem.

— A culpa é sua! — disse Ellery meio envergonhado. — Deve ter lido nos livros. Falam muito de hotéis.

— Não é nada do outro mundo. Assina-se o nome num livro e dá-se uma gorjeta ao camareiro.

— E fecha-se a porta à chave!

— Está bem, Ellery. — Desta vez, não parecia uma criança a falar.

Deixou-a em Upham House, envergonhando-se, ao mesmo tempo, do seu sentido mesquinho das conveniências, que o impedia de a acompanhar ao interior do hotel, e mandou Ed dar volta à Praça até o Hollis.

Ed parecia intrigado.

Jantaram nos Jardins Dourados do Hollis, mas o jantar não foi um êxito, pois Rima assumiu um comportamento distante e não parecia impressionada com a decoração dos Jardins Dourados, cujos drapeados de lamé e toalhas de mesa douradas eram o orgulho de Wrightsville. Nem sequer deu mostras de apreciar a “música para o jantar” de Floyd Lycoming e dos seus Trovadores do Hollis, mas isso foi talvez porque Ellery se atreveu a convidá-la para dançar.

— O fato de eu saber distinguir um garfo de uma faca enganou-o — disse Rima com suavidade. — Sou um bárbaro, já se esqueceu?

Depois, disse que estava cansada e se a levava outra vez para a pensão da Sra. Upham. Por isso, Ellery acompanhou-a à casta estalagem revolucionária da Sra. Upham e despediram-se nos degraus da entrada, entre as colunas do alpendre de estilo colonial, com um aperto de mão cerimonioso— Estava desconfiado de que assim que ele se fosse embora ela ia tirar os seus sapatos de Nova Iorque e correr até a parte

baixa da cidade, atravessando a Vila Baixa até a barraca do Pântano.

Ellery sentia-se mesmo deprimido quando voltou para a praça, É claro que Wrightsville não era muito acolhedora num domingo à noite. As lojas estavam quase todas fechadas. As ruas estavam vazias, à excepção da parte de baixo da Rua Principal, entre a Praça Upper Whistling, mas mesmo aí havia pouco movimento, pois estava tudo no Bijou. Os Jardins Dourados tinham ainda alguns convivas e o Terraço Colonial de Upham House devia estar semicheio de senhoras de idade, mas os membros da alta sociedade de Wrightsville visitavam-se uns aos outros no Hill, em North Hill Drive, Twin Hill-in-the-Beeches e

Skytop Road; era o costume no domingo à noite. A pouca animação que podia haver na cidade confinava-se à Estrada 16, nos cinco quilômetros que se estendiam da Vila Baixa ao cruzamento de Wrightsville, onde se situavam os bares.

Mas não era Wrightsville que o deprimia.

Era ele próprio.

Não estava absolutamente nada adiantado.

Ou os fatos daquela confusão MacCaby-Hart-Dodd não tinham significado, ou então era ele que era estúpido. Não fazia ideia de como havia de começar...

E Rima tinha, talvez, alguma coisa a ver com isso.

Ellery deu por si na Rua State, em frente do tribunal distrital. Eram mais ou menos dez horas e estava tudo escuro, as copas sombrias dos velhos ulmeiros agitavam-se lá no alto e o brilho ocasional dos faróis dos poucos carros que atravessavam as Ruas State e Upper Whistling pouco perturbavam o sossego da vizinhança. Os edifícios da Companhia de Telefones, da Companhia de Eletricidade de Wrightsville1 da fúnebre Câmara do Comércio, da Biblioteca Carnegie, quase se não viam do outro lado da Rua State. A entrada do Parque do Monumento, na rotunda formada pelo Monumento aos Nossos Rapazes, cuja lista de nomes em letras douradas estava a perder a cor e se tornara quase ilegível, era semelhante a uma boca escura. Mais longe, os degraus de mármore da Câmara Municipal brilhavam, imaculados, por debaixo da luz sempre acesa que encimava o pau da bandeira. Ellery sentiu-se tentado a invadir o parque escuro e a sentar-se num dos bancos compridos que ficavam junto ao coreto da Legião Americana, para comunicar com o espírito revigorante de Sousa. Chegou mesmo a encaminhar-se para o portão. Mas, depois, reparou na luz verde de uma entrada para automóvel que ficava entre o parque e o tribunal e parou.

A esquadra de Wrightsville.

O chefe Dakin.

Entrou. Por detrás da secretária estava sentado um polícia baixinho, de cabelo preto cortado à escovinha, com o queixo caído sobre o peito, dormitando.

Quando ouviu o barulho da porta do seu gabinete a abrir, Dakin apoiou-se nos braços da sua cadeira rotativa, como se se fosse levantar.

— Não se assuste, não sou um fantasma — disse Ellery.— Desculpe não ter batido à porta, mas não quis acordar o sargento Gobbin.

— Sr. Queen.

— Pensei — disse Ellery — que a criminalidade em Wrightsville era uma desculpa suficientemente boa para você não ir cantar no coro da igreja no ofício de domingo à noite, e parece que acertei em cheio. Como está, Dakin?

— Que engraçadinho — retorquiu Dakin, abanando-lhe o braço com força num aperto de mão vigoroso. — O que é que veio fazer a Wrightsville?

— Não sei. — Dakin estava velho. A sua cara, antigamente magra, parecia inchada e tinha pequenas veias vermelhas.

— Estou satisfeitíssimo de o ver. Sente-se, sente-se! Acabou de chegar?

— Há poucas horas.

— Quanto tempo tenciona demorar-se?

— Isso — disse Ellery—, depende do que você me disser sobre o que aconteceu no Rochedo de Little Prudy.

Dakin franziu os olhos deslavados.

— A moça Anderson?

— Foi procurar-me a Nova Iorque. Voltei com ela.

— Com que então tenciona descobrir o que aconteceu a Tom Anderson?

— Pode poupar-me esse trabalho?

Dakin riu.

— Acha que tenho um ar satisfeito?

— Um caso difícil?

— Um caso dos diabos.

— Tem a certeza de que Anderson foi assassinado.

O chefe Dakin rodou a cadeira e fitou uma fotografia de J, Edgar Hoover que estava pendurada por cima do filtro de água.

Tenho ficado aqui sentado muitas noites a pensar nisso, Quase que se transformou numa questão pessoal entre Anderson e eu. Só não percebo porquê. Um velho excêntrico... mais tarde ou mais cedo tinha de acabar assim, uma facada nas costas numa briga de taberna, ou afogado no rio quando estivesse demasiado bêbedo para se orientar, como aconteceu a Matt Mason em 1926. Mas apesar disso...

— Como é que sabe que Anderson foi assassinado?

— Tinha vários rasgões recentes no casaco, em meia dúzia de sítios. Dois botões arrancados. O chapéu estava pisado. Havia sangue. — Dakin voltou-se para ele. — Na minha opinião, Anderson tinha combinado um encontro com alguém. Foi atacado, defendeu-se e perdeu. Não consegui descobrir por onde tinha andado depois das 11 da noite de sábado... A noite anterior à manhã em que encontraram o casaco e o chapéu dele no Rochedo. A última vez que o viram foi por volta das 11, a andar pela Avenida do Congresso na Vila Baixa, sozinho.

— Sóbrio?

— Andava tão a direito como um diácono baptista. Ia na direção de leste para os arredores da Vila Baixa, onde começa o Pântano. Mas a filha diz que Anderson não voltou a sua casa nessa noite. Acho que, às onze horas de sábado à

noite, se dirigia para o seu encontro no Rochedo de Little Prudy. Foi Garrison Jackson — o irmão mais novo de Abe L. Jackson— que o viu na Avenida do Congresso. Garry disse que Anderson andava como se fosse para algum lado. Acho que à meia-noite já estava morto.

"E o mais irritante deste caso, Sr. Queen — disse o chefe da polícia lentamente—, é que não tem pés nem cabeça. Ninguém lucrava com a morte de Anderson. Não tinha inimigos. Nunca se tinha metido em sarilhos. Era um velhote simpático e inofensivo. Toda a gente gostava dele. Não o podem ter matado por engano; estava lua cheia nessa noite, foi a noite mais clara do mês. Um maníaco,? Um louco Estamos fartos de procurar. Mas não encontramos, nada. Não foi um acidente, não foi obra de um louco, não foi um engano. Tom Anderson foi ali chamado e assassinado por alguém que sabia o que estava a fazer. Mas quem, e por quê? Não foi uma questão pessoal. Foi uma questão de conveniência. — Disse alguma coisa, Sr. Queen?

— Estava a pensar em joaninhas — disse Ellery. — Calculo que não se tenha esquecido dos amigões de Anderson?

— Quem?

— Harry Toyfell. Nick Jacquard.

— Foram as primeiras pessoas a ser interrogadas. Se foi algum deles, conseguiu confundir a pista na perfeição.

— Nenhum deles fazia ideia de quem era a pessoa com quem Anderson se ia encontrar?

— Dizem que não. — Dakin rodou a cadeira até ficar voltado para a Rua State. — De qualquer maneira são insignificantes. Isto é uma coisa em grande. Sinto isso.

— Anderson não tinha falado a Jacquard ou a Toyfell em nada de estranho que lhe tivesse acontecido? — insistiu Ellery.

— Não. Mas havia uma coisa estranha. Anderson tinha resolvido deixar de beber, não sei se sabe.

— Sei. A filha me disse.

— Tenho cá uma desconfiança — resmungou o chefe para a Rua State — que isso teve alguma coisa a ver com tudo o resto.

— Se assim for, a moral da história é desconsoladora. Dakin voltou-se para trás, sorrindo levemente. Era um abstêmio.

— Que é que quer dizer com isso de ser uma coisa em grande, Dakin? Em grande como? Com ramificações? Implica pessoas importantes?

— Talvez.

— Explique-se melhor.

— Não posso. — Dakin levantou-se com ar irritado.— Como vê, sou um velho sem préstimo. Gasto até os ossos de trabalhar no duro. Tem um charuto?

Elery tinha um charuto e falaram, durante meia hora, de coisas mais agradáveis. O governador Cart Bradford tinha entrado em guerra com a "panelinha" dos industriais de carne de porco na capital do Estado. "Vai ver, esse rapaz ainda acaba na Casa Branca." O delegado do Ministério Público^ Chalanski, o ídolo da Vila Baixa, tinha denunciado um caso de corrupção escandaloso e falavam em escolhê-lo como candidato para o Congresso no ano seguinte. Toda a.gente' andava indignada com a subida dos impostos. O juiz Eli Martin tinha tido uma congestão no Inverno passado, depois da morte de Clarisse, a mulher, mas fora uma coisa ligeira e agora estava bem, mas reformara-se e dedicava-se à cultura de ásteres selecionados, que oferecia a toda a gente; Andy Birobatyan, o dono da florista de Wrightsville, até já andava aborrecido, Wolfert van Horn tinha sido apanhado em flagrante delito no Outono passado, na sua casa de Verão do Lago Fariseu, nos altos Mahogames, com uma das moças Watkins, a que na muito, e Jess Watkins tinha-lhe dado uma sova de chicote e, depois, tinha-se recusado a levar o caso a tribunal — "O Jess nunca faz um mau negócio." Julia Asturio tinha-se convertido, e tinha saído da cidade atrás de um pregador maluco. Os Armazéns da Abelha Mestra estavam a construir um supermercado da cadeia Califórnia na Rua Slocum, entre as Ruas Washington e Upper Whistling, ao lado do Edifício Bluefield; Bloody Logan, que tinha a loja do outro lado da rua, andava desesperado. Uma das porcas de Jorking, da quinta de criação de porcos da Estrada 478, tinha dado à luz um leitão com cinco patas. O Dr. Sebastian Dodd tinha herdado qualquer coisa como quatro milhões de dólares, que lhe tinham sido deixados em testamento pelo velho Luke MacCaby, e tencionava construir um novo pavilhão para o hospital.

— Ah, pois — disse Ellery. — Já ouvi falar do Dr. Dodd. Aquele fulano que está apostado em conquistar o título de Santo da Cidade.

— Ganhou-o bem — disse Dakin. — Deus sabe que o Dr. merecia ter sorte.

— Não tem doentes?

— Não, não, pelo contrário! É o médico da cidade que tem mais doentes. O pior — gargalhou Dakin — é que os doentes dele não lhe pagam. O Dr. continua a viver na casa onde nasceu, um casarão de três andares na esquina das Ruas Wright e Algonquin. É do tempo da Guerra Civil. É tão grande que os quartos de hóspedes do terceiro andar estão fechados. O Dr. é solteiro, nunca casou.

— Então, para que é que quer uma casa tão grande?

— Quem é que a lha vai comprar? E tem de viver nalgum lado. Mas há lá muita gente em casa. A governanta do Dr., que é também cozinheira, a Regina Fowler, a Sra. Fowler^é prima afastada do velho John F. Wright, o apelido do meio dele era Fowler; sabia que ele morreu? A criada, Essie Pingam, e o filho de Tom Winship, Kenneth, e agora está lá também o velho Harry Toyfell.

— Tom Winship — era o mesmo Tom Winship que foi testemunha no julgamento de Haight, em 41 ? Era o caixa principal do Banco Nacional de Wrightsville?

— É esse mesmo. Tom morreu há uns seis anos. Não deixou quase nada, porque a mulher era uma inválida e gastaram tudo o que tinham em hospitais, sanatórios e especialistas caros. E tudo isso não serviu de nada à Sra. Winship porque quando o filho único deles, o Kenneth, voltou da guerra do ultramar a mãe também tinha morrido. Kenny teve um grande desgosto e esteve mal da cabeça durante um tempo. E sabe quem é que lhe valeu?

— O Dr. Sebastian Dodd.

— Acertou. O Dr. Dodd tomou conta do Kenny, tratou-o, mandou-o outra vez para a universidade para acabar o curso, que Kenny tinha deixado a meio por causa da guerra, e agora ele é o assistente do Dr. e seu protegido. E parece que se está a sair muito bem, disse-me o Dr.. Tem muito orgulho no rapaz, está convencido de que ele vai ser um grande médico. Quem dá aos pobres empresta a Deus, é a divisa do Dr. .

— Tenho de conhecer esse modelo de virtudes — murmurou Ellery.— Tenho mesmo. Acho que o vou visitar amanhã, se tiver um bocado livre. E o Harry Toyfell, agora, trabalha para ele. E vive lá. Conhecer um homem como Dodd é uma bênção de Deus. A propósito, Dakin, ouvi dizer que a fortuna do velho Luke MacCaby foi uma surpresa para toda a gente em Wrightsville.

— É verdade. Ficou tudo excitadíssimo na cidade.

— E esse sócio do MacCaby... Como é que ele se chamava? Hart, John Spencer Hart, o dono da Fábrica de Tintas de Wrightsville. Ninguém estava à espera de que ele desse um tiro nos miolos, pois não? ,

— Há quanto tempo é que o Sr. disse que estava em Wrightsville, Sr. Queen?— perguntou o chefe Dakin secamente.

Ellery riu-se.

— Vejo que o Sr. não tem dúvidas de que Hart se suicidou? E de que MacCaby morreu de morte natural? Ah . . .

— O quê?

— Sei que houve um inquérito quando Hart morreu, mas alguém investigou a morte de MacCaby?

Dakin estava imóvel. só

— Não sabia que havia dúvidas. Não me tinha ocorrido.

Mas por quê?

— É Mera curiosidade.

— Luke MacCaby tinha 74 anos — disse, lentamente, o chefe da polícia. — Sofria do coração há mais de vinte anos. O Dr. Willoughby disse-me uma vez que MacCaby já tinha morrido há muito tempo se não fosse o Dr. Dodd. E o velho Luke sabia isso. Foi por isso que deixou tudo o que tinha ao Dr.. Por isso bate tudo certo. Tudo menos a sua curiosidade, Sr. Queen. Pensei que estávamos a falar do caso Anderson. Ou não estávamos? — Ellery não respondeu. A cara de Dakin animou-se momentaneamente com uma expressão de curiosidade. — Sabe qualquer coisa que eu não sei!

— Não sei nada, Dakin. — Ellery levantou-se. — Todas as moedas têm duas faces. Por exemplo, o caso Anderson. Você está convencido de que Anderson morreu. Mas não conseguiu encontrar o corpo, Dakin. Por isso, deve voltar a moeda e olhar para a outra face. É o que eu faço sempre. Aconselho-o a fazer o mesmo. — Dakin estava agarrado ao rebordo da secretária. — E MacCaby e Hart tanto podem ter morrido como dizem, como de uma maneira diferente. Talvez as mortes deles não tenham nada a ver com o desaparecimento do Anderson, mas talvez tenham muito a ver com isso.

— E talvez eu esteja doido!

— É assim mesmo, Dakin. Olhe sempre para as duas faces da moeda, mantenha o espírito bem aberto. — Ellery riu e apertou a mão frouxa de Dakin.

Quando fechou a porta, Dakin continuava a olhar embasbacado para ele.

É claro, pensou Ellery caritativamente enquanto atravessava a praça a caminho do Hollis, que o pobre Dakin não tem um amigo prestável chamado Anônimo.

Segunda-feira, 10 de abril

Na manhã seguinte, Rima estava tão insegura que metia dó. Era evidente que tinha perdido a confiança durante a noite. Ou que a austeridade de uma manhã de segunda-feira em Upham House, a cheirar a sabão macaco e a cera, tinha caído em cima dela como uma geada têmpora. Perdera a confiança no futuro. O dia de amanhã era um ponto de interrogação; e até o de hoje. Quanto tempo é que ele tencionava que ela ficasse na pensão da Sra. Upham? Não estava a ver que ela ia levar anos a pagar o dinheiro que lhe andava a emprestar? Quando é que podia voltar para o Pântano? Por que é que tinha de ficar em Upham House? E que é que o camareiro de cabelo cor de cenoura tinha querido dizer, na noite anterior quando lhe perguntava se ela esperava alguém durante a noite, porque, nesse caso, deixava a porta das traseiras só no trinco? Onde é que Ellery tinha ido depois de a ter deixado no hotel, na noite passada? (Então tinha sido Rima que tinha telefonado para o Hollis na noite passada, sem deixar recado.) Tinha descoberto alguma coisa? Tinha falado com alguém? Tinha os pés inchados daqueles sapatos; quando é que podia tirar aquele fato? Quais eram os planos dele? Estavam a fazer progressos? Onde é que iam naquela manhã?

— Para começar a responder pelo fim — suspirou Elery —, vamos tomar o pequeno-almoço, porque não sou capaz de conversar antes do café.

Enquanto se dirigiam, a pé, para o salão de chá de Miss Sally, Ellery puxava desesperadamente pela cabeça. Tinha dormido mal de noite e a culpa não era só do colchão todo aos altos e baixos do gerente Brooks. E antes de ter finalmente adormecido, o seu único pensamento não fora para Ander-son, mas sim para a filha de Anderson. Não podia continuar a adiar o problema com notas de vinte dólares. Mais tarde ou mais cedo, tinha de resolver a questão imediata do futuro de Rima.

O salão de Miss Sally felizmente estava às moscas. Depois de se terem sentado, Ellery disse:

— Rima. e se tivesse de ganhar a vida, que é que fazia?

— Não sei — disse Rima, friamente.

— Mas o que sabe fazer? Além de tratar de passarinhos doentes?

— Nada.

— Calculo que não sabe trabalhar com uma máquina de escrever nem nada dessas coisas?

— Não.

— Em último caso, podia arranjar um emprego de caixa...

— E ficar todo o dia metida numa loja poeirenta? Deus me livre!

— E um emprego de explicadora? Deve haver, na cidade, filhos de pais ricos que...

— Não quero ficar todo o dia metida em casa.

— Mas tem de fazer qualquer coisa!

— Para lhe pagar o seu dinheiro... Pois é, também tenho andado a pensar nisso. Mas eu arranjo uma maneira de lhe pagar.

Ellery mandou vir o café. As perguntas recomeçaram quando chegou o café. Ellery ouvia-a sem entusiasmo. Finalmente, disse:

— Oiça, Rima, só tenho um único plano, e por sinal o melhor é lhe dizer.

— É só o que quero saber.

— Estou convencido de que o que aconteceu ao seu pai está ligado com uma série de acontecimentos que se deram aqui em "Wrightsville nestes últimos dois meses. A morte de Luke MacCaby. A sociedade secreta dele com John Spencer Hart. O legado de MacCaby ao Sebastian Dodd. — Rima pegou numa torrada quase fria, empalidecendo. — O problema principal consiste em saber o que é que isso tem a ver com o seu pai. Se conseguirmos resolver esse problema, talvez saibamos o que se passou no Rochedo de Little Prudy.

“Falei com o chefe da polícia, Dakin, na noite passada— continuou Ellery—, e ele não faz ideia se o destino do seu pai está ou não ligado a esses acontecimentos. Por isso, não podemos contar com ele. Temos de investigar sozinhos.

“Só vejo uma maneira de começar. O Dr. Sebastian D tratou Luke MacCaby durante muitos anos e assinou a certidão de óbito dele. E MacCaby deixou ao Dr. Sebastian Dodd a sua fortuna, de cuja existência ninguém suspeitava. Era o Dr. Sebastian Dodd que passava a ser o sócio de John Spencer Hart quando o testamento de MacCaby entrasse em vigor. Foi, portanto, essa sociedade inesperada do Dr. Dodd na companhia Hatt-MacCaby que resultou na morte de Hart. Dodd parece ser, assim, o dominador comum de todos os acontecimentos que precederam, o desaparecimento do seu pai. Por isso, a primeira coisa que temos de descobrir é se Dodd tinha também alguma coisa a ver com o seu pai.

Rima assentiu silenciosamente.

— Telefonei para casa do Dr. esta manhã e marquei um encontro para as 11 da manhã no consultório dele. Disseram-me que devia chegar do hospital por essa hora e que a consulta só começava mais tarde, por isso, temos algum tempo para investigar,

“Não sei o que é que vamos descobrir. Nada, talvez. Ou talvez muita coisa. Temos de inventar uma estratégia à medida que os acontecimentos forem

evoluindo.

“E é tudo, Rima. Agora acabe de comer os ovos.

Rima disse: — Estou a ver, estou a ver — e Ellery viu, com surpresa, que tinha lágrimas nos olhos.

Disse com voz pretensamente severa: — Que é que tem?

— Estou a ver que não precisa de mim para nada.

Estas palavras lembravam-lhe, uma vez mais, até que ponto ela estava sozinha, e era exatamente esse o pensamento que ele procurava evitar. Sentiu-se derreter como a manteiga na torrada dela, o que lhe lembrou que ela não estava a comer nada e, por isso, ralhou:

— Agora coma o seu desjejum! — Ela mastigou obedientemente um bocado de torrada e Ellery debruçou-se por cima da mesa e pegou-lhe na mão, o que a fez olhar para ele, surpreendida. — Rima, sempre achei que devemos estar preparados para tudo. É claro que preciso de si. Ainda não sei como, mas gosto de ter tudo preparado para o que der e vier. Você é a filha de Tom Anderson. Pode estar relacionada com o que lhe aconteceu. O fato de você existir dá-lhe o direito sentimental, mas também moral, de tratar do problema. Ninguém vai pôr em causa a sua interferência, a não ser, talvez, o responsável pelo destino do seu pai, fosse ele qual fosse; e é exatamente isso que nós pretendemos. É essa a razão técnica da nossa ida ao Lachine no sábado de manhã e a razão pela qual você tem de andar a coxear com esses sapatos, mesmo que isso a faça sofrer muito!

“Pode surgir alguma coisa. Podemos criar uma oportunidade. É claro que pode ser perigoso. Não se pode esquecer disso. O mais provável é mesmo que venha a ser perigoso. Tem a certeza de que sabe o quer, Rima? Ela olhou para o prato, dizendo em voz baixa: — O pai e eu éramos muito amigos. Muito mais amigos do que nas famílias normais. Sim, sei oque quero. — Levantou os olhos, quase com fúria. — Tem de tentar compreender. Tudo isto é horrível e novo para mim. Tem tido tanta paciência... Foi tão bom... Não o aborreço mais. Prometo, Ellery. De agora em diante, faço tudo o que me mandar.

A casa da esquina da Rua Wright com a Avenida Algonquin sofria de todos os males da velhice e do abandono. O alpendre, que se prolongava para um dos lados da casa, tinha um soalho acidentado de aspecto muito deteriorado. Os pilares grossos de madeira estavam lascados e rachados. A tinta castanha que os recobria estalava formando folhas, como se se tratasse de um caso adiantado de acne. O telhado de ripas de madeira estava metido para dentro nuns sítios e levantava noutros como se sofresse de artrite; e as janelas de trapeira do último andar, que era uma mansarda, pareciam os olhos de uma fila de homens cegos. Algumas persianas estavam partidas outras tinham desaparecido. Do lado que

dava para a Avenida Algonquin a casa estava apertada de encontro a um prédio de apartamentos de quatro andares, que tinha sido estucado recentemente de um azul-eléctrico, e do lado da Rua wright parecia prestes a desmoronar-se por cima de uma loja térrea em forma de caixote, com uma montra cheia de garrafas de uísque a fingir e de cartazes com mulheres altas e esguias e dentes de fora — o letreiro em letras gordas pintado na vidraça dizia BAR E GRILL PALÁCIO.

Mas a velha casa estava recuada em relação à rua e no gramado bem tratado nasciam folhas novas. Havia um caminho de lajes ladeado por montículos de terra estrumada recentemente, que serpenteava ao lado da casa e conduzia às traseiras, a um jardim. Um grande ulmeiro, mais alto do que a casa, erguia-se no centro do relvado; no Verão devia fazer sombra à casa e ao alpendre.

Um letreiro pequeno pintado de preto, fixo a um poste de ferro forjado colocado ao lado do portão, dizia em letras douradas irregulares:

SEBASTIAN DODD, MÉDICO * KENNETH WINSHIP, MÉDICO

— Não tem muito mau aspecto — disse Rima sem convicção quando subiam os três degraus de madeira em mau estado.

— Acho que pode meter medo — disse Ellery. — A noite, nas noites de lua cheia. — Carregou com o dedo numa campainha que dizia: TOQUE PARA CHAMAR O MÉDICO.

Uma mulher de cara ossuda e olhos inexpressivos com uma vassoura na mão abriu a porta de vitrais coloridos.

— Qual deles é quer? — perguntou.

— O Dr. Dodd, por favor.

— Não está. Só dá consulta a partir do meio-dia.

Uma voz feminina aguda gritou: — Então, Essie, o que é?

Os olhos vidrados de Essie foram animados por um; relâmpago de rebeldia. ;

— Parece que é proibido abrir a porta — resmungou. Mas, depois, respondeu, também aos gritos. — É para o Dr. Dodd, Miss Fowler!

— Manda-os entrar, Essie — gritou Miss Fowler em resposta. Uma mulher idosa, forte, vestida com uma bata branca, apareceu na parte de trás do vestíbulo. Tinha um aparelho de audição e o fio estava polvilhado de farinha. — Foi o Sr. que telefonou esta manhã? — gritou.

— Fui — respondeu Ellery.

— Essie, manda entrar estes senhores na sala de espera. Está lá o Dr. Winship. Não o aborreças. Está muito irritado por causa da menina Pinckle.

— Mas eles querem falar com o Dr. Dodd! — berrou Essie.

— Esta manhã falei com o Dr. Winship — observou Ellery.

— Pois claro — gritou a mulher forte, alegremente. Não liguem para Essie. Tem uma esponja cirúrgica no lugar dos miolo Essie, podes ir! — A governanta desapareceu.

Havia no vestíbulo um cheiro forte e estranho, um cheiro simultaneamente a pão quente e a desinfectante. Mas Ellery identificou-o: pão no forno e liso.

O vestíbulo era escuro e apainelado com painéis de nogueira antiga intercalados com painéis de um papel de parede cujos motivos primitivos estavam tão despojados que se tinham tornado irreconhecíveis. Havia um lustre de vidro colorido e uma escadaria de nogueira que descrevia uma curva graciosa até os andares de cima. No patamar da escada havia mais vitrais coloridos.

Uma porta dupla de vidrinhos do lado esquerdo, tapada com um cortinado pesado de renda crua, estava fechada. Essie conduziu-os para a direita, precedendo-os, transpôs um arco largo cujas portas tinham sido tiradas e que dava para uma sala de espera. A sala estava mobilada com um conjunto de móveis estofados horrendos, que lembravam monstros pré-históricos; no chão, havia um tapete de croché feito à mão, tão velho e tão desbotado que já não tinha cor. Havia ainda uma porta que dizia Dr. Dodd e outra com os dizeres Dr. Winship. As paredes estavam pintadas de um verde sujo e decoradas com algumas gravuras antigas de cenas do Oeste de Frederic Remington. Havia ainda umas palancas de cartão a imitar madeira, penduradas em cordões com borlas ostentando versos ou divisas em letras floreadas. Uma delas dizia:

Os homens são sempre loucos. Quando está calor querem frio Quando está frio querem calor Querem sempre o que não há.

Outra começava assim:

Ria e o mundo ri com você. Chore e chorará sozinho. Porque...

Ellery, fascinado, estava a tentar decifrar o resto quando Essie lhe enfiou um dedo nas costelas, com uma careta.

— Aqui está ele — disse.

Um rapaz muito grande com uma bata branca levantou os olhos da secretária onde remexia com ar furioso um monte de fichas desarrumadas.

— Querem falar com o Dr. Dodd — disse Essie, e afastou-se com ar triunfante, batendo com os pés no chão e erguendo a vassoura como se fosse uma lança.

— Quem é? — perguntou o rapaz em voz abrupta.

— Sou Ellery Queen, Dr. Winship.

— Ah! — O Dr. Winship levantou-se, deitando a cadeira ao chão. Tinha uma cara grande, de expressão séria, e corou quando se baixou para levantar a cadeira. — Esta manhã corre tudo mal, é impossível uma pessoa entender-se

com o ficheiro de uma secretária que anda sempre a suspirar pelo namorado. Diabos levem todas as Pinkles deste mundo! O Dr. Dodd ainda não voltou do hospital, Sr. Queen. — Tinha um físico mais adequado ao vestiário de um estádio universitário do que nos limites estreitos do consultório. Deu a volta à secretária e apertou a mão de Ellery. — Tenho muito prazer em o conhecer. Sou, há muito tempo, um grande admirador seu. Lembro-me muito bem da primeira vez que veio à cidade. Foi em 40, não foi? — Tinha um sorriso tão largo como os ombros. Não se querem sentar? — Depois, olhou melhor para Rima com os seus olhos castanhos cansados e o seu ar de fadiga desapareceu.

— Miss Anderson, o Dr. Winship — disse Ellery.

— Como está? — disse o Dr. Winship. Ficaram a olhar um para o outro.

Nesse momento, Ellery teve uma inspiração. Era uma ideia vaga e imprecisa, que só mais tarde relacionaria. Mas, mesmo mais tarde, Ellery não tinha muitos elementos concretos para servir de base ao seu raciocínio: um rapaz alto e forte, de ar sério, absorto nos seus afazeres e acusando os efeitos físicos do excesso de trabalho, da falta de sono e de uma vida monástica; e uma rapariguinha com ar de duende que, por acaso, vestia à moda de Nova Iorque e que ansiava por regressar às suas borboletas e aos seus mosquitos. Era pouca coisa. Mas talvez o suficiente. Tinha de rever a sua ideia anterior dos jovens poetas com boas qualidades — e Ellery seria capaz de dizer por que é que estava tão certo disso — isto aqui tinha futuro.

— Falta-lhe um botão na bata — disse Rima, apontando para o lugar onde ele devia estar.

O Dr. Winship olhou para a bata.

— Falta sempre. — Depois, olhou outra vez para ela, como se ela tivesse dito uma coisa maravilhosa. — Não é de Wrightsville — disse.

Rima riu, com o seu doce trinado de passarinho.— É daqui? Ellery interveio.

— A menina Anderson, Dr. Winship, é a filha de Tom Anderson.

— Que maravilha!

— O bêb... O rapaz mordeu os lábios, olhando de relance para Ellery. Ellery sorriu e assentiu. Winship puxou uma cadeira para a frente, com grande amabilidade. Rima baixou os olhos e sentou-se suavemente. Ele ficou de pé ao lado dela, cheio de alegria. Era bom de mais para acreditar. Onde é que ela se tinha metido até ali? Aquilo que tinha acontecido ao pai dela era uma coisa terrível... Já tinha ido alguma vez ao hospital. Devia sentir-se muito só depois daquilo tudo... Não era bom estar sozinho na idade dela. Ele que o dissesse! Mas Aliás ela tinha muito que fazer. A propósito, que é que fazia? Por exemplo, ao fim-de-semana? Já tinha ido a Connhaven aos concertos de Verão? Ele achava

que a música era muito repousante... Conhecia a Pavana, de Fauré? A Fantasia sobre um Tema de Tallis, de Vaughan Williams? O Andamento Lento do Quinteto de Schubert? Tinha uma má coleção de discos, não tinha dinheiro para comprar as gravações que lhe agradavam, mas se quisesse ir ouvir os discos dele um dia qualquer...

Sofreu muito, pensou Ellery. Vê-se bem. Deve fugir de quase todas as moças. Mas esta é tão refrescante como um regato. Não é perigosa. E ele quer lavar as feridas.

Rima parecia envergonhada. Respondia com murmúrios doces. Muito diferente do seu normal. Sabia muito pouco de música, A não ser que a poesia também fosse música. Ela achava que sim. Conhecia Lovelace? Marvell? Henry Vaughan

Vi a Eternidade na outra noite

Como um grande anel de luz pura e infinita.

Ellery escutava, sorrindo.

Mas, nessa altura, entrou Sebastian Dodd e Ellery distraiu-se.

A aparência do Dr. Dodd era surpreendente.

Ellery tinha imaginado o herdeiro de Luke MacCaby como um homem baixo de olhar triste, magro e de ar cansado, com uma auréola de cabelo branco — um santo de aparência frágil e quase etérea, em paz consigo mesmo e com o universo. Este homem que entrava agora rapidamente, quase furtivamente, na sala de espera e que parara bruscamente no arco era um colosso de aspecto brutal mas, ao mesmo tempo, atormentado. Era enorme e bastante corpulento; se fosse mais baixo, seria gordo. Era praticamente careca, e o crânio brilhante estava salpicado de manchas pigmentadas esverdeadas, semelhantes às manchas das suas mãos grandes e trémulas. A cara era espantosa. Era uma cara de maxilares poderosos, mas que tremiam. Os olhos estavam enterrados em buracos rodeados de pregas de pele semelhantes a bolsas, que tremiam igualmente com contrações nervosas. Os olhos, pequenos e muito brilhantes, nunca estavam quietos. Moviam-se constantemente para cá e para lá, como peixinhos a nadar. A pele era baça e amarelada, como se algum veneno o estivesse a matar lentamente.

Se a voz estivesse de acordo com a aparência, o Dr. Dodd seria um ser monstruoso, quase obsceno. Mas, quando falou, os sons emitidos pela sua garganta eram graves, lentos e suaves. A voz era a sua única beleza. Sugeria aquilo que ele poderia ter sido ou talvez o que fora.

— Fique sentado, Sr. Queen. O Dr. Winship telefonou-me para o hospital; estava à sua espera. Fiquei admiradíssimo. Muito excitado. Kenneth, sabes quem é o Sr. Queen, não sabes?

— O quê? — perguntou o Dr. Winship.

— Tem de desculpar o Dr. Winship, Sr. Queen. Tem uma verdadeira vocação de salvador da humanidade. Está sempre a pensar na incidência das doenças do ano que vem.— O Dr. Dodd deu uma gargalhadinha, e os maxilares tremeram mais violentamente ainda. — Mas agora a sério, tem uma teoria dietética que ainda vai ficar na história da medicina, estou convencido. Peça que lhe fale da "personalidade metabólica". E quem é esta linda menina?

— Rima Anderson, Dr. Dodd.

— Ri... A filha de Tom Anderson?

Rima disse: — Thomas Hardy Anderson — destacando as palavras.

Os peixinhos nadaram para cá e para lá como se estivessem aflitos. O Dr. Dodd pegou nas mãozinhas de Rima e disse, em voz surda:

— Lamento muito o que aconteceu ao seu pai, Rima. Conhecia-o bem. Era um homem notável, e agora que a conheço vejo que fez uma coisa muito bem feita na vida. Não quer entrar para o meu gabinete?

O Dr. Wmship seguiu-os automaticamente, como se Rima o conduzisse por uma trela invisível.

O gabinete do Dr. Dodd era grande e antiquado, com um fluoroscópio antigo com uma moldura de carvalho a um canto e uma cadeira de boticário noutro. Uma das paredes estava inteiramente coberta com uma estante onde se acumulavam livros e revistas médicas poeirentas. Ellery viu, através da porta aberta, um gabinete de consulta, onde havia uma marquesa com estribos, um estojo com instrumentos cirúrgicos, uma balança, um esterilizador.

Mas observou essas coisas maquinalmente. Estava a pensar no Dr. Dodd na sua aparência estranhamente fluida e nas suas palavras Conhecia-o bem. Pobre Yorick Anderson. Acho que acertamos em vir aqui...

— Como, Dr.? Ah, sim! Estou a investigar a morte de Tom Anderson a pedido de Rima — disse Ellery. — Um caso frustrante. Não sabemos nada do que se passou. Nem sequer temos a certeza de que Anderson tenha mesmo morrido de morte violenta. Ou sequer que tenha morrido.

Enquanto falava, Ellery olhava fascinado os olhinhos inquietos que se moviam constantemente na cara, agitada por contrações constantes, e as grandes mãos que remexiam sem parar nos objetos que estavam em cima da secretária. Por que é que ele está tão preocupado? Ellery seguia o curso dos seus pensamentos. E o homem mais inquieto que vi em toda a vida. Seja o que for que o preocupa, é uma coisa que está a dar cabo dele. Ninguém pode resistir durante muito tempo a uma tensão tão forte. Será o dinheiro? — Foi por isso que resolvi falar com todas as pessoas que o conheciam, Dr.. E como me disseram que o Sr. conhece bem toda a gente da Vila Baixa...

O Dr. Dodd assentiu com a cabeça.

— Na verdade, Sr. Queen, acho que foi coincidência o Sr. ter vindo hoje aqui. Ainda ontem disse a Kenneth que devia falar com o chefe Dakin, ou telefonar-lhe. Não sei se isto tem alguma coisa a ver com o que aconteceu ao Tom, mas pode ser que sim, e se eu não tivesse tanto que fazer com os meus doentes e com esta ameaça de epidemia diftérica que estamos a ter e... sorriu repentinamente, coçando o queixo com um ar acanhado — ... com uns acontecimentos recentes da minha vida pessoal, já tinha ido ter com o Dakin há muito tempo. Lembra-se de eu lhe ter falado nisso ontem, Kenneth?

— O quê? Sim, sim, falou — disse o Dr. Winship. — E eu disse-lhe que era o que devia fazer, e o Sr. respondeu que era o que ia fazer hoje logo de manhã, mas naturalmente esqueceu-se, como de costume.

— Pois foi, a mulher de Shumley Pruvis está mal — desculpou-se o Dr. Dodd. — Talvez seja preciso você fazer-lhe uma traqueotomia. Se o inchaço aumentar...

— Que é que pode ter alguma coisa a ver com o que aconteceu ao Tom Anderson, Dr. Dodd? — perguntou Ellery.

— Como? Ah, é aquele dinheiro que eu lhe dei.

— Deu dinheiro ao meu pai? — exclamou Rima. Olhou de relance para Ellery. Mas Ellery não reagiu, e ela calou-se, olhando para as mãos.

— Que dinheiro foi esse, Dr.?

— Ora, é uma história complicada — replicou o Dr. Dodd, suspirando. — Tenho a mania de me meter onde não sou chamado, Sr. Queen. Estou sempre a meter-me na vida das outras pessoas. Lembro-me muito bem de Tom Anderson quando veio para cá ser professor do liceu. Não foi assim há tantos anos, pois não, Rima? Era um homem de bela aparência, com um ar muito infeliz. Uma pessoa culta e educada, e foi assim que sempre o considerei. Tive muita pena de o ver desgraçar-se daquela maneira. Um grande desperdício.

“Encontrava-o na rua de vez em quando, e dizia-lhe sempre que me viesse ver aqui a casa. Finalmente, veio mesmo. Vi imediatamente que o mal dele não era coisa que pudesse ser diagnosticada na minha marquesa. Era um caso para um psiquiatra, mas não temos nenhum psiquiatra por estas bandas. Conversamos um bocado. Ele acabou por se pôr a chorar e a confessar o seu arrependimento, mas eu sabia que tudo isso não servia de nada. Sabia que assim que ele saísse ia direitinho para os copos.

Rima começou inesperadamente a chorar. Silenciosamente, tapando a cara com as mãos e tremendo. O Dr. Winship parecia ter levado um pontapé que o pusera K. O. O Dr. Dodd olhou para o Dr. Winship e abanou a cabeça, mas Ellery fez sinal ao homenzarrão para continuar. E, ao fim de pouco tempo, Rima

parou de chorar, poisou novamente as mãos no colo e ficou a olhar fixamente para eles.

— Bem, há pouco tempo! — exclamou o Dr. Dodd , recebi todo este dinheiro que o Luke MacCaby me deixou...

— Abençoado seja — resmungou o Dr. Winship olhando para Rima, e fez um ar mais satisfeito quando ela riu. — Mas o pior é que o Dr. Dodd não gasta o dinheiro com ele. Vai e...

— Ora, Kenneth — disse o Dr. Dodd. — O testamento ainda não foi aprovado e tudo o que consegui apanhar ao Otis Holderfield foi por amabilidade do juiz, a quem eu costumava dar sovas mestras nos nossos tempos de rapaz, quando faltávamos os dois à escola da menina Schoonmaker, em Piney Road... quando Piney Road era uma estrada e não uma porcaria de um depósito de lixo como agora. Bem, seja como for, pouco depois dessa história do MacCaby dei de caras com o Tom Anderson... quase que o atropelei, para dizer a verdade. Desculpe, minha querida — disse o Dr. Dodd, bondosamente, a Rima—, mas ele estava sentado no meio da Rua Polly a recitar poesia.

— Não faz mal, Dr. Dodd — disse Rima. E, depois, acrescentou inesperadamente. — O pai era muito menos infeliz do que as pessoas pensavam.

— Bem, Rima, nesse dia não estava aos pulos de alegria— retorquia o Dr. Dodd. — Meti-o no meu xaveco, encostei ao passeio e tivemos uma longa conversa. Começou outra vez a chorar — o seu pai chorava sempre quando eu falava com ele.

Por que é que ele chorou, Dr.? — perguntou baixinho.

— Por sua causa.

— Por minha causa! — Rima parecia incrédula.

— Foi, pois. Disse que andava muito preocupado consigo. Que via que a não tinha educado como deve ser. — Rima empalideceu de fúria. — Oiça lá, minha filha, estou só a repetir o que o seu pai disse...

— O meu pai educou-me muito bem.

— É claro que sim — replicou o Dr. Dodd. — Basta ver os resultados. Notáveis, Mas Tom achava que a não tinha preparado para a vida, Rima. Que se lhe acontecesse alguma coisa você ficava sozinha, sem amigos e sem modo de vida.

— Rima — advertiu Ellery.

— Está bem. — Rima estava furiosa.

— “Uma barraca no pântano”, dizia ele, “não era um lugar indicado para uma moça viver...”

— Estava a querer fazer-lhe pena, Dr. Dodd. Não pensava nada disso. Conhecia muito bem o meu pai. — Os olhos de Rima lançaram chispas. — Acho

que ninguém pode compreender o que havia entre nós. Ele sabia que se eu não tivesse querido ficar com ele no Pântano, não podia prender-me lá nem cinco minutos. Não vou deixar que ninguém estrague o que havia entre nós, nem mesmo o pai!

— Talvez — disse o Dr. Dodd mansamente—, talvez você não conhecesse o seu pai tão bem como pensa, Rima.

— Lembro-me muito bem do seu pai — disse o médico mais jovem em voz baixa. — Também estava convencido de que o conhecia. Mas escreveu-me cartas quando eu estava na guerra... — Depois, sorriu. — Oiça o que diz o Dr. Dodd, menina Anderson. E um bom médico.

— E eu quero ouvir o fim da história — disse Ellery, sorrindo. Não quer continuar, Dr. Dodd?

— Bem, disse-lhe que era um pouco tarde para ele dizer aquelas coisas, e Tom disse que sabia disso, recomeçou a chorar e falamos assim durante mais algum tempo. Mas, de repente, ele disse uma coisa que me deu uma ideia.

— Que foi, Dr.?

— Disse que gostava de ser capaz de deixar de beber. E, quando disse isso, deixou de chorar. Parecia falar a sério. Perguntei-lhe por que é que não se punha a isso e respondeu-me: “Tem de se ter um objetivo para se conseguir alguma coisa. Gostava de me reabilitar. De abrir uma livrariazinha, por exemplo. De dar à minha filha uma casa decente. Mas sou fraco, Dr.. Não sou capaz de começar.” Bem — disse o Dr. Dodd, atarraxando e desatarraxando a tampa da sua velha caneta de tinta permanente—, já ouvi muitos alcoólicos a falarem assim. Mas, como o disse já, tinha deixado de chorar. E, nesse momento, a neta da Sra. Gonzoli, a Titã, apareceu a correr na Rua Polly, com qualquer coisa na mão levantada e a gritar: “Olhem o que eu encontrei! Um trevo de quatro folhas!”

— Um trevo de quatro folhas — repetiu Ellery. O Dr. Dodd disse, lentamente.

— Um trevo de quatro folhas. Sei que não é muito científico, Sr. Queen. Mas eu também não passo de um velho médico de província... Tive um dos meus impulsos repentinos. Disse a Tom: “Tom, não sei se posso acreditar em si. Mas, de qualquer maneira, vou-lhe dar uma oportunidade.” E fiz uma combinação com ele. Dava-lhe uma entrada para começar uma vida nova. Financiava, se ele tivesse a força de vontade suficiente para levar a sua avante. Era uma espécie de sociedade. Ele tinha de deixar de beber. Mas não a pouco e pouco, de uma vez. Nunca mais podia tocar na bebida. Disse-lhe: “Tom, venha ver-me daqui a uma semana. Se estiver completamente sóbrio e não tiver bebido uma gota entretanto, dou-lhe cinco mil dólares em dinheiro. E se não beber durante seis meses,

começo a pagar uma pensão vitalícia à sua filha.” Uma semana é muito tempo para um alcoólico. Achei que era um bom teste.

O Dr. Dodd meteu o polegar esquerdo na boca. Começou a roer a unha com os dentes, produzindo pequenos estalidos rápidos e irregulares.

— E que é que ele disse a isso, Dr. Dodd? — perguntou Ellery. O homenzarrão continuava a roer aplicadamente as unhas.

— Durante muito tempo não disse nada. Pôs as mãos no teu braço e ficou a olhar para mim. Tinha os olhos turvos e não conseguia ainda fixar bem o olhar, mas esforçava-se por isso. De repente, disse; “Não quero o dinheiro. Pelo menos enquanto não tiver provado uma coisa a mim mesmo.” Respondi: “Não Sr., Tom, quero que o aceite. Precisa de uma base para começar.” Ficou outra vez calado durante um bocado. Estava a pensar. Via-se que estava a pensar com concentração. Finalmente, disse: “Talvez tenha razão, Dr.. Está bem, mas não gasto um tostão enquanto não conquistar o direito de o fazer.” Saiu do carro de gatas e quando tentei ajudá-lo a levantar-se, empurrou a minha mão. Por isso, deixei-o levantar-se sozinho; percebi que isso era importante para ele. E, depois, afastou-se a vacilar pela rua acima.

Os olhos de Rima pareciam maiores e estavam cheios de lágrimas.

— Só o voltei a ver passado uma semana. Estava no meio dos outros doentes, na sala de espera. Completamente sóbrio mas com ar de quem estava a passar um mau bocado. Disse: “Dr., se quer provas...” Respondi: “Não, Tom, não preciso de provas. Basta-me olhar para si” e telefonei a Otis Hol-derfield, já lhe tinha dado as minhas instruções, para o caso de tudo correr bem, dizendo-lhe que ia mandar o Sr. Anderson ao escritório dele. Um homem que está na mó de baixo — desculpou-se o Dr. Dodd — precisa de umas compensações... por exemplo, tratarem-no por Sr.. O Tom ficou contente. Até se pôs mais direito antes de sair... Mais ou menos uma hora depois o Tom estava outra vez na minha sala de espera. Quando o pude receber, tirou um envelope do bolso. Não disse nada. Eu perguntei “Então, Tom, já tem o dinheiro?” e ele respondeu “Sim, Dr., está aqui. Antes nem acreditava. Mas agora acredito.” E depois, disse qualquer coisa que nos embaraçou aos dois e, desta vez, apegamos a mão um ao outro e ele saiu de cabeça levantada, como um homem.

“Foi a última vez que o vi — murmurou o Dr. Dodd.— Mas, de vez em quando, ouvia falar dele. Estava a cumprir a sua palavra. Quase me levou a pensar que havia esperanças para a raça humana. Foi por isso que fiquei tão espantado quando me falaram da sua morte. Ocorreu-me mais do que uma vez que o fato de eu lhe ter dado aquele dinheiro talvez tivesse tido alguma coisa a ver com o que lhe aconteceu.

O gigante de fato de sarja azul já poída ficou silencioso, mas as peles flácidas da cara contorciam-se nervosamente como se tivessem vida própria e os dedos grossos remexiam em cima da secretária.

De repente, deu um grito. Era quase um grito de medo

Foi porque Rima se levantou de repente e, agarrando as mãozinhas irrequietas, as levou à boca, beijando-as, Em seguida, com a celeridade que sempre espantava Ellery, apareceu junto à janela, voltada para a parede de estuque azul do prédio de apartamentos do lado, de costas para eles.

O Dr. Dodd levantou-se. A sua cara amarela ficara de um laranja-escuro. Tinha o corpo pesado apoiado em cima dos punhos, sem saber o que dizer. O Dr. Winship continuou sentado, com o corpo hirto. Ellery ficou simplesmente sentado.

Finalmente, o Dr. Dodd começou a falar à toa.

— Pronto, Rima, o dinheiro vai ajudá-la a começar vida nova sem preocupações. Tome cuidado com ele, não se deixe enganar por nenhum espertalhão... Kenneth, acho que começo a ouvir as pessoas lá fora. Se não quer mais nada, Sr. Queen...

Ellery disse:

— Mas a Rima não tem o dinheiro, Dr. Dodd.

— O quê? — Nunca tinha ouvido falar dele. Nunca o viu e ele não lhe falou em nada.

Os dois médicos olharam embasbacados para eles.

— Posso fazer uma chamada? — E quando Ellery poisou o telefone disse. — Estava convencido de que Dakin não tinha encontrado o dinheiro, mas é sempre preferível verificar. O Dakin disse-me que não tinha encontrado dinheiro nenhum no casaco que ficou no Rochedo de Little Prudy. Não havia dinheiro nenhum.

— Foi para o roubar! — exclamou o Dr. Winship. Rima fitava-os.

— Meu Deus — disse o Dr. Dodd. — Espero que não tenha sido isso. — Deixou-se cair na cadeira, com os nervos e os músculos sacudidos por uma dança de dervixe. Tinha outra Vez a cara amarela.

— Todas as moedas têm duas faces — disse Ellery. — Talvez fosse para o roubar. Mas também talvez não fosse. — Acrescentou humanamente, mas como se estivesse com pressa. ^em, Rima, estes simpáticos senhores têm muito que fazer e nós também temos de resolver o problema do seu futuro imediato, por isso...

O Dr. Dodd parecia absorto nos seus pensamentos,

contorcendo nervosamente a cara e tremendo sempre, mas o jovem Dr. Winship mordeu a isca, como se pretendia.

— Que é que quer dizer com isso Sr. Queen?

— Rima não pode voltar para a barraca do Pântano, Dr. Winship — disse Ellery. — E para ir viver para qualquer outro lado, quer dizer, para ter uma vida normal, precisa de arranjar um emprego. É muito simpático da sua parte interessar-se pelos problemas dela. Venha, Rima, a propósito, Dr., não sabe de ninguém que precise de uma moça inteligente e muito culta, pois não?

— Espere lá. Ainda falta algum tempo... — O Dr. Winship olhou para o relógio.— Ainda temos muito tempo! Espere só um minuto, Sr. Queen. Dr.!

O Dr. Dodd pareceu voltar a si, estremecendo.

— Que é?

— Sabe, queria falar consigo por causa da menina Pinkle...

— Ah, pois, a menina Pinkle.

— Tem o ficheiro numa tal desordem que levei quase todo o fim-de-semana e toda a manhã a tentar ordená-lo e ainda não consegui. A Pinkle namora o Rafe Landsman e passa metade do tempo a pensar no namoro da noite anterior, na relva do parque. Partiu o meu esterilizador por puro desleixo no sábado, e quando lhe ralhei respondeu-me que não tinha de aturar as minhas "impertinências" durante muito mais tempo, porque ela e o Rafe iam fugir os dois qualquer dia e ele não queria que a mulher trabalhasse, ou qualquer disparate no gênero. Esta manhã nem sequer apareceu.

— Não apareceu esta manhã? — disse o Dr. Dodd.— E que é que havemos de fazer?

— Acho que lhe podíamos dar o ordenado de duas semanas, desejar-lhe muitas felicidades e entregá-la ao Rafe. Só mais um segundo, Sr. Queen...

— Mas, Kenneth — disse o Dr. Dodd preocupado—, depois, tínhamos de ter a maçada de arranjar outra moça...

Não sei disse o Dr. Winship—, mas acho que... talvez a menina Anderson aceitasse o lugar?

O Dr. Dodd voltou-se lentamente para ela.

— Bem — disse Rima. — Não sei se... — ruas Ellery baixou-se para apanhar o cigarro, que deixara cair ao chão, e deu-lhe um beliscão no tornozelo, e por isso Rima calou-se.

— Acho que o trabalho não vai ser problema para uma moça inteligente como a menina Anderson — disse o Dr. Winship descuidadamente. Se a Pinkle, essa troglodita, era capaz de ir dando conta do recado... Não acha, Sr. Queen?

— Claro, era ótimo. Mas não sei — disse Ellery manhosamente. — Rima não sabe escrever à máquina...

— É só por isso? Sempre queria que o Sr. visse as amostras da datilografia da Pinkle. Se a Rima não fizer melhor com uma lição, eu... eu beijo

os pés da Pinkle! Tenho a certeza de que a menina Anderson, pelo menos, sabe escrever sem fazer erros. E também vai me ajudar e ao Dr. Dodd com os doentes... quer dizer, prepará-los para serem vistos, trabalhar com o esterilizador e coisas assim... Aprendia num instante. Ficamos sem a nossa enfermeira do consultório por causa desta maldita epidemia de difteria da Vila Baixa e todas as enfermeiras diplomadas fazem falta no hospital, para tratar dos doentes. Por isso, temos tido que nos remediar de qualquer maneira aqui no consultório. Que é que acha, Dr.? Fazia-nos muito jeito e, ao mesmo tempo, resolvia o problema da menina Anderson.

O Dr. Dodd enxugava a testa com um lenço ensopado.

— Pois é, acho que sim... Acha que vai gostar, Rima? — Não parecia muito convencido.

— Não sei, Dr. Dodd. Nunca estive metida num...

— Mais tarde ou mais cedo tem de se habituar a estar metida dentro de casa, Rima — disse Ellery, rispidamente. Estava com vontade de lhe dar uma palmada. — Não pode viver o resto da vida como uma borboleta. E a sugestão do Dr. Winship parece-me esplêndida.

— Talvez esteja a pensar no ordenado? — perguntou, ansiosamente, o Dr. Winship. — A Pinkle estava a ganhar trinta dólares por semana, mas acho que podemos dar um pouco mais e ir até os trinta e cinco por ser para Rima... Para a menina Anderson...

— Pois, pois, Kenneth. A única coisa que me está a preocupar — disse o Dr. Dodd, pesaroso—, é que prometi ao Henry Pinkle que ia dar todas as oportunidades à Glória, sabe bem que ela nunca pára nos empregos e que os Pinkles Precisam de dinheiro...

— Estou a dizer-lhe que essa parva tenciona fugir com o namorado!

— Bom... Falamos outra vez com a Glória, Kenneth... Vamos ver se sempre é certo que ela se quer casar. — O Dr. Dodd pareceu aliviado, como se tivesse resolvido um problema complicado. — Se assim for, Rima, gostava muito que viesse trabalhar connosco.

O Dr. Winship pareceu descontente.

— Está certo — disse Ellery, animadamente. — Pode falar comigo quando resolver alguma coisa, que eu transmito a resposta a Rima. Acho que podemos esperar mais um dia ou dois, não acha, Rima?

— Acho — disse Rima.

As mãos do Dr. Dodd tremiam tanto que ele deixou cair o lenço.

— Não faz mal, Kenneth. Hoje estou pior! Entretanto, se precisar de dinheiro, minha filha...

— Obrigada, Dr. Dodd. — Rima falava em voz doce.— Já fez muito por nós.

— Se quiser mais alguma coisa de mim, Sr. Queen...

— Não hesito em vir ter consigo, Dr.. Muito prazer em conhecê-lo, Dr. Winship. A propósito. — Isto é uma loucura-, pensou Ellery. Mas, de qualquer maneira, não perco nada em perguntar.

— Algum dos senhores me mandou uma carta recentemente? Rima olhou-o penetrantemente. Depois, olhou para os dois médicos. Mas estes tinham um ar meramente surpreendido; o que não é de espantar, pensou Ellery. Deu um aperto de mão ao Dr. Dodd — que tinha a mão desagradavelmente úmida, e o Dr. Winship acompanhou-os até a porta.

A sala de espera estava cheia. Uma jovem roliça de sapatos de salto muito alto e com uma blusa transparente muito decotada estava a pintar os lábios sentada à secretária, com um ar aborrecido.

— Está a vê-la? — disse o Dr. Winship entre dentes, acompanhou-os até a porta da rua com uma cara furiosa.

Quando chegaram lá fora Ellery disse:

— E que é que aconteceu à sua promessa desta manhã no Salão de Chá de Miss Sally, Rima? Não percebe que eu fiz

tudo para caçar aquela proposta de emprego? E por um triz não me ia estragando o arranjinho!

— O Dr. Dodd não queria.

— Ainda por cima é orgulhosa, já vejo.

— Não queria, Ellery.

— Está enganada. O Doddy é uma boa alma sem emenda. Tem qualquer coisa que o atormenta, e é isso que o leva a desfazer-se em atos de caridade e amor fraterno. Dá-lhe poder. Acho que estava mesmo preocupado com a promessa que tinha feito ao pai da peônia de Wrightsville. Mas também a tem a si na consciência, Rima. Nós estamos a trabalhar às escuras, à procura de um raio de luz que esclareça a morte de um homem. Temos de tirar partido da mais pequena faísca. Não podemos ser escrupulosos. Com um bocadinho da sua ajuda inteligente, Rima... — Estava furioso. (

— Desculpe. — Rima fitava o relvado, onde um velhote de joelhos ao pé do caminho transportava rebentos para um canteiro. Parecia que nos estávamos a aproveitar. O Dr. Dodd foi tão bom para o pai. E o Dr. Winship...

— Pois, o Dr. Winship. Já está a falar com uma voz diferente. Não sabia que você punha essas artes, mas, Aliás, são coisas que nascem com a pessoa. Que é que tem o Dr. Winship?

— Você não gosta dele.

— Gosto imenso dele! Mas pela parte que me toca não passa de mais uma peça do puzzle. Que tem o Dr. Winship?

— Foi tão simpático. E eu não sei nada do trabalho de escritório.

Parecia tão pequena e desamparada.

— Está bem, está bem — disse Ellery. — Depois falamos... Este velhote é que é o Harry Toyfell?

As mãos deformadas de Toyfell moviam-se rapidamente na terra. Tinha um fato nojento de um pano que devia ter sido preto, todo remendado e sujo de terra nos joelhos e nos punhos. A camisa era azul ferrete com um colarinho incrível, alto e engomado, e um cordão a fazer de gravata. Era alto e magro, com as faces cavadas e a pele encardida. O crânio era muito estreito e guarnecido com umas farripas de cabelo. com um chapéu alto com uma fita naquele crânio, pensou Ellery; era o Old Bluenose em pessoa. Estranho filósofo.

Vamos falar com ele, Rima.— Não!

— Tem medo dele? — perguntou-lhe docemente.

— Tenho.

— Fique atrás de mim.

Rima seguiu-o relutantemente.— Toyfell.

O jardineiro olhou à sua volta e, depois, para cima, bruscamente. Está afazer de conta que não nos viu, pensou Ellery.

— Que é?

Ellery disse rispidamente.

— Chamo-me Ellery Queen e sou detective. Estou a investigar a morte de Tom Anderson. Era um seu compincha, Toyfell. Que é que sabe disso?

— Que é que eu sei? — Toyfell levantou-se a custo. — Olhe, sei que o homem é mortal e que a morte é triste. É tudo o que eu sei. O Sr. sabe mais alguma coisa? — Tinha uma voz de arrepiar, que parecia um portão a ranger. Os seus olhinhos azuis deslocaram-se na direção de Rima. — Não é a Rima Anderson?

Ellery apertou a mão da moça.

— Boa tarde, Sr. Toyfell — disse ela, rapidamente.

— Não a conheci com esse fato, parece uma Sra.. — Fitou-a com um olhar duro.

Rima apertou mais a mão de Ellery.

— Quando é que viu Anderson pela última vez? — perguntou Ellery com rispidez.

— Na noite em que ele desapareceu. Estivemos no bar do Gus Olesen. O Tom, o Nick Jacquard e eu. — Toyfell continuava a fitar Rima, com a maçã de Adão a andar para cima e para baixo. — Na Estrada 16 — explicou.

— Saíram todos juntos, não foi?

— Não, Sr.. O Tom saiu primeiro.— A que horas?

— Por volta das 10h30. Ao fim de um bocado, o Nick levantou-se e saiu também. Só fiquei eu.

— O Anderson estava sóbrio?

— Não tinha bebido nem uma pinga. Um ginger-ale foi o que pediu ao Gus. — O velhote cuspiu para a relva.

— Nem você nem Jacquard perguntaram a Anderson onde é que ele ia?

Toyfell olhou para Ellery.

— Se queres preservar a tua própria liberdade, poupa a opressão ao teu inimigo. É de Paine. E cá por mim digo amém, irmãos.

— Pensei que Anderson era seu amigo.

— E era. E por isso que eu digo, como é que se pode fazer menos por um amigo? — Toyfell cuspiu novamente para o chão.

Bela filosofia, pensou Ellery. Principalmente na investigação de um caso de homicídio.

— E não o voltou a ver?

— Nesta vida, não. — Toyfell pareceu esboçar um sorriso mas, depois, Ellery viu que o velho jardineiro arreganhava os lábios sobre as gengivas desdentadas numa careta de verdadeira tristeza. E pensou que muitos dos aspectos desagradáveis de Toyfell podiam ser igualmente o efeito de deformidades físicas; mas o pensamento foi muito breve. O homem tinha uns olhos duros como a pedra, e Rima apertava-lhe a mão cada vez com mais força.

Ellery deu por si a repetir a sua pergunta parva.

— Mandou-me umas cartas recentemente?

— O velhote olhou fixamente.

— Aí está uma pergunta que eu não percebo. Cartas para quem?

— Para Ellery Queen. Rua 87 Oeste, cidade de Nova Iorque. Duas cartas.

— Há vinte e cinco anos que não escrevo uma carta.

— Costuma ler o Record?

— Olho para ele mas não o leio. Os jornais não dizem verdades, só contam fatos. Quer discutir essa questão?

— Fica para outra vez — respondeu Ellery, sorrindo. — Mas tenho de confessar que o admiro, Toyfell. Tem aguentado muito bem golpes que teriam deitado abaixo um homem mais fraco. Em pouco tempo, morrem-lhe dois patrões e um amigo, e você continua aqui... a filosofar.

— Conhece-te a ti mesmo — disse Harry Toyfell, ajoelhando novamente. — A alma do homem é imortal e imperecível.

— Você é religioso?

— Foi um pagão que disse isto. Leia Platão. Mas as pessoas não lêem Platão. Só os jornais. A minha religião é adorar a Deus em cada semente. Na igreja não há nada além de flores cortadas. Mas o Sr. não tem nada com isso.

Afastaram-se do Filósofo da Cidade, que gatinhava entre as suas plantas, tratando-as carinhosamente. Não levantou os olhos quando se foram embora. Nem sequer para olhar para Rima Anderson.

Rima disse que não, que não lhe apetecia almoçar, não tinha fome, e que a menos que ele precisasse dela para alguma coisa, gostava de voltar para o hotel e tirar os sapatos, era mesmo o que lhe apetecia. Além disso estava habituada a dormir a sesta à tarde, etc, etc. Não, não era preciso acompanhá-la, de maneira nenhuma; não queria atrapalhar os planos dele— Vou buscá-la daqui a duas horas, Rima. Tenho de fazer umas coisas. — Ellery segurou a mão dela.

— Na Upham House? — tirou a mão.

— Sim.

— Está bem.

Ficou a olhá-la enquanto ela se afastava em passos rápidos. Parecia quase que ia desatar a correr.

Ellery subiu a Avenida Algonquin até o cruzamento com a Rua State e, depois, meteu por esta rua para oeste, na direção do Tribunal Distrital.

O chefe Dakin atirou-se logo a ele.

— Mas que história é essa de eu ter encontrado dinheiro?

Ellery contou.

Dakin corou.

— Não está certo — desabafou. — O Dr. Dodd devia ter-me contado isso imediatamente. Cinco mil dólares. Onde é que eles estão?

Ellery bateu pensativamente com uma unha nos dentes.

— Não havia um centavo no casaco. Nem vestígios do dinheiro no rochedo ou nas redondezas.

— Pode tê-lo escondido, Dakin. Aliás foi o que fez. Passou uma busca à barraca?

— Passei-a a pente fino. Procurei em todos os lados, para ver se descobria alguma coisa. Mas tudo o que encontramos foram três garrafas de uísque metidas em três esconderijos diferentes, por debaixo das tábuas do chão.

— Não havia dinheiro. Nenhum?

— Nem um tostão furado. Mas foi por isso, Sr. Queen. Foi esse o móbil do crime. — O chefe da polícia esfregou as mãos. — Levava com ele os cinco mil dólares, foi atraído para aquele lugar, atacado, roubado e atirado para o pântano.

Ellery fez um trejeito. Finalmente, disse:

— Talvez — e levantou-se.

— Onde é que vai?

— Há ainda uma ou duas hipóteses a investigar. A propósito, Dakin, nenhum dos seus delinquentes habituais deu mostras de andar fornecido de dinheiro ultimamente, ou quê?

— Não sei de nada, mas vou ver isso imediatamente.

— Se fosse a si não abria o jogo por enquanto, Dakin.

— Não tencionava fazer um discurso no Conselho Municipal. Quem é que sabe disto além de si e de mim, do Dr. Dodd e de Kenny Winship?

— Só Rima. E Otis Holderfield.

— Bem, você pode falar com a Rima, e Otis vai ficar caladinho como um rato.

— A propósito, que tal é esse Holderfield? Que fama tem em Wrightsville?

— Otis nem quer acreditar que o que lhe aconteceu é verdade-disse o chefe Dakin, sorrindo maliciosamente.— Ninguém percebe porque é que Luke MacCaby o escolheu quando precisou de um advogado. Há anos que não arranjava nada melhor do que casos de acidentes e de despejos, o que só lhe davam para viver mal, e trabalhava também para uma companhia de seguros para ganhar mais algumas coisas. É um homenzinho com um ar muito misterioso, sempre cheio de segredos, mas toda a gente sabe que são só bazófias. Os rotários fogem dele como da peste. Quer dizer, fugiam até aqui há um mês. Agora o Otis está florescente. Enriqueceu de um dia Para o outro. Alugou um grande escritório novo do Edifício Granjon, fuma charutos de metro e meio, manda engraxar os sapatos todos os dias, trata por tu o Donald Mackenzie e o J; C. Pettigrew e o Clint Fosdick disse-me no outro dia que tinha visto o Otis na agência do Marty Zilliber de volta de um Kuick conversível. E claro que tudo isto é para ser pago mais tarde, o dinheiro ainda não começou a entrar, mas o testamento deve estar quase a ser aprovado, e quando for, bem, o doutor Dodd contratou o Otis para olhar pelos seus assuntos jurídicos e acho que o Otis vai ficar milionário. E ele é esperto, o Otis, apesar das suas limitações. Pelo menos não caí na asneira de andar para aí a falar de mais. Podíamos tentar esconder esta história dos cinco mil dólares do Record. Se eles a não descobriram já...

— O Record — repetiu Ellery; e afastou-se com ar pensativo.

Subiu vagarosamente a Rua State, passando pelo Monumento aos Nossos Rapazes e pela Câmara Municipal, e foi até a Praça.

Quando chegou à praça, parou durante um momento, voltado para o lado sul. Uma das ruas que saía para esse lado era a Principal (a parte baixa) e era aí

que ficava o edifício de Record, na esquina sul dessa rua com a praça. Ellery reparou, então, pela primeira vez, que o edifício do Record estava diferente. Antigamente, era uma casa antiga pintada de um verde-acinzentado, de madeiramentos aparentes em estado decrépito, com uma cornija rendilhada e um ar antiquado. As madeiras tinham desaparecido; a fachada do edifício estava estucada de cor de coral vivo e brilhante de cromados, onde o sol se refletia agressivamente. O antigo letreiro desbotado que se estendia a todo o comprimento do edifício, por debaixo da cornija, desaparecera, tendo sido substituído por uma estrutura complicada de tubos de néon, montada no telhado do edifício. Este tinha um ar rejuvenescido e impertinente que despertou o interesse de Ellery, o qual começou mesmo a atravessar a Rua State.

Mas, depois, deu meia volta e caminhou ao longo da praça até o Banco Nacional de Wrightsville.

Entrou com ar feroz.

Um quarto de hora depois saiu novamente, atravessou a Rua Dade {parte alta) passou pela velha loja Bluefield, pela casa de penhores de J. P. Simpson, por Dunc-MacLean — Licores Finos, pela entrada do Hollis, pela loja de ternos de homem de Sol Gowdy, pela butique Guerra Atômica. Na esquina da Praça e da Rua Lincoln, onde Hallam Luch (o Primeiro) tinha erigido em 1927 o seu templo grego da finança, a Public Trust Company, Ellery parou novamente.

Ao fim de uns momentos, entrou no outro banco de Wrightsville.

Ellery estava outra vez cá fora passados doze minutos.

Hesitou, olhando vagamente para o Bon Ton, do outro lado da Rua Lincoln, e para a farmácia da Vila Baixa e o armazém de Nova Iorque, que ficavam mais adiante. A Praça estava muito animada com as compras da manhã de segunda-feira e levou alguns empurrões.

Finalmente, voltou para o Hollis, passando em frente do arco ocidental da praça.

Havia um táxi parado na praça e um homem que ele não conhecia estava sentado atrás do volante a ler o Record.

— O Sr. quer um táxi ?

— Não, tenciono ir a pé até Slocum — resmungou Ellery. E entrou.

Às três da tarde, Ellery estava de volta a Wrightsville, do rés-do-chão da ala sul de Upham House, batendo à porta do Quarto 17.

Bateu, outra vez.

— É o Sr. Queen.

Um camareiro de cabelo cor de cenoura e olhar malicioso aproximara-se dele entretanto.— Sou.

— A menina Anderson disse-me para lhe dizer que estava com clau... clau...

— Claustrofobia?

— Sim, Sr.. Escrevi num papel mas perdi-o. Disse-me para lhe dizer que foi para o Parque do Monumento e que está lá debaixo de uma árvore.

Ellery voltou a toda a pressa para a Rua State.

Encontrou Rima no meio do parque, nas colinas do lado norte, deitada debaixo de um salgueiro na margem do rio Mullins. Tinha a saia arregaçada quase até a cintura e os pés descalços metidos dentro de água, mexia os dedos como se tosse peixinhos cor-de-rosa, os sapatos e as meias estavam uns metros mais além, como se os tivesse atirado para longe. Voando ele se aproximou, uma dúzia de pássaros levantavam voo da relva onde estavam poisados ao lado dela e foram empoleirar-se no salgueiro, piando como se ralhassem com ele. Isto em linguagem de pássaro quer dizer “Impuro! Impuro” — gracejou Ellery. — Devia chamar-se Avis ou, pelo menos, Rara. Como é que se arranja?

— Ora, fico deitada muito quieta e falo-lhes baixinho. Foi difícil encontrar-me? — Estava outra vez muito terna e simpática, como no trem.

— A Bela Rainha do Pântano? — olhou para ela, de cima para baixo. — Sente-se melhor?

— Muito melhor. — Ela sentou-se bruscamente, puxando a saia para tapar os joelhos. Nessa altura, ele riu-se e ela riu também, levantando-se de um salto. — Por onde é que andou, Ellery?

— Ora, por aqui e por ali. Tem fome?

— Não.

— Também come como um passarinho? Agora sugiro que volte a pôr esses instrumentos de tortura, Rima...

— Vamos a algum lado?

— Vamos fazer uma visita.

— Outra vez? A quem? — Fez uma cara furiosa.

— Vamos ao Edifício Granjon.

— Ah!

Atravessaram de novo o parque vagarosamente. Ao fim de algum tempo, Rima deu-lhe a mão. Ellery apertou-lha e ela sorriu e ficou de mão dada com ele até chegarem ao coreto da Legião Americana, em frente dos degraus da Câmara Municipal espantando dois adolescentes que estavam escondidos por detrás do gradeamento.

O Edifício Granjon era o prédio da esquina de sudoeste das Ruas Washington e Slocum, em frente do Edifício Profissional, na Rua Slocum. Ao contrário do Edifício Profissional, que ostentava na fachada a data de 1879, o

Edifício Granjon era “novo”; tinha menos de trinta anos e anunciava que os seus quatro andares eram servidos por um elevador. De acordo com os letreiros da entrada, era ocupado principalmente por advogados e por membros das profissões liberais. O letreiro HOLDERFIELD OTIS, advogado... era um dos mais brilhantes.

Um velho corpulento com um casaco de alpaca preta levou-os para cima no elevador.

— O Sr. não é o Sr. Queen? — perguntou a Ellery.

— Sim Sr.. E o Sr. é Buzz Congress. Era o “segurança” do Banco Nacional de Wrightsville no tempo de John P. Wright.

— Reconheci-o logo, Sr. Queen.

Não há nada como a prática. Sabe se o Otís Holderfield está no escritório dele?

— Levei-o para cima há uma hora e já tinha almoçado.

— Disseram-me que o Holderfield está em grande.

— Está completamente diferente. Parece que ainda o vejo com um lenço metido no colarinho da camisa e os sapatos rotos. — O velhote não falava em tom irônico; pelo contrário, quase com respeito. — Ninguém falava ao Otis. Tinha de andar atrás das pessoas. Agora, os mesmos que não lhe ligavam vêm aqui apertar-lhe a mão e contratá-lo como advogado. — Buzz Congress, emitiu um som de recriminação, mas era evidente que se referia aos tais que não ligavam a Otís e não ao dito cujo. — É este escritório aqui, Sr. Queen. O das letras douradas.

O gabinete de entrada do escritório era novinho em folha, a mobília era novinha em folha, os livros de direito eram novinhos em folha e até a secretária parecia novinha em folha. Tinha uma blusa muito decotada, um olhar frio e sabido, uma figura insolente; era aquilo a que se chama em Wrightsville “uma brasa”. A ideia que Ellery fizera de Otis Holderfield modificou-se. Começou a sentir-se arrependido de ter trazido Rima.

O cometa legal mais recente de Wrightsville irrompeu do seu gabinete particular. Era o homenzinho com o ar mais novinho em folha que Ellery tinha visto em toda a sua vida— uma estampa de capelista e a delícia de um barbeiro; nadava num mar quase visível de água de colônia. O fato, a camisa de seda às riscas, a gravata de seda natural pintada à mão, os sapatos de camurça, o anel de diamante no dedo gordo — ofuscavam a pessoa que os usava. O que, de resto, só tinha vantagens, pensou Ellery; porque Holderfield não era nenhuma beleza. Parecia um barrilzinho, com umas ancas largas de mulher e ombros estreitos, acentuados ainda pelos grandes chumaços que pretendiam alargá-los. Tinha o alto da cabeça achatado, formando um planalto cor-de-rosa escassamente

recoberto de um cabelo preto oleoso; as feições eram miúdas e a expressão manhosa, tinha os dentes tortos e um tique nervoso.

— O Sr. é Ellery Queen? O Ellery Queen de Nova York? Não me diga! — Pegou na mão de Ellery com as suas mãos suadas e apertou-a entusiasticamente. — Nem quis acreditar quando a minha secretária o anunciou. — A secretária apreciava Ellery sem reservas. — Entre, entre, Sr. Queen! Não se esqueceu cá da terrinha, não é verdade? Ha, ha! Lia sempre os artigos do Record que falavam de si e pensava: Aqui está um homem esperto que eu gostava de vir a conhecer, e agora imagine-se! Aqui está o Sr., a entrar no gabinete particular de Otis Holderfield como se estivesse em sua casa. E está mesmo, está mesmo. Sente-se aqui, é couro verdadeiro. Devia ter-me telefonado, Sr. Queen. Combinei um almoço com alguns amigos, Donald J. P., deve conhecer... Ora! Nem via esta menina. E de Nova Iorque, está-se mesmo a ver! — A pálpebra esquerda do homenzinho descaiu e o lado esquerdo da cara contorceu-se momentaneamente. — Olá, minha Sra.. Sente-se aqui nesta cadeira, para nós a vermos bem! Como é que se chama esta linda pequena, Sr. Queen?

— Rima Anderson — disse Ellery.

A animação de Holderfield desapareceu. Franziu os olhos e deitou um olhar de relance a Ellery.

— A filha do Velho Bêbedo, hem? disse prazenteiramente. — Diabos me levem. É bem feito, as aparências iludem, ha, ha! Bom, bom, esta visita é por causa do seu pai, não é verdade, minha querida? Mas não estou a ver...

— Falei com o Dr. Dodd esta manhã, Holderfield.

— Falou? — Sentara-se à secretária, inclinando a cadeira rotativa, com as pontas dos dedos tocando-se, numa atitude muito jurídica. Fez um ar muito atento.

— O Dr. Dodd falou-me dos cinco mil dólares.

— Os cinco mil dólares?

— Que mandou entregar a Tom Anderson.

— O Dr. Dodd falou-lhe nisso, foi?

— Quero saber mais coisas sobre o assunto.

Otis Holderfield ficou calado. Depois disse, sorrindo.

— O Sr. Queen tem de compreender que o Dr. Dodd é um cliente importante e que o segredo profissional...

— Não quer falar no assunto?

— Não disse isso! — disse o advogado em tom ligeiramente irritado.

— O Dr. Dodd não fez segredo.

— Não fez segredo. Muito bem. E foi o Dr. Dodd que lhe disse para vir falar comigo, Queen?

— Não.

O homenzinho fez cara de quem lamentava.— Nesse caso...

— Posso fazer um telefonema?

— O quê? — Holderfield ficou alarmado. — Com quem é que vai falar?

— Com o seu cliente. Você parece ter receio de desagradar ao seu cliente falando comigo. Acho que o Dr. Dodd o pode sossegar...

— Não vale a pena, não vale a pena. — Holderfield todo ele se desfazia novamente em sorrisos. — Não é necessário de maneira nenhuma, Sr. Queen. É só que o Dr. Dodd é um dos meus melhores clientes e que um advogado tem certas obrigações... O meu pai dizia-me sempre: “Otis, há duas coisas que um homem tem de fechar bem fechadas se não quiser sarilhos. A outra e a boca.” Ah! Ah! Nunca me esqueci deste conselho tão oportuno. Apesar de todos nós nos esquecermos, por vezes, dos bons conselhos, não é verdade, ah!, ah! Não me importo de falar consigo do assunto do Anderson, Sr. Queen, não me importo nada. Apesar de achar logo que aquilo era uma imprudência, e foi o que disse ao Dr. Dodd e, ainda por cima, o velhote desapareceu assim sem se saber como...

— Morreu — disse Rima.

— Ora, menina, não temos a certeza de que tenha morrido, pois não? Não há provas disso. Não Sra., se eu fosse a menina não pensava assim. O chapéu e o casaco que ficaram no rochedo não constituem um corpus delicti, e estou a falar-lhe como advogado. Sem lhe levar um tostão, ah!, ah!

— Morreu — repetiu Rima. Holderfield franziu o sobrolho.

— Tem direito à sua opinião. Mas não vejo qual é a vantagem de andar a dizer essas coisas. Cá por mim, só acredito nos

— Eu também — respondeu Ellery. — Mas acho que nos estamos a perder no campo das conjecturas. Por que é que a dádiva de Dodd a Tom Anderson foi imprudente?

— Ora, dar assim tanto dinheiro a um velho maluco... Quer Ellery dizer, o Velho Bêbedo há muitos anos que se não apanhava com cinco dólares na mão, é ou não é verdade, menina Anderson? É um fato. Além disso... O dinheiro era do Dr. Dodd, é claro, e eu cá gosto de agradar aos meus clientes, na medida do possível, é claro, ha, ha! Apesar de, neste caso, o meu cliente e eu ficarmos a dever um favor ao juiz. E não foi fácil...

— Em suma, Holderfield, você não aprovava que Dodd desse esse dinheiro ao Anderson.

— Sim Sr., não aprovava. — O homenzinho fez um ar ríspido. — O Sebastian Dodd tem um coração grande de mais. Grande de mais para o bem dele. Não faz ideia do valor do... Desculpem. Que é, Flossie?

A secretária espreitava à porta.

— Dave Waldo.

— Dave? Está bem! Sr. Queen, isto não leva tempo nenhum. E até... mande-o entrar, Flossie. Até gostava de ouvir a sua opinião, Sr. Queen, já que o Sr. é de Nova Iorque. Entre, David!

Quando o advogado saltou da cadeira, Ellery olhou de relance para Rima, abanando ligeiramente a cabeça. Rima ficou mais sossegada.

O homem que entrou no gabinete era baixinho e tinha um ar ansioso. Era tão pequeno que tinha de levantar a cabeça para falar com Holderfield. Os seus ombros estreitos curvavam-se para a frente, tinha um olhar míope, a pele de um cinzento terroso e os dedos ostentavam numerosos sinais de picadas. Percebia-se logo que era um alfaiate...

— Dave Waldo é o dono da alfaiataria do rés-do-chão, ele e o irmão, Jonathan. David e Jonathan... Engraçado, não é? São gêmeos, ha, ha! São excelentes alfaiates. Mando sempre fazer os meus fatos a eles, não é verdade, Dave?

David Waldo sorriu nervosamente e colocou uma amostra de tecido em cima da secretária de Holderfield.

— Acabou de chegar de Nova Iorque, Sr. Holderfield. Disse que a queria ver imediatamente, por isso, vim cá logo mostrar-lha. Pêlo de camelo de primeira qualidade, muito leve. Importado.

— Que lhe parece, Ellery? Sabe, David, este Sr. é Ellery Queen, com certeza que já ouviu falar nele. De Nova Iorque.

Dave vai fazer-me um sobretudo de Verão. Ombros largos, soltos, muita fazenda, com um cinto de atar, está a ver o gênero. Acha que esta fazenda vale cento e cinquenta dólares?— Ellery murmurou qualquer coisa sobre os valores relativos, perguntando a si mesmo onde é que já vira Dave Waldo, e Otis Holderfield examinou criticamente a fazenda acastanhada, sentenciando finalmente que estava bem...

— Vou provar o fato de gabardina assim que puder, Dave. Ponha o fato cinzento de Oxford na minha conta, Dave. E o pequeno alfaiate deitou-lhe um olhar grato e foi-se embora no seu passinho rápido. Holderfield pareceu ficar pesaroso por ele se ter ido embora.

Ellery disse, abruptamente: — Tenho mais que fazer, Holderfield. Estou a tentar descobrir os cinco mil dólares.

— Descobri-los?

— Desapareceram. Holderfield fez um ar infeliz.

— Não estavam no casaco que Dakin encontrou no Rochedo de Little Prudy. Não estavam escondidos em casa de An-derson. Passei parte da manhã a verificar se Anderson não os tinha depositado no banco ou alugado um cofre. Os

dois Bancos de Wrightsville não têm qualquer registro de uma conta ou de um cofre. Fui a Slocum e também não descobri nada. Não há bancos em Junction, Fidelity e Bannock e estou convencido de que Anderson não ia a Connhaven, que é já muito longe. Você tem alguma ideia do que é que ele fez aos cinco mil dólares, Holderfield?

— Acha que isso tem alguma coisa a ver com o desaparecimento dele, Sr. Queen?

— Não sei se tem ou não. É isso que estou a querer descobrir.

— Não tem, pois, de outra maneira, já tinha aconselhado há muito tempo ao meu cliente que fosse falar com a polícia... — Holderfield suava e limpava o alto da cabeça com um lenço de linho irlandês embainhado à mão. — Tudo isto é uma chatice! — exclamou veementemente. — Não sei como eu fui me meter nisto. O meu mal é querer agradar aos clientes. Alguns dias depois do Dr. Dodd me ter telefonado, o Anderson veio procurar-me e eu entreguei-lhe o envelope com o dinheiro, mas Anderson voltou cá outra vez. Com o envelope.

— Aqui ao seu escritório? — perguntou Ellery, vivamente.— Aqui mesmo!

— Com o mesmo envelope?

— O mesmo. Com o meu nome gravado. Mas estava fechado... e selado com fita-cola. Quando eu lho dei estava aberto.

— Então, quando ele aqui veio da segunda vez não chegou a ver o dinheiro?

— Não. Mas estava lá dentro, era todo em notas de vinte, cinquenta e cem dólares e fazia muito volume no envelope. Além disso, Anderson disse que estava. Disse que tinha medo de esconder o dinheiro, mas que também tinha medo de andar com ele e, por isso, pedia se eu lho guardava até ele ter provado uma coisa a si mesmo, ou qualquer coisa no gênero. — A expressão de Holderfield era muito desagradável. — Eu devia era ir ao médico dos malucos! Tentei dissuadí-lo, perguntei-lhe por que é que não o punha no banco, e ele disse que não, que se ele morresse havia uma data de complicações burocráticas e que preferia que o dinheiro estivesse num sítio onde fosse possível ir buscá-lo sem levantar ondas. Pediu-me para o guardar no cofre do escritório. Eu estava cheio de trabalho nesse dia, tinha o escritório cheio de gente à minha espera e, por isso, nem tive tempo para pensar e disse-lhe que sim. Entregou-me o envelope e vi que nele tinha escrito: “Se acontecer alguma coisa a Thomas Hardy Anderson, este envelope deve ser entregue a Nick Jacquard.”

— Nick Jacquard?

— Ele mesmo.

— É a segunda vez que me diz que ele mencionou que lhe podia acontecer alguma coisa. Teve impressão de que ele estava a pensar em alguma coisa em especial ou falou em alguma coisa em especial?...

— Nem por sombras. Era assim como se estivesse a fazer o tratamento. A pessoa indica a quem quer deixar os seus bens, mas não quer dizer que seja para já...

— Mas porquê a Jacquard ?

— Logo a ele — disse Rima, com um ar triste. Holderfield encolheu os ombros.

— Não perguntei, e também não me disse. Disse só que, dentro do envelope, havia uma carta com instruções para Jacquard, dizendo a Jacquard o que havia de fazer com o seu conteúdo. Achei esquisito que ele tivesse escolhido Jacquard, claro, mas, como disse, estava cheio de pressa e, por isso, guardei o envelope no cofre e Anderson foi-se embora. — Holderfield limpou-se outra vez ao lenço.— Quando o chapéu e o casaco dele apareceram no Rochedo de Little Prudy achei que tinha “acontecido alguma coisa” ao Anderson e mandei chamar Nick Jacquard; ele veio aqui ao meu escritório e dei-lhe o envelope, Tenho o recibo, assinado por Jacquard — acrescentou imediatamente Holderfield —, por isso, está tudo em ordem, como se diz por estas bandas. Ah! Ah!

— Pode dar-me o recibo, se faz favor?

— Olhe, Sr. Queen, eu não quero que pense que não estou a colaborar consigo, mas a verdade é que o recibo é a única prova que eu tenho de ter entregue o envelope de Anderson a Jacquard...

— Mas posso vê-lo?

— Bem, está no meu cofre e eu estou à espera de um cliente a todo o momento, Sr. Queen...

— Esqueça — disse Ellery. — Mas não está tudo tão em ordem como você diz, Holderfield. Antes de mais nada, assim que ouviu falar da morte de Anderson...

— Do desaparecimento — disse Holderfield ofegando.

— ... devia ter ido imediatamente à esquadra falar com Dakin para lhe contar toda a história...

— Não estou de acordo, não estou de acordo — disse o advogado. — O dinheiro implicava o meu cliente no caso. Quer dizer, ia metê-lo num sarilho. Os meus deveres para com os meus clientes estão em primeiro lugar...

— Os seus deveres para com a justiça é que estão em primeiro lugar, Holderfield.

— Era ao meu cliente que competia ir falar com a polícia se achasse que o devia fazer, e se ele achasse que não, me competia a mim, como seu advogado,

apoiá-lo na sua decisão...

— Competia-lhe a si como advogado aconselhá-lo a ir falar com a polícia e você sabe muito bem que é assim. Mas alem disso não tinha o direito de entregar esse envelope a Jacquard ou a qualquer outra pessoa. Constituía uma prova

num caso de suspeita de homicídio. Anderson morreu em consequência de um ataque criminoso. Isso é um homicídio...

— Prove isso! — disse Holderfield, triunfante. — Prove que Anderson foi assassinado. Prove sequer que ele morreu! A única coisa certa que se sabe é que ele desapareceu. Não há provas de qualquer outra coisa. Considerei que o envelope era confidencial. Tinha as minhas instruções: se lhe "acontecesse" alguma coisa devia entregá-lo a Nicole Jacquard. Não tinha de saber porquê, como diz o poeta, não acha, Sr. Queen? Isto é que são os fatos, e contra fatos não há argumentos, olarila!

— Aquilo que você queria fazer e fez disse Ellery, levantando-se — foi livrar-se do envelope o mais depressa possível. Está metido num sarilho, Holderfield, sabe muito bem disso, e eu também sei, e os seus argumentos jurídicos não vêm ao caso. — Otis Holderfield empalidecera, mas Ellery não percebeu se tinha sido de medo ou de fúria. Mordia o lábio inferior e rodava o anel de brilhante no dedo gordo. Parecia a altura ideal para Ellery fazer a sua pergunta habitual e, por isso, foi o que fez: — E já que estamos a falar de envelopes, Holderfield, por acaso não escreveu a minha morada nuns envelopes há pouco tempo?

— Eu? Mandar-lhe cartas?

— Sim.

— Se recebeu alguma carta no meu papel de carta — disse Holderfield, excitadíssimo — era falsa. Nunca lhe mandei nenhuma carta na minha vida. E você não pode provar que eu lhe mandei cartas!

— Uma simples negativa bastava — suspirou Ellery, acenando a Rima. — A propósito, Holderfield. — Ellery deteve Rima junto da porta. — Queria saber mais uma coisa. Porque é que Luke MacCaby o veio procurar para fazer o testamento?

O homenzinho levantou-se de um pulo, vermelho — E que é que eu tenho a menos que os outros? — guinchou.

— Não disse isso. Só lhe fiz uma pergunta.

— Não foi o único testamento que redigi!

Tenho a certeza de que não. Mas por que é que o MacCaby o procurou quando quis redigir o dele?

— Sr. Queen, não tem o direito de me fazer essas perguntas! Não sou obrigado a aturar isto!

— Parece que lhe pisei os calos, Holderfield...

— E, de toda a maneira, que é que o MacCaby tem a ver com toda esta história do Anderson? Não estou a ver, Sr. Queen, não estou a ver!

— Eu também não, Holderfield, e é por isso que estou a tentar descobrir. Desculpe se o ofendi...

— Só porque eu não tinha sido bem sucedido nesta cidade!... Está bem, tive sorte. Já que quer saber, o MacCaby encontrou o meu nome na lista classificada. Mas era porque tinha de ser, amigo! E todos aqueles peneirentos que me olhavam de alto... Agora vêm comer-me à mão! Agora sou alguém nesta vilória, amigo Queen, e tenciono continuar a sê-lo! — O vermelho intenso que colorira a face de Holderfield esbateu-se lentamente, deixando alguns vestígios nas maçãs do rosto. Começou a remexer uns papéis na secretária, um bocado à toa.

— O seu pai falou-lhe do Nick Jacquard ser o testamenteiro dele, por assim dizer, se lhe acontecesse alguma coisa?— perguntou Ellery a Rima quando saíram novamente para a Rua Washington.

— Não.

— O Jacquard tentou entrar em contato consigo depois de o seu pai ter desaparecido?

— Não — Rima estremeceu.

— Do Dodd para o Holderfield para o Jacquard — murmurou Ellery, pegando no braço de Rima. — Do Santo da Cidade para o Pata de Coelho da cidade para o Ladrão da Cidade. Um lance faiscante. E agora vamos fazer sair da toca o Nick Jacquard.

Encontraram-no imediatamente, porque Ellery disse que o 'ugar mais lógico para o encontrar era o bar do Gus Olesn na Estrada 16; foram de táxi até a Taberna de Gus e, quando entraram nesse recinto rescendente a cerveja, lá estava Jacquard, sozinho, quase deitado em cima do balcão do bar, apertando nas mãos deformadas um copo de cerveja. Jacquard era um homem grande, mas de físico decadente; podia ter tido um ar vigoroso em tempos passados, mas agora as brigas, a fome e a bebida tinham-no desmantelado completa-mente, arruinando a sua forma física e transformando-o num enorme detrito sujo e inútil, embalado pelas águas turvas de um sonho de bêbedo. Tinha a barba por fazer, o cabelo comprido e estava muito sujo; vestia um fato improvisado com os restos desmazelados daquilo que fora, em tempos, o vestuário de um honesto trabalhador.

Viu-os no espelho do bar e Ellery teve a impressão de que os olhos vítreos de Jacquard se animavam instantaneamente à vista de Rima, mas o homem não se voltou no banco, continuando agarrado à cerveja, a olhar para o espelho e para o infinito.

Gus Olesen não estava e o empregado no bar era novo, o que muito agradou a Ellery. Mandou vir uma cerveja para Rima e um Martini para ele e, depois, fez sentar Rima ao lado de Jacquard e ele sentou-se do outro lado, de tal maneira que Jacquard ficou entalado entre os dois. O homem mexeu-se.

— Não se vá embora, Nick — disse Rima. — O meu amigo quer falar consigo.

— Olá — disse Nick Jacquard. Tinha a voz empastada e lenta. Encontraram o seu velho?

— O meu amigo, Nick — disse Rima. — Está sentado do outro lado.

— Tem um amigo? — Os olhos de Jacquard desviaram-se para o outro lado.

— Foi depressa.

— Aqui — disse Ellery. Jacquard voltou-se.

— Chamo-me Queen. Ellery Queen. Os olhos raiados de sangue piscaram.

— Muito prazer em conhecê-lo. Tenho de ir...

— Sente-se, Jacquard.

Jacquard hesitou um momento, mas, depois, sentou-se novamente no banco.

— Que é que quer?

— Quero falar consigo do seu velho amigo Tom Anderson.

— Você é um chui — disse Jacquard, lentamente. — Sei quem você é. Contei tudo ao Dakin. Não tenho nada a falar consigo,

— Isso é mentira, Nick — disse Rima.

Jacquard murmurou qualquer coisa numa linguagem incompreensível e entornou o copo de cerveja em cima do balcão com um gesto brusco.

Ellery tentou ver na sua imaginação os três amigalhaços naquele mesmo bar. Tom Anderson, Nick Jacquard, Harry Toyfell. O manso, o estúpido, o esperto. O Bêbedo da Cidade, o Filósofo da Cidade. Um antigo professor de literatura inglesa, um vadio analfabeto, um jardineiro iconoclasta. Tom, Nick e Harry. Ellery perguntou a si mesmo por que tristes razões andariam juntos.

— Aliás c você que está a dizer mentiras — disse Jacquard, inclinando a cabeça desgrenhada para o lado de Rima. — Talvez esteja a querer enganar-me, não? — Riu, mas estava alarmado, os olhos vagueavam do espelho para Ellery e

depois, para Rima, e as mãos de assassino estavam enclavinhadas no balcão do bar.

— Não, Jacquard. Sabemos toda a história do envelope que aquele advogado, o Holderfield, lhe deu depois de Tom Anderson ter desaparecido.

Jacquard ficou imóvel.

— O Holderfield deu-lhe o envelope, não deu? Com o seu nome escrito na letra de Anderson. Um envelope grosso, fechado com fita-cola.

Jacquard não disse nada.

— E você deu um recibo a Holderfield em troca dele, Jacquard. — Então, pronto! — exclamou o homem. O seu olhar tornara-se cauteloso.

— Que é que havia no envelope, Jacquard? — Jacquard tinha a língua de fora. — Jacquard, o que é que estava no envelope?

— Eram papéis.— Papéis? Que papéis?

— Papéis... Cartas, cartas antigas. Cartas que Tom tinha escrito.

Cartas que lhe tinham escrito a si? — disse Ellery, sorrindo.

— Não. A... Sim! A mim.

— Você sabe ler, Jacquard?

Isso é mentira, Nick — disse Rima.

— Sei ler tão bem como o Sr.!— Jacquard lambeu novamente os lábios. Está furioso e é meio atrasado, pensou Ellery.

— Quanto dinheiro é que havia no envelope, Jacquard?

— Dinheiro?

— Sim, dinheiro.

— Está maluco! Não havia dinheiro nenhum! Nenhum, está a ouvir? — Abanou os braços grossos e levantou-se do banco.

— Jacquard, havia cinco mil dólares no envelope.

— Não havia dinheiro nenhum! — Começou a afastar-se.

— Dinheiro e uma carta de instrução de Anderson para si. Quais eram as instruções de Anderson, Jacquard?

— Não havia dinheiro nenhum. — Jacquard deu um empurrão na porta de mola, quase mergulhando para a frente. Ouviram-no gritar uma vez mais na sua voz rouca. — Não havia dinheiro nenhum! — como se o seu grito se tornasse mais verosímil a cada repetição, para si próprio e para os outros.

Ouviram-no afastar-se rapidamente, arrastando os pés no cascalho. Rima riu.

— Pobre pai! — Mas os seus lábios tremiam.

— É uma perfeita besta — disse Ellery, pensativamente.— Está abananado com a sua própria sorte, uma sorte incrível. Cinco mil dólares. Para Jacquard é o mesmo que cinco milhões. E como um tigre esfomeado que se não

quer afastar da sua presa. Tenciona ficar com o dinheiro, Rima. Está abananado, está cheio de medo, até tem dores de estômago, mas tenciona ficar com o dinheiro. Talvez nem sequer o gaste; que é que Jacquard ia fazer com cinco mil dólares? O que me espanta, Rima, não são as mentiras toscas de Jacquard nem a sua desonestidade. O que me espanta é a sublime loucura do seu pai, Rima.

— Jacquard era amigo dele. O meu pai só tinha dois amigos no mundo. Além de mim. — Disse estas últimas palavras com o nariz em cima da caneca de cerveja, na qual, de resto, nem tocara.

— Dois amigos. Um era um ladrão e o outro um filósofo-E foi confiar o seu dinheiro ao ladrão.

— O meu pai — disse Rima — era um homem extraordinário.

— A palavra exata — assentiu Ellery, atirando uma nota

para cima do balcão. — Talvez confiasse ainda menos na honestidade do filósofo do que na desonestidade do ladrão, Rima. A amizade não se baseia necessariamente na confiança. Um homem que se sente sozinho pode apegar-se ao seu pior inimigo... Ou talvez estivesse a arrancar uma página do livro de ouro de Sebastian Dodd — a dar ao ladrão uma oportunidade para se emendar. — Ellery disse ternamente: — Venha, Rima.

Mas Rima continuava a fitar o copo.

— Porque é que o pai não me deu o dinheiro a mim? Não confiava em mim? — Riu outra vez. — Ou confiava mais em Nick Jacquard?

Era uma pergunta que Ellery fizera já a si mesmo há algum tempo. — Acho que você devia saber a resposta a essa pergunta.

— Talvez devesse, mas não sei.

— Tinha de provar qualquer coisa a si mesmo. Apesar de andarem juntos, Jacquard e Toyfell eram estranhos para ele. Não tinham nada a ver com ele. Não estavam ligados a ele. Acho que o seu pai quis fazer isto sozinho. E talvez achasse também que você ainda era uma criança... Ora bolas, esqueci-me de fazer a Jacquard a minha pergunta favorita. — Como ela não respondesse, continuou: — Sobre as cartas anônimas.

Desta vez ela olhou para ele.

— Que cartas anônimas?

— Também não me adiantava nada. E, já agora, diga-me: está muito cansada? — Resultou. Ela pareceu novamente interessada.

— Não.

— Então, vamos lá fora apanhar outra vez o táxi para voltar a cidade. Conhece uma jornalista chamada Malvina Prentiss?

— Foi a que me fez todas aquelas perguntas quando o pai...

— É com essa mesma que vamos falar.

A velha porta principal toda riscada do edifício Record desaparecera. No seu lugar estava agora uma obra de arte ladrada de plástico cor de coral decorada com grandes pregos cromados. Uma janela circular aberta na porta, à moda de uma vigia de navio, dava ao todo um toque marítimo inesperado.

A antiga simplicidade do interior desaparecera, Outrora, entrava-se diretamente da rua para o escritório do Record; agora, entrava-se para um foyer de paredes de plástico cor de coral e aço inoxidável. Num poço circular aberto no centro do foyer girava um grande globo terrestre iluminado pelo lado de baixo. Aqui e ali havia cadeiras de aço inoxidável e uma moça com uma blusa da Vogue, instalada atrás de um gradeamento de aço inoxidável, informava-se friamente do destino dos visitantes.

— Queria falar com um dos seus repórteres, Malvina Prentiss.

Quebrou-se o gelo. A moça deu uma gargalhadinha.

— Não diga isso à Malvina!— O quê?

— Que ela é um repórter. É a dona do jornal. É a dona, a diretora, a chefe de redação e Sua Excelência a Dona Bisbilhoteira, como nós lhe chamamos, mas não lhe diga. Diz-me quem é o Sr., se faz favor?

Ellery disse-lhe, sem convicção. Toda aquela decoração, o plástico, cor de coral, os cromados, o aço inoxidável... O jornal tinha de pertencer a uma mulher. Devia ter herdado o dinheiro, feito duas viagens a Paris, passando por Londres e ansiava por se parecer com Rosalind Russell. Fumava cigarros numa boquilha de metro e meio, usava vestidos de Jacques Fath comprados numa boutique luxuosa de Boston e detestava os homens. Naturalidade desconhecida, mas não nascera de certeza em Wrightsville. Podia ter tido um diretor de jornal na sua ascendência. Uma mulher de negócios. Devia ter descido à cidade quando soubera do suicídio de Diedrich van Horn, o antigo dono e diretor do Record, e comprara-o a Wolfert van Horn para o transformar à sua vontade.

Um paquete de dentes saídos, com um casaco de veludo cotelê, verde, levou-os até um pequeno elevador que era uma obra de arte. O escritório do Record estava irreconhecível, com a sua decoração a prateado e verde-escuro, balcões verdes de arestas reforçadas com aço inoxidável e meia dúzia de secretárias metálicas com telefones prateados, em frente das quais estavam sentadas moças de ar importante com um uniforme constituído por saias verdes e blusas brancas.

— Daqui a pouco — murmurou Ellery ao ouvido de Rima uma orquestra escondida vai começar a tocar e os membros do grupo vão levantar-se todos ao mesmo tempo e dançar um bailado. — Devia ser preciso muita coragem para entregar mesmo um anúncio de cinco linhas num destes balcões.

Perguntou a si mesmo como é que a incrível Sra. Prentiss teria transformado a velha sala tipográfica e Phinny Baker.

A grande sala de redação do andar de cima sempre tinha sido caótica, mas agradável — um tanto ou quanto suja, com secretárias de tampo cilíndrico mais ou menos mutiladas, homens sentados por aqui e por ali com mangas de alpaca, escarradores no chão nu e uma desarrumação muito masculina por toda a parte. Agora era uma espécie de claustro industrial — silencioso, austero e frio — dividido em pequenos cubículos brilhantes que serviam de escritório a pessoas que trabalhavam arduamente, com ar infeliz. Ellery não viu ninguém que conhecesse. Gladys Hemmingworth, a frenética jornalista da coluna social do tempo de Frank Lloyd, fora substituída por uma mulher de ar masculino vestindo calças de camurça, que grasnava para um dos numerosos telefones prateados. Não havia sinais da gorda Clara Peacher, que escrevia antigamente a coluna das donas de casa, com o pseudônimo de “Tia Peachie”; ou que Obie Gilboon, que fazia a cobertura dos acontecimentos desportivos há vinte e seis anos e cuja gravata estava sempre a deitar fumo, dos morrões que caíam do seu cachimbo de buldogue trémula. E o letreiro da antiga secretária de Woodie Wentworth, um jornalista à moda antiga que usava sempre uma pala de plástico verde para proteger os olhos, ostentava agora os dizeres frios DEAN ST. A. ST. JOHN, um nome que não era, certamente, de Wrightsville.

Ellery, com o coração a sangrar, foi atrás de Rima e do paquete até uma porta cor de coral com letras de aço brilhante que diziam M. O. PRENTISS.

O gabinete da chefe de redação era tal como ele o imaginara, e ela também, mas ainda mais caricatural. Aqui só as paredes estavam cobertas do mesmo plástico ver-de> como o próprio tecto era acolchoado. A secretária de aço era do tamanho de um tanque bebé; o conjunto de objetos que decoravam a secretária era de prata pura; as pernas eram de alumínio. A própria Sra., tal como Ellery a imaginara, era do tipo Rosalind Russell, mas de uma superprodução de Ernst Lubitsch. Era alta, esbelta e vestia ao estilo “mulher de negócios elegante”, um saia-casaco severo de bom corte, mas que era feito de um tecido prateado brilhante muito inesperado. A prata devia ser a sua paixão: tinha as unhas pintadas de prateado, a sua boquilha de metro e meio (que Ellery já esperava) era de prata, a armação dos óculos estapafúrdios, que acentuavam a linha ascendente das sobrancelhas, era de prata e tinha o cabelo platinado. Era tão espantosa que Ellery só ao fim de algum tempo se deu conta de que Malvina Prentiss, vestida normalmente e na vida normal — fora do palco, por assim dizer — era provavelmente uma mulher atraente. Tal como era, e sobretudo em Wrightsville, era uma anomalia.

Ela perguntou numa voz de contralto insolente: “Ellery Queen?” E mirou-o de alto a baixo como se ele fosse um cavalo. Depois, fitou Rima, e Rima corou.

— E esta quem é?

— Rima Anderson.

Malvina Prentiss inclinou a cabeça para trás, exibindo uma dentadura forte e imaculada.

— Que é que você fez à nossa ninfazinha dos bosques, Queen? Já tinha visto alguma vez uma transformação assim Quatro olhos?

Só então Ellery se deu conta de que, ao lado da secretária, estava sentado um ruivo de trinta e tal anos, que fazia o possível por não ter um ar infeliz, mas sem o conseguir. Exatamente o tipo de chefe da claque masculina que Malvina Prentiss escolheria como seu adjunto — um olhar inteligente por detrás dos óculos de aros de tartaruga, risca ao meio, ombros estreitos, uma palidez estudiosa e um físico o menos atlético possível, e modos humildes, quase sofredores. Tudo isto envolvido num fato completo muito conservador e com uma gravata sóbria de pintas.

O homem disse:

— Pois, Miss Prentiss, quer dizer, não, Miss Prentiss — e a sua pele sardenta ruborizou-se; agarrou-se às costas da cadeira de onde se levantara bruscamente como se precisasse de apoio.

— O Sr. Queen, Francis O'Bannon. O meu adjunto.

Formado em Harvard, é claro. Boa política, inteligente, mas fica desvairado com tudo, principalmente comigo. Mas apesar disso dá-me jeito tê-lo por aqui, não é verdade, Quatro olhos?— O rubor intensificou-se. Ela divertia-se com a própria crueldade, exibindo o seu desprezo. — Mas sabe muito bem dirigir o jornal...

— Não tão bem como a Sra., Miss Prentiss. Ela olhou vivamente para O'Bannon.

— O que é verdade — disse; mas, depois riu. — Sim Sr., Sr. Queen, e que é que um homem tão importante como o Sr. veio fazer aqui a uma cidadezinha como a nossa Wrightsville? — Olhou penetrantemente para Rima. — Ou é amor... Ou qualquer coisa no gênero?

Rima disse:

— Não gosto mesmo nada de si. Malvina Prentiss deixou de sorrir.

— Que inteligente, minha querida. E quem é que lhe ensinou a ser assim tão subtil?

— Percebo muito bem onde quer chegar, Miss Prentiss. Olharam-se fixamente. Depois, a diretora do jornal encolheu os ombros.

— Ora, minha querida, sou detestada pela melhor gente, mas nunca pensei que esse sentimento já tinha chegado às classes inferiores, — E enfiou um cigarro na boquilha. O'Bannon precipitou-se para o acender com o isqueiro de prata que estava em cima da secretária. — Muito bem, Sr. Importante. Diga lá o que quer.

— Vamos por partes — disse Ellery. — Esta moça ficou sem pai em circunstâncias trágicas, está sozinha no mundo e podíamos começar por ser simpáticos com ela, não acha, Miss Prentiss?

— E acha que ela precisa de me agredir? — Riu novamente. O'Bannon, que parecia estar pregado à esquina da secretária, riu-se imediatamente com ela.

— Que é que quer, Sr. Queen?

Ellery colocou dois envelopes em cima da secretária.

— Veja isto, Miss Prentiss.

A dama platinada estudou o conteúdo dos envelopes e, depois, olhou para ele.

— Que têm?

Mandaram-me esses recortes nestes dois envelopes. Foi a Sra. que os mandou?

— É claro que não. Foi você, Quatro olhos? O'Bannon estremeceu com a chicotada.

— Não... Não fui, Miss Prentiss — gaguejou.

— Parece que temos no meio de nós um agente publicitário. Franziu o sobrolho. — Sente-se, Sr. Queen. E você também, Rima. Isto tem que se lhe diga.

— Sem dúvida — disse Ellery. — Por exemplo, repare na justaposição curiosa dos assuntos. A morte de Luke MacCaby. O seu legado a Sebastian Dodd. O suicídio de John Spencer Hart. E o desaparecimento e suspeita de homicídio de Thomas Hardy Anderson.

— Os casos MacCaby-Dodd-Hart fazem parte da mesma história. Mas o de Anderson não parece estar relacionado com o resto. Por que é que alguém os iria relacionar?

— Foi essa pergunta que eu lhe vim fazer, Miss Prentiss. Malvina Prentiss olhou para ele, depois para Rima, e novamente para Francis O'Bannon,

— Tem alguma ideia, Quatro olhos? — perguntou, petulantemente.

O'Bannon disse:

— Nem por sombras — como se o lamentasse, mas pareceu a Ellery que se começava a interessar pelo caso. Teve a certeza quando O'Bannon tirou os óculos e começou a limpar as lentes com um rectângulo de pano amarelo de bordas recortadas.

— Miss Prentiss, estou convencido de que a morte de Anderson está relacionada de qualquer maneira com os acontecimentos que a precederam. Se souber de alguma coisa que confirme esta ideia, peço-lhe que me diga.

— Está a falar a sério?

— Não está a esconder nada?

— Por que é que eu havia de esconder alguma coisa num caso de homicídio?

— Não sei, Miss Prentiss. Por quê? Ela sorriu calmamente.

— Está a falar à toa, Sr. Q. O Record não esconde nada, não oculta provas nem cala as notícias. Pelo menos este Record. Pelo contrário, Sr. Queen. O diretor deste Record publica tudo o que possa aumentar a venda do jornal e atrair mais anunciantes.

— Tudo é muita coisa, Miss Prentiss.

— Pois é assim mesmo. — Parecia que estava a falar da sua religião, ou do seu amante. — Quando comprei este jornal aos herdeiros de Van Horn era um jornaleco típico de província, cheio de boas intenções. As verdades eternas, etc. etc. Elbert Hubbard a querer endireitar a política e essas coisas todas. Antes era o Frank Lloyd a querer defender os agricultores. Os bons sentimentos e as boas pessoas nunca fizeram um jornal ganhar dinheiro. É claro que nós temos de manter um certo estilo de jornal de província. Falar ao povo, muitas notícias e artigos sobre acontecimentos locais. Mas não há nada como um bom adultério bem escandaloso para aumentar as vendas de um jornal, uma ação de divórcio que meta um motel, o suicídio de um tipo importante, um homicídio qualquer. Cá no sítio chamam-me a Dona Bisbilhoteira! Não me importo, até gosto. Sabe qual era a tiragem desta miserável folheca rural quando eu tomei conta disto? A volta de dois mil e oitocentos exemplares! E sabe qual é a tiragem hoje? Tudo vendido?

Deu um estalo com os dedos na direção de O'Bannon, sem olhar sequer para ele.

— Trinta e dois mil, duzentos e noventa e um exemplares— disse Francis O'Bannon.

— Numa cidade de dez mil habitantes. Somos mágicos? De certa maneira. Invadimos o território alheio... Bannock, Slocum, Limpscot, Fyfield até Connhaven. Estamos a cobrir toda a parte sul da província. Devia ver a nossa lista de assinantes. E só agora é que começamos. Os mesmos comerciantes que costumavam pôr um anúncio de trinta linhas no tempo de Lloyd e de Van Horn competem agora entre si para conseguir uma página inteira, Não tarda muito que o Record de Wrightsville seja o principal jornal de Wright County, ou Resino do Estado. Para o mês que vem vou lançar um concurso... dez mil dólares em

prêmios. Nada mau para um jornal de província. É claro que tenho uma ligeira vantagem sobre os meus rivais de profissão, tenho dinheiro, e eles não. O'Bannon, por que é que não me manda calar?

O'Bannon resmungou qualquer coisa.

Não devia ter-me deixado gabar desta maneira! Fui muito infantil? — Malvina Prentiss encostou-se para trás na cadeira, olhando para Ellery. — Então, tomou conta da Riminha — disse, — Quatro olhos, por que é que nós não tiramos mais partido desta belezinha?

— Fizemos o que pudemos, Miss Prentiss.

— Toda aquela história do regresso à natureza — disse a mulher impacientemente. — Quem é que quer saber de uma garota-pássaro? A menos que tenha duas cabeças. — Olhou Rima da cabeça aos pés. — Onde é que arranjou esse fato, minha menina? Ou, antes, quem é que o pagou?

— Estamos a divagar — disse Ellery. — Se não sabe mais nada do caso Anderson além do que já publicou no jornal, Miss Prentiss...

— Para quê tanta pressa? Acha que há mesmo alguma coisa neste desaparecimento de Anderson? Quer dizer, acha que está relacionado com MacCaby, Hart e o Dr. Dodd?— Malvina contemplava Ellery especulativamente, batendo nos dentes com um lápis comprido prateado.

— O que eu acho — disse Ellery — não é para sair no jornal. Rima...

— Por quê?

— Porquê o quê, Miss Prentiss?

— Porque é que não é para sair no jornal? Gostava que você trabalhasse para o Record.

— Sim?

— Encarregava-se deste caso. Dava-me o exclusivo das suas investigações. Uma coluna diária, por exemplo. Na primeira página. O caso Anderson precisa de ser bem explorado e o seu nome era uma boa publicidade para mim, agora. Além disso era um isco para atrair os sindicatos. Precisamos de um título sugestivo... Quatro olhos! — O'Bannon deu um pulo. — Ponha a cabeça a trabalhar. Um título para a coluna de Queen.

— Isto é homicídio — disse O'Bannon, mecanicamente, franzindo as sobrancelhas cor de salmão. — Fala Queen. Queen investiga. Queen...

— Desista — disse Ellery.

— Ora, ora — disse Malvina secamente. — Você também não é assim tão importante. Não vou discutir com você, Queen. Aqui pode fazer o que quiser. Punha à sua disposição todos os meios da minha organização... rapazes de recados, secretárias, loiras ou morenas, pode escolher, ajudas de custo ilimitadas

e bebidas à descrição. Uma sala só para você, se quiser. Diga o que quer e eu pago. Malvina O. Prentiss é o meu nome... O de Opulenta.

— E Ellery M. Queen é o meu... N de Não — respondeu Ellery, agarrando no braço de Rima. — De qualquer maneira, muito obrigado. — E encaminhou-se para a porta, levando Rima. Olhando para trás, pegou Francis O'Bannon desprevenido, contemplando-o com admiração e inveja.

— Se quiser mudar as suas brilhantes ideias... — gritou a diretora do jornal, mas o resto da frase perdeu-se no ruído das vozes da redação.

Quando chegaram novamente à Rua Principal, Rima respirou fundo e olhou à sua volta, aliviada.

— Percebo-a perfeitamente — disse Ellery, com um sorriso. Também estou precisado de um banho.

— Mas acha que aquilo é a sério, Ellery? Nunca pensei que houvesse pessoas assim.

— Não há, Rima. É uma ilusão. O motivo da prata é simbólico. Ela saiu toda inteirinha do habitat natural dela, que é um livro. Confesso envergonhado... que eu mesmo inventei, uma vez, uma personagem como Malvina.

— Nunca vi nada assim — começou Rima a dizer, franzindo a cara.

— Uma lacuna na sua cultura que vamos colmatar imediatamente. — Ellery subiu a rua com ela até a Livraria da Vila Alta, de Ben Danzig. — A sua cultura literária está incompleta sem um estudo do protótipo literário do espécime Malvina Prentiss, menina Anderson... Hum... Pois... Chandler. Ou Cain. Ou Gardner. Espere aqui um minuto. — Entrou na livraria de Ben Danzig e saiu de lá ao fim de alguns minutos, brandindo um livro de capa carmesim. Rima pegou hesitantemente no livro. — Leia-o hoje à noite na cama. Não é o exemplo mais puro do gênero... O Ben, agora, está mais inclinado Pai"a a ficção científica... Mas é suficientemente viril para você fazer uma ideia do estilo.

— Mas isto não é também ficção?

— Minha filha! — disse Ellery em tom ofendido. — Leia a publicidade da capa. “Realismo brutal”... Está a ver?

— Está bem — disse Rima, sem grande convicção, e meteu o livro debaixo do braço.

Estavam em frente da montra de Ben Danzig, fora do caminho da multidão que recolhia a casa ao fim da tarde. Um grupo de moças e rapazes do liceu tagarelavam em frente da gelaria de Al Brown, na porta ao lado, fazendo as suas combinações para irem à noite à Danceland, em Pine Grove. Começava a formar-se uma bicha em frente da bilheteira do cinema Bijou. Do outro lado da rua entravam apressadamente algumas pessoas nos Correios, o Sr. Graycee estava de pé com ar soturno à porta da sua agência de viagens, J. C. Pettigrew

enrolava o toldo da sua agência de compra e venda de propriedades, algumas moças entravam para o Salão de Beleza da Rua Principal e as portas do armazém andavam num virote. Em frente do edifício do Record uma multidão de ar cansado começava a mover-se quando um autocarro com um letreiro que dizia MUNICÍPIO DE SLOCUM dobrou a esquina da praça para iniciar a sua viagem de regresso.

— Estou a ver por que é que gosta disto Ellery — disse Rima inesperadamente. — Quem me dera...

Percebeu que ela estava a pensar no pai.

— Você está a ficar para trás — disse ele, alegremente , e não admira. Aturar a Prentiss depois de um dia tão cheio...

— Esta manhã parecia tudo...

— E agora as nossas ideias agradáveis foram-se. Está com fome, Rima?

— Estou.

— Finalmente! Vamos comer qualquer coisa e dar o dia por acabado. Vamos aos Jardins Dourados?

— Não, não. Vamos a um lugar menos... Mas ao salão de chá de Míss Sally também não. — Estava a fazer o possível por não chorar.

Vamos ao Grill da praça? É o snack-bar que fica na esquina da praça. É onde vão os garotos do liceu beber café e comer sanduíches, mas, uma vez, comi lá um excelente bife— Está bem!

Quando passaram novamente em frente do edifício do Record, Ellery disse despreocupadamente:

— É sempre assim. Fartamo-nos de andar e ficamos na mesma. E, de repente., voltamos a esquina e descobrimos o que queríamos! — A mão dela apertou-lhe o braço. — Vai ver que amanhã as coisas correm melhor, Rima — disse ele para a animar. — Temos de fazer o ponto da situação. Dado que a melhor posição para ver o ponto em que estamos é deitados de costas, temos de ir a qualquer lado...

— Ellery!

— Sair da cidade.

— Acha que podemos?

— Vamos ver. Precisamos de umas árvores, de uns arbustos e de duas pedras cobertas de musgo. Caruma para nos deitarmos, se for possível. E talvez um riozinho.

— Sei de um lugar perfeito! — exclamou Rima.

— Ótimo. Onde é?

— Encontrei-o uma vez quando andava pelo monte. Ninguém o conhece em Wrightsville.

— É muito longe?

— Não, não é nada longe. Mas não vem no mapa. Fui eu que o descobri, e por isso é só meu. Até lhe dei um nome.

— Que nome?

— Adivinhe! — Rima riu-se.— Nova Rima?

— Frio, frio.

— Monte Anderson?

— Experimente outra vez.— Já sei. Ytaioa.

— É claro! — Rima entrou no Grill de Mike Polaris como se tivesse asas nos pés.

Terça-feira, 1 de abril

Na manhã seguinte, quando Ellery chegou a Upham House, o recepcionista entregou-lhe um bilhete.

Querido Ellery,
Não pude esperar. Paguei a conta com o seu, dinheiro e fui para casa. Guie-se pelo mapa, Rima.
P S. — Traga roupa de banho se estiver com calor.

Tinha indicado um percurso que atravessava a Vila Baixa. A barraca estava assinalada com um X preto.

Ellery desceu a Rua Washington, atravessou a Avenida Transversal — a linha divisória entre a Vila Alta e a Vila Baixa— e voltou para a Rua Plum. Procurou e encontrou a garagem de Homer Findlay, anunciada num cartaz colocado na entrada do Hollis como tendo um serviço de aluguer de automóveis. — Saiu num coupé Plymouth de 1939 “coup” na versão de Homer) com mais de 140 000 km no contador.

Quando chegou novamente a parte alta da cidade, encontrou um lugar para parar o carro junto a um parquímetro da Rua Wright. Subiu a Rua Washington até Slocum, olhando para as montras. No meio do quarteirão havia um letreiro que dizia PURDY — TECIDOS E ROUPA BRANCA e entrou. Comprou duas toalhas de banho grandes.

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou o Sr. Purdy. Ellery hesitou. Não tinha calor nenhum naquela manhã.

Mas, por outro lado...

— Sim — respondeu com firmeza. — Uns calções de banho.

O Sr. Purdy disse que ainda não tinha recebido a roupa de Verão, mas que talvez houvesse algum resto do ano anterior... Voltou com uma caixa poeirenta que continha três calções de banho acondicionados com bolas de naftalina. O Sr. Purdy mostrou-lhe um deles.

— É do ano passado ou de há dois anos — disse.

Olhando os calções compridos e fora de moda, Ellery pensou que o Sr. Purdy devia ser fraco em contas e disse que não, obrigado. O Sr. Purdy abanou a cabeça com ar sombrio.

— Talvez encontre alguma coisa nos irmãos Waldo, na porta ao lado. No Edifício Granjon. São alfaiates, mas desde que o Otis Holderfield descobriu uma mina de ouro e começou a vestir como uma estrela de cinema, os Waldos estão cheios de ideias, começaram a vender roupões de banho, casacos de desporto e outras coisas no gênero... dizem que vão passar a ter uma secção completa de acessórios para homem. São capazes de ter o que o Sr. quer. E, Aliás, importado diretamente de Paris.

Não havia qualquer razão para que Ellery estranhasse ouvir o nome de Waldo, proferido em tom amargo pelo Sr. Purdy. Ellery ficou parado no passeio a olhar para a loja do lado, com um embrulho das toalhas debaixo do braço. A loja denunciava a prosperidade recente dos seus donos — estava pintada de novo, uma das montras estava decorada com elegantes fatos de homem, a outra exibia acessórios para homem, de boa qualidade. O letreiro da fachada era novinho em folha: IRMÃOS WALDO, ALFAIATARIA E FATOS DE HOMEM. Mas apesar da naturalidade aparente de tudo aquilo, Ellery sentia-se nervoso. Como se estivesse prestes a descobrir qualquer coisa.

Entrou na loja. A prosperidade ainda não penetrara no seu interior: os móveis eram poucos e velhos, o espelho triplo estava manchado e, pelo pouco que se via, o atelier, atrás da cortina de chita, parecia miserável e escuro.

O homem muito baixinho em mangas de camisa, com o colete coberto de fios e um metro pendurado ao pescoço apareceu detrás da cortina.

— Que deseja? — Depois fez uma cara satisfeita. — É o Sr. que estava ontem no escritório do Sr. Holderfield, não é? Quer ver algum fato?

Não vinha qualquer ruído do atelier. David Waldo devia estar sozinho na loja.

— Não tem uns calções de banho? O Sr. Purdy, da loja do lado, disse-me...

Ellery continuava nervoso. E sentia-se mais nervoso ainda desde que entrara na loja. Talvez fosse só por causa do contato com as mãos do alfaiate, que lhe tirava medida à cintura. Que seria aquilo?

— Só agora é que começamos a vender estas coisas...

— Está ótimo. É mesmo o que eu quero. A propósito, conhecia o Tom Anderson?

— Quem? Ah! Não, nunca tinha falado com ele. Era uma pena ele ter-se deixado cair naquilo. Tenho aqui uma capa de muito boa qualidade...

— Não admira. Quer dizer, com certeza que os seus clientes têm outro nível. Não era aqui que o John Spencer Hart mandava fazer os fatos?

— Quem me dera. Mas o Sr. Hart mandava fazer tudo em Boston, segundo ouvi dizer. O sobretudo de pêlo de camelo que estamos a fazer para o

Sr. Holderfield...

— Talvez fosse uma sorte. Ouvi dizer que Hart tinha muitas dívidas quando morreu. Um mau costume que o sócio dele não compartilhava, parece... Como é que ele se chamava?

— MacCaby.

— Isso mesmo. Era um grande avarento, não era?

— Não sei. Se tenciona ir tomar banho nesta altura do ano, talvez queira um roupão de praia...

— Então, o Sr. não conhecia o MacCaby.— Não. É tudo?

— Ainda no outro dia disse ao Dr. Dodd... Waldo disse rapidamente.

— Conhece o Dr. Dodd?

— Conheço. Porquê, é seu cliente?

— Que ideia — disse David Waldo sorrindo. — Se estivéssemos à espera do Dr. Dodd para ganhar a vida, já estávamos falidos. Mas é um excelente homem. São seis dólares e noventa e cinco cents.

Ellery saiu com os calções de banho, ainda excitado.

Por que seria?

Atravessou a rua e entrou na casa de artigos desportivos de Jeff Hernaberry, onde comprou um cesto de piquenique e um termo de bebidas. Depois, entrou na charcutaria Caravansary, que ficava entre o supermercado de Logan e a boutique Ultimo Grito de Miss Addie. Comprou aí algumas vitualhas, ainda pensativo, e saiu carregado. Quase teve dificuldade em chegar ao carro de Homer Findlay.

Depois de ter estudado o mapa de Rima, Ellery desceu a Rua Washington até a Vila Baixa e voltou para a esquerda pela Rua do Congresso. Segundo as instruções do mapa, devia continuar pela Rua do Congresso até o fim da rua, que atravessava a cidade.

A Rua do Congresso ia sendo gradualmente barulhenta, degradada e deprimente. Era paralela à Rua Polly, e entre ambas corria o no Willow, um curso de água sujo e quase seco. O lixo das fábricas da Vila Baixa flutuava no rio, junto às portas traseiras das casas dos bairros operários. De vez em quando, via-se uma mancha verde, geralmente de ervas daninhas; não havia árvores. Ellery guiava devagar. Tom Anderson fizera este caminho milhares de vezes, ziguezagueando no passeio degradado; quantas vezes teria tropeçado nos relevos do asfalto irregular? E também devia ter sido por aqui que o irmão mais novo de Abe L. Jackson, Garrison, o tinha encontrado nesse sábado à noite em que Anderson parecia estar completamente sóbrio e se dirigia para o seu encontro misterioso no Rochedo de Little Prudy. Com quem é que o pai de Rima se encontrara nessa noite? A resposta podia estar aqui, nesta rua secundária

degradada, por detrás de uma destas paredes em ruínas, na memória obtusa de um operário bêbedo, da sua mulher precocemente envelhecida ou de um dos seus filhos delinquentes.

Ou podia estar no reino infinito do indefinido. Não era uma questão pessoal...

A rua estreita acabava, de repente, num monte de porcaria, tijolos partidos, latas e lixo de toda a espécie. A rua era continuada por um declive que conduzia a uma vala funda, a abarrotar de lixo, acumulado durante anos. A vala deitava um cheiro que fez Ellery empalidecer. O pensamento de que tinha de se meter no meio do lixo para chegar à passadeira periclitante que permitia transpor a vala horrorizava-o. Do outro lado da passadeira havia uma faixa estreita de terra coberta de chão e de ervas e, mais além, brilhava o Pântano.

Ellery fechou o carro à chave e tapou o nariz com um lenço. Preparava-se para entrar na passadeira quando viu Rima Anderson sair a correr de um grupo de árvores conton-lilás, situado do lado de lá da vala, a cerca de 100 m para o lado de baixo. Estava descalça e envergava uma espécie de sarong que parecia feito dos restos de uma roupa de homem. Correu pela passadeira com o cabelo a esvoaçar.

— Tenho estado à sua espera.

Ellery achou que ela tinha um ar tenso e infeliz.

— Aconteceu alguma coisa, Rima?

— Não, não aconteceu nada. — Mas era evidente que sim.

— Estes miúdos da Rua do Congresso não parecem ser de confiança. Acha que posso deixar aqui o carro enquanto vamos a sua casa?

— Não vamos a minha casa.

— O quê? — Rima dirigiu-se para o carro e Ellery seguiu-a, protestando. — Mas porquê, Rima? Queria vê-la.

— Qualquer outro dia.

— Mas ontem à noite disse...

— Para que é que trouxe um carro?

— Foi para irmos fazer um piquenique. Não foi o que disse?

— Podíamos ter ido a pé. Eu vou sempre a pé.

— Então não anda pendurada nas árvores como o Tarzan?

— Quem é o Tarzan?

Ellery contou-lhe, enquanto abria a porta do carro para entrarem.

— Ah, um Mowgli crescido. Sempre gostei muito do urso Balu e da pantera Eagbeerd. E detestava Sbere Shan. Volte à direita para a Rua Shingle, Ellery. Vamos pela Estrada 478. Sempre em frente até chegar quase a Twin Hill-

in-the-Beeches e, depois, saímos da estrada. — Sentou-se ao lado dele, com as pernas em cima do banco e olhando fixamente para a estrada.

Não era mau humor, nem um capricho. Tinha-lhe acontecido alguma coisa desagradável naquela manhã. Tinha sido depois de voltar para a barraca, e não antes; o bilhete dela, escrito em Upham House, dizia-lhe que viesse ter com ela. Talvez que depois de ter estado fora e visto o mundo, a barraca lhe parecesse um abrigo miserável, como de fato era? Ou...

Tinha de contar com a possibilidade de que o mau humor dela fosse causado por razoes obscuras completamente diferentes.

Foi guiando em silêncio.

Ao fim de um bocado Rima mexeu-se no banco.

— Li o seu livro na noite passada.

— Ah, sim? E como é que o achou?

— Cansei de rir. Aquilo é que é um livro policial?

— Uma variedade de livro policial.

Os detectives são mesmo assim, na vida real? Têm de beijar ou de esbofetear todas as moças que conhecem, estão sempre a bater nas outras pessoas e a disparar?

— A maior parte dos detectives que eu conheço são gordos e barrigudos, doem-lhes constantemente os pés, pegam na pistola uma vez ao ano e anseiam pelo fim-de-semana para regar o jardim.

— E aquela moça chamada Ginger, a quem o Dave Dirk chamava sempre “Gin” ou “Gengivite” . . .

— A secretária dele.

— É completamente irritante. Sempre a meter-se em sarilhos. E por que é que chama sempre “Chefe” ao Dirk? Ele não é polícia.

— É o chefe dela.

— E calão — disse Rima pensativamente. — Pensei que sim. Todas as secretárias de detectives chamam Chefe ao patrão?

— Acho que sim, quando têm secretárias.

— E você, tem uma secretária?

— De momento, não. Mas também não sou uma personagem de um livro, Rima.

— Devia ser! — Riram ambos, e o ambiente ficou mais alegre. Estavam na parte nordeste da cidade, subindo as colinas

que ficavam por detrás da Vila Alta. O nome de “Rua Shingle” tinha desaparecido das placas, Aqui e além empoleiravam-se casinhas novas. Depois de uma curva viram à sua frente os dois montes arredondados de Twin Hills, semelhantes a seios de mulher, e serpenteando entre ambos a estrada ladeada de

moradias de luxo que dava pelo nome de Twin Hill-in-the-Beeches. Para além de Twin Hills ficava Skytop Road, que atravessava a zona residencial de construção recente mais luxuosa de Wrightsville; e lá ao longe, quase na linha "o horizonte, erguia-se a velha cabeça da Montanha Calva. Seguindo as instruções de Rima, Ellery voltou para uma estrada estreita de terra, pouco mais que uma picada, de piso esburacado e irregular. Andaram durante quase cinco quilômetros nessa estrada até que acabou abruptamente, em frente "e um rochedo. Estavam rodeados por todos os lados de floresta densa, tanto quanto Ellery podia ver. Não se via nada que se parecesse com um caminho, para além da estrada por onde tinham vindo. E agora? Voamos?

— Não. Andamos a pé.

Durante a hora seguinte, atravessaram a floresta, por meio do mato emaranhado, urtigas, árvores cuja casca mais parecia feita de lixa e em solo que parecia fugir de baixo dos pés — ou pelo menos foi essa a recordação que Ellery conservou do passeio; foi picado, vergastado e vítima de rasteiras traiçoeiras. Rima flutuava à frente, passando imune pelos espíritos malignos da floresta como se possuísse um talismã. De vez em quando, parava para abrir caminho com uma faca semelhante a uma machadinha que trazia entalada à cintura do seu sarong. Nessas alturas, ele ficava agarrado a uma árvore, ofegando. Ao fim de uma eternidade, quando estava prestes a revoltar-se, entrou vacilando na antecâmara do paraíso.

Estavam numa pequena clareira atapetada de musgo e caruma e resguardada de três lados por enormes pinheiros, faias de vinte e cinco metros de altura, abetos vermelhos, bálsamos, abetos do Canadá, vidoeiros e cedros. No outro lado, havia um lago de águas transparentes. Era alimentado por uma pequena cascata que descia saltitante um penhasco brilhante de granito, enchia o lago e desaparecia, depois, por um buraco borbulhante. O Sol refletia-se no lago, mas à sombra o ar era um fresco e lavado e rescendente a madeira e a terra. Havia por todos os lados pássaros chilreando e esvoaçando para cá e para lá.

— Ytaioa.

— Gosta?

Ellery deitou-se no tapete e fechou os olhos.

Quando os abriu novamente, viu de relance um corpo acastanhado que mergulhava na superfície do lago. A faca e o sarong de tweed estavam em cima de uma plataforma rochosa à beira do lago.

A cabeça dela apareceu a tona de água, e um braço castanho a escorrer água agarrou-se à plataforma.

— Não vem tomar banho?

— Se não se importa...

— Ora bolas!

— Já vou! — disse Ellery mas, entretanto, ela já se fora embora a rir. Pôs os calções de banho, escondendo-se modestamente por detrás de uma faia e sentindo-se completamente parvo.

Esparrinharam, brincaram e mergulharam no lago durante um bocado; depois deitaram-se na plataforma de rocha a secar, mas Rima não se dignou sequer a tocar na toalha dele e, por isso, Ellery fechou conscientemente os olhos; quando acordou, Rima estava sentada no chão, de pernas cruzadas, ao lado dele — desta vez vestida com o sarong — e de uma das toalhas, que estendera no chão e em cima da qual espalhara o conteúdo do cesto de piquenique.

— Venha comer, Ellery, estou cheia de fome.

Fizeram um banquete na clareira e, depois, Rima teceu uma coroa de folhas de vinha para a cabeça de Ellery, que emborcou o resto do leite que havia no termos, como um Baco abstêmio.

— E agora, se quiser ficar muito quieto — disse Rima — vou convidar uns amigos meus para o chá. Há uma corça encantadora...

— Conheço a mãe do Bambi na próxima vez — disse Ellery, deitando-se novamente no chão. — Prepare-se para me ouvir, Rima, porque estou com vontade de fazer um discurso.

Pareceu-lhe que ela ficou triste, de repente; mas deitou-se obedientemente no musgo, com a cabeça em cima do peito dele.

Ellery soprou um anel de fumo para o dossel de folhagem.

— Rima — começou—, as coisas nem sempre são o que parecem. Há mesmo escolas de pensamento cujos adeptos afirmam que as coisas nunca são o que parecem. Mas vou optar pelo meio termo: há a verdade e há a aparência da verdade. Algumas coisas são verdadeiras e outras parecem verdadeiras mas não são.

“O investigador criminal inteligente tem sempre de ter em conta esta ambivalência e compete-lhe analisar os elementos contraditórios de um caso e identificar os verdadeiros e os falsos. Alguns casos são mais ambivalentes do que outros, e estou em crer que este tem duas caras como Janus.

— Fala como o pai — murmurou Rima; mas, depois, calou-Se> sem se explicar mais. Ellery compreendeu, porém, o que ela queria dizer e olhou durante algum tempo para um esquilo que corria para a toca, dando tempo à moça para se recompor.

— Três mortes — continuou. — Ou duas e uma provável. Luke MacCaby morreu com uma doença de coração, ao que se julga; John Spencer Hart deu um tiro nos miolos, diz-se que foi um suicídio; o seu pai desaparece nas areias movediças que ficam por debaixo do Rochedo de Little Prudy, ao que se

julga, e pensa-se também foi vítima de violência. São muitas suposições. Aparências de verdade que tanto podem ser verdade como ter um significado completamente diferente.

"Agora, vamos partir da hipótese formulada pelo meu correspondente misterioso, o Anônimo: a de que as três mortes; ou antes, os três acontecimentos estão ligados. Se assim for... se assim for, haverá provas dessa ligação. Há algum denominador comum aos três acontecimentos? Há, é o Dr. Sebastian Dodd. O Dr. Dodd era o herdeiro de MacCaby. O Dr. Dodd passou a ser sócio de Hart e, em consequência disso, Hart morreu com uma bala na cabaça. E o Dr. Dodd deu cinco mil dólares ao seu pai pouco tempo antes de ele desaparecer.

"A verdade e a aparência da verdade. Estes três acontecimentos tanto podem ser o que parecem como não. Dodd, que desempenha um papel importante em todos eles, tanto pode ser o que parece... como não.

Ellery deu um suspiro. Os olhos de Rima estavam fitos nele com surpresa.

— O Dr. Dodd?

— Não falei do Dr. Winship. Porque é que não havia de ser o Dr. Dodd? Se os três acontecimentos são o que parecem, derivaram naturalmente de causas naturais. Mas se os três acontecimentos não são o que parecem, foram consequências artificiais de meios artificiosos, ou seja, por outras palavras, foram as consequências de um crime. Se aceitarmos a história do Dr. Dodd em todos os casos como a verdade total, o Dr. Dodd é aquilo que parece, ou seja* um homem bom, generoso e inocente; mas se não aceitarmos a história do Dr. Dodd em todos os casos como a verdade total, ou sequer como parcialmente verdadeira, então, o Dr. Dodd pode ser o contrário do que parece: ou seja, é um homem mau, mentiroso, um criminoso. Um criminoso, Rima.

— Um criminoso?

— Houve três mortes disse Ellery. — Ou, pelo menos, duas mortes e uma morte provável.

— Um assassino?

Ellery acendeu novamente o cigarro, que se apagara.

— Cuidado com o fósforo! — Rima tirou-lho da mão e enterrou-o. Depois, disse: — Mas por que é que o Dr. Dodd havia de matar o Sr. MacCaby? Ou o Sr. Hart? Ou o pai?

— Bem, vamos ver — disse Ellery. — Primeiro, o MacCaby. Será Dodd o que parece ser no caso MacCaby? Um homem bom, generoso e inocente? Se isso for verdade, como o diz Dodd, MacCaby morreu de morte natural, ou seja, com uma doença de coração. Nesse caso, também é verdade aquilo que Dodd diz, ou seja, que não sabia da fortuna de MacCaby antes de MacCaby morrer. E é

também verdade que Dodd, como ele o diz, não fazia ideia de que ia herdar uma grande fortuna quando MacCaby morresse.

"Mas suponha que Dodd não é o que parece? Suponha que é um homem mau e manhoso, que oculta a sua maldade por detrás das aparências de uma vida honesta e das suas boas obras? Nesse caso, MacCaby disse a Dodd pouco antes de morrer que era muito rico e que Dodd seria o herdeiro da sua fortuna. Nesse caso, Dodd acelerou a morte de MacCaby. Como? Dodd era o médico de MacCaby; costumava dar-lhe comprimidos para o coração. Dodd pode ter dado a MacCaby uma caixa de comprimidos com o mesmo aspecto dos do costume, e quando MacCaby teve outro ataque, e tomou um desses comprimidos, morreu. E Dodd, que foi chamado, escondeu a caixinha. A verdade e a aparência da verdade. As duas faces da moeda. Olhe para o inverso, e o Dr. Dodd é a encarnação da inocência. Mas se olhar para o reverso, pode ser o demônio em pessoa.

— Não acredito — disse Rima. — O Dr. Dodd? Não pode ser.

— Isto não tem nada a ver com o fato de se acreditar ou não, disse Ellery. — Acho que já disse isto, mas na minha profissão é uma coisa que não podemos esquecer. Se tem frio tape

— se com a outra toalha, Rima. Agora, vamos analisar o caso de John Spencer Hart. Primeira possibilidade: Dodd está inocente. Nesse caso, é verdade o que ele diz, ou seja, que mandou a Hart um pedido de rotina através do advogado, o Otis Hol-derfield, de uma auditoria da situação financeira da fábrica de tintas, não suspeitando de que Hart tinha alienado indevidamente parte do ativo da firma. Como não sabia que Hart tinha roubado a firma, o Dr. Dodd não podia prever que o seu pedido de um exame das contas levasse Hart a suicidar-se. "Mas... há também a segunda possibilidade: a de que Dodd seja o culpado. Suponha que MacCaby tinha falado a Dodd não só da sua fortuna, e de ter nomeado Dodd seu herdeiro, mas também desse outro assunto. Por que se MacCaby era suficientemente esperto para investir num negócio tão próspero como a Fábrica das Tintas de Wrightsville, e estava tão interessado no dinheiro como o parece indicar a sua avareza, é natural que tenha mantido o sócio debaixo de olho e que arranjasse uma maneira de controlar a gestão de Hart. Suponha que MacCaby disse ao Dr. Dodd que sabia das perdas de Hart ao jogo, dos seus investimentos especulativos e do desvio de fundos da fábrica. Nesse caso, depois de ter matado MacCaby, Dodd sabia que um pedido de exame à contabilidade da firma formulado antes de Hart ter tido tempo de aldrabar as contas seria fatal para ele. Wrightsville é uma comunidade pequena e a vida de um homem tão importante como Hart é do conhecimento de todos. Dodd sabia, portanto, que Hart não seria capaz de suportar a vergonha, o ostracismo social;

que para um homem como Hart a perspectiva do julgamento, da condenação e da prisão seria intolerável. Se Dodd é o culpado e se mentiu sobre a sua relação com Hart, o seu pedido de um exame da contabilidade da firma teria sido um instrumento de morte tão fatal como a pistola com que Hart pôs fim aos seus dias.

— Acha que foi ele que fez que Hart se suicidasse?

— Só à luz desta interpretação dos acontecimentos. E, agora, o desaparecimento do seu pai. — Ellery franziu o sobrolho. — Inverso: Dodd está inocente. Nesse caso é como ele diz, deu cinco mil dólares ao seu pai, para contribuir para a reabilitação de um homem que precisava e desejava reabilitar-se. Uma ação bondosa, generosa, muito altruísta.

“Mas agora, consideremos o reverso da medalha, Dodd mentiu... Suponha que o seu pai. Rima, tinha descoberto qualquer coisa que relacionava Dodd com a morte de Luke MacCaby. Por exemplo, a caixa que continha os comprimidos para o coração. Partimos do princípio que Dodd tinha levado a caixa dos comprimidos letais que dera a MacCaby, depois da morte deste. Mas suponha que o seu pai apanhou essa caixa de qualquer maneira? Era amigo de Harry Toyfell; podia ir habitualmente a casa de MacCaby; numa visita ocasional pode ter descoberto alguma coisa que o fez suspeitar de que a morte de MacCaby não tinha sido natural. Dado que era um homem inteligente, essa suspeita pode tê-lo conduzido à caixa de comprimidos. Nesse caso, Tom Anderson tinha na sua mão uma prova que podia enviar Sebastian Dodd para a cadeira eléctrica. E o investimento de Dodd para a reabilitação do seu pai pode não ter sido totalmente altruísta. Na realidade, pode ter sido dinheiro pago para comprar o silêncio do seu pai.

— Chantagem? — A expressão nos olhos de Rima levou-o a desviar inocentemente o seu próprio olhar para o dossel de folhagem — Está a dizer que o meu pai fez chantagem com o Dr. Dodd? É isso que quer dizer?

— É só uma teoria, Rima. Pode haver uma grande distância entre a teoria e a realidade.

— Não acredito!

— Naturalmente, vamos verificar que a sua confiança no seu pai é inteiramente justificada. Deus queira que assim seja. Mas, no ponto em que estamos, temos de analisar as coisas racionalmente. E o raciocínio diz-nos que a chantagem pode ser uma das faces desta moeda.

“Mas vamos continuar o nosso raciocínio.

“Tom Anderson exigiu ao Dr. Dodd cinco mil dólares Para não entregar a caixa dos comprimidos ao chefe Dakin, e o Dr. Dodd deu-lhe o dinheiro. Ao fim de algumas semanas, Tom Anderson aparece-lhe novamente, não se zangue,

Rima, oiça até o fim, a pedir mais dinheiro. A chantagem é útil ia doença que se manifesta em ataques recorrentes. É uma *°me insaciável. Quando há uma primeira exigência de dinheiro e uma razão para que ela seja feita, a segunda exigência é inevitável.

"A vítima de um chantagista pode fazer uma de três coisas: pode continuar a pagar, pode recusar-se a pagar ou pode arranjar as coisas de tal maneira que não precise de fazer qualquer das outras duas. Se Tom Anderson exigiu mais dinheiro tão pouco tempo depois da sua primeira tentativa de chantagem, só se o Dr. Dodd fosse muito estúpido, e sabemos que não é, é que não previa que o futuro ia ser difícil... exigências repetidas e cada vez mais frequentes, talvez de cada vez mais dinheiro, que se continuariam durante o resto da sua vida ou enquanto ele fosse pagando sem recalcitrar. É uma perspectiva que não pode agradar a um criminoso, principalmente quando tem outros planos para gastar o seu dinheiro. Mas suponha que Dodd se recusava a pagar da segunda vez. Anderson podia ir entregar as suas provas à polícia; a ameaça da denúncia é a arma do chantagista. Neste caso a denúncia equivalia à morte. Portanto, Dodd não se podia recusar a satisfazer a exigência do chantagista. Só lhe restava uma terceira alternativa.

— O assassínio.

— Partindo destas premissas, temos de concluir que Sebastian Dodd combinou um encontro com o seu pai no Rochedo de Little Prudy naquela noite, em princípio, para lhe fazer um segundo pagamento a troco do seu silêncio, mas na realidade para o empurrar para o pântano.

Rima sentou-se a tremer. Tinha um ar tão desolado ali sentada, parecia tão cheia de frio, tão pálida e abandonada, que Ellery se sentou também e pôs os braços à volta dela.

— Não se esqueça de que tudo isto pode não ser verdade.

— Mas também pode ser tudo verdade.

— Pois é — disse Ellery.

Rima exclamou apaixonadamente:

— Não quero ouvir mais as suas "verdades"!

— A decisão talvez não esteja já nas suas mãos, Rima.— Ela desembaraçou-se dos braços dele, sentou-se sobre os calcanhares a alguma distância e olhou-o fixamente. — Depois de ter agarrado o touro pelo rabo já não se pode largá-lo. Eu, pelo menos, não posso. Você vai desistir agora e deixar-me sozinho?

Ela desviou os olhos para o musgo do chão. — Era o que eu queria.

— Fugir?

— Sim. Mas não vou fazer isso. Não era capaz.

— Era o que eu esperava. Está bem. — Ellery levantou-se, sacudindo a coroa de folhas de vinha. — Temos de eliminar um dos dois sistemas de possibilidades. Temos de descobrir ao certo o que é o Dodd.

— Mas como é que vai fazer isso?

— Temos de estudar o Dodd. Temos de o vigiar, de o analisar, de o interpretar. Se há provas, num sentido ou noutro, temos de as encontrar. Um de nós, Rima, tem de entrar naquele monumento vitoriano da esquina das Ruas Wright e Algon-quin e tem de lá ficar. E você é a pessoa mais indicada.

— É por isso que disse ontem...

— Você é a minha assistente. No mais puro estilo Dave Dirk. Vou passar a chamar-lhe Gengivite. E você, com o tempo, vai habituar-se a chamar-me Chefe.

Mas Rima não sorriu.

— Nunca o devia ter ido procurar. O que você pretende é que eu seja uma espiã e uma boa atriz. Não tenho jeito para essas coisas. E acho tudo isso um perfeito disparate. Só porque há uma probabilidade matemática... Ellery, não sou capaz de fazer uma coisa dessas.

— Então, não faça. Eu arranjo outro processo.

— Está zangado comigo.

— Nem por sombras.

— Está, pois. Acha que é por causa do Dr. Winship, ou qualquer coisa assim.

— E não é?— Não!

— Pior! — disse Ellery—, porque Winship é o ponto fraco do Dr. Dodd. Caiu como um patinho...

— Caiu como um patinho... que é que isso quer dizer?

— Esqueci-me de que você não percebe calão. Quero dizer que ele sucumbiu aos seus encantos. Está a divagar... E aquela história da Pinkle. Veio mesmo a calhar. Bem, esqueça. Ajude-me a arrumar as coisas, está bem, Rima? Ou dar outro mergulho antes de irmos embora? Está a ficar bocado frio.

— Eu não disse que não.

— Então, vá mergulhe.

— Não disse que não queria ser a sua espiã. É só que...

— É muito difícil, pois é, eu sei que é, minha querida. O homicídio não é uma coisa para brincadeiras. E investigar um homicídio é ainda mais difícil. Passe-me o termo.

Rima levantou-se lentamente. Como um floco de neve que estivesse a subir em vez de a descer. Parecia prestes a derreter-se e a desaparecer.

— Que é que quer que eu faça, Ellery?

Ellery esforçou-se por não ter um ar triunfante. Disse descuidadamente:

— Tem de ser os meus olhos, os meus ouvidos e as minhas pernas. Aposto tudo o que quiser que quando chegar ao hotel tenho lá um recado do Winship à minha espera, a dizer que aquela história da Glória Pinkle está resolvida a contento do Dr. Dodd e que o emprego de assistente deles é seu. Mas, se não for assim como estou a dizer, tenho de intervir novamente. É indispensável que você vá trabalhar com eles, Rima. Hei-de conseguir.

— E depois de lá estar o que é que faço?

— Tem de arranjar uma maneira de ver os registros de Dodd sobre Luke MacCaby, tem de espiolhar os papéis pessoais dele. Esteja à escuta para ouvir o que ele diz e com quem fala. Tente fazer com que Winship lhe conte tudo o que sabe do Dodd que se possa relacionar com a nossa investigação, mas com cuidado, para eles não perceberem. E, depois, conta-me tudo o que descobrir. Mesmo que não lhe pareça importante. — Depois Ellery disse-lhe ternamente. — Não se preocupe com o Winship. É um homem apaixonado, sente-se muito sozinho e estou até a ser muito simpático para ele.

Rima sorriu.

— E para mim? Ellery corou.

— Isso, não sei. Qualquer dia falamos nesse assunto. Tem de passar a ser menos sentimental, Rima. Gosta dele?

— Gosto dele, como?

— Com amor... A palavra preferida dos seus poetas...

— Deixe-se disso. Só o vi uma vez.

— Pois é — disse Ellery. — Lembre-se você disso. — E, durante um momento, parecia um homem que tivesse perdido qualquer coisa. Mas só durante um momento. — Neste ponto, o Dave Dick costuma atracar-se à pequena, sopra-lhe para cima o fumo do charuto, dá-lhe uns beijos sonoros e cínicos na boca perfeita e manda-a para o covil do vilão com uma palmada no rabo, para a poder ir salvar dez páginas mais adiante, entrando calmamente e arrebatando-a das garras concupiscentes de algum malvado. Está pronta?

— Não seja parvo, Ellery.

— Não entende, meu anjo. Nunca deve me chamar pelo nome — sibilou Ellery entre dentes. — Está a cocar, Gengivite?

Desta vez, ela riu.— O. K., chefe.

— Com uns modos mais humildes,

— Chefe.

— Muito bem. E não se esqueça disso.

— De quê?

— Que o chefe sou eu.

— Está bem, chefe, não me esqueço.

— Espero que não — Ellery fez um ar tão desolado que Rima desatou a rir à gargalhada, histericamente.

Ellery foi buscar Rima às sete e meia no fim da Rua do Congresso, junto à passadeira. Estava, outra vez, vestida com o seu fato de Nova Iorque, encostada a umas grades com a tinta toda a cair que protegiam a vala de imundícies e rodeada de crianças admirativas.

Rima empurrou-as e entrou rapidamente no carro de Findlay.

— Então?

— Pensei que podíamos ir jantar para os lados de Slocum, Rima — disse Ellery. — Ao Rock Inn. Qual é a maneira mais rápida de lá chegar?

— Vamos para sul, pela Rua Shíngle, andamos cinco quarteirões e voltamos para leste, pela Old Low Road, atravessados o caminho-de-ferro e estamos na Estrada 478. Mas não era isso que eu estava a perguntar. Estava a falar...

— Do caso Dodd? — Ellery fez marcha-atrás e meteu a mudança, dispersando o bando de rebentos selvagens das classes desfavorecidas. — Ganhei a minha aposta.

— Ele tinha ido falar consigo. — Ela encostou-se às costas do banco, respirando fundo.

— Ele quem?

— Está bem. O Dr. Winship.

— Só lá foi três vezes. Estava à espera de mais— Que é que ele disse?

— A menina Glória Pinkle deixou de estar ao serviço dos Drs. Dodd e Winship. Parece que se casou às escondidas com Rafe Landsman há dez dias e não teve coragem para dizer a ninguém, com grande desgosto do próprio Sr. Landsman. Passaram a lua-de-mel nos parques. O Dr. Dodd despediu-a com um mês de salário, a sua bênção de padrinho e um vale sobre a Ourivesaria Myers & Manadnock da Vila Alta, o “Empório das Pedras Preciosas”, com direito a comprar cento e cinquenta dólares de pratas. Você foi contratada para o lugar da Glória. Com um salário de trinta e cinco dólares por semana, cama e mesa. O quarto, fui eu que consegui — disse Ellery, conduzindo cuidadosamente o Plymouth sobre a ponte de tábuas periclitantes que atravessava o rio Willow —, digo com orgulho.

— Tenho de morar lá? Que horror?

— Não quero ouvir mais essa história do pássaro na gaiola. Vai morar lá e até vai gostar.

— Está bem, chefe. — O riso dela era de pura alegria.

— É a parte mais importante. De resto, não custou nada; o Dr. Winship fez quase tudo sozinho. Concordou imediatamente que uma moça que estava só no mundo, uma moça inocente e inexperiente que vive numa barraca e que deve umas centenas de dólares a um espertalhão de Nova Iorque precisa de uma casa decente e de uma oportunidade para poupar o mais possível do seu salário para poder pagar a dívida quanto antes e livrar-se das garras do malandro. É tudo muito respeitável; o Dr. Winship repetiu isso muitas vezes, como se eu fosse um parente desconfiado.

— E não é? — disse Rima com uma gargalhadinha de adolescente.

— A Sra. Fowler e Essie servem-lhe de paus de cabeleira, garantiu-me várias vezes que a porta do seu quarto se podia fechar à chave e que tem os serões por sua conta. Ellery buzinou no cruzamento, sem olhar para ela. Risadinhas de adolescente! Voltou para a esquerda, para a estrada estreita de macadame que precisava muito de arranjo. — Esta é que é a Old Low Road?

— É... Não me ocorreu que tivesse de ir morar para lá.

— Habitue-se à ideia, que é o melhor que faz. Começa amanhã, às oito da manhã. O Dr. Winship vai buscá-la de carro.

— Não quero. Está bem.

— Esteja no lugar onde a peguei às 7h45 da manhã. E não pense que é por sua causa. O Dr. Winship disse-me que também tinha ido buscar a Glória Pinkle no primeiro dia. Parece que é costume lá do consultório...

— Está bem.

— Chefe.— Chefe!

Ellery olhou-a inquieto durante todo o jantar. Rima parecia excitada. Riu, conversou e gracejou durante todo o tempo, de uma forma brilhante.

De quarta-feira, 12 de abril, a quinta-feira, 20 de abril

No princípio da tarde de quarta-feira, depois de ter contemplado, durante muito tempo, uma chávena de café na cafeteria do Hollis, de ter lido o Record, experimentado as cadeiras da entrada do hotel, cortado o cabelo na cadeira do Joe Lupin, da barbearia de Luigi Marino, no Hotel Hollis, de ter dado umas voltas à toa na Vila Alta e de ter consultado os livros da Biblioteca Carnegie na Rua State — Dolores Aikin não o reconheceu do seu posto de vigilância, o que, por qualquer razão, lhe agradou — Ellery finalmente achou que podia fazer um telefonema.

Foi Rima que atendeu, com um ar profissional e misterioso. Sim Sr., estava tudo a correr lindamente. O Dr. Winship tinha sido muito simpático com ela. Tinha passado mais de uma hora a falar com ela (ao pequeno-almoço e depois disso), para lhe explicar como é que funcionavam os esterilizadores, o que é que era preciso fazer aos doentes, etc., e depois tinha-se ido embora para o hospital, mas tinha voltado antes da hora da consulta para a levar à praça para comprar um uniforme mais próprio para uma empregada de consultório que o seu fato da Quinta Avenida; o Bon Ton tinha mandado vir uniformes de enfermeira em nylon por causa da epidemia de difteria e ela parecia uma enfermeira de verdade. Os uniformes secavam em três horas e não era preciso engomá-los... e tinha comprado também sapatos brancos de salto raso e meias brancas... Ellery fez uma observação maldosa de como se não lembrava de ver a menina Glória Pinkle, a predecessora da menina Anderson, vestida dessa maneira tão profissional e se o uniforme de nylon era decotado e se era Winship que o tinha pago? Mas Rima riu-se e disse-lhe que não fosse parvo, quem tinha pago o uniforme era eu —, ou antes, ela com o dinheiro dele, mas que ia começar a pagar-lhe a dívida na semana seguinte, o Dr. Winship tinha querido dar o dinheiro para o uniforme mas ela não tinha deixado.

— Que simpático — disse Ellery. Nessa altura Rima pôs-se séria e disse-lhe friamente que não fosse cínico, porque quando se tratavam bem as pessoas elas eram muito decentes, faziam o possível por serem simpáticas e por ajudarem. Até o velho Harry Toyfell lhe tinha dito umas palavras amáveis naquela manhã e a Sra. Fowler tinha-lhe dito que podia servir-se do frigorífico e dera-lhe um quarto antiquado encantador, muito mais bonito que os estereótipos patrióticos de Upham House... por sinal que até tinha aprendido muitas coisas naquela manhã.

— Sim Sr. — disse Ellery —, não tenho dúvidas, mas descobriu alguma coisa? Rima, talvez porque não estivesse sozinha, ou por pura perversidade feminina, recusou-se, no entanto, a falar do assunto e disse que não ia ter problemas, a não ser com a datilografia, talvez, e que o Dr. Dodd era muito simpático, mas que só o tinha visto uma vez antes da hora da consulta, de manhã, quando ele saíra para o hospital e que... Jantar fora? Ia ver. O Dr. Winship tinha dito... Mas logo no primeiro dia... E a Pinkle tinha deixado tudo numa tal desordem que ela precisava de algum tempo para se familiarizar com o ficheiro...

— Sim, Dr. Winship! Adeus, Ellery — e Ellery ficou a olhar para o receptor.

Telefonou outra vez às seis e meia da tarde. Mas quando Essie Pingam disse que a menina Anderson estava a jantar com o Dr. Winship, Ellery respondeu que não era nada de importância, para lhe dizer que o tio Ellery tinha telefonado e desligou.

Ficou no quarto do Hollis, à espera, até quase às 10 horas.

No dia seguinte, as coisas não correram melhor. Não conseguiu que ela lhe dissesse nada ao telefone, mas notou que o entusiasmo de Rima parecia ter-se desvanecido, como se o emprego tivesse perdido o encanto da novidade, mas que ela fazia o possível por disfarçar. Às 5h30 da tarde, estava em casa do Dr. Dodd.

Rima estava sozinha na sala de espera. Escrevia lentamente a máquina, batendo vagarosamente nas teclas com o indicador inchado. Parecia sentir-se mal.

— A montanha veio a Fátima. Aconteceu alguma coisa? Ela respondeu depressa.

— Não podia falar consigo ao telefone...

— Como é que isso vai, Rima?

— O trabalho? Vai bem.

— Não estou a falar do trabalho. — Nem sequer tentou falar em voz baixa; de onde estava via Harry Toyfell a regar o relvado em frente da casa e Essie e a Sra. Fowler discutiam lá nas traseiras. Os consultórios dos médicos estavam desertos. — Descobriu alguma coisa?

— Não.

— Mas procurou?

— Não!

— Logo vi que era o que estava a acontecer! — disse Ellery.— Que é que pretende fazer, então, Rima?

— Não sou capaz, Ellery.

— Não é capaz de quê?

— Não sou capaz de andar a espreitar, a espiolhar as gavetas como um ladrão.

Ellery disse calmamente.

— Quem a ouvisse havia de pensar que eu sou algum tirano. Mas não se fala mais nisso. Ouviu alguma coisa?

— Não...

— O Winship disse-lhe alguma coisa? Não respondeu,

Ellery franziu os lábios.

— Vou dizer-lhe o que vou fazer, Rima.

— Desculpe, Ellery.

— Vou voltar para Nova Iorque. Ela ficou calada.

— Era a única coisa que podíamos fazer, e se você não quer eu não posso fazer mais nada. — Pegou-lhe na mão. — Não estou zangado consigo, Rima. É muito difícil. Se mudar de ideias, mande-me um telegrama. Ou telefone — me, é melhor. Arranje-me aí um bocado de papel... Está aqui o meu número de telefone.

Ela começou a chorar.

Ellery ficou uns momentos à espera, sentindo-se aborreci do e incapaz.

Depois, fez-lhe uma festa na cabeça como se ela fosse uma criança, voltou para o Hollis e pediu a conta.

Uma semana mais tarde, estava de volta a Wrightsville, chamado por Rima. Assim que poisou a mala no Quarto 835 do Hollis, levantou o receptor do telefone.

— Ellery. — A voz dela era calma e impecável, um tanto ou quanto misteriosa. Soava de uma maneira muito diferente do que na chamada interurbana que fizera antes.

— Posso ir aí buscá-la?

— Não vale.a pena. Encontro-me consigo no Grill da Praça às sete horas.

— Está bem.

Ellery experimentava o café de Mike Polaris quando Rima entrou. Ficou surpreendido, mas, depois, pensou que era disparate. É claro que ela não podia andar sempre com o mesmo fato. Tinha uma saia de uma espécie de serapilheira e um bolero do mesmo estranho tecido; a blusa era a do La-chine.

— É a última moda — disse ela, a rir, sentando-se no banco ao lado dele. — Não sabia?

— Serapilheira?

— O Al Hummel diz que vem na Vogue. Comprei-o na loja do Al, na Rua Slocum, na porta ao lado da loja de artigos desportivos do Jeff Hernaberry. Cinco dólares a pronto e o resto em prestações semanais. Tinha de comprar uma data de coisas. E, a propósito, — Pôs um envelope pequeno em cima do balcão.

— Que é isso? — Tinha também um penteado diferente. Fora ao Salão de Beleza da Rua Principal, com certeza.

— A primeira prestação da minha dívida.

— Rima...— Não.

— Está bem. — Meteu o envelope na algibeira e mandou vir dois bifes. Depois disse: — Então?

— É pouca coisa. Não sei se interessa. — Remexeu dentro da carteira, mas não parecia estar à procura de nada. — Procurei nos ficheiros.

— MacCaby?

— Mas não encontrei nada de especial. A não ser uma pistola...

— Onde?

— No gabinete de Dodd. Não lhe mexi.

A maioria dos médicos daqui têm uma pistola. E os papéis pessoais dele? Viu-os?

— Vi, mas não havia nada de especial, acho eu. Tem um escritório nas traseiras da casa, no andar de baixo... consegui revistá-lo. Nenhuma das gavetas está fechada à chave.

— Há algum cofre no escritório?

— Acho que não. Pelo menos que se veja.

— O. K. W. disse-lhe alguma coisa?

— Só que anda preocupado com o Dr. Dodd.— Por quê?

— Porque o Dr. Dodd anda tão preocupado, Ken!— disse o nome com toda a naturalidade. — Ken não consegue descobrir porquê. Os sintomas físicos são os de um homem à beira de um esgotamento nervoso, diz ele. Mas o Dr. Dodd não quer falar no assunto, diz que são nervos e excesso de trabalho. Não quer tirar férias nem consultar um neurologista.

Mas isso já é antigo, pensou Ellery. Aqueles tiques não aparecem de um dia para o outro. — É mais que isso, Rima.

Ela percebeu o que ele queria dizer. Fitava o balcão, brincando maquinalmente com o garfo.

— Acho que tem alguma coisa a ver com o quarto do último andar, mas não disse nada ao Kenneth.

— Um quarto no andar de cima?

— No sótão. O Dr. Dodd não deixa ninguém lá entrar. Nem sequer a Sra. Fowler ou a Essie, para fazerem a limpeza. Tem a porta fechada à chave e só há

uma chave, que está na corrente das chaves dele.

Ellery sorriu.

— Acha que ele é Barba Azul?

— Já lhe disse que, Aliás, não era nada de especial.— " Mike atirou com os bifes para cima do balcão e Rima começou a comer lentamente.

— Ele vai muitas vezes ao quarto?

— Uma vez por dia.

— Sim? Todos os dias?

— Sim, de manhã. É a primeira coisa que faz depois de se vestir. Abre a porta, entra e fecha-se à chave lá dentro.

— E quanto tempo é que lá costuma ficar?

— Às vezes, só alguns minutos, outras vezes mais tempo, nunca lá fica muito tempo. Quando sai fecha a porta à chave e desce para tomar o pequeno-almoço. Foi a Essie que me contou isto. Por isso, fui espreitá-lo.

— A Sra. Fowler não sabe o que há no quarto?— Não.

— E o Winship? Falou com ele acerca do assunto?

— Não podia, a não ser que lhe dissesse como é que sabia da existência do quarto. E ele nunca falou nisso. Acho que não sabe.

Comeram em silêncio. Finalmente, Ellery disse:

— E que tal vão as coisas para si, Rima? Está satisfeita com o trabalho.

— Bem, tenho saudades de andar à solta, mas... — pôs a mão no braço de Ellery. — Desculpe tê-lo chamado aqui por nada, Ellery. Não sabia o que havia de fazer. Mas você disse...

— Não foi por nada.

— Acha que é importante?

— Acho.

— Mas o que será?

— Não sei, Rima, mas temos de entrar nesse quarto. Ela empalideceu. Ao fim de uns instantes disse:

— Está bem, vou tentar. Mas não sei se... e a chave...

— Não, não, isso é comigo — disse Ellery.

Sexta-feira, 21 de abril

Ellery entrou em ação logo na manhã seguinte. Foi até a Avenida Algonquin pouco depois das 11 h da manhã. Harry Toyfell estava a estrumar o relvado. Nem olhou para ele.

— Bom dia. O Dr. Dodd está?

— Não vê o carro dele ali? — Toyfell levantou-se, apoiando o pesado saco na anca.— Já que aqui está... — disse, vagarosamente. — Descobriu alguma coisa sobre o Tom Anderson?

— Nada de seguro, Toyfell. Você não descobriu nada, pois não?

Mas o jardineiro recomeçara a espalhar o estrume.

Ellery encontrou Rima e o Dr. Winship debruçados em cima de um monte de fichas de pacientes. Pela porta de entrada para o gabinete de Dodd viu este a enfiar a bata branca. Achou que Rima e o Dr. Winship se separavam precipitadamente; o jovem médico estava corado.

— Rima já me tinha dito que o Sr. estava de volta — disse, apertando a mão de Ellery. — Ela tem sentido muito a sua falta.

— Eu também, Dr. Winship. Mas, Aliás, não tenho tido tanto que fazer como os senhores. Bom dia, Dr. Dodd.

O homenzarrão entrara na sala, no seu passo estranho. Tinha péssima cara. Os tiques eram contínuos e os maxilares estavam inchados. Mas falou cordialmente.

— Temos tido imenso que fazer, é verdade. Não conseguimos arranjar soro antidiftérico em quantidade suficiente-Estamos a dar vacina de Schick a toda a gente e quase não ha tempo para dormir. Esta menina tem sido extraordinária, Sr. Queen. Tem-nos ajudado imenso, a mim e ao Kenneth.

Rima corou muito e desapareceu no gabinete do Dr. Winship, levando umas fichas na mão.

— Piquei surpreendido quando Rima me disse que o Sr. tinha voltado para Nova Iorque, Sr. Queen. Pensei que tinha desistido.

— Não — disse Ellery, e assestou as suas baterias. — São os hotéis, Dr. Dodd.

— Os hotéis?

— Não sou capaz de ficar num hotel mais do que uma ou duas noites. Não consigo dormir. Desta vez, não tive sorte. Das outras vezes que vim a

Wrightsville fiquei sempre em casa de alguém. Mas não vejo o Hermy Wright nem os Foxes há anos, e os Van Horn, coitados...

Viu imediatamente que o tiro tinha falhado. Os olhos preocupados do Dr. Dodd piscaram rapidamente e ele disse “Que maçada” em tom vago, passando imediatamente para outro assunto.

— Então isso quer dizer que não descobriu mais nada sobre o desaparecimento do Tom Anderson?

— Mais nada. Bem, Dr., não lhe quero tirar mais tempo...

— Não, não, Sr. Queen, é agradável falar com uma pessoa de fora, de vez em quando...

— Já que ele está interessado na sua companhia, Sr. Queen — disse o Dr. Winship, sorrindo —, talvez o consiga convencer a tirar uns dias de férias. Por que é que não vai até o Lago Phansee passar uns dias, Dr.?

— Nesta altura do ano? Que ideias, Kenneth.

— Onde é o Lago Phansee? — perguntou Ellery, como se não soubesse.

— E a norte do Lago Quetonokis, Sr. Queen, nas montanhas dos Mohaganies — disse o Dr. Dodd. — É uma estância de férias. Muitas pessoas daqui têm lá casas de Verão. Se fosse na estação da pesca...

— Podia ir abrir a casa, Dr. — argumentou o Dr. Winship. Preparar as coisas.

— Não, Kenneth...

— Deve ser uma região muito bonita nesta altura do ano— disse Ellery. — Principalmente agora, que não está lá ninguém... Não quer ir até lá comigo, Dr. Dodd? Queria muito passar um dia a rachar lenha.

— Era agradável, para variar — murmurou o médico. — Mas acho que não vai ser possível... o hospital, a clínica, os doentes...

— Era só por dois ou três dias! — exclamou o jovem Assistente. — O Sr. não é Deus, Dr. Dodd! Podemos passar uns dias sem si. Se for preciso peço ao Walter Flacker que nos venha ajudar, não tem nada que fazer naquele consultório elegante do Hill. Não são os seus doentes que me preocupam, Dr.. E se o Sr. um dia destes cair para o lado de cansaço? Acha que eles ganham alguma coisa com isso?

Ellery teve a impressão de que o motor da vida do Dr. Dodd engasgava e parava durante uns instantes. Mas só durante uns instantes.

Pôs-se muito amarelo, mas recuperou rapidamente.

O seu crânio calvo cobriu-se, porém, de gotas de suor e Ellery viu que tinha de dedicar pelo menos um dia a um estudo mais aprofundado do Dr. Sebastian Dodd.

Sábado, 22 de abril

Rima estava deitada no sofá duro da sala de espera, numa semi escuridão. Uma voz pura e quente de rapaz cantava uma canção terna e nostálgica numa língua desconhecida, acompanhado por um instrumento de cordas nativo, e ouvia, a seu lado, a respiração forte e ritmada de Kenneth Winship, marcando o compasso da canção, sentindo também o calor da sua mão imóvel assente sobre o tornozelo dela, como um pequeno sol, reconfortante mas que, ao mesmo tempo, queimava. Não sabia que horas eram; achava que devia ser quase meia-noite de sábado, mas que importância tinha o tempo? Era só uma maneira de situar as coisas que aconteciam, e nessa noite não estava com disposição para estatísticas. O dia fora muito cheio, povoado de caras infelizes e coradas, de respirações sibilantes, de febres altas, de pessoas submissas que vinham à clínica ao som do silvo do esterilizador, da tosse das crianças doentes. Estava tão cansada que tinha a cabeça esvaída. Ou talvez fosse aquela estranha música antiquada.

Ou a sensação de calor ardente no tornozelo.

A voz calou-se, o calor cessou e a moça sentiu que ele se levantava do sofá. O disco continuava a girar na sala de estar, do outro lado do vestíbulo, e ela viu a figura alta dele atravessar a entrada à luz fraca do lustre do vestíbulo e desaparecer do outro lado, na escuridão. O disco parou e, dali a pouco, a música recomeçou. A mesma voz jovem e quente, acompanhada pelo mesmo instrumento tosco, elevava-se numa prece grave e fervorosa; e o Dr. Winship voltou até junto dela, atravessando o vestíbulo e sentou-se outra vez no seu lugar.

— Que é aquilo, Ken? — murmurou Rima.

— Uma balada italiana do século XIV. Lembra-se do Decameron dos jovens ociosos de Boccaccio, que fugiram da cidade por causa da peste e não sabiam o que haviam de fazer no campo? Era uma das canções que eles cantavam, acompanhados à viola.

— E isto?

— Gloria in Cielo. Do mesmo período. É muito diferente,

não acha?

— Pois é.

Pois é, pensou Rima. Esta é muito séria e a outra... Sentiu que ele lhe pegava na mão e fez um movimento convulsivo, quase se sentando no sofá.

E, de repente, ele começou a dizer as coisas mais absurdas. Ouvia a voz dele e compreendia o significado das palavras, mas não lhe pareciam reais; era como a linguagem do cantor de baladas, incompreensível mas clara como o Sol na água saltitante, cheia de turbulência, como num sonho.

— Gostei de si assim que a vi, Rima. Percebi que nunca mais ficava contente se não a tivesse comigo no mesmo quarto. Sou muito desajeitado e você é tão pequenina e tão maravilhosa, mas vou fazer o possível, Rima, vou fazer todo o possível...

E ela pôs-se também a dizer, ao mesmo tempo que o disco continuava a tocar e a voz dele continuava a falar: “Também gosto de si, Ken, também gosto de si. Não sei o que é o amor, mas seja o que for, estou cheia dele e é todo para si, meu querido, foi assim logo que...”

Nessa altura, calaram-se os dois e só o disco continuou a tocar, mas na cabeça de Rima parecia andar tudo à roda também, ao mesmo ritmo doce e insuportável.

Horas ou anos mais tarde, acendeu-se a luz na sala de estar, do outro lado do vestíbulo, e Rima ouviu a voz do Dr. Dodd a dizer:

— Está um disco a tocar, mas não vejo ninguém. Onde é que estão?

Mas, agora, os acontecimentos tinham recomeçado a situar-se no tempo e ela notou que estava de pé, com as pernas encostadas ao sofá para se equilibrar, e que a grande mão de Ken a segurava, enquanto a sua voz lhe dizia:

— Não é nada, querida. É só o Dr. e Queen que voltaram do Lago Phansee.

Nessa altura, acendeu-se a luz da sala de espera e o Dr. Dodd e Ellery apareceram à porta, espantados mas perceberam do imediatamente o que se passava; e acabou-se tudo.

Mais tarde, sentaram-se todos na sala de estar, às escuras” os três homens e Rima, falando do milagre e fazendo planos para a sua consagração, e foi um momento muito feliz. Pelo menos para Rima. Estava encostada ao ombro de Ken e contentava-se em ouvir vagamente o que os outros diziam, sem pensar no pai nem nos recentes acontecimentos sombrios da sua vida, desejando apenas que Ellery falasse menos e Ken mais, para ela poder ouvir a voz dele. Mas Ellery parecia monopolizar a conversa. Agora, estava a contar-lhe o passeio deles e que o Dr. Dodd era um velho lenhador experiente, e enquanto falava evitava olhar para Rima; ela apercebeu-se gradualmente disso e sentiu-se, de repente, menos satisfeita. Quando Ellery se calou bruscamente, Rima achou que ele tinha estado

a falar à toa e começou a rir; mas Ken tapou-lhe a boca com a mão e ficou alarmada.

— Ouviu, Ken? — perguntou Ellery, em voz baixa.

— Uma janela, nas traseiras da casa!

— Que esquisito — disse o Dr. Dodd. Puseram-se outra vez à escuta.

Desta vez, Rima também ouviu. Uma janela que estalava, porque alguém a abria cuidadosamente. Ouviram um estalido e, depois, fez-se silêncio, outro estalido, novamente silencio.

— Ladrões? — perguntou Rima, de brincadeira. Mas ninguém se riu. O Dr. Dodd levantou-se.

— Onde é que vai, Dr.?

— Já volto. — Passou rapidamente por debaixo da lâmpada acesa na entrada e desapareceu na escuridão da^sala de espera.

— Que será? — murmurou Kenneth Winship.

O Dr. Dodd atravessou novamente o vestíbulo. Tinha uma coisa brilhante na mão direita.

— Deixe-se disso, Dr.. Dê cá!

— Kenneth...

— Por amor de Deus. Vai dar um tiro em si mesmo. — O rapaz pegou no revólver. — Não é preciso ter medo, Dr.. os dentes do Dr. Dodd batiam de terror. Ken pôs a mão no braço do homenzarrão. — Pronto, Dr. — disse. Os sons cessaram e Ellery ouviu Dodd murmurar qualquer coisa.— Piquem aqui...

Não! — sussurrou Rima.

Não me deixem aqui sozinho — disse o Dr. Dodd, em dificuldade.

Ken já estava no vestíbulo. Rima correu atrás dele. O Dr. Dodd começou outra vez a tremer.

— Vamos, Dr. — disse Ellery. Pegou no braço do homem; estava tão hirto como se fosse de madeira. — Venha lá. Não há perigo. O Kenneth esteve na tropa. — Winship tinha razão; um dia na floresta tinha mostrado uma coisa a Ellery: que Sebastian Dodd vivia numa selva povoada de monstros, aterrorizado, com quê? Ellery não sabia.

Ken estava junto da porta de trás do vestíbulo,-à escuta, e Rima estava encostada à parede. Ken olhou para eles; Ellery acenou na direção do lustre e, sem largar o braço do Dr. Dodd, deslocou-se e carregou no botão do interruptor.

A respiração do Dr. Dodd ouvia-se perfeitamente na escuridão.

A porta da outra ponta do vestíbulo abriu-se, de repente, e do quarto de trás veio uma réstia de luz, que oscilou como se a pessoa que segurava a lanterna tivesse sido surpreendida e, depois, o quarto iluminou-se repentinamente quando

a mão esquerda de Ken apareceu junto de uma janela invisível, pressionando o interruptor.

Depois, ouviram Ken dizer “esteja quieto” em voz calma.

Ellery correu até a outra ponta do vestíbulo, passou junto de Rima e parou.

compartimento era um escritório, com uma velha secretária escolar com a respectiva cadeira, um sofá de couro preto e estantes simples de prateleiras, na parede do fundo, havia duas janelas, uma das quais estava aberta. Algumas das gavetas da secretária estavam abertas e via-se uma mão grande metida numa delas, enquanto a outra segurava uma lanterna de bolso. Por detrás da secretária, erguia-se a figura corpulenta de Nicole Jacquard.

— Que é que está a fazer aqui, Jacquard? — perguntou Ken. A língua do homem saiu fora da boca, mas recolheu novamente.

— De que é que está à procura? — perguntou Ellery,

Mas Jacquard limitava-se a fitá-los com um olhar furioso— Nick. — Era a voz de Dodd, a tremer. Mandei-lhe alguma vez a conta quando operei a Emilia? Quando salvei a perna de Andy? Quando nasceram os seus três últimos filhos? E assim que me paga, Nick?

Jacquard não disse nada. Os seus olhos vítreos pareciam acossados.

— Não lhes vai dizer nada — disse Rima. — Só sabe fazer duas coisas, beber e roubar. Nem sequer o meu pai conseguia nada dele. — A voz dela estava carregada de reminiscências.

Jacquard umedeceu novamente os lábios.

— Queen, segure o revólver e mantenha-o em respeito— disse Ken Winship. — Vou buscar uma corda para lhe atar os presuntos.

É para aprenderes a nunca desviar os olhos de um homem encurralado^ pensou Ellery, levantando os braços para cima e para trás de modo a atirar Rima ao chão e a obrigar o Dr. Dodd a curvar-se. Depois, deitou-se para cima deles, protegendo-os com o corpo. Quando Winship desviara ligeiramente a cabeça Jacquard tinha saltado com a agilidade de um animal, tentando apanhar a pistola. Os dois homens caíram estrondosamente, mas Ken não largou a pistola. Ellery não teve tempo de o ajudar; saltou para trás para cima de Rima e do velho médico no momento em que Jacquard se atirou na direção da arma; caíram todos no chão ao mesmo tempo. Logo a seguir, ouviu-se um tiro e, depois, ficaram todos quietos.

Os dois homens estavam no chão, um em cima do outro.

Depois, Rima gritou, saindo de debaixo de Ellery ao mesmo tempo que ele mergulhava na direção dos antagonistas.

Sentiu o sangue na mão quando puxou por eles.

— Ken! — gritou Rima. Depois, exclamou cheia de contentamento. — Não foi o Ken! Não foi o Ken!

Ken parecia siderado. Ellery ajudou-o a levantar-se. Tentou fugir-lhe, olhando para Nick Jacquard. Mas Ellery disse:

— Esteja quieto, Ken. O Dr. Dodd trata dele.

O Dr. Dodd levantou os olhos ao fim de uns instantes, com a cara toda a contorcer-se. , — Morreu.

— Morreu? — perguntou Ken, em tom horrorizado.

— Acertaste-lhe no coração, Ken. Morreu.

— Matei-o.

Meu querido, ele estava a querer tirar-te a pistola — disse rima em voz apressada, agarrada a ele. — Todos nós vimos. Não tens culpa, Ken. Vimos tudo muito bem.

— Matei uma vez um alemão. Na Itália. Um grandalhão como o Jacquard. Rodou como um bailarino e, depois, dobrou-se pelos joelhos e caiu de cara para baixo, ajoelhado com o traseiro para o ar como se fosse um árabe a rezar. Morreu?

— Levem-no daqui — murmurou Ellery ao Dr. Dodd e a Rima. — Dr., dê-lhe qualquer coisa. Diga-lhe que não teve culpa. Vá, depressa! Tenho de telefonar ao Dakin.

O chefe Dakin, que, como um homem decente que era, estava na cama a dormir, chegou ao local à 1h45 da manhã, mas o delegado Chalanski, que se encontrava numa festa de Skytop Road, só chegou às 2h15 “O que era uma boa lição”, disse Chalanski, pois mostrava que as dores de cabeça ficavam para os virtuosos “a propósito de dores de cabeça... parece que este caso não nos vai dar grandes dores de cabeça, pois não, Queen?”, e o delegado do Ministério Público do distrito de Wright apertou a mão de Ellery com moleza, observando que o crime parecia perseguir Ellery como um cobrador e fazendo Ellery resmungar que achava — ou pelo menos tinha esperanças — que fosse o contrário.

Ninguém, a não ser Harry Toyfell, pareceu importar-se muito com a morte do Ladrão da Cidade, ou pelo menos ninguém se mostrou penalizado. Ken esteve absorto nos seus próprios problemas psicológicos; Rima estava absorta nos problemas de Ken. Essie Pingam, que desceu as escadas a correr com o cabelo enrolado em papelotes de trapo e vestindo um roupão inesperadamente elegante, de um tecido acolchoado estampado de grandes rosas encarnadas, desmaiou e, quando o Dr. Dodd a reanimou, ficou absorvida nas suas preces tumultuosas; a Sra. Fowler, pálida, mas demonstrando a fortaleza de espírito herdada dos seus antepassados puritanos, andava para cá e para lá com cafeteiras de café, mexendo na caixa do seu aparelho de audição e dizendo que ° Sr. tinha

as suas próprias maneiras de castigar a indolência e o pecado; o Dr. Dodd quase parecia alegre, gracejando com o chefe Dakin sobre a sua licença de porte de arma, contando histórias de outras mortes violentas a que assistira e comportando-se — o que não surpreendeu Ellery, pois tinha visto já outras pessoas exibirem aquela falsa animação perante a morte — como se estivesse claríssimo; e Dakin e Chalanski falavam de Jacquard como se fosse uma ficha de arquivo Quanto a Harry Toyfell, parecia um monge medieval, com o Seu roupão comprido acastanhado e Os seus chinelos de ourelo esfarrapados; postou-se ao lado do cadáver corpulento do seu velho compincha com um estoicismo Severo. Toyfell dormia num quarto que ficava por cima da garagem, situada nas traseiras da casa e que fora, outrora, Uma cocheira; tinha atravessado o jardim das traseiras arrastando os pés, e a terra que viera agarrada aos chinelos estava muito perto da cara do seu amigo morto.

— Não, tenho um sono muito profundo — respondeu ao delegado Chalanski.

— Não ouvi nada até acordar com a sereia

— Mais valia que tivesse ouvido, para bem de Jacquard _ observou Dakin.

Mas Toyfell abanou a cabeça.

— Ia acabar mal de qualquer maneira — disse. — O Nick era um homem violento. Andou perdido toda a vida e nunca encontrou o caminho.

— Encontrou-o agora — disse Chalanski com uma risada, afastando-se dele.

Toyfell ficou longe dos outros, ao pé do corpo.

Malvina Prentiss surgiu do espaço exterior como um relâmpago. Ellery chegou a janela a tempo de assistir à sua aterragem, num descapotável estilo foguetão, cuja pintura prateada metalizada refletia os candeeiros da rua. Os homens de Dakin tinham feito um cordão em volta da parte da rua que ficava em frente da casa de Dodd; por detrás do cordão acotovelava-se uma pequena multidão; e ficaram todos a olhar de boca aberta para o monstro prateado, incluindo os Polícias. A diretora do jornal, tal como Chalanski, parecia vir de uma festa; envergava um reduzido traje de noite de lamê, com um decote amplo e uma capa de noite flutuante em tecido prateado; e, quando entrou pelo caminho que conduzia à casa, com a capa enfunada como uma vela e rebocando Francis O'Bannon no seu rastro parecia tao deslocada em Wrightsville como um guerreiro descido do céu. O'Bannon, pelo menos, não vinha de nenhum acontecimento social de sábado à noite. Tinha a barba por fazer, o seu sobretudo de bom corte estava amarrotado e o atacador de um dos sapatos arrastava pelo chão. Tinha um ar rebelde e rabugento, mas foi uma coisa passageira. Quando

chegaram ao pé da casa tinha tirado do bolso um bloco e uma caneta e trotava atrás da patroa sem a menor veleidade de independência.

Segundo se verificou, Miss Prentiss viera para ver justiça ser feita.

Quando lhe expuseram os fatos — Chalanski foi amável à sua maneira despreocupada, como competia a um futuro candidato ao Congresso que contava com o encanto da sua personalidade de “rapaz do povo” para conquistar as boas graças do eleitorado e da Imprensa — e as narinas delicadas de Miss Prentiss palpitaram quando sentiu o odor da corrupção, exigindo uma entrevista com “o assassino deste pobre pai de doze crianças órfãs”. Miss Prentiss foi salva do ataque mortífero iminente de uma figura diminuta, uma tal Rima Anderson e por um Sr. de Nova Iorque. Essa autoridade observou que o tiro fora um acidente provocado exclusivamente pela loucura da vítima e que qualquer tentativa por parte do Record no sentido de voltar o público contra o Dr. Winship antes do inquérito seria cínica, injusta, prejudicial e um estilo sujo idiota de fazer jornalismo, e como estava, Miss Prentiss? Miss Prentiss riu e aquele incidente desagradável morreu por si, embora quase fosse ressuscitado por Harry Toyfell, que disse pensativamente:

— Esperar que um jornal diga a verdade é o mesmo que esperar que um japonês seja misericordioso.

Quando Miss Prentiss partiu, finalmente, numa nuvem prateada, seguida pelo fiel e exausto O'Bannon, com o seu bloco cheio de riscos e garatujas, todos respiraram fundo.

Toda a gente estava muito séria quando dois empregados da Agência Funerária Duncan levaram Nicole Jacquard para a morgue, onde ficaria à disposição do Juiz Grupp e de uma junta de confrades do Dr. Winship, enquanto o Dr. Dodd murmurava qualquer coisa no sentido de que tinha de ver o que se podia fazer pela viúva e pelos filhos de Jacquard. Harry Toyfell acompanhou os cangalheiros até o ulmeiro do relvado principal, arrastando os pés. A sua cara comprida tinha uma expressão grave e meditativa, como a de um monge.

Dakin conferenciou com Chalanski e o delegado disse não era necessário submeter o Dr. Winship à experiência desagradável do encarceramento na cela de prisão até o inquérito; levavam-no à esquadra para ser ouvido e, depois, libertavam-no sob palavra até o julgamento. Por isso, dirigiram-se todos para os automóveis.

Ellery subiu de mau humor para o veículo decrépito do Dr. Dodd, pois sentia-se muito cansado. Parecia estar tudo errado, nada tinha significado; a sorte de Anderson, as mortes de MacCaby e Hart continuavam tão incompreensíveis como até aí; ou mais ainda. Os acontecimentos daquela noite eram um disparate que agravava ainda mais a confusão. Mas, apesar disso, pressentia que havia ali

um mistério para decifrar. Perturbava-o de tal maneira que até lhe doía a cabeça. Estou completamente perdido, pensou quando o Dr. Dodd pôs o carro a trabalhar. Tenho de...

Mas, de repente, deixou de estar perdido.

Uma espécie de revelação dupla, pensou quando sentiu o sobressalto, porque eram a mesma cara em duplicado. Dois homenzinhos de camisola interior, com as calças a cair, blusões de nylon idênticos por cima dos ombros estreitos, estavam de pé um ao lado do outro no alpendre de uma casa pequena de madeira do outro lado da Avenida Algonquin, mesmo em frente da casa do Dr. Dodd.

A olhar.

Os dois pequenos alfaiates de certa idade do Edifício Granjon, na Rua Washington.

Os gêmeos idênticos Waldo.

Qual era David e qual era Jonathan? Nunca tinha visto Jonathan. Também não era preciso. Ver Jonathan era ver David. Devia haver diferenças ao raio X ou milimétricas, ou mesmo nas capacidades; mas, neste caso, a natureza parecia estar a brincar — e, de qualquer maneira, tanto fazia.

Quando o carro do Dr. Dodd se afastou com o motor a talhar, Ellery perguntava ainda a si mesmo por que é que o Seu sistema nervoso teria dado sinal quando tomara conhecimento do fato provavelmente desprovido de significado de JJ e os irmãos Waldo, que faziam os fatos de Otis Holderfield, eram os vizinhos da frente do santo protetor do advogado Holderfield, o afortunado Dr. Dodd?

Domingo, 23 de abril

— O quê? — disse Ellery. Continuava a ouvir o carrilhão da Igreja Metodista e a cara afiada de Dakin tinha ainda contornos pouco nítidos. Esfregou os olhos; também lá estava a Rima, sentada na beira da cama do gerente Brooks, mas sem Ken Winship. Pensei que Jacquard tinha morrido. Ou sonhei aquilo tudo, Dakin?

— Não falei de Jacquard. Falei da casa do Jacquard. Sabe, Sr. Queen — disse o chefe da polícia—, ele vivia numa casa. Mais parecia um galinheiro do que uma casa, com todos aqueles miúdos debaixo dos nossos pés, mas mesmo assim é uma casa, apesar de ficar na Rua Polly e de as ratazanas nos virem comer à mão.

— Ou de nos virem comer à mão — disse Rima.

— Bem, a verdade é que encontrei lá esta manhã os cinco mil dólares do pai de Rima.

O eco redundante do carrilhão esvaiu-se finalmente, a cara de Dakin recuperou os seus contornos nítidos e Ellery disse:

— Ah!, como Hercule Poirot, e foi fechar uma das janelas, a tremer de frio. Tinha de acontecer numa manhã fria de domingo, em abril. E então, Dakin?

— Pensei que ia ficar admirado — disse Dakin em voz espantada.

— Também eu — disse Rima.

— Deviam ter-me trazido um café ao quarto — disse Ellery— Onde é que pensavam que o Jacquard ia esconder um dinheiro que não era dele?

— Então, porque é que não foi lá procurar? — Dakin estava a ser muito desagradável logo de manhã tão cedo, pensou Ellery; e ainda por cima ao domingo.

— Agora pergunte-me a mim por que é que eu não fui 'a procurá-lo. Pois bem, não fui lá procurá-lo porque ninguém se deu ao trabalho de me dizer que Anderson tinha voltado ao escritório de Holderfield com os cinco mil dólares num envelope e que tinha entregue o dinheiro a Holderfield com instruções para o dar a Nick Jacquard se lhe acontecesse alguma coisa, e que o Holderfield tinha feito isso mesmo. Foi por isso que não fui lá procurá-lo, Sr. Queen. E tenho de ter também uma conversinha com o Sr. Holderfield, esta manhã, que ele não vai esquecer tão cedo.

— Tem toda a razão, Dakin — resmungou Ellery. — A culpa foi desta educação que me deram quando era novo, ensinaram-me a ficar de boca fechada. Mas quem é que lhe disse?

— Fui eu — disse Rima. — Acordei muito cedo, esta manhã, com um pesadelo e fui direitinha falar com o chefe Dakin. Não disse ao Ken, nem ao Dr. Dodd, nem a ninguém — o Ken já tinha ido para o hospital, e o Dr. Dodd ainda estava a dormir.

— Fez-me saltar da cama para ouvir esta história, e fez muito bem — disse Dakin — e agora não se ponha a olhar para ela com essa cara como quem diz quando te apanhar sozinha eu te conto, Sr. Queen, porque ela é mais minha amiga do que o Sr.. Ou estava à espera que o Jacquard fosse desta para melhor para encontrar o Sr. os cinco mil dólares?

— Essa observação é indigna da nossa longa amizade — disse Ellery com ar ofendido. — Tenho de ir tomar um café... Bem, de qualquer maneira, agora o Sr. já tem o dinheiro, e isso é o principal, e agora que já o tem, o que é que vai fazer com ele? Encontrou o envelope e a carta que o Tom Anderson lá meteu dentro, segundo disse ao Holderfield?

— A resposta à segunda pergunta é não, porque o Jacquard deve ter deitado fora a carta. A resposta à primeira pergunta— disse o chefe da polícia — é que já que o Dr. Dodd deu o dinheiro ao Tom Anderson e que o Tom Anderson já não é deste mundo...

— É por isso que eu estou aqui — disse Rima, olhando Ellery ^os olhos. — Não quero o dinheiro. O Dr. Dodd deu-o ao Pai com uma finalidade, e como o pai não viveu o tempo suficiente para cumprir a sua promessa, acho que o dinheiro deve voltar às mãos da pessoa que o deu. E é o que vai acontecer.

Dakin olhou para Ellery com ar esperançoso.

— Está bem — disse, ao fim de um momento. Depois, dirigiu-se para a porta e Rima seguiu-o.

— Esperem — disse Ellery. Pararam os dois. — Vou ter consigo a recepção daqui a nada, Rima. Estou pronto em cinco minutos.

Depois saiu com um ar repreensivo.

Ellery levou Rima à cafetaria do hotel e sentaram-se a cinco mesas de distância do caixeiro viajante mais próximo. Rima disse que só queria o café, muito obrigado, por isso Ellery mandou vir duas chávenas grandes de café e perguntou.

— E que mais contou ao Dakin?

— Mais nada.

— Para que é que lhe foi contar isso do dinheiro?

— Achei que ele devia saber.

— Achou que ele devia saber. Sabia que se estivéssemos na guerra você podia ser fuzilada por isto?

— Não sabia que o Sr. Dakin era o inimigo.

— Você tem argumentos capciosos — murmurou Ellery. — É claro que ele não é o inimigo. Mas você jurou-me fidelidade. Sou o seu patrão... o chefe. Já não se lembra?

— Ellery.

— O quê?

— Vou despedir-me.

Ellery acenou com a cabeça e, durante uns momentos, concentraram-se no café— Finalmente, Elery acendeu um cigarro e fez um ponto de interrogação com o fumo.

— Vou. Depois do que aconteceu na noite passada... O Ken e eu... Ellery, não era capaz de continuar. Era enganar o Ken. Foi uma coisa que não esperávamos quando fizemos a nossa combinação. É claro que você compreende.

— E claro. — É claro. Mas ainda não se tinha lembrado disso. É o que acontece, pensou lastimosamente, quando manobramos as pessoas como peças de xadrez e nos esquecemos de que são humanas. — Tem toda a razão, Rima. E claro que você não pode andar a enganar o Ken. Mas não se esqueça da minha posição, está bem?

— Quer dizer que não devo dizer nada ao Ken?

— Lembre-se de que o Ken é muito dedicado ao Dodd. Ia ficar furioso e, de certeza, dizia alguma coisa ao Dodd. E isso podia ser o fim.

— Vai continuar com isto? — Rima ficou espantada. Ellery pareceu espantado com o espanto dela.

— Com certeza. — E, depois, disse, mudando de assunto. " Sabe que o Dodd está muito doente, Rima?

— Diz isso por ele andar tão nervoso?

— É uma fobia.

— Uma fobia?

— Ele não anda só preocupado ou ansioso, Rima. É medo. E não é um medo vulgar, intermitente, é um medo patológico. Acho que é por isso que não me vou embora de Wrightsville. De que é que Dodd tem assim tanto medo? E seja o que for, estará relacionado com as mortes de MacCaby e Hart? E com o que aconteceu ao seu pai? E a Jacquard?

— AJacquard?

— Sim.

— Mas a morte de Jacquard... — Parecia muito, admirada.

— Pois. Primeiro, a morte de MacCaby, depois, a de Hart, depois, provavelmente, a do seu pai, e agora de Jacquard. Estão todas relacionadas. Ou não estarão? Há duas possibilidades, Rima. Lembra-se? Cara ou coroa.

— Mas foi tudo culpa dele!

— Valha-me Deus, Rima, não estou a suspeitar do seu amado. O pobre Ken teria sido, de qualquer forma, um instrumento do azar. Não queria dizer isso. Refiro-me à teoria das duas faces da moeda. Uma das possibilidades: Jacquard, um ladrão de trazer por casa, entrou em casa do homem rico de mais fresca data da cidade. Depois da meia-noite quando a escuridão era quase total, não se esqueça. Para quê? É claro que foi para roubar alguma coisa. Mas o quê? O que encontrasse. O lugar, a hora, as circunstâncias, a vítima potencial, a personalidade do culpado, tudo se coaduna com esta interpretação simples. Mas isso já era assim nos acontecimentos anteriores.

"E o reverso? Se for Dodd o vilão? O homem que vive atormentado pelo medo?... Qual poderá ser a ligação entre ele e Jacquard?

— Não estou a ver...

— Suponha agora que Dodd matou MacCaby para herdar a fortuna dele, que compeliu Hart ao suicídio para conquistar o controlo da fábrica de tintas, que matou o seu pai para não continuar a ser vítima da chantagem dele. Se tudo isso for verdade, o seu pai tinha provas do crime de Dodd, a caixa de comprimidos que Dodd deu a MacCaby, ou qualquer outra coisa. Não interessa agora o quê.

"E agora vamos ao Tom Anderson. O Tom Anderson era um homem inteligente. Sabia que Dodd era um assassino e que um homem que matou duas vezes matará também uma terceira. E ele, Anderson, está a fazer chantagem com Dodd. Vê o que lhe pode acontecer. Por isso esconde as provas.

"Esconde as provas, e que faz? Dá a Holderfield uma carta fechada com instruções para Holderfield entregar o envelope a Nick Jacquard caso lhe aconteça alguma coisa a ele, Anderson. E no envelope estão, não só os cinco mil dólares que Dodd lhe deu, mas também uma carta com instruções para Jacquard, contando a Jacquard o crime de Dodd e falando-lhe das provas, do que são e do lugar onde Anderson as escondeu. Por isso, se Dodd resolvesse matar Anderson para acabar com os seus problemas, Jacquard desiludi-lo-ia, continuando a chantagem. Eram amigos, não eram? E Tom Anderson decaíra muito desde os seus tempos de poeta e de professor.

Rima não disse nada, mas mostrava bem que a ideia lhe parecia desprezível.

Apesar disso, Ellery continuou:

— E onde é que Tom Anderson tinha escondido as provas do crime de Dodd? Muito bem, o que é que Jacquard, o herdeiro de Anderson por assim dizer, fez na noite passada? Entrou no escritório de Dodd. Suponha que a carta de Anderson a Jacquard dizia: Escondi as provas no último lugar onde Dodd se lembraria de as procurar: no seu próprio escritório. Segundo o disse o próprio Dodd, Anderson esteve, pelo menos, duas vezes em casa dele. Suponha que não esteve na sala de espera, como o disse Dodd, mas no escritório de Dodd, onde tiveram a conversa dos cinco mil dólares. E suponha que chamaram Dodd e ele saiu do escritório durante uns minutos, deixando Anderson lá sozinho? Vê onde nos leva a outra bifurcação da estrada, Rima? A Jacquard, entrando em casa de Dodd para se apoderar das provas que tinham permitido que Anderson fizesse chantagem com Dodd e por causa das quais Dodd matou Anderson. Dodd, Dodd, sempre Dodd, o homem aterrorizado. Sempre Dodd, É por isso que preciso absolutamente de entrar naquela casa, Rima. É só uma das duas teorias possíveis, mas se encontrássemos essas provas, que Jacquard não apanhou, podíamos eliminar uma das possibilidades e optar pela outra, seguindo a outra bifurcação da estrada até atingirmos um destino. Não acha?

Rima sorriu.

— Desculpe, Sr. Queen, mas não acredito. Isso é poesia perversa. Pura imaginação. Devia ter vivido no tempo de Coleridge. Ou fumado ópio com DeQuincey. Vou voltar para o pé de Ken e do Dr. Dodd, que é um bom homem, perturbado... talvez doente devido ao excesso de trabalho, com um esgotamento nervoso, mas que não é um assassino, que não é a nêmesis de um homem rico e de um homem tonto, de um pobre e de um ladrão... Ellery, que foi?

Porque Ellery parecia petrificado, olhando para o cigarro que lhe queimava o indicador, como se fosse um faquir.

— Ellery! — Deu uma palmada na mão dele e a beata caiu dentro da chávena de café com um silvo de frustração. — Que é que tem?

Ele voltou a si e à cafetaria do Hollis, com um sobressalto. Deu um pulo tão inesperado que quase deitou a mesa ao chão.

— Ellery! Onde vai?

— Dodd!... Pague a conta. Quer dizer... Ora, não tenho tempo para esperar pelo troco. Disse que ainda estava na cama? Despache-se, Rima.

— Mas que disparate é este?

Mas ele já estava na rua, acenando ao táxi parado lá fora.

Ellery disse:

— Dr. Dodd. Vou contar-lhe uma história de fadas. Tinham encontrado Dodd no escritório, de pijama e com um roupão de seda preta já esgarçada, sentado atrás da secretária, onde Nick Jacquard estivera de pé pela última vez na

véspera à noite. Bebia café, segurando com as duas mãos a chávena, trêmulo, olhando pela janela para o jardim. Não se via nada além de Harry Toyfell cavando a terra à volta de um monte de brotos de narciso. Ken estava a falar com ele, dando-lhe notícias de um paciente que acabara de ver no hospital, mas o médico mais velho parecia não o ouvir.

Esta manhã Dodd tremia muito mais que o costume, sendo abalado por um verdadeiro tremor de terra pessoal.

Tentou sorrir; mas o sorriso desfez-se aos poucos, para dar lugar a um verdadeiro caos de contrações desordenadas. Parecia fascinado pelos movimentos de Toyfell, pela terra que ele levantava e que, depois, tornava a cair.

O próprio Ken Winship estava com má cara naquela manhã; Rima fez-lhe uma carícia suave nas pálpebras. Ellery, acho que hoje não é o dia mais indicado. Pelo contrário, pensou Ellery.

— Um conto de fadas — repetiu. — Mas tem de me acreditar. E, por isso, peço-lhe que me oiça bem e que faça o possível por aceitar o que eu lhe vou dizer.

Tinha conseguido despertar o interesse de Dodd; uma vitória desagradável, porque o homem estava nitidamente à beira do colapso nervoso.

— Como eu estava a dizer... — começou Ken.

— Ouve, querido — disse Rima.

— Tenho de começar pelo princípio. Cheguei a Wrightsville com uma teoria. A minha teoria era que a morte de Tom Anderson era só um elo de uma cadeia. Segundo a minha teoria era só o terceiro elo, porque o primeiro elo era a morte de Luke MacCaby e o segundo elo a morte de John Hart. Na noite passada, Nick Jacquard morreu também. Na noite passada, a minha teoria era a de que a morte de Jacquard era o quarto elo.

— Que raio é que está a dizer, Ellery?

— Ken, ouve.

— Esta manhã, a minha teoria foi comprovada e passou a ser um fato. As mortes de MacCaby, Hart, Anderson e Jacquard estão efetivamente relacionadas. Nessa mesma ordem. É o que as relaciona...

— Que é? — exclamou o Dr. Dodd em voz rouca.

— Quero que acompanhe o meu raciocínio, Dr. — disse Ellery. — O primeiro a morrer foi MacCaby. O que era o MacCaby?

Dodd estava agarrado ao rebordo da secretária.— Que era, como?

— Não me refiro ao seu aspecto físico, mas sim à personalidade dele.

— Era um excêntrico.

— Não é isso. Em termos sociais. Aquilo que mais despertou a atenção de Wrightsville e que foi mais discutido depois de ele morrer, — Ellery calou-se

durante um momento. — Toda a gente pensava que ele era...

— Pobre? — Dodd olhava-o de soslaio por detrás da secretária

— Mas ele era realmente...

— Um homem rico.

— Agora, vamos à segunda vítima, Hart. Como é que descreveria Hart do mesmo ponto de vista, Dr.?

— Era um vigarista.

— Pois, mas o que é que ele tinha em comum com os habitantes mais miseráveis da Vila Baixa?

— Toda a gente pensava que ele era milionário quando, afinal, não tinha um tostão?

— Exatamente, esse homem era considerado rico, afinal, era pobre. Na nossa sociedade, em que a acumulação de riqueza é a principal preocupação da maior parte dos indivíduos, a perda dessa riqueza é o acontecimento mais trágico, ou seja, mais dramático, da vida de alguém. Portanto... à luz da nossa escala de valores, o fato mais significativo relacionado com Lucke MacCaby era o de que ele era, na realidade, um homem rico, apesar de toda a gente pensar que era pobre, enquanto o fato mais significativo relacionado com John Spen-cer Hart era o de que ele era realmente um homem pobre, apesar de toda a gente pensar que ele era rico.

— E agora — continuou Ellery — descreva-me Tom Anderson.

— Não tem importância, Dr. — começou a dizer Rima.

— Não me refiro a esses aspectos — disse Ellery. — Vamos continuar dentro da escala de valores socieconômicos. O que está aqui em causa são classificações relacionadas com a propriedade, não é verdade? Riqueza, pobreza. Como era Tom Anderson sob esse ponto de vista, Dr.?

— Era pobre.

— Era mais do que pobre. Ou antes, menos. A pobreza é um valor relativo, Dr., como o vácuo. Mas Tom Anderson era um valor absoluto. O pária econômico. Rima, disse-me em Nova Iorque como é que chamavam ao seu pai em Wrightsville quando não lhe chamavam bêbedo?

— O Mendigo da Cidade.

— Chamavam-lhe também o Mendigo da Cidade. E Jacquard, que se seguiu ao Mendigo da Cidade nesta sequência misteriosa? Como era Jacquard?

— Era um ladrão. O Ladrão da Cidade.

— MacCaby era um homem rico, Hart um homem pobre, Anderson um mendigo e Jacquard um ladrão. Nesta ordem. — Ellery calou-se. Depois, disse, sem mais nem menos:— Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão. — E calou-se outra vez. Mas como os outros não respondessem e ficassem a olhar

para ele sem compreender, Ellery abriu o casaco, atirou a gravata para cima do ombro e carregou no botão de cima da mesa com o indicador em riste: — Homem rico, passou ao botão seguinte: homem pobre, passou ao outro botão: mendigo, passou para o quarto botão: ladrão!

Só então é que eles compreenderam; Ellery endireitou a gravata, abotoou novamente o casaco e mudou a posição na cadeira.

— Está bem, acham que eu não estou bom da cabeça. Morrem quatro pessoas, todas em circunstâncias perfeitamente... adultas, e aqui venho eu com uma brincadeira de criança, uma lengalenga infantil, num jogo de adivinhas. "Que é que vais ser quando cresceres, Zezinho? Conta os teus botões." E o Zezinho põe o dedo gorducho em cima dos botõezinhos da camisa e diz com a sua voz aguda: Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão... Vá, digam alguma coisa! Não vê que tudo isto pode parecer uma loucura, Dr. Dodd, mas que é a lengalenga recitada pelos fantasmas de MacCaby, Hart, Anderson e Jacquard? O Sr. acredita em trevos de quatro folhas! Não é capaz de acreditar que estas quatro mortes se seguem como os versos de uma lengalenga?

Gotas de suor escorriam pelo crânio sardento de Dodd.

— Não sei que pensar — gaguejou.

— Tem de acreditar! Medite nisto. Dê-lhe todas as voltas que quiser. Deixe passar um dia. Analise a coisa do ponto de vista científico. Que outro significado pode ter? Quatro homens morrem e essas mortes obedecem à sequência de uma lengalenga infantil. Um disparate! Uma loucura! Mas é verdade.

— Mera coincidência. — Ken Winship parecia zangado.

— Quatro? Um podia ser coincidência, dois talvez fosse, três ainda era possível, mas quatro, Ken? Não pode ser uma coincidência. E um plano.

— Mas um plano de quem?

Rima não disse nada, mas estava muito pálida. O Dr. Dodd limpou a cabeça.. Em português há uma lengalenga semelhante: "Rei, capitão, soldado, ladrão", também a contar os botões. (N. da T.)

— Por amor de Deus, Dr.. Não vai acreditar numa coisa destas. — Ken estava a ser razoável. — Oiça lá, Ellery, isso era uma intriga maravilhosa para um dos seus livros, mas esqueça essas tretas romanescas durante um minuto. O coração de MacCaby parou. Hart deu um tiro na cabeça. Anderson... nem sequer sabemos se morreu. Jacquard... e vai-me dizer que há por detrás disto tudo uma inteligência que planeou os acontecimentos?

— Não se esqueça: homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão. Um plano, Ken. Uma inteligência a funcionar. Pode não ser uma mão a atuar, mas só uma inteligência a planear. Estou convencido de que sim. Tem de ser. O que é

mais — Ellery debruçou-se por cima da secretária, dirigindo-se agora diretamente ao Dr. Dodd. — “O Sr. tem de acreditar, Dr. . ”

— Eu? — Os olhos do Dr. Dodd não paravam quietos.— Por quê?

— Porque ainda não acabou.

— Que é que não acabou? — perguntou Ken irritado. Mas Rima fê-lo calar.

— Espera, Kenneth. — O homem trémulo, de repente, deixou inesperadamente de tremer. E disse lentamente: — Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão; Dr. . . .

— Ora, Rima — Winship levantou-se, rindo. — Não me digas que é isso.

— Dr. — assentiu Ellery. — O Dr. Dodd, Ken. É o que indica a sequência da lengalenga. É o próximo da lista.

Dodd recomeçou a tremer. Fazia impressão olhar para ele.

— O quinto verso da lengalenga é “Dr.”, o que significa o Dr. Dodd. Numa cidade com treze médicos, quatro dentistas e não sei quantos outros médicos de outras especialidades, “Dr.” na lengalenga quer dizer o Dr. Dodd. Está a brincar connosco, Queen? Por quê? — Ken falava em tom ameaçador.

— E natural que reaja assim, Ken — disse Ellery sem rancor. Realmente, parece uma loucura ou pior. Mas pense bem. O Dr. Dodd é o único Dr. de Wrightsville que está relacionado com a morte de MacCaby, a morte de Hart, a morte de Anderson e a morte de Jacquard... com as quatro mortes. MacCaby era um doente de Dodd e Dodd herdou a fortuna dele. Dodd passou a ser o sócio de Hart e, depois, o único proprietário da firma Hart, MacCaby, depois do suicídio de Hart.

Dodd deu cinco mil dólares a Anderson pouco tempo antes de Anderson desaparecer. E Nick Jacquard morreu em casa do Dr. Dodd, com um tiro da pistola do Dr. Dodd. É por isso que o “Dr.” do verso é, a meu ver, o Dr. Dodd, Ken. Pode ser pressentimento, paranóia, superstição, mas estou convencido de que o Dr. Dodd vai ser a quinta vítima. Vocês têm de acreditar no que eu estou a dizer. Têm de tomar precauções. Posso ajudá-los, se quiserem que eu os ajude...

— Ken!

Quando ouviu o grito de Rima, o Dr. Winship precipitou-se. Mas Ellery já lhe passara à frente.

Sebastian Dodd estava de pé atrás da secretária. Tinha a boca muito aberta. Os seus olhos vítreos refletiam o terror.

Caiu para a frente no momento em que Ellery chegou junto dele.

— Choque — disse Ken, em voz profissional.

Estavam à porta do quarto de Dodd. Rima estava lá dentro com ele. Os dois homens pareciam enervados e aborrecidos.

— Tem o coração em ótimo estado. Se fosse um cardíaco tinha morrido, Queen.

— Está mais doente do que eu pensei. Mas tinha de ser. Ele está na mira do assassino. Tinha de o avisar. Precisa de ter cuidado.

— Eu olho por ele. Amanhã de manhã já se pode levantar.

— Gostava de fazer qualquer coisa, Ken. Winship não respondeu.

Não vale a pena estarmos aqui a rosnar um para o outro como dois cães. Você tem Rima e uma vida longa à sua frente e eu quero ficar em paz com a minha consciência. Estamos ambos em dívida para com Dodd. Temos de olhar por ele e descobrir o que se passa — disse Ellery pacientemente. — Quer você queira, quer não, é o que eu vou fazer.

— Não acredito em nada dessa história — resmungou Ken Winship.

— Mas Dodd acredita. Ouviu o que ele disse quando voltou a si. Vamos ser aliados, Ken, ou inimigos?

Ken acalmou, subitamente.

— Bem, Ellery, saia do Holhs e venha instalar-se num dos quartos cá de casa. Se tiver razão... Compro-lhe um livro de poesias infantis!

Segunda-feira, 24 de abril

Podia ter tirado a chave da corrente quando Dodd estava a dormir sob sedativos, pensou Ellery, mas estava lá o Ken, com o seu mau gênio e o seu corpanzil, e a Rima, pequenina mas real, que passara para o lado do adversário e o não deixaria fazer tal coisa. Em seguida, tinha tido de ir ao Hollis buscar a mala e, quando voltara para casa de Dodd, Ken, um aliado que não depunha as armas, não o deixou ficar um momento sozinho.

No domingo à noite Ellery, a pretexto de "visitar a casa", tinha persuadido o jovem médico a subir ao sótão e tinham aberto inúmeras portas e espreitado para dentro de cubículos a abarrotar de móveis antigos e de bibelôs que estavam em moda no século passado — eram os quartos dos criados dos tempos áureos da mansão — até que chegaram, finalmente, a uma porta estreita com uma fechadura moderna, e a porta não abria. "O que é que há aí dentro?" perguntara Ellery desinteressadamente. "Não faço ideia. Aliás são os móveis mais preciosos da família Dodd. O Dr. nunca falou nisso" e Ken passou em frente. Foi tudo; mais tarde, quando foram ver o Dr. Dodd, encontraram-no sentado na cama como uma rã muito velha imobilizada por uma doença mortal, uma mancha que alastrava sobre o motivo de flores da velha colcha de retalhos desbotada.

A discussão que tiveram com ele, uma sonata trágica em que Rima e Winship tentaram debalde introduzir variações mais alegres, teve um final inesperado. O Dr. agradecia muito a Ellery o interesse dele e tinha muito gosto em que Ellery ficasse em casa dele mas, entretanto, estivera a pensar melhor no assunto e chegara à conclusão de que não valia a pena tomar quaisquer precauções.

— Não precisam de olhar por mim, Sr. Queen. Se eu tenho de morrer, não será obra de uma mão humana. Há coisas que não podem ser evitadas. Apesar das nossas sulfamidas, bombas atômicas, microscópios eletrônicos e lentes de telescópio de cinco metros, não conhecemos nem por sombras os poderes que mandam no universo. Somos como a ameba que está nesse copo de água, que não faz ideia do que se passa neste quarto. O mais que podemos fazer é esperar e fazer o possível para não ter muito medo.

Conseguira mesmo esboçar um sorriso que era ainda mais deprimente do que a sua expressão habitual. Entretanto, o fato dele estava em cima de uma cadeira, ao lado da cama, e via-se a ponta da corrente das chaves, tão inatingível como a Lua.

Quando Ellery saiu do quarto, descalço, às duas da manhã, e atravessou o vestíbulo sem fazer ruído, encontrou a porta do quarto do Dr. Dodd fechada à chave. Ficou tão irritado que achou que era um processo infantil de defesa contra o papão, se bem que fosse eficaz em relação a ele. Voltou para a cama a praguejar.

E foi assim que a aurora o surpreendeu, descalço e de pijama, a tremer de frio, rastejando na armadilha perigosa que era o telhado das traseiras da casa de Dodd, e avançando centímetro a centímetro na direção da janela da mansarda onde ficava o quartinho do sótão que estava fechado à chave. Resolvera que era a única coisa a fazer depois de uma inspeção da misteriosa mansarda do terceiro andar, feita ainda antes do romper do dia do jardim das traseiras. O feixe de luz da sua lanterna eléctrica, um instrumento poderoso que trazia sempre na mala, revelara que a janela estava fechada com uma persiana desconjuntada, e fora essa esperança ténue que o levara a subir ao último andar, a entrar no cubículo que ficava ao lado do quarto fechado, a abrir a janela de mansarda desse cubículo e a trepar até o telhado. Felizmente, havia uma goteira de cobre, velha mas resistente, ao longo do beiral do telhado, e foi-se escorando nela até chegar à janela seguinte. Ao atingir o seu objetivo, verificou que para chegar à única abertura suficientemente grande da persiana se tinha de pendurar no beiral saliente da mansarda, com metade do corpo apoiado exclusivamente numa substância tão pouco consistente como o ar pesado da manhã.

Já se via bastante bem e a abertura da persiana era suficientemente grande para poder abranger a maior parte do

quarto do sótão. Se tinha esperado encontrar um cadáver (ou uma pessoa viva), teve uma desilusão, pois não havia ninguém na parte do quarto que podia ver. Era um compartimento pequeno e escassamente mobilado. Havia uma mesa-secretária sobre o chão nu, uma outra mesa de biblioteca do fim do século e uma cadeira de braços de ripas angulosas, no mesmo estilo e da mesma época; numa das prateleiras de baixo da secretária havia alguns livros; na prateleira que ficava imediatamente abaixo do tampo da mesa estavam arrumados vários objetos que não se viam bem; sobre o tampo da mesa estavam dois baralhos de cartas de jogar, com as cartas escondidas; e, que ele visse, não havia mais nada no quarto senão pó e teias de aranha.

Ellery recuou e sentou-se em cima do telhado, com os joelhos à boca e os calcanhares descalços apoiados na goteira de cobre. Acendeu um cigarro que tirou do maço que metera previdentemente no bolso do pijama e fumou-o à luz do sol nascente de Wrightsville, em cima de um telhado em mau estado, com vista para as montanhas que ficavam a norte. Estava muito sujo e pensativo. Um

médico velho de província fechava-se todas as manhãs neste quarto secreto do sótão e fazia... o quê?

Fazia paciências? Lia um livro? Rezava?

Ainda o Sol só subira um dedo no horizonte e já tinha as pernas dormentes. O médico devia levantar-se cedo e esta manhã tinha razões para se levantar ainda mais cedo... O telhado estava a ficar esburacado e Ellery ouviu perfeitamente a portinha do quarto do sótão a abrir-se.

Levou algum tempo a colocar-se novamente na posição mais adequada para espreitar pela abertura da persiana. Finalmente, conseguiu ver o quarto todo. O sol batia-lhe nas costas e a sua sombra projectava-se sobre a persiana, mas não havia nada a fazer; estava nas mãos de Deus.

O Dr. Dodd, porém, não reparou nos cambiantes da luz. Vestia o seu fato de todos os dias, de sarja azul. A chave do quartinho, pendurada na ponta da corrente, batia-lhe na Perna. Estava de pé junto à mesa, olhando para baixo; e talvez estivesse a mexer os lábios. A porta do quartinho estava fechada atrás das suas costas, impedindo a entrada a terceiros.

De repente, o médico sentou-se, pegando com as suas grandes mãos muito trémulas num dos baralhos de cartas.

Ficou sentado durante um bocado, com os braços apoiados ao rebordo da mesa e as mãos segurando no baralho.

A mão afastou-se espasmodicamente das cartas, partindo o baralho. Ficou imóvel durante uns instantes, com parte do baralho na mesa e a outra parte na mão. Depois, colocou na mesa de face para cima a carta que ficara à vista.

Era o ás de espadas.

O Dr. Dodd atirou com as cartas para cima da mesa e levantou-se pesadamente. Correu para a porta, procurando a chave que lhe batia na perna. As suas costas largas vestidas de azul pareciam hirtas, como se esperasse ser atacado pelas costas. Não era capaz de meter a chave na fechadura; Ellery viu-o agarrar a mão direita com a esquerda para a firmar melhor.

Mas, depois, as mãos descaíram e ficou outra vez imóvel. Como se estivesse a voltar as costas ao perigo? Não, não era isso. Ellery enganara-se. Não era uma rendição — o Dr. Dodd voltou-se, devagar, é certo, e regressou lentamente, para junto do seu altar.

E consultou novamente o oráculo.

Desta vez, os seus gestos eram ainda mais lentos. O homem que faz duas vezes a mesma pergunta ao seu Deus sabe que a resposta é definitiva.

O Dr. Dodd colocou a mão sobre o segundo baralho de cartas. Depois, retirou-a, trazendo parte do baralho. Ao fim de muito tempo olhou para a carta.

E o mais estranho foi que, desta vez, não tremeu nem se apoiou na mesa, mas ficou de pé, imóvel, como se tivesse sido atingido por um ataque mortal, tão forte e inevitável que não valia a pena lutar para se defender.

Olhava para um segundo ás de espadas.

Ao fim de muito tempo, o Dr. Dodd colocou as cartas que tinha na mão em cima do resto do baralho e avançou para a porta em passo inesperadamente seguro, abriu a porta, saiu, deixando o quartinho quase como estava.

Um pouco mais tarde Ellery estava agachado em cima das tábuas empenadas do telhado, contemplando o jardim por baixo do umbigo como um Buda magro e perplexo. Ao pé da parede da garagem estava uma pá suja de terra

ao lado de um canteiro de tulipas, mas parecia menos perigosa que as cartas de cartão e tinta em que o Dr. Dodd estivera a mexer. O feroz duque de Cumberland servira-se noutra época do nove de ouros para atrair a morte sobre os jacobitas da Escócia. Mas essa carta que acabara de chegar do Pântano de Culloden tinha qualquer coisa escrita; haveria alguma sentença escrita nos dois ases de espadas do Dr. Dodd?

E quem era o feroz duque de Wrightsville?

O Dr. Dodd teria respondido que era o nobre inimigo, que previa a morte nas cartas. E que a anunciara duas vezes, para não deixar dúvidas.

Ellery continuava sentado no telhado do Dr. Dodd, sem saber o que pensar.

Finalmente, gatinhou outra vez até a outra janela da mansarda e preparou-se para entrar novamente em casa. Assim que se meteu outra vez para dentro, e quando fechava a janela viu uma cara magra a espreitar por detrás de outra janela, uma janela que ficava abaixo dele e do outro lado do jardim, no andar de cima da garagem.

Harry Toyfell.

Mas a cortina caiu logo de seguida.

Ellery foi até a entrada do sótão. A casa estava silenciosa; não se via nem se ouvia o Dr. Dodd. Ellery tentou abrir a porta da capela poeirenta de Dodd que estava novamente fechada à chave; mas agora já não era o segredo do médico que o preocupava.

Há quanto tempo é que o jardineiro de cara de faca estaria a espreitar por detrás da cortina da janela do seu quarto, por cima da garagem? Toyfell teria assistido às suas acrobacias no telhado? Iria dizer uma palavra filosófica ao patrão sobre o assunto?

Era um aborrecimento; Ellery voltou para o quarto, tomou um duche, passou por água o pijama sujo e vestiu-se à pressa.

Uma vez chegado ao corredor do andar dos quartos, fez a sua inspeção. A porta do quarto de Rima estava fechada, a do de Ken Winship também; a porta do quarto do Dr. Dodd estava aberta, assim como as dos quartos da Sra. Fowler e ide Essie.

Desceu as escadas.

O Dr. Dodd não estava no consultório nem no seu escritório.

Na cozinha estavam a fazer o café.

— Só quero café, obrigado, Sra. Fowler. Parece que ouvi o Dr. Dodd. Já está a pé?

— O Dr. levanta-se sempre de madrugada — gritou, alegremente, a Sra. Fowler.

— Nunca vi ninguém que se levantasse tão cedo. Mas se um dos seus doentes tivesse tão má cara como ele tinha esta manhã, mandava-o ficar na cama com toda a certeza. Não queria comer nada, obrigado, pegou no chapéu e saiu. Os homens são umas crianças grandes, e os médicos são os piores de todos!

— Onde é que ele foi, Sra. Fowler? Obrigado. Ao hospital?

— Não disse onde ia, mas acho que foi para o hospital. Deixou recado para lhe dizer a si, à menina Anderson e ao Dr. Winship que se encontravam no inquérito nesta tarde. Aquele malvado do Jacquard!

Ellery poisou a chávena e voltou para o quarto, passando sem fazer barulho em frente das portas fechadas dos quartos. Posso perguntar ao Dodd, é claro, pensou. Mas um homem que fecha sempre uma porta à chave não vai abri-la com a palavra. Não vale a pena falar-lhe nisso porque, depois, fica ainda mais histérico e de sobreaviso.

Ellery abriu a mala, que tinha os seus segredos. Tirou algumas coisas do fundo falso onde guardava alguns instrumentos indispensáveis do seu ofício; depois, saiu e passou novamente em frente das portas fechadas, dirigindo-se para o sótão.

Passado algum tempo estava sentado na borda da secretária do chefe Dakin, dizendo:

— Dakin, vou-lhe pedir que me ajude a fazer uma coisa que é contra a lei.

— Com certeza — disse Dakin, levantando-se prontamente. — Mas temos de nos despachar se queremos chegar a horas ao inquérito esta tarde. Que crime é que tenho de cometer?

— Você trata dos pormenores técnicos. Há algum serralheiro na cidade?

— Millard Peague. Tem uma lojeca lá para baixo, entre as luas Grosstown e Foaming.

— É bom?

— Já fez alguns trabalhos para a polícia e, de vez em quando, até o chamam de Connhaven. Que é que quer que ele faça?

— Quero que faça uma chave com um molde em cera que eu tenho aqui. — E Ellery colocou em cima da secretária de Dakm um embrulhinho pequeno muito bem feito.

Dakin sentou-se outra vez.— Donde é isso?

— Ora — disse Ellery — não interessa e não vem ao caso.

— Podia prendê-lo, Sr. Queen.

— E eu — disse Ellery sorrindo — podia não lhe dizer nada.

— Podíamos fazer um negócio...

— Mas nas minhas condições, Dakin. Você trata disto sem me fazer perguntas e sem dizer nada a ninguém e eu digo-lhe qual é a porta que a chave abre quando achar que está na altura de você saber.

— Diga-me só uma coisa — disse o chefe da polícia. — Vai tirar alguma coisa?

— Não.

— Vai lá pôr alguma coisa?

— Frio, frio, Dakin.

— Então, para que é que quer lá entrar?

— Bem, digamos que é um caso de homicídio, e fiquemo-nos por aí.

— Você é um duro — disse o chefe Dakin, levantando-se e pegando no boné — e faz de mim tudo o que quer. Dê-me isso que eu vou ver o que é que Millard Peague pode fazer.

O inquérito à morte de Nicole Jacquard foi conduzido como uma operação pelas mãos cirúrgicas do Juiz Grupp, na antiga sala de audiências do juiz Eli Martin, no Tribunal Distrital. Grupp cortou a direito pelos problemas e contornou habilmente os obstáculos que se lhe deparavam no caminho, com a chorosa viúva Jacquard e o seu pároco aflito, o padre Grétien da Vila Baixa; e tratou os membros do júri como se fossem os seus superiores, o que não era o caso. Ficou tudo resolvido ao fim de pouquíssimo tempo. O Dr. Ken Winship, para seu grande alívio e também de Rima, foi ilibado pelos seus pares e o júri ainda felicitou a viúva — sem que ela ouvisse, é claro, pois não só se livrara do peso morto que era o seu violento marido, como também se dizia que o Dr. Sebastian Dodd lhe ia pagar, a ela e à prole de Nicole, uma pensão muito mais substancial do que aquilo que o defunto trazia para casa mesmo nos seus melhores dias de ladroeira. O veredicto do júri foi “Uma felicidade para todos”, se bem que essa conclusão fosse formulada em termos mais oficiais; e quando o inquérito acabou, o ambiente no tribunal era tal que o delegado Chalanski

comunicou em voz alta ao Sr. Queen o seu desejo de adiantar a data das eleições primárias para o Congresso.

O interesse de Ellery por aquelas formalidades legais era reduzido. A sua atenção concentrava-se no Dr. Dodd. Quando chegou, o Dr. Dodd estava já sentado no tribunal, imóvel; parecia ter-se resignado temporariamente ao curso dos acontecimentos. Não disse onde tinha passado a manhã. Depois do inquérito, Dodd voltou diretamente para a casa da esquina das Ruas Algonquin e Wright e fechou-se à chave no quarto. Ia descansar durante o resto do dia, disse; Rima tinha cancelado as consultas da manhã e Kenneth podia fazer as visitas da tarde. Estava muito contente por o inquérito ter corrido tão bem, disse, e a Sra. Fowler não se importava de lhe levar o jantar ao quarto num tabuleiro? Este último pedido foi feito para calar a Sra. Fowler, que achava que a comida quente em quantidades industriais era sempre o melhor remédio para todos os males. Quando Ellery passou em frente da porta do quarto de Dodd, ao serão, viu o tabuleiro com a comida fria, o que desagradaria certamente à Sra. Fowler; teve de resistir à tentação de lhe dar um pontapé, perturbando, assim, o silêncio opressivo da casa.

Estavam todos perturbados com a ausência inusitada de Dodd, mesmo Essie, que desatou a chorar de repente antes do jantar e que teve de fugir para o quarto; e até Harry Toyfell, que mastigava o seu jantar na cozinha com um ar de poucos amigos que excluía qualquer veleidade de comunicação. A Sra. Fowler servia à mesa, e não se sabia o que era pior, se a sua loquacidade habitual, se o seu silêncio à mesa do jantar. Ken nem sequer fingiu comer; olhava fixamente para o tecto.

Rima observava-o ansiosamente, sem saber o que fazer. Ellery debicava a comida, e a chave que o chefe Dakin lhe metera na mão quando saíam do tribunal parecia que lhe queimava a algibeira. Finalmente, Ken atirou o guardanapo para cima da mesa.

— Tenho de ir fazer as visitas.

— Não achas que devias ir ver o Dr. Dodd, Ken?— ima não resistiu.

— Para que, querida? Para lhe medir a tensão? — O Dr. Winship parecia furioso. Beijou Rima, pediu desculpa e ouvi-o sair de carro a toda a velocidade.

— Rima — começou Ellery a dizer. Mas Rima retorquiu friamente:

Não vou falar mais com você. Não percebo nada e tenho que fazer as contas do Ken e do Dr. Dodd, por isso se não e importa, Ellery, vou tratar disso.

Ninguém parecia ter vontade de falar, a não ser a Sra. Fowler; e foi a conversa da Sra. Fowler que acabou por Escorraçar Ellery para o quarto.

Ouvia, no quarto, o ruído da máquina de escrever de Rima, e a Sra. Fowler a bater com os pratos, ofendida, fora isso tudo era silêncio. Ellery andou

para cá e para lá no quarto, ansioso por ir experimentar a chave que tinha na algibeira. O quarto dele ficava na esquina da casa, e da sua janela podia ver as janelas do quarto do Dr. Dodd. Dodd tinha a acesa; estivera acesa durante todo o serão. De vez em quando, Ellery via o vulto corpulento dele a passar em frente da janela como uma paramécia numa lamela. Não podia ir visitar o quarto fechado do sótão enquanto Dodd estivesse acordado. Ficava quase por cima do quarto de Dodd e as tábuas secas dos velhos soalhos estalavam e gemiam a cada passo.

Às 9h30, Ellery sentiu os passos pesados da Sra. Fowler a subir a escada. Ouviu-a bater à porta do quarto de I Essie Pingam, que respondeu a choramingar. Logo depois, acendeu-se a luz do quarto da Sra. Fowler e, ao fim de um momento, ouviu-se um ruído surdo de água a correr. Ellery gemeu. O banho da Sra. Fowler da véspera à noite demorara exatamente uma hora e dez minutos.

Saiu do quarto e percorreu o corredor. Por debaixo da por ta de Dodd via-se ainda o mesmo charco de luz exasperante; o tabuleiro desaparecera; a Sra. Fowler devia tê-lo levado.

Bateu à porta.

Tornou a bater.

— Que é? Quem é?

— Sou o Queen.

— Ah! — A voz era rouca, como se tivesse estado a discursar às multidões.

— Que é?

— Vi que tinha a luz acesa, Dr.. Posso entrar e visitá-lo

— Bom, eu ia deitar-me... — O charco de luz desaparecera. Ellery ouviu as molas da cama a ranger.

— Sente-se bem, Dr.?

— Muito bem. Descansei muito este serão. E o Sr., está a ser bem tratado, Sr. Queen? Deram-lhe de jantar? Tem tudo o que precisa?

— Sim, sim, muito obrigado. Boa noite. Durma bem.

— Obrigado...

Ellery continuou a andar no corredor ruidosamente. Quando chegou ao pé da escada parou.

Esperou uma hora pelo relógio. Depois, voltou para trás; levou dez minutos a percorrer os cinco metros de corredor até a porta do quarto do Dr. Dodd. Depois, apoiou-se nas duas mãos e encostou o ouvido à porta.

A respiração do médico era profunda e lenta, com um leve ressonar de vez em quando. E também gemeu uma vez.

Ellery endireitou-se. Continuava a ouvir a máquina de escrever de Rima, lá em baixo; Ken ainda não voltara. Na outra ponta do corredor, a bandeira da porta da Sra. Fowler estava às escuras.

Ellery voltou silenciosamente até junto da escada e dirigiu-se para o sótão.

Desta vez, serviu-se de uma lanterna do tamanho de um lápis.

A chave estava lubrificada e entrou sem ruído na fechadura do santuário do Dr. Dodd.

Depois, segurou a lanterna com os dentes, como se fosse um charuto, agarrou no puxador com a mão esquerda e tentou dar a volta à chave com a mão direita.

A chave não rodou na fechadura.

Ellery só tinha vontade de se sentar no chão do sótão e chorar.

Estava furioso. Era o caso mais ridículo que tinha investigado. Era tão pouco substancial como a espuma ou um raio de luz, ou como o olhar de um homem, não havia nada a que um anão se pudesse agarrar.

Voltou ao segundo andar, remexeu novamente na mala e voltou ao sótão de dentes cerrados, para tirar outra vez o molde da fechadura.

Quando acabou ouviu um carro no caminho que ia dar à casa e, quando chegou ao andar de baixo, com o chapéu na mão," Rima estava já sentada ao colo de Ken, com os braços à volta do pescoço dele.

— Não se levantem — disse Ellery, sorrindo. — Estou só de passagem. Está com um ar cansado, Ken.

— Vai já para a cama. Pensei que você já estava deitado, Ellery — disse Rima.

— Não era capaz de sossegar. A propósito, o Dr. Dodd está a dormir.

— Ia agora vê-lo, lá acima — disse Ken envergonhado. — Mas se ele já está a dormir... Onde é que vai?

— Acho que vou dar uma volta para ver se me vem o sono. A propósito de dormir, Ken, essa pequena que você conquistou esteve todo o serão de volta das suas contas.

— Já sei, e ia ralhar-lhe. Querida, já te disse...

Ellery saiu. A noite estava fria e sentiu um arrepio quando dobrou a esquina da Rua Wright, andando bastante depressa. O bafo alcoólico do Bar Palácio era quase agradável. Ellery foi até o bar e mandou vir uma cerveja. Esteve sentado a bebericar a cerveja até que o interesse despertado pela sua entrada no bar se desvanecesse e, depois, entrou na cabina telefônica.

— Dakin? Nunca vai para casa?

— Bem, desde que a minha mulher morreu por assim dizer não tenho casa. Mas ia sair. Que aconteceu?

— A chave do Peague não funciona. Tirei outro molde.

— Onde é que está?

— Não interessa. Já aí vou ter.

Dakin esperava-o nos degraus da entrada, entre as luzes verdes. — É melhor que o Gobbin não dê por nada — disse, baixo. Tem uma linha direta para o gabinete de Malvina Prentiss. Onde está?

Ellery deu-lhe o molde e o chefe Dakin guardou-o cuidadosamente num saco mole que levava na mão. Depois, começaram a andar pela Rua State, dirigindo-se para oeste, e passando em frente do tribunal.

— Hoje é já muito tarde para fazer qualquer coisa, Sr. Queen.

— Quando é que leva o molde ao Peague?

— Amanhã, logo de manhã. Ao meio-dia já a tem. Há mais alguma novidade?

— Não. E o Sr. descobriu mais alguma coisa?

— Também não.

Separaram-se em silêncio na esquina das Ruas State e Up-per Whistling.

Terça-feira, 25 de abril

Nick Jacquard estava de gatas na plataforma rochosa, olhando para o lago, que parecia feito de açúcar mascavado e que brilhava como um milhão de pirilampos à luz da lua e Ellery espreitou por cima da perna de Jacquard e via uma cara incrustada no açúcar lá em baixo, que de repente já não era açúcar, mas lava em ebulição, a cara foi ocultada pelo fumo e Ellery não a reconheceu, os raios lunares tornaram-se escarlates junto do poço de lava, Nick Jacquard atirou para trás a sua cabeça desgrenhada, e Ellery viu que era um cão, uivando numa agonia perante a natureza incompreensível da noite. A queixa do animal era tão aguda e penetrante que Ellery deu um grito e tapou as orelhas. Os uivos pareciam mais abafados e Ellery acordou, com as pontas da almofada úmida a tapar as orelhas.

O cão continuava a uivar.

Ellery sentou-se na cama, olhando para o relógio de pulso. Passava das três. Ainda tinha a pele úmida e levantou-se da cama irritado, aproximando-se da janela e tentando acordar completamente.

O cão uivava no jardim ou logo por detrás, produzindo o mesmo som terrível e monótono do sonho. Não havia lua. A única luz vinha de uma janela que ficava na outra ponta da casa.

A janela do quarto de Dodd.

E Dodd estava à janela, com os braços levantados afastando os cortinados, uma silhueta avantajada em posição suplicante.

Os uivos continuaram.

Os uivos continuaram e Ellery, de repente, começou a pensar com mais clareza, sentindo-se assustado.

Continuou a olhar para o homem que estava à janela.

Um cão a uivar na noite. E há pouco tempo tinha saído duas vezes o ás de espadas.

O ruído persistia. Ellery perguntou a si mesmo como é que os outros conseguiam dormir. Dodd continuava imóvel à sua janela.

O barulho só cessou pouco antes do romper do dia e só então o Dr. Dodd se moveu. Baixou os braços escuros e saiu da janela. Pouco depois, a luz apagou-se.

Ellery voltou para a cama, tentando adormecer novamente. Mas o sono parecia fugir-lhe, assustado, talvez, pelo bafo do cão. E a lengalenga infernal continuava a ressoar-lhe dentro da cabeça: Homem rico, homem pobre, mendigo,

ladrão; Dr.... Pareciam os trabalhos de Sísifo; uma pedra que ele tentava permanentemente empurrar até chegar a uma conclusão, mas que rolava sempre de volta junto dele.

De manhã, houve outro acontecimento estranho.

Ellery descia as escadas arrastando os pés quando ouviu no patamar que ficava por cima da entrada principal um ruído assustador que o fez parar de repente. Era uma mistura de grito e mugido, que ecoou violentamente no silêncio matinal. Logo depois, ouviram-se os passos de uma pessoa, que ora corria, ora mudava repentinamente de direção, depois, um estrondo de qualquer coisa a bater e o mugido ecoou novamente, numa fúria cega.

Correu até a porta de trás do vestíbulo da entrada, olhando para todos os lados a ver se via alguma coisa.

— Sra. Fowler! Essie! Donde vem este barulho?

— E no escritório do Dr.! — guinchou a Sra. Fowler. — Estão a matá-lo, Sr. Queen!

Parecia que sim, pelo ruído. Ellery atirou-se de encontro à porta do escritório e quase partiu a cabeça. A porta abriu-se assim que lhe tocou.

O Dr. Dodd corria para cá e para lá no escritório, brandindo um número dobrado do Record de Wrightsville e flagelando as paredes, a secretária, as estantes e o chão numa dança grotesca de raiva. A dança era ritmada por um som, uma mistura de invocação e imprecação, que constituía um acompanhamento musical adequado à coreografia. A cara sombria do velho Toyfell assomava a uma das janelas, que abria para o jardim das traseiras.

Só então Ellery esclareceu o mistério. Dodd não executava uma dança ritual; estava a tentar matar um pássaro. Era um pássaro pequeno de cor mortiça, talvez um pardal, que devia ter entrado pela janela aberta do escritório, e Dodd e o pássaro surpreenderam-se mutuamente quando o médico entrou no escritório. Ellery só não percebeu, no momento> por que é que a vista daquela criaturinha assustada e encurralada, que esvoaçava desesperada por entre as parábolas incríveis das pancadas do Dr., tinha perturbado tanto Dodd.

— Dr. Dodd. Dr. . . .

— Tire-me esta porcaria daqui! — disse o médico, ofegante. — Tire-o daqui!

— Ellery... — Rima apareceu embrulhada num xale velho da Sra. Fowler, muito pálida.

— Veja se consegue tirar daqui o pardal — deve ser um amigo seu. Dr.! Dr. Dodd! Pare com isso!

Conseguiu obrigar o velho a sentar-se numa cadeira de braços, enquanto Rima, imóvel no meio do escritório, emitia sons semelhantes a um chilreio. O

pássaro, que estava empoleirado no alto de uma estante, respondeu dando as suas queixas. E, ao fim de uns instantes, parecendo acalmar-se com a conversa de Rima, voou até junto dela e poisou-lhe num ombro. Mas só durante muito pouco tempo. Depois, dirigiu-se como uma seta para a janela aberta, passou junto da cabeça de Harry Toyfell silvando como uma bala e desapareceu.

— Um pássaro. — Rima parecia escandalizada. — Porque é que o queria matar, Dr.?

O Dr. Dodd continuava imóvel na sua cadeira, com um ar aterrorizado.

— Beba isto. — Ellery chegou um copo aos lábios cinzentos do médico. — Onde está o Ken, Rima?

— Teve de ir para o hospital, logo de manhã, fazer a consulta. Que foi, Dr. Dodd?

Dodd não respondeu. Afastou o copo dos lábios com a mão.

— Temos de chamar imediatamente o Ken ou alguém —, disse Rima, em voz baixa. A cara saturnina de Harry Toyfell continuava à janela. A Sra. Fowler e Essie estavam fincado na porta.

— Não é preciso chamar o médico. — O Dr. Dodd não Parecia ter dificuldade em falar. — Estou bem. Vou deitar-me um pouco no sofá e já passa.

Saíram, deixando-o deitado no sofá de couro preto, com a cara voltada para a parede.

— Foi sempre muito nervoso — sussurrou a Sra. Fowler ruidosamente, já no vestíbulo—, mas ultimamente está uma desgraça. Não sei onde é que isto vai acabar.

— Com medo de um pássaro — resmungou a Essie Pingam. Está a ficar tal e qual como a mãe.

— Essie! — a governanta repreendeu-a com voz sibilante; e Essie foi-se embora com um ar ofendido.

— Que é que a Essie queria dizer... está a ficar como a mãe? A Sra. Fowler fingiu que não tinha ouvido.

— O quê?

Ellery repetiu a pergunta.

— Não percebo o que está a dizer, Sr. Queen. Tenho de ir tratar do pequeno-almoço...

— Esqueça o pequeno-almoço, e ouviu perfeitamente o que a Essie disse. Se ela sabe, é porque não é segredo. Que tinha a mãe de Dodd, Sra. Fowler?

— Pergunte ao Dr. Winship. É melhor. Tenho de ir arrumar a roupa e...

— Ele não está aqui e a Sra. está. Diga-me lá.

A governanta deitou um olhar receoso à porta do escritório. Depois, murmurou.

— A mãe dele morreu no hospital dos doidos de Slocum— e fugiu.

Explicava muitas coisas.

Mas não tudo.

Ellery espreitou para a sala de espera. Rima estava ao telefone, tentando localizar o Dr. Winship.

Ellery acenou-lhe com a mão e atravessou o vestíbulo, na direção da casa de jantar.

Quando partiu a casca do seu primeiro ovo quente compreendeu uma parte do que se tinha passado.

Um pássaro que entra em casa é um mau presságio desde tempos muito antigos. Um pássaro que entra numa casa. Ou um cão que uiva na noite. Ou um as de espadas.

Todos esses acontecimentos anunciam a visita iminente da morte.

Ellery voltou do gabinete de Dakin pouco depois do meio-dia, com uma segunda chave na algibeira mas, quando

chegou a casa, a sala de espera estava cheia e Rima e o Dr. Winship corriam para cá e para lá como caixeiros afadigados num saldo de liquidação total. Conseguiu falar com Winship em particular durante uns instantes.

— É a morte de Jacquard — disse Ken, desesperado. — Metade destas pessoas não sofrem de nada além de um ataque de curiosidade aguda. A política local e os aborrecimentos das outras pessoas são os dois maiores interesses de Wrightsville.

— Onde está o Dodd, Ken? Não está no escritório.

— Escapou-se antes da hora da consulta, a pretexto de que precisava de apanhar ar. Disse-lhe que fosse. Da maneira que está também não fazia nada aqui.

— Que é que o Dr. Dodd tem, Ken?

— Não faço ideia. Está num estado de nervosismo extremo, à beira da histeria.

. — A beira do inferno. A Rima não lhe contou o que aconteceu esta manhã?

— Contou. Se isto continuar assim tenho de chamar um psiquiatra. Não pode resistir durante muito tempo, daqui a pouco vai-se abaixo. Gostava de ter mais tempo para olhar por ele. Mas agora que tenho de fazer as duas consultas...

Rima entrou apressadamente e disse:

— A Sra. Broadbeck já está na marquesa Ken. Tem a certeza de que é um tumor.

— Um tumor uma ova. Anunciei-lhe no mês passado que estava grávida. Rima, já lhe disse hoje que gostava muito de si?

— Não, querido.

— Pois gosto. Quem está depois da Broadbeck?

Ellery saiu. Passou por Harry Toyfell, que estava no relvado da frente a cavar em volta de umas roseiras. O aspirador de Essie roncava na casa de jantar. Espreitou para dentro da cozinha; a Sra. Fowler estava a falar ao telefone, lendo a lista da mercearia ao empregado do supermercado de Logan.

Por isso subiu as escadas, afagando com o dedo a chave tinha na algibeira.

Depois de ter conseguido entrar no quartinho do sótão e de ter fechado a porta à chave pelo lado de dentro, Ellery sentia-se lograd o. Não sabia o que esperava encontrar na parte do quarto que ficava fora do seu campo de visão quando estava suspenso sobre o telhado, mas era, com certeza, algo de mais emocionante do que o lava-loiças de ferro ferrugento e o pequeno fogão eléctrico que estava a ver agora.

O resto era o que ele já tinha visto. Os dois baralhos de cartas na mesa, a fila de objetos na prateleira por debaixo do tampo da mesa e a cadeira.

O quarto era abafado e cheirava a mofo. O papel de parede acastanhado estava todo a pelar.

Pegou num dos baralhos de cartas e olhou para as cartas; depois, pegou no outro baralho, Eram cartas vulgaríssimas. Colocou-as novamente na mesa como as tinha encontrado.

Depois, agachou-se para examinar melhor a prateleira que ficava por baixo do tampo da mesa. Havia, na prateleira, uma série de objetos heterogêneos que pareciam ter sido tirados dos bolsos de um garoto. Um montinho de pedrinhas. Um pacotinho de sal. Uma caixinha com alguns anéis, uns de aspecto antigo, outros modernos; mas todos sem valor. Um par de dados encarnados. Um ferro de engomar ferrugento que parecia tão velho como a casa. E um molho de setas — velhas setas índias, pensou; em Creecher's Barri, para os lados de Connhaven, encontrava-se de tudo, desde o saiote de uma bruxa de Salem até a fivela do sapato de um pioneiro. De resto, bastava cavar em qualquer lado para encontrar antiguidades. Os rapazes andavam sempre a descobrir pontas de seta, pilões e outros objetos do tempo dos índios; a população índia fora muito densa naquele território. Sete setas, e outros objetos igualmente sem sentido.

Mas enquanto Ellery continuava ali agachado a inventariar os estranhos tesouros de Sebastian Dodd, percebeu que as pedrinhas, o sal, os anéis, os dados, o ferro de engomar, as setas e todos os objetos alinhados na prateleira, como os

instrumentos de uma orquestra, de matérias, formas e tamanhos diferentes, estavam relacionados entre si por uma função comum e um destino comum.

Ellery começou, então, a ouvir e a apreender a música da estranha orquestra do Dr. Dodd; mas a compreensão estava fora do seu alcance, pois Ellery era um homem simples e saudável e algumas coisas de que tinha conhecimento ultrapassavam a sua compreensão.

O Dodd que tinha colecionado estes objetos não podia ser salvo por um homem comum. Era um trabalho que exigia a perícia de um especialista.

Quando Ellery fechou novamente à chave a porta do quarto pelo lado de fora, sentiu-se envergonhado. No domingo, tinha recitado a Dodd uma lengalenga de mau presságio. Não era de estranhar que Kenneth Winship ficasse furioso. Era o mesmo que apagar a luz do quarto de uma criança que chora porque tem medo do escuro.

Quando Ellery chegou ao rés-do-chão, Rima levantou-se apressadamente da secretária e levou-o para o vestíbulo.

— O Dr. Dodd voltou, Ellery e imagine...

— O quê? — perguntou Ellery ansiosamente.

— Imagine que está no consultório a ver os doentes.

— Que estranho — murmurou Ellery.

— Ken disse a mesma coisa. Disse que não era natural...

— E não é.

Rima voltou a correr para a sala de espera.

Ellery viu Dodd depois de o último paciente ter sido atendido. O médico tinha um ar cansado, mas calmo.

— Aquela patetice de hoje de manhã, Sr. Queen...

— Estou muito satisfeito por ver que voltou ao trabalho.

— Não estava bom da cabeça. São coisas que acontecem na minha idade. — Deu uma risada que soou a falso. — Deve estar a pensar muito mal de mim. A Sra. Fowler tem-no tratado bem? — Pôs mesmo a mão no ombro de Ellery, num gesto amigável.

Mas Ellery sentiu que a mão tremia.

Quinta-feira, 27 de abril

As pessoas da casa ficaram mais animadas, aceitando como verdadeiras as palavras do Dr. Dodd. Mas, ao mesmo tempo, mantinham-se vigilantes, observando-o constantemente e reagindo à menor contorção nervosa da face dele. Mas o médico parecia realmente estar melhor. Visitava os seus doentes a todas as horas do dia e da noite; retomou a consulta na clínica; e ia com frequência ao hospital. Até dizia gracinhas chamando a Rima "Sra. Kenneth Winship" e aludindo aos jovens médicos Kildare apaixonadiços. Rima trabalhava, soltava constantemente as suas risadas de pássaro e punha-os todos a rir contando as tentativas desesperadas de Ken para lhe ensinar a guiar, nas poucas horas em que podiam sair juntos. A Sra. Fowler confeccionava toda a espécie de bolinhos e tortas. Até a Essie Pingam parecia mais bem-disposta. E o próprio Harry Toyfell tinha um ar menos fúnebre quando trabalhava nos seus canteiros transplantando rebentos; na quarta-feira, Ellery ouviu-o mesmo assobiar uma melodia em tom rouco.

Se Ken continuava céptico, pelo menos fazia o possível por disfarçar.

Apesar de tudo, a alegria do médico e as reações animadas dos outros tinham qualquer coisa de artificial. Era como se estivessem no palco, exibindo sentimentos cuidadosamente ensaiados.

Ellery vagueava pela casa. Não tinha nada que fazer além de repensar nas mesmas coisas vagas, tentando descobrir algo de mais palpável. Mas não encontrava nada. Havia o passado, havia a lengalenga e, entre eles, as areias movediças do mistério. Dakin não sabia mais nada. Não tinha acontecido nada, nada mudara. Um homem rico morrera, um homem pobre morrera também, um mendigo desaparecera e morrera talvez, e um ladrão morrera também indubitavelmente; e havia ainda o Dr., tocando o scherzo da sua sinfonia trágica.

Quando adormeceu, na quarta-feira à noite, Ellery quase decidira que ia desistir e voltar para casa.

Mas isso foi na quarta-feira a noite.

Na quinta-feira, a composição do Dr. Dodd acabou com um acorde estrondoso, fortíssimo.

Ellery estava a tomar o pequeno-almoço com Winship, quando Rima desceu as escadas, bocejando envergonhada.

— Desculpa, Kenny. Bom dia, Ellery! Acordei muito tarde... Ken beijou-a.

— Tu e o Dr.. Não podia esperar mais por vocês para tomar o pequeno-almoço, porque tenho de ir ao hospital. O Dr. Flacker vai fazer uma traqueotomia e precisa de um ajudante...

— Disse ela e o Dr.? — perguntou Ellery.

— Ela e o Dr. o quê?

— Que o Dr. Dodd também ficou na cama?

— Pois. Ainda não veio para baixo.

— Ai isso é que veio. Quando desci, passei pelo quarto dele e já lá não estava.

— Mas a Sra. Fowler disse... — Ken calou-se. Houve um breve intervalo de silêncio.

— Não foi nada, com certeza — disse Rima animadamente. Deve ter sido alguém que o chamou durante a noite, uma urgência ou qualquer coisa no gênero. Há uma extensão telefônica no quarto dele e pareceu-me ouvir o telefone a tocar durante a noite. Por que é que vocês estão com essa cara?— exclamou Rima, zangada.

— Tem a certeza de que ouviu o telefone durante a noite, Rima?

— Não tenho a certeza absoluta. Posso ter sonhado. Mas talvez se tenha levantado cedo e tenha ido dar um passeio antes do pequeno-almoço. Já fez isso duas vezes desde que moro aqui. Não sei por que é que hão-de estar todos assim... Lá está ele! Estão a bater à porta da rua. Deve ter-se esquecido da chave, Essie? Era o Dr. Dodd?

— É um polícia — respondeu Essie na sua voz fanhosa. — Você não é o filho da Sra. Gotch, o Dodie? O que esteve na marinha? Credo, que grande que está!

Dirigiram-se todos para a entrada, sem sequer repararem iam a correr. Apareceu a cabeça da Sra. Fowler na porta da cozinha. Harry Toyfell, com o queixo sujo de ovo, abriu mais a porta.

— Sr. Queen? Dr. Winship? — Era um polícia jovem, alto e de ar grave, da nova vaga. Ellery não o conhecia.— O chefe Dakin mandou-me chamá-lo.

Ken disse:

— Aconteceu alguma coisa ao Dr.?

— Sim, Sr. — respondeu respeitosamente, o filho da Sra. Gotch, o Dodie.

— Encontramos o carro dele no canal, na Estrada 478. Depois do caminho-de-ferro. Rebentou com o muro de cimento do viaduto e caiu para o canal aberto. O carro está bom para a sucata.

— E o Dr. Dodd? — disse Ken. — O Dr. Dodd? O jovem polícia respondeu, tentando ser delicado:

— Está morto e bem morto, Dr. .

O Dr. Dodd estava morto e bem morto. Quando o carro chocara com o muro de cimento fora projectado de cabeça para a frente através do pára-brisas, caindo no canal, e o carro seguira-o, aterrando em cima dele. Tinham levado mais de uma hora a extrair o cadáver. Um dos polícias, que estava há tão pouco tempo na polícia como o Dodie da Sra. Gotch, teve de ser dispensado.

O juiz Grupp estava no local do acidente, assim como o delegado Chalanski, Malvina Prentiss, Francis O'Bannon e um fotógrafo do Record. A cara gorducha e espantada do advogado Otis Holderfield apareceu também durante pouco tempo, mas depois de ter falado com Dakin e Chalanski desapareceu novamente. Vieram duas ambulâncias, uma do Hospital de Wrightsville e outra do Hospital Distrital de Slocum. Havia uma fila de carros estacionados dos dois lados do viaduto; as margens do canal estavam cheias de gente. Num campo próximo, um lavrador gritava com uns rapazes que estavam a pisar os seus rabanetes e as suas alfaces. O sol brilhava e estava um dia muito bonito.

— Não, Dr. — dizia Dakin a Ken, no fundo do canal— " Não o vou deixar vê-lo. Não deixo.

— Sou médico! — gritou Ken. — Saia da minha frente!

— Não Sr.. Acho que não é boa ideia — disse Dakin.

Rima pegou o braço de Ken e levou-o até junto de uma pedra onde se sentaram os dois, de mãos dadas.

Dakin fez sinal a Ellery.

Por isso, Ellery viu o Dr. Dodd; ou antes, viu o bastante para poder constatar que era o Dr. Dodd, mas um Dr. Dodd de tal maneira desfigurado que quase se sentiu mal ao olhá-lo. Mas encheu-se de coragem e pediu que voltassem o corpo. Olhou para o que fora a parte de trás da cabeça do Dr. Dodd e virou as costas, encaminhando-se em passos vacilantes para o lugar onde o juiz e o delegado estavam a falar com Malvina Prentiss. Francis O'Bannon estava ao lado deles, com o bloco a postos.

— A cabeça dele, Dr. Grupp... — disse Ellery, engolindo em seco.

— Claro que sim — disse Grupp em voz rabugenta.— Como é que acha que ficava a sua cabeça se fosse atirado através de um pára-brisas, rebolasse em cima de pedras afiadas durante sete ou oito metros e, depois, lhe caísse um carro em cima?

— Sr. Queen, está a trabalhar para Miss Prentiss?— perguntou o delegado Chalanski com um ligeiro sorriso.— Ela também está interessada na parte de trás da cabeça dele.

— E você também devia estar, Chalanski — respondeu Malvina Prentiss. O reflexo do sol nos óculos prateados dela quando mexeu a cabeça fez Chalanski desviar o olhar. — Acho que os senhores estão com muita pressa de resolver que foi um vulgar acidente de automóvel.

— Que é que quer dizer com isso? — perguntou o delegado, agora sem sorrir.

— Não disse que ele deve ter morrido por volta das cinco da manhã, Sr. Juiz?

— Uma opinião pessoal. Nada de oficial.

— E que é que Dodd andava a fazer na estrada às cinco da manhã?

— Era médico — disse uma voz seca — e nunca se recusou a atender um doente em toda a sua vida. — Era o chefe Dakin.— E levava com ele a mala dos instrumentos, Miss Prentiss.

— E quem é que o chamou ? Já identificaram esse hipotético doente? Não deve ser difícil, mesmo para um polícia de Wrightsville.

Os olhos quase incolores de Dakin faiscaram momentaneamente. Mas disse calmamente.

— Tem de nos dar tempo, Miss Prentiss. Tudo isto é muito recente.

— E mesmo que encontre o doente que o chamou, quem é que lhe diz que Dodd não foi seguido? Suponha que alguém bloqueou a estrada mesmo antes do viaduto e que ele parou? Suponha que alguém atirou o carro dele de encontro ao muro de cimento com um homem inconsciente lá dentro ao volante?

— Nessa altura, diria que alguém cometeu o crime perfeito replicou Chalanski, sorrindo novamente. — Miss Prentiss, temos de nos basear em fatos para formular suposições desse tipo. Se alguém bloqueou a estrada, não há quaisquer sinais disso. Se alguém agrediu Dodd na cabeça, o que é possível e não podia ser detectado agora, como o admitiu o juiz Grupp, não encontramos a arma da agressão, ou está misturada com este monte de sucata ensanguentada e não vai ser possível encontrá-la. Não podemos saber se o carro foi atirado a grande velocidade de encontro ao muro por uma terceira pessoa, porque as marcas de pneus visíveis são iguaizinhas às que o carro teria feito se Dodd saísse da estrada num acidente vulgar. Ou seja, Miss Prentiss, os fatos tais como os conhecemos, de momento, apontam para um acidente, igual a milhares de outros acidentes que enlutam as nossas estradas todos os anos. Se encontrarmos alguma coisa que aponte para a direção oposta, dou-lhe a minha palavra de honra de que será logo avisada, Miss Prentiss.

— Venha, Chalanski — disse o juiz Grupp; e o delegado seguiu-o abruptamente. O chefe Dakin foi atrás deles.

Não há provas, pensou Ellery. Outra vez. Pois claro. O que nos leva uma vez mais a pôr a hipótese das duas possibilidades. Ou uma, ou outra. Acidente ou assassínio. Natural ou artificial. inverso ou reverso.

“Morreu o homem rico, morreu o homem pobre, morreu o mendigo, morreu o ladrão e, agora, morreu o Dr.” **.**

— Como? — perguntou Ellery. — Desculpe, Miss Prentiss, não ouvi o que disse.

— Perguntei — respondeu a diretora do jornal, olhando-o frigidamente — de que é— que está à espera, Sr. Queen, de um sinal do céu? Eles estão à espera do carro funerário do

Charlie Duncan para levar os restos, mas você não é um gato-pingado. Ou será?

— Lamento...

Francis O'Bannon tentou deitar água na fervura.

— Todas estas mortes, Sr. Queen, MacCaby, Hart, An-derson, Jacquard, e agora Dodd. Também nos preocupam..,

— Mas connosco é diferente, Quatro olhos, connosco é diferente, disse a patroa dele, vivamente. — A verdade é que o grande detective está na nossa linda cidade... há quanto tempo? E quanto mais tempo fica Sr. Queen, mais gente morre. Quando é que avança com mais deduções históricas? Quando é que começa a farejar?

E se eu lhe dissesse agora, pensou Ellery, quando o corpo de Dodd e o carro ainda estão quentes: Quer saber quem vai ser o próximo, Miss Prentiss? Porque sabíamos e não sabíamos ao mesmo tempo. Víamos e estávamos cegos. Andávamos, mas não avançávamos...

— Diga-me lá, Sr. Queen, já que parece não estar disposto a responder a perguntas mais importantes. Acha que foi mesmo um acidente?

— Não sei — disse Ellery.

A mulher sorriu. Era um sorriso radiativo, e Ellery pensou: Outra imitação perfeita de Rosalind Russell. Ficou a olhá-la enquanto ela se voltava para o O'Bannon, chispando por todos os lados.

— Ponha o título “Crime” com pontos de interrogação, Quatro olhos. Relacione o Dodd com os outros por associação. MacCaby, Hart, Anderson, Jacquard, Dodd. Quem é que está por detrás de tudo isto? Quem é que quer transformar Wrightsville num deserto? Por quê? E quem vai ser o próximo? É o nosso segundo título, Quatro olhos: Quem segue? Pratt! — gritou para o fotógrafo. — Apanhou o Queen? Não? Por quê? Venha aqui! “Detective famoso na cena do crime ponto de interrogação?”

Malvina Prentiss dirigiu a Ellery um sorriso atômico.

— Vamos metê-lo nisto quer queira, quer não, Ellery. Francis O'Bannon, com uma expressão grave e preocupada na cara sardenta, não parava de escrever.

Segunda-feira, 1º de maio

— Foi o medo do ultimato — disse Ellery.

— Medo de quê? — disse Kenneth Winship.

— Medo da morte.

Estavam sentados na sala de estar da casa de Dodd, esperando por Otis Holderfield. Até agora, tinham evitado falar dos acontecimentos dos últimos quatro dias — a polícia, o relatório da autópsia, o inquérito, o funeral, as lamentações da Sra. Fowler, os ataques histéricos de Essie, as máximas filosóficas secas e indiferentes de Harry Toyfell, os telefonemas curiosos, as visitas dos bisbilhoteiros, as exigências do Record... a casa de Sebastian Dodd era agora mais concorrida depois da sua morte do que quando ele lá morava. Mas o advogado Holderfield, com um ar indignado, ergueu a sua voz petulante, no domingo à tarde, depois do funeral, anunciando que aparecia na manhã seguinte com o testamento do defunto, que o Dr. Dodd tinha redigido poucos dias antes do acidente, disse Holderfield em tom áspero; o que tinha despertado um interesse geral. O delegado Chalanski anunciou que estaria presente; o chefe Dakin observou que também gostaria de assistir. E Malvina Prentiss prometeu rispidamente que a Imprensa não fugiria às suas responsabilidades de noticiar os acontecimentos. A edição de segunda-feira de manhã do jornal — no chão da sala de estar estava ainda um número desse jornal, que o Dr. Winship atirara ao chão com fúria — anunciava a probabilidade de que a leitura do testamento de Sebastian Dodd revelaria “os motivos do seu assassino”. O Record de sexta-feira limitara-se a mencionar a possibilidade de se tratar de um homicídio; na segunda-feira — pelo menos no Record — essa possibilidade transformara-se num fato indiscutível. O que era exasperante para o juiz Grupp e o delegado Chalanski, dado que não surgira, entretanto, nada que pudesse ser considerado como um indício; pelo contrário, Wesley Hardin, de 54 anos, um agricultor cuja exploração se situava na Estrada 478, mais ou menos a meia distância entre Wrightsville e Slocum, apareceu a dizer que fora ele que telefonara ao Dr. Dodd um pouco depois das 4 h da manhã de quinta-feira pedindo-lhe que fosse a casa dele, porque Calvin, de nove anos, delirava e tinha medo de que o rapaz estivesse com difteria; e como o Dr. Dodd não aparecesse, o Sr. Hardin tinha telefonado para o hospital e eles mandaram uma ambulância e o Calvin foi para a enfermaria das doenças contagiosas — tinha mesmo difteria. Por isso, o júri no inquérito tinha emitido um veredicto rápido de “morte acidental”, que o Record ignorara completamente.

— Medo da morte — repetiu Ellery enquanto esperavam, sentados na sala, pela chegada de Holderfield, Dakin, Chalanski e o Record. — Era uma fobia dele. É preciso compreendê-lo. Sabia que o Dr. Dodd estava obcecado pela morte, Ken?

— Não! Um médico, que vê a morte constantemente...

— Ainda tem mais medo dela, se não estiver bem. Dodd tinha tanto medo da morte que tomava medidas regulares para a combater.

— O quê? — perguntou Rima sem compreender.

— A prática da adivinhação tem por objetivo principal predizer o futuro, mas nenhum adivinho se daria ao trabalho de predizer o futuro se não tivesse a esperança louca de o poder modificar.

— Adivinhação?

— Só a prática da adivinhação — assentiu Ellery — explica a presença dos estranhos objetos que Dodd guardava no quarto fechado à chave que lhes mostrei esta manhã. Um monte de pedrinhas, livros, anéis, um ferro e um fogão, sal, dados, cartas de jogar, etc. A adivinhação é praticada em muitas formas, todas elas baseadas na tradição, e que até têm nomes científicos como “pessomancia”, por exemplo, ou adivinhação feita com pedrinhas. Os livros, os anéis, um ferro em brasa, o sal, os dados, assim como as cartas de jogar, é claro, são tudo objetos usados em rituais de adivinhação e havia no quarto de Dodd todos esses objetos. Há muito tempo que não via uma coisa assim.

— O Dr. Dodd? — perguntou Rima em voz baixa.

— Não acredita. Mas pense, por exemplo, nas setas, sete setas. O nosso mundo cristão não tem o monopólio da prática da adivinhação; os maometanos, por exemplo, praticam essa arte há muito tempo, e um dos seus processos favoritos exige o uso de setas, até um máximo de sete. Há sete “setas divinatórias” na grande mesquita de Meca. Há autoridades que afirmam que os árabes só se serviam de três. Não interessa. O que interessa é que esse feixe de setas lá de cima, combinado com todos os outros objetos, que são todos usados em certos processos de adivinhação, nos leva a concluir que o Dr. Dodd tentava, há muito tempo, adivinhar o que o futuro lhe reservava, utilizando numerosos métodos tradicionais, incluindo o método maometano. E dado que a pergunta mais importante relativa ao futuro é saber quando é que se vai morrer, é evidente que a sua fobia se relacionava com a morte. Eu próprio o vi ficar completamente de rastos quando tirou dois ases de espadas um a seguir ao outro. Um cão uivou e ele ficou toda a noite a pé. Entrou um pássaro no escritório dele e ficou histérico. Tudo presságios de morte... para quem acredita nessas coisas. E ele acreditava. Quando se convenceu de que a morte estava iminente, deixou de lutar. Viram como se comportou nos últimos dias da sua vida.

Não havia nada a dizer, e ninguém disse mais nada até que Essie Pingam veio a lamuriar à porta:— Já chegaram.

Otis Holderfield avançou pela sala dentro, seguido de Chalanski, Dakin, O'Bannon do Record e um homem que parecia um Sherlock Holmes idoso e próspero e que foi apresentado como o Dr. Farnham Farnham, interno e membro do conselho de administração do Hospital de Wrightsville. Pouco depois, apareceram a Sra. Fowler e Toyfell, que , se postaram à porta, ao lado de Essie.

O advogado Holderfield não tentou disfarçar os seus sentimentos. Atirou com as luvas de camurça e com o chapéu castanho para cima da prateleira da chaminé e abriu a pasta de crocodilo, dando um puxão brusco ao fecho, exprimindo assim a sua desaprovação não só em relação ao seu falecido cliente, como a tudo o que lhe dizia respeito.

— Não tenho nada a ver com isto, bem veem — disse Holderfield, parecendo continuar uma conversa que tinha consigo mesmo. — Absolutamente nada. Sou um mero instrumento da vontade do meu cliente, ha, ha! Um indivíduo tem o direito de dispor dos seus bens como melhor entende, não é verdade? Não nos compete querer saber as suas razões, pois não? A menos que alguém pretenda levantar a questão de non compôs mentis, do que duvido, dado que o meu falecido cliente morreu solteiro e sem deixar descendência, nem sequer parentes, que se saiba. Que, de resto, não teria qualquer importância. O meu cliente sabia, com certeza, o que queria fazer com os seus bens, já que fez testamento. Nunca tinha feito testamento até a semana passada — adiava sempre.

— As pessoas que têm medo de morrer — observou Ellery — geralmente fazem isso.

— Leia, leia, Holderfield — disse o delegado indulgentemente. Geralmente os testamentos são bem compreensíveis.

— Pois — disse O'Bannon, num tom incisivo surpreendente. — O Record está muito interessado neste testamento. — Depois, olhou para Ellery com ar espantado. — Disse que Dodd tinha medo de morrer?

— Quem é que não tem? — disse o chefe Dakin. — Vá, Holderfield.

Otis Holderfield tinha tirado da pasta um documento legal elegantemente encadernado e contemplava-o com uma amargura indisfarçável. Depois, com um meio sorriso, abriu a pasta azul.

Eu, Sebastian Dodd, residente atualmente em Wrightsville, declaro que este é o meu testamento...

O advogadozinho atirou-se ao testamento de Dodd como se fosse um inimigo que devia ser despachado o mais rápida e maldosamente possível. O testador indicava que a Fábrica de Tintas de Wrightsville, que constituía a parte

mais importante dos seus bens, devia ser vendida. Todas as contribuições legais, impostos e dívidas deviam ser pagos com o produto da venda da fábrica. A hipoteca sobre a casa da esquina da Avenida Algonquin e da Rua Wright, que era grande, devia ser resgatada. A casa com o seu equipamento do consultório, o mobiliário, o recheio, os bens e objetos pessoais, etc, devia ser posta à disposição do “meu assistente, o Dr. Kenneth Winship, para sua residência e utilização caso ele assim o deseje, sem pagar renda, durante um período máximo de cinco anos a partir da data da minha morte, desde que o dito Dr. Winship mantenha a casa em condições razoáveis, pague os impostos, etc, durante o tempo da sua ocupação; depois disso, ou em qualquer altura que antes dos referidos cinco anos em que o Dr. Winship resolva, por sua livre vontade, sair da casa, esta e todo o seu recheio serão vendidos e os lucros serão adicionados ao resto dos meus bens” .

Uma soma de mil dólares em dinheiro era legado a “minha governanta, a Sra. Regina Fowler.” (A Sra. Regina Fowler pareceu surpreendida e, depois, limpou os olhos ao avental.) Uma soma de quinhentos dólares em dinheiro era legada a “Essie Pingam criada de quarto”. (Essie Pingam fez um ar incrédulo, depois, de alegria e, finalmente, desatou a chorar.) O resto dos bens deviam ser transformados num Fundo. O dito Fundo seria designado pelo nome de “Fundo MacCaby-Dodd para o Centro Municipal de Saúde e para o Hospital de Wrightsville” e seria administrado pelo conselho de administração do Hospital de Wrightsville, que atuaria também como testamenteiro, “reconstruindo o referido hospital de raíz, e totalmente, se necessário, a de dotar Wrightsville de um hospital moderno adequado as dimensões e as necessidades da cidade. O novo hospital deverá incluir uma Ala Pediátrica que obedecerá às condições indicadas no meu memorando de 19 de Fevereiro deste ano, dirigido a Administração.” (O Dr. Farnham fez um sorriso digno.)

Havia mais algumas fórmulas legais e, finalmente, o advogado Holderfield fechou o documento, batendo com a capa, e disse malevolamente:

— É tudo. fim

— Tem algum comentário a fazer, Dakin? — perguntou o delegado Chalanski, ao fim de uns instantes de silêncio.

— Sem comentários. — O chefe Dakin levantou-se. Era impossível perceber se estava aliviado ou desapontado. Ellery, observando-o atentamente, teve de concluir, baseando-se no seu conhecimento da psicologia dele, que Dakin estava aliviado. — E o Sr., Sr. O'Bannon, — perguntou o delegado, olhando com ar de gozo para a sombra de Malvina Prentiss.

— Aquilo que eu penso pessoalmente, Sr. Chalanski replicou O'Bannon —, pouco interessa. E aquilo que o Record pensa será certamente publicado

amanhã.

E o O'Bannon retirou-se, com um sorriso azedo e superior, metendo calmamente o bloco na algibeira antes de sair.

— Tratarei deste assunto com o conselho de administração do hospital, Dr. Farnham — disse Otis Holderfield—, quando os senhores quiserem. Vou ficar o resto do dia no meu escritório, se os seus advogados quiserem contatar-me. Creio que é tudo, meus senhores...

— Menos a conta dos seus emolumentos — disse Chalanski secamente, depois de Holderfield ter saído — e, se fosse a si, mandava-a examinar ao microscópio, Dr. Farnham. Muito bem, meus senhores, posso dizer que as autoridades judiciais do distrito estão satisfeitas. Ainda bem que tudo se resolveu assim. Não acha, Sr. Queen? Um testamento claro e simpático. Bom dia, Miss Anderson, Dr. Winship... Vamos, Dakin, Dr. Farnham?

— Sabe, Winship — disse o Dr. Farnham, falando pela primeira vez, ao mesmo tempo que se despedia com um aperto de mão—, com a morte de Dodd fica um lugar vago no conselho de administração. Depois deste legado generoso de Sebastian Dodd acho que seria apropriado que você preenchesse o lugar dele no Conselho, e vou recomendar isso mesmo...

Mas Ken abanava a cabeça, sorrindo.

— Obrigado, Dr., mas não posso aceitar. Vou ter muito que fazer para ganhar a vida. Procure-me daqui a cinco anos.

Riram-se todos, mas depois dos outros terem saído fez-se um silêncio pesado. Foi Ellery quem o interrompeu ao fim de algum tempo.

— Agora percebo por que é que Holderfield estava tão irritado. Roubarem-lhe assim o doce das mãos quando estava prestes a comê-lo deve ser exasperante. Lá se vai toda a fruta cristalizada, a comissão da venda da fábrica de tintas, os emolumentos chorudos que cobraria como administrador dos bens e testamenteiro.., pobre Otis. Não tarda que os irmãos Waldo o comecem a perseguir para cobrarem as contas de alfaiate que ele lhes deve.

— E O'Bannon, — disse Ken, sorrindo. — Viu a cara dele? O Record não pode acusar o Hospital de Wrightsville do assassi

mo do Dr.. Ou a Sra. Fowler com o seu legado de mil dólares e Essie Pingarn com os quinhentos dólares com que foi contemplada!

— Ou Harry Toyfell — murmurou Ellery — que não apanhou nada.

— Ou a mim, que também não fiquei com nada! Então minha querida, que é que havemos de fazer com a nossa esplêndida herança? Aceitamos a oferta do Dr.?

— Isso é contigo, meu querido — disse Rima com ar sério. Agora que o Dr. Dodd morreu, muitos dos doentes dele vão, com certeza, deixar de aparecer,

por isso, talvez calhe bem não pagar renda. Ken...

— Que é?

— Ainda bem que ele não te deixou nada.

— Sim? Por quê? — Ken e Ellery trocaram um olhar.

— Ora, por nada. Mas ainda bem.

Ken e envolveu-a nos seus grandes braços.

— És tão pouco subtil como um editorial do Record, querida. Estás noiva de um homem que nunca há-de vir a ter um tostão. Tudo o que eu desejo na vida é um mínimo de segurança, a ti, e umas sobras para comprar algumas boas gravações de vez em quando. O resto é só amor e medicina... Não me interessa o dinheiro. E, a propósito de amor, não te importas de ficar a morar aqui?

— Contigo? Até era capaz de viver numa árvore. Quem me dera!

Beijaram-se. Depois, Ken disse:

— Então vamos casar-nos.

— Quando?— Agora. Amanhã.— Mas, Ken...

— Esperem lá — disse Ellery. — Tenho de ir ali à rua tomar ar e volto já...

— Não é preciso, Ellery! — Rima ria. — Ken já me pediu em casamento há muito tempo; isto são só combinações práticas. Tem de ficar, para zelar pelos meus interesses.

— Você é perfeitamente capaz de zelar pelos seus interesses sozinha. Estou farto de ser o tio Ellery.

— Cale-se, mas é, e deixe-nos falar. Tão depressa, Ken.

— De outra maneira, tens de sair cá de casa — resmungou, o apaixonado. — Senão as más-línguas começam a falar, mesmo que a Sra. Fowler e a Essie cá fiquem. Não é que eu : me importe, é claro, mas se Wrightsville te toma de ponta vai ser desagradável para ti. Rima, o Dr. forçou-nos a mão.

Temos mesmo de casar.

— O Ken tem razão — disse Ellery. — Vocês os dois não podem continuar a morar aqui juntos agora que o Dodd morreu, e era um disparate a Rima sair daqui para ir viver sozinha para uma pensão ou para essa barraca do pântano, que ainda não vi, a propósito! Se está mesmo resolvida a casar com o jovem Dr. Kildare, Rima, o melhor é decidir-se quanto antes.

Resolveram, portanto, que iam tratar dos papéis no dia seguinte de manhã com o empregado do registro, Caiaphas Truslow, na Câmara Municipal, e que, em seguida, iam logo a casa do juiz de paz Burleigh Pendleton, que ficava perto do cruzamento com a Estrada 16.

— É claro que o Caifás vai dar a notícia a toda a gente — disse Ken —, mas não faz mal, porque estamos casados antes de poderem dizer mal de nós e fazemos logo um telefonema ao Record para acalmar os ânimos. — Ken pareceu aborrecido.— Gostava de tirar uns quinze dias de lua de mel, mas...

— Não faz mal, querido.

— Não são só os meus doentes, são também os do Dr.. Com esta epidemia de difteria, toda a gente tem muito que fazer e não os posso mandar a ninguém.

— Ken, adoro ver-te assim, uma verdadeira reincarnação de Hipócrates.

— Aliás, o melhor era desistir. O Dr. sempre disse que um médico não se devia casar. E que é que eu te posso dar? Muito menos do que esperava.

— Querido, não quero uma lua-de-mel.

— Pois eu quero! Um homem que se casa tem direito a uma lua-de-mel!

Continuaram assim durante mais algum tempo e, entretanto, Ellery foi convidado para ser o padrinho de Ken e para ficar em casa dos Winship depois do casamento.

— Estão doidos? — gritou Ellery. — Acampar com um casal em lua-de-mel? Pensam que eu sou feito de pedra, ou quê? Winship, também tive um fraquinho por esta menina.

— Então desiste — disse Rima, antes de Ken ter tempo para responder.

— Desisto? De quê?

— Do que o trouxe aqui. Não é que eu lhe leve a mal, meu pobre querido...

— Não é isso — disse Ellery, de mau humor. — E só que...

— Então tem de ficar — disse Rima, com uma lógica inatacável.

— E se ficar, não pode ir para o hotel, porque senão Record inventa uma data de maldades.

— Ellery, a casa é muito grande. Ficamos todos à vontade. Está resolvido — Ken levantou-se, procurando o cachimbo.— Só há um problema, o que é que fazemos agora?

— Pois é. — Rima encontrou o cachimbo e deu-lho. — Que é que fazemos agora, Ellery?

— Bem, agora que Dodd morreu — disse Ellery, com ar sombrio—, estou encravado.

— Por quê?

— Já lhe falei de duas séries de probabilidades que consideramos até aqui Rima. Agora estão reduzidas a uma. O que simplifica muito a questão.

Mas Ellery não parecia entusiasmado.

— Duas séries de probabilidades? — perguntou Ken.— Quais? Que é isso?

— Ora, querido, é muito complicado. — Rima olhava ansiosamente para Ellery. — Ellery disse que podíamos considerar o caso de dois pontos de vista. De um dos pontos de vista, o Dr. Dodd era exatamente o que parecia ser. Do outro ponto de vista, era... Calou-se, ao ver a expressão dos olhos do seu amado.

— Era o quê?

— Estava implicado nos crimes — concluiu Ellery.

— Você suspeitava do Dr.... Mas de quê, meu Deus?

— De ter matado o MacCaby. Impelido o Hart ao suicídio. De ter sido vítima da chantagem de Tom Anderson e de o ter atirado do alto do rochedo de Little Prudy, para se ver livre dele.

— Mas que coisa sem pés nem cabeça!

— Agora é. Mas antes do Dr. ter morrido, não era.

— E que é que mudou com a morte dele?

— Se estivesse vivo, Dodd podia ser um assassino. Mas agora que morreu, chego à conclusão de que pode ter sido uma vítima, mas que estava certamente inocente. Como estava inocente, disse a verdade. Então e como o disse o Dr. Dodd, Luke MacCaby morreu com qualquer coisa das coronárias; Dodd não impeliu deliberadamente John Spencer Hart ao suicídio; e não deu dinheiro a Anderson por ele estar a fazer chantagem com ele, mas só porque tinha bom coração. E se Anderson não era um chantagista, a carta que ele meteu no envelope dos cinco mil dólares devia conter apenas instruções para Jacquard dar o dinheiro a Rima, e nada mais. E, quando Jacquard, depois de se ter apropriado do dinheiro de Rima, entrou aqui em casa, não foi para procurar as provas da chantagem, mas apenas para roubar.

“Dado que Dodd está inocente, estamos num caminho a direito, sem outras alternativas. Voltamos ao ponto de partida: uma série de mortes que parecem inspiradas nos versos de uma lengalenga infantil. Homem rico MacCaby, homem pobre Hart, mendigo Anderson, ladrão Jacquard, Dr. Dodd.

— Mas que sentido é que isso pode ter?

— Pois essa é que é a questão — disse Ellery, em tom queixoso. Ken abanou a cabeça, com o cachimbo a baloiçar.

— Não há nenhuma questão, Ellery. Acho que estamos a perseguir uma sombra. Um velhote que sofria do coração morreu disso, um homem de negócios que vigarizou o sócio deu um tiro na cabeça, um miserável que recebe, de repente, cinco mil dólares é morto, provavelmente por alguém que o queria roubar e que não sabia que ele tinha entregado o dinheiro a um advogado, um ladrão entra numa casa, e quando é apanhado tenta apoderar-se de uma arma e é

atingido por um tiro durante a luta, um médico esgotado e neurótico sai da estrada quando vai visitar um doente de noite. Todas as mortes têm uma explicação muito natural. Por que é que as há-de relacionar, só porque se coadunam com uma lengalenga disparatada?

— É por isso mesmo. Porque se coadunam com a lengalenga — disse Ellery. — Parece um disparate. Mas como é que o explica? Como eles não respondessem, continuou: — Sou muito teimoso. Quando começo a pensar numa coisa vou até o fim. Este problema está a exasperar-me. Não podia desistir mesmo que quisesse. Sobretudo — disse repentinamente — porque ainda não acabou.

— Que é que não acabou?

— As mortes.

— Por amor de Deus!

— Espera, Ken — disse Rima.

— Enganei-me por causa do Dodd. Havia também outra pessoa que estava ligada às mortes de MacCaby, Hart, Anderson e Jacquard. E também à de Dodd.

— Quem? — perguntou Ken.

— Otis Holderfield. Foi Holderfield que redigiu o testamento de MacCaby. Quando Dodd contratou Holderfield para se ocupar dos seus assuntos legais, foi Holderfield que sugeriu e escreveu a carta a Hart que Dodd devia assinar, e que foi a causa direta da morte de Hart. Foi Holderfield que entregou os cinco mil dólares de Dodd a Tom Anderson. Foi Holderfield que recebeu novamente o dinheiro, segundo ele a pedido de Anderson, em depósito. Foi Holderfield que deu o envelope fechado de Anderson a Nick Jacquard. E foi Holderfield que, na qualidade de advogado de Dodd, redigiu o seu testamento.

— Está a dizer que foi aquele borra-botas luzidio que fez tudo isso? — disse Ken.

— Não, porque... não me bata, Ken, tenho razões para pensar que Holderfield vai ser a próxima vítima.

— Outra vez!

Mas Ellery continuava a recitar entredentes: Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão; Dr., advogado... Fez um gesto de apaziguamento com as mãos.

— Quem segue é o advogado, e Holderfield é o único advogado que está metido em tudo o que aconteceu até aqui.

Ficaram calados, até que ouviram uma voz a dizer, à porta:

— Com licença. Era Harry Toyfell.

— Queria falar consigo, Dr. Winship.

— Acerca de quê, Harry?

— É por causa deste emprego que o Dr. Dodd me arranjou, Dr. Winship. Aliás, não é a melhor altura-Mas gostava de saber em que pé estou.

— Ah! — Ken parecia embaraçado. — Eu também tencionava dar consigo. Vou ter de pagar as despesas da casa, e é muito dinheiro... Era melhor procurar outro emprego, Harry. O quanto antes.

Harry Toyfell não pareceu surpreendido. Era como se estivesse sempre à espera do pior e só se surpreendesse quando coisas não corriam o pior possível. Desapareceu das vistas dos outros, arrastando os pés.

— Espere Sr. Toyfell! — disse Rima, em voz baixa. — Sei que temos de cortar nas despesas, querido e não gosto muito ;dele, mas não o podíamos deixar ficar algum tempo? Tem-lhe corrido tão mal a vida...

— Não é por causa da despesa — disse Ken, corando.— É que ele parece que dá azar!

— Também reparou nisso — murmurou Ellery.

— Não sou cego! Foi trabalhar para Hart e o Hart suicidou-se. Tinha dois amigos, Tom Anderson e Nick Jacquard, e que é que lhes aconteceu? E assim que vai trabalhar para o Dr., o Dr. morre. Que diabo, querida, vamos começar a nossa vida. Podes pensar que sou supersticioso...

— Não, querido. Não tinha visto as coisas dessa maneira... Importas-te que eu lhe dê qualquer coisa, Ken?

— Não me importo de lhe pagar eu. Mas não o quero cá em casa. Toyfell!

O jardineiro reapareceu, sempre a arrastar os pés.

— Isto aconteceu tudo muito de repente, Harry. Eu pago-lhe o seu salário até você encontrar outro emprego.

— E pode ficar na minha barraca do pântano até lá — acrescentou Rima. — Há lá umas latas de conserva, eu plantei legumes no jardim e...

Mas Toyfell abanava a cabeça comprida, abrindo a boca de crocodilo num esgar que pretendia ser um sorriso.

— O Tom educou-a bem, Rima. E uma boa cristã. Mas é preferível dar do que receber. Aquele que dá fica a ganhar e o que recebe fica a perder. Há coisas que não vêm nos livros. Vou-me embora hoje mesmo.

Foi-se embora sem olhar uma única vez para Ken, mas esse foi o único sinal que deu de que a sua pele dura de filósofo tinha sofrido um arranhão.

Foi um Otis Holderfield muito diferente que recebeu Ellery no seu escritório, nessa mesma tarde. Holderfield estava muito bem-disposto. Um dos irmãos Waldo — Ellery não foi capaz de o distinguir — estava a sair com uma mão-cheia de amostras; e o próprio advogado estava sentado, com os pés

calçados com sapatos ingleses da última moda em cima da secretária, numa atitude confortável de nababo.

— Sente-se, Sr. Queen! Encantado de o ver. Espero que não me tenha achado um burro, esta manhã. Um advogado nunca deve mostrar os seus sentimentos; é o fim, ha, ha! Mas, quando voltei e pensei melhor no assunto, as coisas não me pareceram assim tão más. Não, Sr.. E claro que custa perder a administração de uma fortuna como a de Dodd; mas cá me hei-de arranjar, cá me hei-de arranjar. Tem alguma coisa que o preocupe?

— O Sr. .

— Eu? — Holderfield ficou espantado. — Que é que quer dizer com isso?

— Tem algum seguro de vida, Holderfield? O advogado tirou o charuto da boca.

— Está a brincar comigo?

— E se eu lhe disser que tenho razões para pensar que você vai morrer?

Holderfield ficou a olhar para ele embasbacado. A sua cadeira rotativa chiou quando se endireitou.

— Tal e qual como você.

— Espero não morrer prematuramente.

— Quer dizer que eu vou morrer prematuramente?— O homenzinho sorriu.

— Não vai tardar muito.

— Que é isto? — perguntou, como se estivesse a achar graça. Isto é uma maneira de me extorquir dinheiro? A quem é que tenho de pagar, e Por quê?

— Não me admira que reaja assim — disse Ellery, sombriamente. — Mas não ficava em paz com a minha consciência se não o viesse avisar. Há alturas, Sr. Holderfield — disse, olhando pela janela para a Rua Washington—, em que tudo corre mal, nada faz sentido, alturas de grande suspense em que o que resta é só uma linguagem comum. Naturalmente, não está a perceber nada do que eu estou para aqui a dizer.

— Pois não — disse o advogado rindo. Mas os olhos estavam atentos.

— Por isso, tenho de lhe contar a minha história de fadas favorita. Era uma vez, um velho avarento chamado MacCaby — começou Ellery; e continuou a relatar a história dos cinco homens cujas mortes obedeciam à sequência de uma lengalenga. — Dr., advogado...

Ellery desviou o olhar da janela. Otis Holderfield atirara a cabeça para trás, tinha as mãos em cima da barriga e ria tanto que até chorava.

— Acha que é engraçado, Holderfield?

— É a coisa mais engraçada que ouvi em toda a minha vida! Não é assim tão engraçado, pensou Ellery. E, de repente, ocorreu-lhe a ideia de que Holderfield sabia alguma coisa, uma coisa que nunca tinha revelado, e que era essa coisa que ele sabia que o fazia rir agora daquela maneira. Não porque achasse graça, mas exatamente porque não achava graça nenhuma. Está a disfarçar, pensou Ellery. Acertei num ponto fraco. Se ao menos soubesse em quê!

— É claro que está a gozar comigo — disse o advogado ofegante, limpando os olhos.

— Não estou.

— Está a falar a sério?

— Estou.

— Por amor de Deus, Sr. Queen! Sou um homem sem qualquer imaginação! — Holderfield abanou o charuto. — Mas não julgue que estou aborrecido. Acho que foi simpático em me ter vindo avisar. Mas... ha, ha! Não me estou a ver a pedir proteção ao chefe Dakin lá porque...

— Duvido que ele o pudesse proteger — disse Ellery, pegando no chapéu.

— Espere só um minuto, Sr. Queen! — O telefone tocava. — Quem, Floss?... O quê? Está bem, está bem, ligue. Olá! Sim... Bem, talvez possa. Pensando melhor, pode ser. Não, não, eu é que fico a ganhar. Espere até ver como aquilo está... O quê? Espere lá! Não sou um milionário. Digamos oitenta e cinco dólares por mês e comida. E o mais que posso oferecer... Sabe onde fica? Está bem, vemo-nos logo. — Holderfield desligou. — E o Sr. a querer dar-me azar, Sr. Queen. Afinal é o meu dia de sorte. Eu acompanho-o à porta.

— O seu dia de sorte? — disse Ellery.

— Tenho uma casita em Upper Curling. Aquilo está tudo em muito mau estado. Precisava de um jardineiro que fosse também um homem dos sete ofícios, e veja-me só, acabo de contratar o melhor que há por estes lados. Muito obrigado, Sr. Queen, não me esquecerei de si no meu testamento, ah!, ah!

Harry Toyfell tinha arranjado um novo patrão.

Enquanto esperava por Buzz Congress e pelo elevador, Ellery sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Era ridículo, mas sentiu-o na mesma!

Terça-feira, 2 de maio

Rima e Ken casaram na terça-feira à tarde, depois da consulta, na sala de estar de Burleigh Pendleton, com Ellery e a Sr. Pandleton, radiosa, a servirem de testemunhas.

— É um bom presságio — gargalhou Ken quando voltavam para o automóvel. O trânsito do fim da tarde era intenso.— Burleigh só pede à Sra. Pandleton que sirva de testemunha quando ela está sóbria. Viu como ele lia as frases da praxe com entusiasmo? É um bom começo, Sra. Winship.

— Deus os abençoe. Deus abençoe toda a gente. — Rima estava agarrada ao braço do marido como se tivesse medo de que ele desaparecesse.

Entre, Ellery.

— Isso já era de mais — disse o Sr. Queen em voz cava. A coragem tem limites, e eu já atingi os meus. Vocês, agora, vão a vossa vida, que eu vou beber para esquecer. Dou a notícia a Record e, por isso, não vale a pena pararem na cidade.

— Ellery...

— Qual Ellery, qual nada. Nem sequer quero saber para onde é que vocês vão.

— Vamos até as cataratas de Durkee.

— Vamos só lá passar esta noite, mas pensamos que queria vir jantar connosco primeiro, para festejar o casamento.

— Como diz o poeta, tenho nos ouvidos um ruído terrível de água e não oiço nada, Deus abençoe o vosso casamento e que sejam muito felizes os dois. E, agora, vão-se embora antes que eu comece a chorar.

— Voltamos amanhã, logo de manhã! — gritou Ken, depois do carro arrancar.

Ellery ficou à porta da casa do juiz de paz até que o fumo do tubo de escape do carro de Himan se confundisse com a neblina dos montes.

Depois, começou a subir a Estrada 16 com as mãos nos bolsos, pensando de si para consigo como é que se sentiriam as pessoas quando estavam felizes. Rima sentia-se muito feliz, estava atordoada com a própria felicidade. Ken estava também feliz, com uma exuberância masculina que tentava disfarçar. A Sra. Pandleton também estava feliz, talvez a pensar na garrafa que, segundo diziam as más-línguas, tinha sempre escondida no galinheiro. Quanto a Burleigh

Pendleton, tinha sempre um ar severo e era impossível saber quando é que se sentia feliz; era um ianque de ascendência escocesa; mas, pelo menos, passava bem sem a felicidade. Em Wrightsville a vida continuava, as pessoas trabalhavam, bebiam, brigavam, copulavam; morriam e casavam, e todos tinham a sua função.

Mas ali estava ele, com tanta utilidade como um apêndice suplementar.

Elery chegou em frente do bar de Gus Olesen. Ficava a cerca de cem metros da casa de Burleigh Pendleton para o lado de Wrightsville, uma situação favorável para ambos.

Entrou.

O bar estava cheio de pessoas decentes, que iam beber uma cerveja ou qualquer outra coisa depois de saírem da fábrica ou do escritório e antes de irem para casa. Todos pareciam satisfeitos, menos um homem que estava sozinho numa mesa e que tinha ar sofredor. Ellery foi até junto dele e disse:

— Estou desesperado e não há outro lugar para me sentar. Posso ficar aqui, ou temos de brigar por causa do lugar?

O homem disse, agressivamente:

— Sente-se e vá para o diabo. — Mas, quando levantou a cabeça, Ellery viu, por debaixo do chapéu, que parecia ter sido espezinhado por um elefante, o cabelo ruivo, outrora bem penteado, e as feições de Francis O'Bannon. — Não nos conhecemos já? Não responda. Não estou interessado.

— Olá, O'Bannon. — Ellery sentou-se, satisfeito. O'Bannon com os copos parecia um homem diferente. Os óculos de plástico rosado estavam pendurados numa orelha e a gravata tinha uma mancha de algo que devia ser uísque; mas não era só isso. O brilho dos olhos dele refletia uma violência que, normalmente devia estar refreada. Exalava uma força viril irresistível. — Que aconteceu? Andou à brigar com a Malvina, rapaz?

— Ouça, seu metido...

— Chamo-me Queen.

— Ouça lá, Queen. Beba um copo comigo.

Ellery encheu um dos numerosos recipientes que constelavam a mesa com o conteúdo da garrafa que lá se encontrava também.

— A sua.

— Beba. Como é que disse que se chamava?

— Queen. Então, você e a Malvina...

— Queen, quando pronuncia o nome dessa filha da mãe num bistrô está a insultar uma profissão honesta. Essa huri blindada de prateado. Esse Hitler de figura esbelta. Tem a insensibilidade de uma barra de ouro, a consciência de um corretor de apostas, a alma de um agente publicitário e a ambição de um piolho.

E o coração de um congelador. Só se interessa por dinheiro e faz tudo o que for preciso para vender mais jornais. Mas é uma tipa incompreensível, Sr. Queen. Compra uma casa de noventa e cinco mil dólares em Skytop Road, gasta cinquenta mil dólares a decorá-lá à última moda e dorme num cubículo caiado de branco, que só lá tem dentro uma cama de hospital e uma cadeira dura. Tem uma coleção de discos de música clássica que lhe custou dez mil dólares e uma aparelhagem de som de dois mil e quinhentos dólares, e só toca discos de Bozó, Babar, Cristopher Robin e Frank Luther a cantar canções infantis. E detesta crianças. É uma contradição, não acha?

— Talvez lhe tenha morrido algum filho. Ela já foi casada?

— Três vezes. O número um era um industrial de carne de porco, um milionário com alguns setenta anos, o número dois era um bailarino clássico e o número três um parasita da alta Sociedade que usava cinta e passeava pela mansão ancestral Vestido com um quimono japonês e com um chicote na mão. Talvez você tenha acertado. Mas eu cá sou um homem simples. Um dia destes, vou desfazer-lhe os miolos com um editorial de oito colunas de merda.

— Despeça-se. É mais simples.

— Sr. Queen — disse O'Bannon, sombriamente—, somos todos doidos à nossa maneira.

— Mas por que é que não se despede, se é assim tão mau?

— E que é que lhe importa a si?

— Tento ser prestável, quando alguém parece precisar tanto como você. O'Bannon, você nunca esteve em Harvard, a não ser, talvez, para fazer uma reportagem sobre a vida sexual de um estudante comunista, para o American Weekly. Para que é todo esse armanço ao ex-estudante de Harvard?

— Ai que você vai dar cabo da minha vida. Quer mesmo saber Por quê?

— Temos a noite inteira à nossa frente.

— Não vai acreditar.

— Sou um especialista de ficção. Experimente.

— Então, oiça-me só... Breen, não é? Vi pela primeira vez esta calamidade da Prentiss numa das últimas convenções presidenciais. Intrigou-me, está a perceber? Mas perdi a cabeça com ela. Já conheceu, alguma vez, alguma tipa que lhe deu vontade de lhe torcer o pescoço assim que a viu? Um espanto, sabe-a toda, provocante com um ar de não-me-toques-desgraçado-que-eu-estou-muito-acima-de-ti. Aliás estava lá a ver se era nomeada candidata à Presidência da República; era muito capaz disso. Seja como for, comecei a andar atrás dela como um cãozinho. Não pode negar que ela tem classe, Fenney. Mas o meu instinto dizia-me: “O'Bannon, não deixes este cubo de Chanel gelado pôr-te as patas em cima.” Por isso, não avancei muito, está a perceber? Voltei para Nova

Iorque, onde, na altura, estava a trabalhar num jornal da cidade, e imagine só o que li no jornal, Sweeney, que uma fulana, numa cidadezinha da Nova Inglaterra, tinha comprado a folha de couve lá da terra e que estava a querer concorrer ao prêmio nacional da maluqueira. E qual é o meu espanto quando leio o nome dela, Malvina Prentiss, e vejo que é a minha pequena da convenção! Começo a informar-me entre os repórteres desempregados meus conhecidos e descubro que Malvina está à procura de um chefe de redação adjunto para a sua folha de couve, um homem com experiência de trabalho em jornais a sério, de grande tiragem. Mas havia um senão. Descobri que havia uma data de tipos que se queriam ir enterrar na província durante uns meses por razões pessoais e que estavam nas condições requeridas. E que eram as de que o candidato ao lugar devia ser bem educado, de boas famílias e, cito textualmente, “com um diploma de Harvard!” O que ela queria era, aparentemente, um duro do jornalismo, mas que tivesse sido baptizado no Rio Charles e que tivesse mordido, em bebé, as pratas do Copley-Plaza quando tinha raivinhas de dentes. Bem, felizmente chamo-me O'Bannon, Todos os irlandeses da América têm um primo em Boston, e o meu também se chama Francis O'Bannon. O primo Francis tem as mãos brancas, modos elegantes, um ar enjoado e um diploma de Harvard e está atualmente a dirigir uma lavanderia em Revere Beach. Por isso, depois de ter passado umas semanas em casa dele para relembrar os meus tempos de Back Bay e as minhas recordações de Harvard e de Radcliffe, outra semana em Cambridge a estudar a língua dos nativos, os seus hábitos peculiares e vestuário típico, de ter comprado estes óculos de lentes de vidro por vinte dólares e, finalmente, de ter ido a uma agência funerária de Harvard Square às quatro da manhã, para pedir emprestado o fato de um antigo aluno que já não precisava dele, desci serenamente a Wrightsville com o pergaminho do primo Francis debaixo do braço e uma carta de recomendação do Reitor Conant, escrita por mim, e pronto. Foi a coisa mais fácil do mundo.

“O problema — disse O'Bannon, enchendo novamente o copo com amargura — é que já não sei quem enganou e quem é que foi enganado. Sr. Greeley, o sexo é o diabo. Devia ser abolido, como os postiços, as batatas fritas com sabor a hortelã e as heranças. E agora já ficou a saber toda a minha triste história.

— E ali está a Malvina — disse Ellery — caso esteja interessado.

O'Bannon deu um pulo como se tivesse levado um tiro nas costas.

— Onde? — perguntou cautelosamente.

— A porta, a dar uma vista de olhos ao local.

— Diabos a levem!

— Aí vem ela.

— Eu conto-lhe um conto. Vai ver!

— Ai, ai! Já me viu! — disse Ellery.

O'Bannon voltou-se para a parede, escondendo a cara.— Por amor de Deus, leve-a para outro lado. Levante o rabo daqui. — Tentava dar o nó da gravata com os dedos trémulos.

— Já não vai a tempo. O'Bannon levantou-se de um salto.

— Com que então a ver se me conseguia embebedar, hem? — exclamou com desprezo, apontando para Ellery um dedo indignado. — Malandro, pois fique a saber que a maior parte da bebida que me deitou no copo foi parar ao meio do chão! Olá, Miss Prentiss. Miss Prentiss...

— Quatro olhos. — A palavra foi proferida com a suavidade de um floco de neve que cai sobre um bloco de gelo. — Sabe há quanto tempo é que eu ando à sua procura? Você está bêbedo!

— Miss Prentiss, este malandro telefonou-me. Pediu-me que me viesse encontrar com ele neste bar infecto com uma desculpa qualquer que, de momento, não me ocorre. Tem estado a tentar encher-me de bourbon e a fazer-me perguntas ao mesmo tempo, Miss Prentiss, a querer tirar-me nabos da púcara. É claro que ele vai negar tudo — como é que se chama, diga lá outra vez?

— Queen — disse Ellery. — Não quer sentar-se, Miss Prentiss?

— Obrigada. — Sentou-se ao lado de Francis O'Bannon, olhando-o com curiosidade.— Sente-se Quatro olhos, está completamente ridículo. E arranje o chapéu. Pensei que você não fosse humano. O'Bannon sentou-se, resmungando. — Mas por que é que se foi meter com o Quatro olhos, Queen? Não foi nada decente da sua parte. Lá nos meus sítios estes assim são para se deitar fora.

Ellery teve pena de O'Bannon.

— Acho que está a ser injusta com O'Bannon, Miss Prentiss. Ele não me disse nada.

— Queria que ele dissesse o quê? Deve andar muito por baixo se está à procura de indícios no Record.

— Foi tal e qual o que eu lhe disse, Miss Prentiss!

— Cale a boca, Quatro olhos! — Malvina riu-se. — Tenho andado à sua procura, Ellery. Foi a sua quarta tentativa em Wrightsville e acertou em cheio. Uma série de... Como é que se chama isto na secção desportiva, Quatro olhos?

— Frangos — disse O'Bannon.

— Frangos, Ellery. E, pelo andar da carruagem, está a preparar-se para outro falhanço.

— Acho que, desta vez — disse Ellery com um sorriso misterioso—, vai sair coisa melhor, Miss Prentiss. — O riso dela lembrara-lhe Otis Holderfield e pensou que Holderfield era

Wrightsville e que, em Wrightsville, a palavra escrita tinha uma autoridade mágica que transformava os boatos em fatos. Se lesse no Record a mesma coisa que Ellery lhe tinha dito, Holderfield talvez deixasse de rir.

Malvina Prentiss franziu o sobrolho; O'Bannon piscou os olhos e pareceu interessado.

— Descobriu alguma coisa?

— O nome do candidato seguinte.

— Ora, deixe-se de lérias!

— Fala como se estivesse a dirigir a campanha dele — disse O'Bannon em tom irado.

— Está a lisonjear-me — disse Ellery. — Mas acontece que encontrei uma das pontas da meada. Por exemplo, o número um, MacCaby, era um homem rico. O número dois, Hart afinal, era um homem pobre. Homem rico, homem pobre. Tom Anderson era o Mendigo da Cidade. Mendigo. Nick Jacquard, o número quatro a marchar, era o Ladrão da Cidade...

— Homem rico, homem pobre, mendigo... ladrão? — murmurou O'Bannon. Deu um pulo. — Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão; Dr.... O Dr. Dodd!

— Advogado — disse Malvina Prentiss, rapidamente.— Quatro olhos...

— Valha-me Deus — gemeu O'Bannon. — Não pode ser, Miss Prentiss.

— Foi você que o disse. Só pode significar isso.

— Não podemos publicar uma coisa dessas!

— Por que não?

— Porque vai ser uma risota desde o Maine à Califórnia!

— Queen não está a rir.

— Porque foi ele que inventou a história!

— Não fui nada eu — disse Ellery. — Não fique tão nervoso, O'Bannon. Pense nisto do ponto de vista de um louco e verá que tudo se torna razoável.

— Você é um autor de ficção!

— Mas não fui eu que escrevi esta história.

Malvina Prentiss tamborilava na mesa com as suas unhas Prateadas.

— Acabou, Quatro olhos? Era de um furo destes que andávamos à procura. Tanto faz que faça sentido como não. Cá por

mim, até acho que faz. Você vai escrever a história. Amanhã,

logo de manhã, vai a Boston, é melhor ir hoje, leve o meu carro e investigue a origem desse verso, ou desse jogo, ou lá o que é. Traga todos os livros que encontrar que falem no assunto. Está em estado de guiar esta noite?

— Por amor de Deus, Miss Prentiss — disse O'Bannon, ofendido.

A mulher de prateado levantou-se.

— Você é esperto, Queen. Descobrir uma coisa dessas. A minha proposta de uma coluna no jornal mantém-se. Diga quanto quer ganhar.

Ellery abanou a cabeça.

— Sou alérgico a prisões, Miss Prentiss. A propósito, Rima Anderson e Kenneth Winship casaram-se esta tarde em casa do juiz de paz Burleigh Pandleton. Tiraram uma noite de lua de mel, mas não me pergunte para onde foram.

Malvina pareceu surpreendida.

— A nossa moça-pássaro não perdeu tempo, hem? Quatro olhos, ponha-se a andar.

O'Bannon, resmungou:

— Obrigado por não me estragar a desculpa, camarada, e pôs-se em pé com dificuldade. Bateu com a mão na garrafa e lançou uma olhadela furtiva na direção da patroa. Mas, depois, gritou:— Já vou, já vou, Miss Prentiss! — e saiu rapidamente atrás dela.

Ellery fitou a garrafa de O'Bannon. Um método garantido para uma pessoa revelar as suas culpas secretas.

Mas que é que havia de fazer? Ellery agarrou na garrafa.

Sábado, 13 de maio

O'Bannon desapareceu. Rima e Ken voltaram, Malvina Prentiss recomeçou a fazer barulho na primeira página do Record, O'Bannon regressou; Ellery, entretanto, fervia ao sol de maio como uma chaleira ou amuava nas partes mais escuras da casa de Dodd, tentando evitar a música dos recém-casados. Rima lembrava-lhe um pássaro que acabara de acasalar e que se atarefava a preparar o ninho. Ia às compras, tirava cortinas, mudava cortinados, introduzia alterações diplomáticas na rotina da Sra. Fowler e de Essie Pingam, recebia os doentes, datilografava as fichas, atendia o telefone, ia buscar livros à barraca, tirou a carta no velho e fiel Packard de Ken, anunciou que ia forrar ela mesma a casa com papel de parede novo e nas horas vagas corria à loja de tintas Whitby para estudar os livros de amostras de papel de parede, renovava o guarda-roupa do marido — declarou que estava vergonhoso — e, à noite, caía na cama cansada, mas satisfeita. Ken assobiava constante-mente, quando não tocava o gira-discos que Ellery lhes oferecera. Noutras alturas, a casa enchia-se de Mozart, Haydn e Bach — uma beleza geométrica e perfeita que parecia troçar dos problemas insolúveis que atormentavam Ellery. Por vezes, a música afugentava-o para o jardim, onde se entretinha a cavar ou a pulverizar as plantas com insecticida, mas essas ocupações invocavam a imagem ausente de Harry Toyfell e, por associação, a do pequeno Otis Holderfield; por isso, a jardinagem não o ajudava a esquecer as preocupações.

O Record publicou a sua lengalenga fatal e provou-se que O'Bannon tinha razão. Foi uma risota. O homem rico, homem pobre ecoou jubilosamente em toda a cidade, desde os montes de lixo da Vila Baixa até a catedral de Hill Wrightsville chamou-lhe orgulhosamente sua e os homens de negócios recitavam-na nos seus conselhos de administração quando chegava o momento da hilaridade. Floyd Lycoming escreveu uma música com a letra e os seus Trovadores do Hollis estrearam-na no baile anual de maio do liceu de Wrightsville. No dia seguinte, toda a cidade a cantava e, na semana imediata, a canção foi difundida no programa do Lycoming na rádio local.

O Record respondeu com outro editorial — contra a opinião de O'Bannon, dizendo que houvera já quem tivesse tocado violino enquanto Roma ardia. A inefável Malvina tinha um calcanhar-de-aquiles na sua armadura brilhante: a tendência para se atirar a moinhos de vento quando era picada. A risota geral irritou-a e Quem é o advogado} continuou a ser o seu título de

primeira página. Os ecos do sentimento geral chegaram às salas do Tribunal Distrital e da sala dos Advogados do tribunal, e o juiz Lysander Newbold, que presidia ao tribunal nesse trimestre, foi ouvido pela primeira vez a dizer uma gracinha no tribunal: quando um advogado da defesa não compareceu no início da audiência certa manhã, o juiz Newbold sorriu e disse maldosamente: “Chercbez l'avocat.”

O delegado Chalanski e o chefe da polícia Dakin recusavam-se a fazer comentários, como repetia monotonamente o Record. Mas, um dia, Essie Pingam chamou Ellery ao telefone e, quando ele levantou o receptor, ouviu a voz azeda do chefe Dakin comentar:

— Penso que isto deve ser obra sua, Sr. Queen. Quem é este advogado que vem a seguir?

— Acho que é Otis Holderfield — disse Ellery, humildemente. Talvez o Holderfield o queira ouvir a si, Dakin. E se ele não prometer ser cuidadoso, você deve pôr alguém a guardá-lo.

— Não tenho tempo, homens nem dinheiro para brincadeiras, Sr. Queen — respondeu Dakin, em voz áspera. — Tenho de policiar uma cidade de dez mil habitantes. Além disso, o Holderfield veio falar comigo e contou-me o que você lhe tinha dito. Culpa-o de tudo isto. O Otis não está a brincar, e eu também não!

— Gosto muito de saber que ele já não está a achar graça à coisa.

— Sr. Queen, cheguei a uma conclusão, e o melhor é o Sr. ficar a sabê-la já.

— Então, que é?

— Este disparate do homem rico, homem pobre é que me aborreceu. Não houve crime nenhum. Vou deixar de o ajudar neste caso. — E o chefe Dakin desligou abruptamente. Ellery afasta-se de rabo entre as pernas.

Ellery estava sozinho na sala de estar, no sábado à tarde, folheando um exemplar de Mother Goose1 que tinha trazido da Biblioteca Carnegie na véspera à noite. Ken tinha saído para ir visitar doentes; Rima tinha ido ao supermercado Logan fazer a sua encomenda semanal, uma iniciativa doméstica que a Sra. Fowler considerava ofensiva — Ellery ouvia-a bater com os tachos na cozinha; Essie andava atrás de um aspirador no andar de cima. Depois, ouviu bater a porta da rua e Rima entrou ofegante.

— Otis Holderfield...

Enquanto Ellery corria a buscar o casaco e o chapéu, Rima contou o que sabia. Estava no supermercado à espera que chegasse a sua vez no balcão do talho quando ouviu gritar lá fora. De todos os lados acorriam pessoas que se dirigiam para o Edifício Granjon, do outro lado da rua. Vira qualquer coisa

estendida no chão em frente da alfaiataria dos Irmãos Waldo e, depois, a multidão tapara-lhe a vista.

— Um motorista de táxi disse que era o advogado Holderfield... que tinha caído da janela...

Quando Ellery chegou ao local do acidente, a esquina de sudeste das Ruas Washington e Slocum estava isolada por um cordão de polícias. A tarde de sábado era a altura de maior movimento da semana na Vila Alta e várias centenas de pessoas aglomeravam-se atrás dos polícias. Às portas das lojas, assomavam algumas caras pálidas, do outro lado do cordão; Ellery distinguiu, entre elas, as dos gêmeos idênticos Waldo. Na janela do quarto andar do Edifício Granjam que ostentava o letreiro OTIS HOLDERFIELD, ADVOGADO debruçava-se um polícia. O chefe Dakin estava no passeio imediatamente por baixo da mesma janela e Malvina Prentiss, Francis O'Bannon e vários polícias rodeavam um monte coberto de jornais.

Elery gritou; Dakin viu-o e disse qualquer coisa a um polícia, que o deixou passar.

Ellery levantou a ponta dos jornais. Holderfield estava deitado numa posição incrível, como um contorcionista. Não tinha casaco. As calças feitas por medida já não estavam impecáveis e a camisa de seda parecia um camuflado de manchas de fuligem, pó e sangue.

Um carro de bombeiros dos Bombeiros Voluntários da esquina das Ruas Minikin e Lincoln, que ficavam dois quarteirões mais além, encostou ao passeio a uns metros da ponte.

A multidão olhava, em silêncio.

Quando Ellery se endireitou novamente, o chefe Dakin disse em tom hostil:

— Foi mesmo um advogado, Sr. Queen.

— Não foi um advogado qualquer, Dakin. Foi o advogado Holderfield.

— Pois— Agora, o mal está feito, Dakin. Já não podemos evitá-lo.

— Pois.

Ellery olhou para ele, reagindo à sua hostilidade.

— Parece que acha que fui eu que tive a culpa, Dakin — disse amigavelmente.

— Não estou a dizer que foi o Sr. que teve a culpa— Mas, às vezes, damos uma ideia a uma pessoa e ela põe essa ideia em prática.

— Já estou a ver — disse Ellery. Dakin disse, abruptamente.

— Eles agora encarregam-se do resto. Venha lá acima comigo. Chalanski está lá com os meus rapazes.

Em cima da secretária de Holderfield, havia uns livros de direito abertos e a letra de Holderfield num bloco de papel amarelo de linhas mostrava que tinha estado a trabalhar num caso que, segundo disse o delegado Chalanski, devia ser julgado na semana seguinte. O casaco do elegante fato de Holderfield estava pendurado nas costas da cadeira e no cabide via-se o seu chapéu de vinte dólares.

— Holderfield dispensou a secretária, Flossie Bushmill, por volta das 2h30 — disse o delegado. — Ela geralmente sai à uma aos sábados, mas disse que tinha tido que escrever muitas cartas. Desceram os dois e foram até o Grill Kelton, onde almoçaram. Ela separou-se dele à porta do Kelton e viu-o encaminhar-se na direção do Edifício Granjon. Buzz Congress levou-o até lá acima no elevador, sozinho.

"Buzz informou-nos de que ele estava de mau humor— disse o chefe Dakin — nem sequer disse nenhuma graçola, Flossie Bushmill diz o mesmo. — Acrescentou. — Parece que tem andado assim desde que o Dr. Dodd morreu, e que esta semana a disposição dele piorou.

— Buzz viu-o abrir a porta do escritório, que estava fechada à chave, e entrar. Foi a última pessoa que o viu com vida.

— A não ser o assassino — observou Malvina Prentiss.

— Não temos provas de que tenha sido um homicídio, Miss Prentiss — disse Chalanski, educadamente. — A certa altura Holderfield deve ter interrompido o seu trabalho, levantou-se da secretária e foi à janela, que estava aberta, a propósito. Tem estado calor para maio e ele deve ter querido apanhar ar. Caiu...

— Ou atirou-se — interrompeu Dakin. Olhava Ellery, fixamente.

Mas o delegado abanou a cabeça.

— Duvido, Dakin. Holderfield ditou cartas durante a manhã marcando encontros para segunda-feira, etc. E os apontamentos dele sobre o caso são lúcidos e concisos, não parecem obra de um homem que estivesse a pensar em suicidar-se. — Não — disse Chalanski —, foi um acidente. Não seria a primeira vez que um homem que se estava a sentir mal com o calor se aproximava da janela, com a cabeça a andar à roda, e caía.

— Ou era empurrado — disse Miss Prentiss, sorrindo.

O delegado levantou os olhos para o céu e foi até a janela. Ellery interveio.

— Falou com os outros inquilinos do prédio?

— Não estava cá ninguém a quem fazer perguntas — disse Dakin. — O último inquilino a sair do prédio antes de Holderfield foi o advogado Wendel Wheeler, do terceiro andar, que tinha hora marcada para jogar golfe às 4h15 e

estava já atrasado; Buzz Congress desceu com ele no elevador. Buzz foi para casa às cinco, a sua hora de saída normal de sábado; não há guarda-noturno e os inquilinos que saem mais tarde descem a escada a pé. Falamos com os lojistas do rés-do-chão...

— Incluindo os irmãos Waldo? — murmurou Ellery, quase involuntariamente.

— Claro, incluindo os irmãos Waldo — respondeu Dakin em voz áspera. Não são privilegiados. Mas ninguém viu ninguém entrar ou sair do prédio depois das cinco.

— E mesmo que alguém tivesse entrado ou saído — observou Francis O'Bannon —, acha que os lojistas tinham visto? Ou estavam todos a apanhar sol no passeio na tarde da semana em que há mais movimento?

— Bem metido, Quatro olhos — disse a patroa dele. — O caso é que pode ter sido um homicídio e os senhores sabem muito bem isso. O assassino de Holderfield pode ter entrado pela porta que dá para a Rua Washington pela porta das traseiras do beco Granjon ou até pelas portas que dão para as ruas Wright e Slocum. E saído pelo mesmo sítio.

Chalanski voltou-se.

— Gostava que me apresentasse algumas provas mais concretas, Miss Prentiss.

— Leia o Record — retorquiu ela. — Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão, Dr., advogado...

— Chefe índio — completou o delegado com um grande sorriso. — Dakin temos algum pele-vermelha em Wrightsville? Porque, segundo Miss Prentiss—, e o Sr. Queen? — a próxima vítima do nosso Assassino Fantasma vai ser alguém chamado Haiawatha.

— Há índios em Wrightsville? — perguntou Ellery.

— Não! — gritou o chefe Dakin.

— Não me estou a referir obrigatoriamente a um indígena vestido de pele de gamo e com um toucado de penas — disse Ellery. Pode haver qualquer ligação mais remota. Por exemplo, uma pessoa de sangue índio que, desculpe-me, descenda de um chefe.

— Tanto quanto eu sei, Sr. Queen — replicou Chalanski gravemente, antes de Dakin perder a cabeça—, não há na cidade ninguém que satisfaça essas condições. Mas pode perguntar à Dolores Aikin da biblioteca. Conhece de cor a genealogia de toda a gente em Wrightsville.

— Tome nota, Quatro olhos — disse a diretora do jornal.

— Perguntei isso mesmo a essa tal Aikin, na semana passada — replicou O'Bannon. — Não há nenhum chefe Índio.

— Que é que todo esse disparate tem a ver com Otis Holderfield — rugiu o chefe da polícia, furioso. — Gostava que me

dissesse! Já fiz tudo o que tinha a fazer aqui, Sr. Chalanski. Se o Sr. também acabou...

— Só mais um minuto — disse Ellery. — No que se refere à morte de Holderfield, meus senhores, e por muito que isso contrarie o vosso bom senso prático, têm de admitir que no verso quem vinha a seguir era um advogado e que foi um advogado que morreu. E não foi um advogado qualquer, foi um advogado que estava metido até o alto da cabeça nesta história do caso MacCaby-Hart-Anderson-Jacquard-Dodd. Não podem ignorar esse fato. Não podem rir-se... Sim, Holderfield pode ter caído da janela, pode ter sido um acidente. Pode ter-se atirado da janela abaixo, pode ter sido um suicídio. Mas também pode ter sido empurrado por alguém que tenha entrado no prédio a uma hora em que não havia perigo de ser visto. E destas três teorias, a lengalenga confirma a do homicídio. Não lhe posso explicar nada. Também sei que o júri do inquérito, Sr. Chalanski, só pode emitir um veredicto de morte acidental. A racionalidade jurídica rejeita fatos fantásticos como este, e ainda bem que assim é. Mas peço-lhe, e a si também, Dakin, que tenham em conta a possibilidade, oficiosamente. E que não a excluam a não ser em último caso.

— Que último caso? — rosnou Dakin.

— Atendendo a que não há índios em Wrightsville, só há uma última possibilidade.

— Há uma outra versão da lengalenga, uma segunda forma. Este eterno dualismo, pensou Ellery. — Numa versão é: Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão, Dr., advogado, chefe índio. Na outra versão é: Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão; Dr., advogado...

— Mercador chefe — disse O'Bannon.

— Exatamente.

Dakin emitiu um som de desespero e Chalanski levou as mãos à cabeça.

— A dizer a verdade — disse Ellery — se eu vivesse nesta cidade e tivesse uma loja de venda a retalho que ganhasse dinheiro, e principalmente se fosse o principal comerciante do meu ramo, ia perder o sono esta noite. Este último verso é intrigante. Não há nenhum “mercador chefe” que esteja implicado em qualquer das mortes que houve até aqui. Por isso, só não podemos evitar a última morte, como nem sequer podemos adivinhar quem vai ser a próxima vítima. É um fato que a Sra., Miss Prentiss — disse Ellery, voltando-se para a mulher de prateado, no escritório agora silencioso—, a bem da paz de espírito de Wrightsville não devia publicar no seu jornal.

Nessa noite, Ellery foi a pé até a Rua Curling da Vila Alta, por debaixo de um dossel de folhagem escura, e encontrou um grupo de moradores locais em frente do caminho degradado que levava à casa que procurava. Havia homens e mulheres, e alguns tinham estado a beber. Não lhe agradou a expressão ominosa das caras deles nem o silêncio reinante. Ellery atravessou a pequena multidão com muito cuidado.

A casa era uma pequena construção em mau estado de conservação, muito precisada de uma pintura, com o ar de estar a desabar de muitas das casas antigas de Wrightsville, e o interior condizia com o exterior, era miniatural e decadente. Se a vida lhe tivesse continuado a correr bem tinha despachado esta casa, pensou Ellery quando penetrou na entrada escura; mas assim foi a casa que o despachou a ele.

Encontrou Dakin na sala de estar mal iluminada, revolvendo o conteúdo de uma secretária desconjuntada, sob a vigilância de Harry Toyfell. Toyfell envergava uma camisola cinzenta rasgada, abotoada até o pescoço rugoso, como se tivesse frio. Os olhos dele quase não se viam.

— Estamos a revistar os papéis pessoais de Holderfield — resmungou o chefe da polícia. — A morte do Otis vai ser um choque para uma data de gente na cidade. Só deixou dívidas.

— Ai sim? — disse Ellery. Quando Toyfell fez menção de se ir embora, disse: — Não se vá embora ainda, Toyfell. Vim aqui falar consigo.

Toyfell parou.

— Tinha hipotecado a casa duas vezes, o carro não estava pago, e se o recheio da casa valer duzentos dólares já é uma grande coisa. Tem cento e sessenta e quatro dólares na conta bancária, não tem depósitos a prazo, ações ou obrigações, e não tem seguro. Tem algumas contas para receber e também o que a herança Dodd lhe está a dever, mas isso vai levar meses a resolver-se, e quando todas as dívidas forem pagas quase não vai sobrar dinheiro para pôr uma pedra no túmulo. Só aos Waldo deve mais de mil dólares de fatos.

— Vanitas, vanitas, hem, Toyfell?

— Vive como um idiota e morrerás como um miserável— disse Harry Toyfell. — Vive como um miserável e morrerás como um idiota. Ao fim e ao cabo é tudo a mesma coisa. Há riqueza por todos os lados e todos os homens têm o direito de gozar da sua parte.

— Era o que pensava Nick Jacquard. — disse Dakin secamente. — E também Otis Holderfield, à sua maneira. Não se consegue lembrar de nada que o Holderfield tenha dito ou feito, Harry, que possa explicar a morte dele?

Toyfell arreganhou os beiços e Ellery perguntou a si mesmo se ele se estaria a rir. Tanto como os outros.

— Quais outros? — Dakin examinava uns papéis.

— O Dr. Dodd, Nick Jacquard, Tom Anderson, o Sr. Hart, o Sr. MacCaby.

— Ah, então também acha que estão todos ligados.

— Talvez.

— Como?

— Não sei — disse Toyfell. — Aliás por minha causa.

— Por sua causa! — Dakin pôs-se de pé. — Como?

Toyfell encolheu os ombros.

— Todas as pessoas para quem trabalhei ou que andavam comigo morreram. Andam a dizer que dou azar. Se fosse costume por estas partes, já me tinham linchado. Calou-se, mas os maxilares continuaram a mastigar. — Não vai ser fácil arranjar outro emprego.

Dakin meditou no assunto durante um certo tempo. Finalmente, fechou decididamente o tampo da secretária.

— Eu encarrego-me de ver que o não aborreçam, Harry. É claro que tem de sair daqui. Logo à noite, ou amanhã, vem cá uma pessoa do gabinete do xerife.

— Tem algum sítio para ficar, Toyfell? — perguntou Ellery.

— Eu arranjo um lugar qualquer.

— Foi por isso que vim aqui esta noite. Há a barraca dos Anderson. Rima pediu que lhe dissesse outra vez que está às suas ordens.

— Agradeça muito à Rima. Aliás, vou mesmo para lá. Acompanhou-os até a porta da rua.

— E melhor fechar a porta à chave, Harry — disse Dakin.

— Não vale a pena.

— Está ali uma gente com muito má cara.

— Sou igual a eles, Sr. Dakin. Nem melhor, nem pior. Não vou fugir nem me vou fechar à chave com medo.

Afastou-se no seu passo arrastado, atravessando o vestíbulo escuro, ainda antes de eles fecharem a porta.

Dakin disse qualquer coisa a um dos seus homens e, ao fim de poucos minutos, as pessoas que estavam em frente da casa dispersaram. Os dois homens ficaram à espera na sombra lilás projectada pelo alpendre até que a rua se esvaziasse. Apagaram-se as luzes dentro da casa.

— Um homem estranho — resmungou, finalmente, Dakin.

— Tom Paine também era um homem estranho — disse Ellery. — Não, obrigado, Dakin, vou a pé. Boa noite.

— Boa noite — disse Dakin, com cara de poucos amigos.

Quarta-feira, 24 de maio

O incêndio foi onze dias depois.

Ellery acordou no meio da noite com o apito das sereias. Procurou, à pressa, o roupão e os chinelos, convencido de que as chamas lhe iam irromper debaixo dos pés. O silvo da água a sair das mangueiras a grande pressão e o apito das sereias estavam muito próximos.

Rima e Ken enfiavam à pressa os roupões, na entrada. Essie apareceu, de repente, a choramingar. A Sra. Fowler gritava, no andar de baixo:

— Fogo! é um fogo!

O clarão e o calor eram tão intensos que parecia que toda a rua estava a arder. Mas, quando foram ter com a Sra. Fowler e Essie junto do portão principal, viram que o fogo consumia só uma pequena casa de madeira do outro lado da Avenida Algonquin, mesmo em frente de onde eles estavam.

— Os Waldo — gritou Ken. Correu para a rua e Ellery foi atrás dele enquanto Rima lhes gritava que voltassem para trás.

Havia quatro carros de bombeiros a atacar o incêndio. A rua estava cheia de bombeiros e voluntários. Mas era evidente que a única coisa que podiam fazer era tentar evitar que o fogo se propagasse as casas vizinhas. Era impossível chegar ao pé da casa dos Waldo; toda a casa se desfazia em chamas.

No meio da rua, estava deitada uma figura enegrecida pelo fumo.

— Está aqui o Dr. Winship!

— Este está muito chamuscado, Dr.. A ambulância ainda não chegou.

Ken gritou qualquer coisa a Rima e, após alguns instantes, ela veio a correr, com cobertores e o estojo dele. O homenzinho torcia-se e gemia.

— Qual dos gêmeos é o Sr.?

— David. O meu irmão?...

— Desmaiou.

Ellery correu até junto do chefe dos bombeiros, Everitt

Apworth, um homem macilento de aspecto rústico que se parecia com Dakin como um irmão. O chefe Apworth estava a mascar tabaco automaticamente e cuspia-o na direção do fogo.

— Onde está Jonathan Waldo, Chefe?

— Ainda lá está dentro. Não conseguimos tirá-lo. Ainda foi sorte tirarmos o David. Estavam a dormir como se estivessem drogados.

Uma voz disse: “E estavam” e Ellery olhou para Rima.

— Eram doentes do Dr. Dodd. Vi as fichas deles no arquivo. Sofriam de insônia crônica e o Dr. Dodd receitava-lhes Nembutal para dormirem. Tomavam-no regularmente.

— Então, é isso. — O chefe Apworth afastou-se a correr, praguejando para um dos seus bombeiros.

Quando a ambulância levou dali David Wald, Ken disse:

— Não tem nada de grave. Não conseguiram tirar o outro? Só o tiraram ao romper do dia. O pequeno cadáver estava

completamente calcinado.

— Mercador chefe? O Jonathan? — disse Dakin, pacientemente. — Nem por sombras, Sr. Queen. Um alfaiatezinho de bairro. Além disso, Jonathan nem sequer era sócio do David, pelo menos legalmente. Falei com o Sr. Gonzales do banco e ele disse-me que a loja era do David. Até a casa está em nome de David. Por isso, onde é que está o mercador chefe?

— Não sei — gemeu Ellery.

— Desta vez enganou-se. Mas Ellery cerrou os dentes.

— Os Waldo eram os alfaiates de Otis Holderfield e doentes do Dr. Dodd. Partilharam da prosperidade que começou com a morte de Luke MacCaby. E, agora, partilharam também da morte dos outros Dakin.

— É muito pouco, Sr. Queen. — Depois, a expressão de Dakin suavizou-se — Por que é que não desiste? E eu também já começava a acreditar em si, antes de pensar melhor no assunto.

— Como é que o fogo começou?

— Na cave. Um vizinho viu as chamas a saírem das janelas da cave. Depois, toda a casa pegou fogo.

— Acha que não foi fogo posto? — disse Ellery em desespero de causa.

— Não. Os Waldo guardavam uma grande quantidade de um produto de limpeza líquido na cave. Usavam-no na loja. A casa era uma das mais velhas da Avenida Algonquin. Um (caixote de lenha. Não, Sr. Queen, não foi fogo posto.

— O fogo começou assim sem mais nada?

— Foi aquilo a que se chama combustão espontânea — disse Dakin mansamente. — Nunca ouviu falar dos curtos-circuitos?

— Tem algumas provas disso?

— Viu as cinzas esta manhã. Não resta nada da casa.— Já falou com o David Waldo?

— Ainda não se pode falar com ele.

Ellery saiu do gabinete de Dakin e foi até a praça, na luz crepuscular. Tinha começado o dia com uma atividade giroscópica e o seu progresso tinha sido também giroscópico. Não tinha descoberto nada. O fogo podia ter sido um

acidente, mas também podia ter sido fogo posto. David Waldo continuava no hospital, livre de perigo, mas não podia receber ninguém. Jonathan Waldo não era o mercador chefe, mas tinha morrido. Sempre a mesma maldita dualidade.

Dakin tinha razão. O melhor que ele tinha a fazer era sair de Wrightsville no primeiro trem para Nova Iorque..

O letreiro de néon do Record já estava aceso. Ellery dava voltas à praça.

Nunca se sentira tão perplexo. Não era a primeira vez que falhava, mas isto era um caos. Nem sequer tinha a certeza de que a morte de Jonathan Waldo e o fato do seu gêmeo ter escapado por pouco obedecessem a um plano. A sua ligação com os outros era remota. Não podia estranhar a atitude de Dakin. Dakin estava a ser razoável.

Talvez seja esse o problema, pensou Ellery. Está a ser razoável. E este caso não é razoável.

Chegou em frente da porta cor de coral do Record.

Movido por um impulso, entrou e pediu para falar com O'Bannon.

O adjunto de Malvina Prentiss estava encaixado num gabinete que mais parecia um boudoir, batendo com dois dedos nas teclas de uma máquina de escrever cor-de-rosa.

— Se vem cá para me aborrecer — disse, sem olhar para cima — pode ir contar-lhe tudo e vá para o diabo. Estou farto disto.

— Deduzo que a Malvina não está por cá. O'Bannon, encontrou os livros em Boston?

— Que livros? — perguntou O'Bannon.

— Os livros sobre a lengalenga.

— Ah! Estão aí na estante, em qualquer lado. — O'Bannon recomeçou a bater nas teclas. — Estou a escrever um artigo sobre o incêndio dos Waldo para a Dona Bisbilhoteira, Sabe alguma coisa?

— O mesmo que você, suponho. — Ellery encontrou os livros. Estas prateleiras só precisavam de um folho cor-de-rosa para parecerem cuequinhas de renda. São estes?

Ellery sentou-se com os livros numa cadeira de plástico cor-de-rosa. Não eram muitos: Home Book of Modern Verse, de Burton Stevenson, Games and Songs of American Children, de William H. Newell, um volume intitulado The Music Hour, de Osbourne McConathy, e mais alguns. Começou a folheá-los.

— Não vai encontrar nada aí — disse O'Bannon. — A lengalenga é de autor desconhecido. Emocionante. Falou com o David Waldo?

— Não.

— Eu também não. Que é que o Dakin lhe disse?

— E a si, que é que lhe disse?

— Nada, Entrevistei o agente da companhia de seguros e não está nada contente. E você, está contente, Queen?

— Não.

— Ninguém está contente. Nem sequer a Malvina— Sabia que esta cidade está à beira da diarreia colectiva? — Ellery deixara de voltar as páginas e olhava fixamente para umas Unhas do livro. Diga lá uma coisa, Queen. Os Waldo também estão metidos na mesma trapalhada?

— Estão.

A máquina de escrever ficou silenciosa.

— Disse que estavam?

— Disse.

— Oiça lá...

— Estão! — Ellery levantou-se. Os livros caíram no chão.

— Espere aí.

Mas Ellery já se tinha ido embora. O'Bannon levantou os livros do chão, espantado.

— Há duas possibilidades — disse Ellery depois do jantar, nessa mesma noite.

— Outra vez duas possibilidades. Mas não é isso o mais importante. O que é mais importante é a vírgula.

Rima olhou para o marido. Ken examinava Ellery franzindo o sobrolho.

— Uma vírgula, pois. — Andava para cá e para lá na sala de estar, puxando grandes fumaças do cigarro. — O'Bannon viu-a mas não reparou. Ninguém reparou. Qual é a outra versão da lengalenga? Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão...”

— Dr., advogado, chefe índio — disse Rima.

— Não, essa passou de moda há muito tempo, por razões óbvias. A outra.

— Dr., advogado, mercador chefe.

— Sete vítimas de um louco. Sete cadáveres. Mas há ainda essa vírgula. — Deu uma gargalhadinha e esfregou as mãos.

— Por que é que se esta a rir? — perguntou Ken.

— Ora, Dr. Winship, porque também há duas versões da segunda versão. Outra vez duas, está a ver? Na primeira a lengalenga acaba com Dr., advogado, mercador chefe. Mas consultando as fontes encontramos uma segunda versão: Dr., vírgula, advogado, vírgula, mercador, VÍRGULA, chefe.

— Mercador vírgula chefe — repetiu Rima. — Mercador e chefe? Duas coisas diferentes?

— Uma maravilha, não é, Rima? Sim, duas palavras separadas. Mercador, chefe. Assim passamos a ter oito coisas em vez de sete. Faz sentido? Acho que sim. Os Waldo não eram “mercadores, chefes”, mas eram alfaiates e, portanto, mercadores. Por isso, na segunda versão da outra versão da lengalenga há oito pessoas. O número sete foi Jonathan Waldo.

— Isso quer dizer que o oitavo ainda está para vir — disse Rima, deprimida.

— Chefe? — murmurou Ken.

— Mas que chefe, Ellery? Que espécie de chefe? O entusiasmo de Ellery esvaiu-se.

— Isso é que é o pior. Os únicos chefes que há em Wrightsville, que eu saiba, são o chefe da polícia e o chefe dos bombeiros. — Ellery atirou com uma beata para o lume. — Que demônio, não olhem para mim com essa cara! É claro que o Dakin e o Apworth me mandam para o hospital dos doidos se eu lhes for dizer uma coisa destas! Mas que mais pode ser? E que é que eu posso fazer? Vou-me deitar!

Quinta-feira, 8 de junho

No dia da Parada chovia a potes, mas os exercícios anuais no Parque do Monumento não foram só estragados pela chuva. A Sra. Holmes do liceu de Wrightsville, que ensinava Literatura Comparativa, murmurou qualquer comentário erudito sobre as unidades gregas. Houve também outros comentários menos literários. Algumas pessoas disseram que os exercícios nunca mais tinham sido a mesma coisa desde 1939, que foi o ano em que morreu Murdock Wheeler, o único veterano sobrevivente de Wrightsville do Grande Exército da República; outros, atribuíam o vacilar da chama patriótica a mortes mais recentes.

Todos pareceram satisfeitos quando a cerimônia acabou e puderam voltar para casa.

No dia seguinte, estava bom tempo, mas o humor de Wrightsville continuava soturno. Ninguém sabia porquê, mas era uma coisa que se sentia em toda a cidade.

Pelo menos era, o que parecia a um estranho de visita à cidade. Ellery teve de reconhecer de si para consigo que era talvez a sua disposição, e não a de Wrightsville, que via tudo negro. Agora, costumava vaguear pela cidade durante horas, deixando os pombinhos da Avenida Algonquin arrulhar à vontade.

Mas não surgia nada de novo. Absolutamente nada.

Um dia Ellery foi ver a barraca dos Anderson no Pântano. Descobriu-a depois de a procurar às cegas durante algum tempo, numa excitação crescente, como se estivesse para fazer uma descoberta decisiva. Mas tudo o que encontrou foi uma Unda cabana, enegrecida pelas intempéries e coberta de rosas, lilases e lírios do campo, a que não faltava o galinheiro, um poço musgoso e uma horta. E, lá dentro, estava Harry Toyfell, com alguns dos livros que Rima tinha deixado.

O Filósofo da Cidade estava sereno.

— Uma pessoa não precisa de mais nada para ser feliz. Estou tão bem como o homem mais rico do Hill. Que é que ele tem a mais do que eu? Relações, e eu tenho uma coisa que ele nunca há-de ter. Liberdade. É assim mesmo, não quero mais nada... Os Waldo? Coitados. Pelo menos, desta vez não podem dizer que a culpa foi minha!

Na volta, Ellery fez um desvio para passar pelo Rochedo de Little Prudy. Passou alguns minutos tentando decifrar os segredos da massa mole que ficava lá em baixo. Mas não lhe

revelou nada.

Num outro dia, atacado por um desejo súbito de falar com a secretária do falecido Otis Holderfield, foi até o Edifício Granjon.

— Onde é que ela mora? — perguntou Ellery ao velho empregado do ascensor.

Buzz Congress riu.

— Flossie Bushmill não se perde, Sr. Queen. Já foi embora da cidade.

— Foi embora da cidade?

— Foi. Com um finório de Boston, um agente de uma firma de roupa interior de Sra.. Estava-se mesmo a ver, Sr. Queen! E, qualquer dia, larga-o e atrela-se a outro qualquer. A Floss não pode estar quieta no mesmo lugar. Foi sempre assim, sobretudo desde que o pai morreu. Era o Jake Bushmill, o ferreiro. A Flossie é uma autêntica pioneira. — O velhote deu uma gargalhadinha.

Noutro dia ainda, ao saber por Ken Winship que David Waldo estava a recuperar, Ellery foi ao Hospital de Wrightsville. Mas o interno de serviço na enfermaria dos homens abanou a cabeça.

— Fica histérico quando lhe fazem perguntas. O chefe Apworth, um jornalista do Record e o agente da companhia de seguros estiveram aqui e não conseguiram tirar nada dele. É melhor voltar para a semana, Sr. Queen.

Quando Ellery voltou ao hospital, na quinta-feira seguinte, Waldo já lá não estava. Saíra três dias antes.

Ellery, aborrecido, foi à procura dele. Mas, em breve, lhe passou o aborrecimento.

Quando Waldo saíra do hospital, na manhã de 3 de junho, fora a Slocum. Uma vez aí chegado, tinha procurado um alfaiate chamado Elbert Scolly, que já tinha tentado comprar a loja dos Waldo no ano anterior. Waldo tinha dito a Scolly que queria vender a loja, mas a pronto e com o dinheiro na mão e desde que a venda se fizesse em vinte e quatro horas, Colly, um espertalhão, fizera um bom negócio. Waldo tinha concordado em aceitar uma soma muito inferior ao valor real o recheio da loja e do trespasse e os dois homens tinham ido té Wrightsville na furgoneta de Scolly para consultar Sam Izzard da firma Finegold & Izzard, no Edifício Upham, que eram os contadores de Waldo. Trataram da papelada no banco Nacional de Wrightsville, Scolly voltara a Slocum para resolver o assunto com o seu banco e David Waldo — após uma breve visita à sua loja, no Edifício Granjon — tinha desaparecido; Ellery nem sequer

conseguiu descobrir onde é que ele tinha passado a noite. Mas, no dia seguinte, na terça-feira de manhã, reaparecera, cancelara as suas contas nos dois bancos de Wrightsville, pagara as suas dívidas, encontrara-se com Scolly e com os funcionários do banco, ultimara a venda e, às 2h30, Ed Hotchkiss levara-o de táxi à estação, com uma mala nova e uma quantidade considerável de dinheiro numa pasta que comprara à caixeira Eppie Simpson da secção de artigos de cabedal do Bon Ton, juntamente com a mala. Entregara o assunto do seguro da casa a Lyman Hinchley, o agente de seguros que tinha o seu escritório no mesmo edifício que o Public Trust Company, o outro banco de Wrightsville.

Gabby Warrum, o chefe da estação, não se lembrava de David Waldo ter comprado o bilhete na bilheteira.

— Vi-o subir no trem que ia para sul — disse Gabby. — Deve ter comprado a passagem no trem. Era o das 3h12.

O trem das 3h12 era um ramal local que ia até Connhaven, parando em todas as estações.

Waldo não tinha deixado endereço algum para correspondência. Tinha dito a Lyman Hinchley: “Falo com você em algumas semanas.”

Scolly, Izzard, o Sr. Lorrie Preston do Banco Nacional de Wrightsville, Hinchley, Eppie Simpson e todas as pessoas que tinham estado com Waldo nessas vinte e quatro horas concordavam em que era “o homem mais nervoso” que tinham visto na vida. Atribuíam esse nervosismo aos acontecimentos terríveis do incêndio e da morte do irmão Jonathan.

— Sabe como são os gêmeos autênticos — disse Lyman Hinchley, cuja tia, Sara Hinchley, dos Hinchleys de Junction, era enfermeira diplomada. — Têm sistemas nervosos muito delicados e vulneráveis.

Mas não havia provas de que David Waldo tivesse visitado o túmulo do irmão no cemitério de Twin Hill antes de ter desaparecido.

— Tem de me encontrar o Waldo, Dakin disse Ellery no gabinete do chefe da polícia na quinta-feira à noite. Ellery parecia cansado e o seu tom de voz era insistente.

— Mas por quê?

— Não posso dizer por quê. Não sei por quê.

— Tem de ter uma razão!

— Acho que o Waldo sabe qualquer coisa. Aliás nem sequer tem consciência do que sabe.,.

Dakin levantou a cabeça.

— Não tem consciência de que sabe o quê?

— É isso que temos de descobrir, Dakin, não vê?— disse Ellery pacientemente. — Dave Waldo pode ser a chave do mistério.

O chefe de polícia olhou Ellery com a fúria de um paralítico atacado por uma vespa.

— Você é o tal que anda para aí a recitar lengalengas infantis a acabar em chefe — disse com azedume. — Mas eu ainda estou vivo e Apworth diz que está fino. Por que é que não me deixa em paz?

— Se você me não fizer esse favor, Dakin, tenho de o descobrir eu. Mas vai levar muito mais tempo do que se fosse você a procurá-lo, com todos os meios de que dispõe, e quando eu o conseguir encontrar pode ser tarde...

Sábado-Domingo, 10-11 de junho

Rima e Ken tinham ido ao Bijou ver um filme, mas Ellery tinha-se escusado a acompanhá-los e estava sozinho na sala de estar e a ouvir uma gravação do Hino a Jesus, de Holst, pela Sociedade Coral de Huddersfield — pareceu-lhe pela primeira vez uma música muito distante — quando tocou o telefone na sala de estar.

— É para você, Sr. Queen — disse Essie. — Uma chamada de fora. Quase a atirou ao chão quando se precipitou para o telefone. — Dakin?

— Olá. — Dakin parecia cansado.— Encontrou-o!

— Numa quinta em Huxton, a noroeste de Connhaven. Convencêmo-lo a vir connosco e está metido num quarto do Hotel Durcas, em Connhaven.

— Onde fica isso?

— E mesmo à entrada de Connhaven pela Estrada 478. Quarto 412.

— Não o deixe fugir, Dakin. Estou aí daqui a duas horas.

— E depois — disse Dakin em tom azedo; mas Ellery desligou. Desligou o gira-discos, arrumou outra vez o Holst entre o Haydn e o Humperdinck, garatujou um bilhete explicativo a Rima e a Ken e correu ao quarto, a buscar o casaco e o chapéu. Quando ia a sair, parou; voltou para trás e abriu a mala. Que disparate, dizia consigo mesmo ao mesmo tempo que remexia o conteúdo do fundo falso. Já nem se lembrava se o objeto que procurava ainda lá estava. Tinha sido um presente do pai há muitos anos — um presente de aniversário que era, há muito tempo, um assunto de brincadeira entre ambos. Estava lá; e, quando saiu do quarto, sentia-se envergonhado com a sua parvoíce, pois o objeto era pesado.

O carro em segunda mão mais novo de Homer Findlay, um Buick Roadmaster, estava à sua espera encostado ao passeio. Encontrava-se aí com o depósito cheio, desde sexta-feira de manhã.

Três minutos depois, estava na Estrada 478, carregando no acelerador a fundo e lançando o carro a toda a velocidade no percurso de cem quilômetros que levava a Connhaven, passando por Slocum, Bannock, Algonquin, Scotttown e Fyfield.

Dakin levantou-se do sofá da sala de entrada do hotel,

— Estava a ficar preocupado. É quase meia-noite.

— Não fiz conta com o desvio de quinze quilômetros a sul de Fyfield. Ele sabe que eu vinha?

— Eu disse-lhe. Não ficou lá muito contente.

— Disse alguma coisa?

— Não.

Um dos polícias mais jovens de Dakin, à paisana, fez sinal de uma alcova perto do elevador. Percorreram o corredor e Dakin abriu a porta do 412 sem bater.

David Waldo estava deitado na cama, com a colcha de trapos puxada até o queixo. Para além do fato de ter o cabelo e as sobrancelhas chamuscadas, Ellery não notou que acusasse outros efeitos do fogo. Um polícia jovem estava sentado numa cadeira de braços, por debaixo de um candeeiro tapado com um jornal. Levantou-se quando eles entraram.

— Tentei convencer o Sr. Waldo a despir-se e a meter-se na cama — disse—, mas nem sequer quis tirar os sapatos.

— Está bem, Jeep.

O policial saiu.

Ellery tirou o jornal de cima do candeeiro e aproximou-se da cama.

— Como está Sr. Waldo?

O pequeno alfaiate nem sequer abriu os olhos.

— Sr. Waldo — Waldo piscou os olhos. — A luz, incomoda-o?

— Não. — Abriu os olhos. Estavam injetados de sangue e pareciam não ver nada do que o rodeava.

Ellery sentou-se na borda da cama.

— Passei estes últimos dois meses em Wrightsville porque estou convencido de que há um assassino à solta na cidade, um assassino que disfarça tão bem a sua pista que não deixa vestígios dos seus crimes. Acho que o incêndio em que morreu o seu irmão e a que o Sr. escapou por pouco, Sr. Waldo, se integra numa sequência de crimes que começaram com a morte de Luke MacCaby. O pior é que o não posso provar, não posso provar nada, e por isso é muito importante que o Sr. me ajude o mais que puder. É importante para si pessoalmente, se não quer morrer. Foi por isso que pedi ao chefe Dakin que o encontrasse e que vim de Wrightsville até aqui esta noite, para falar consigo. David Waldo teve um arrepio.

— Vou morrer.

— Não vai. Mas, para isso, temos de conversar e de analisar os acontecimentos juntos.

— Mas eu não sei nada.

— Por que fugiu?

— Porque tive medo.

— Medo de quê? De quem?

— Não sei, não sei. Foi fogo posto. Alguém nos quis matar. Eu tive sorte, senão tinha morrido também.

— Por que é que diz que foi fogo posto? Viu ou ouviu alguma coisa? Recebeu alguma ameaça?

— Não. Mas o Record... os versos... mercador... Já não sou mercador! Vendi tudo! Não me vai levar outra vez para Wrightsville! Não quero voltar para lá! — O homenzinho começou a ficar histérico. Ellery e Dakin tiveram de abafar os gritos dele. Finalmente pôs-se a chorar mansamente para a almofada.

Ellery sentou-se na ponta da cadeira de braços, curvado para a frente, olhando com ar sério para a figura do velhote na cama.

— Nunca gostei de bater num homem que está no chão— disse a voz seca de Dakin. Mas acho que o Sr. e a Prentiss, Sr. Queen, pregaram um susto de morte ao pobre Dave, e é tudo.

— Não — disse Ellery, distraidamente.

— O Sr. é teimoso como uma mula. Mas eu não posso ficar aqui eternamente. — Que é que vai fazer agora?

— Vou ficar aqui. — Ellery levantou-se. — Dakin, não quer deixar os seus homens comigo?

— Oiça lá, Sr. Queen...

Suponha que você está enganado, Dakin. Suponha que, amanhã de manhã, a polícia de Connhaven lhe telefonava e lhe dizia...

— Bolas! — Dakin abriu a porta num repente e, pouco depois, entraram os polícias. — Vou voltar para a cidade. Vocês ficam aqui, às ordens do Sr. Queen, até eu dizer alguma coisa. — Marchou pelo corredor até as escadas, batendo com os pés no chão e puxando furiosamente pelo chapéu.

O Sr. é o Jeep. Lembro-me de si do caso Van Horn, mas não sei o seu apelido.

— É Jorking, Sr. Queen. O meu pai é o dono da herdade de criação de porcos que fica ao pé da. Estrada 478 e da Estrada Velha.

— A si não o conheço — disse Ellery ao outro polícia.

— Chamo-me Plaskow, Sr. Queen. Phil Plaskow.

— Sim Sr.. Bem, rapazes, vou fazer o possível por conseguir que este homem me dê umas informações. Vocês estão aqui para o proteger. Acham que podem arranjar umas sanduíches e café?

— Há um bar que está aberto toda a noite a três quarteirões daqui, para o lado da cidade — disse Jorking.

— Ótimo. Vá buscar sanduíches que cheguem para nós os quatro, Jeep, e uma porção de café forte. — Elery deu-lhe uma nota de dez dólares. — Você, Phil, esconda-se aí na alcova do lado de lá do corredor e fique de olhos bem abertos. A noite vai ser comprida.

A uma da manhã, David Waldo estava sentado na cadeira de braços, embrulhado num cobertor — apesar da noite estar quente e de ter bebido duas chávenas de café a ferver, continuava a queixar-se do frio. Mas as faces estavam mais coradas e parecia sensibilizado com a solicitude dos outros.

— Tem de ver, Sr. Waldo — disse Elery, poisando a chávena na secretária—, que não faço ideia do que vai acontecer. Vamos começar desde o princípio. Conhecia Luke MacCaby?

— Nunca falei com ele, Sr. Queen.

— Isso quer dizer que o via de vez em quando?

— Vi-o uma ou duas vezes, na rua, há já muitos anos. Disseram-me quem era.

— Quem?

— Um lojista, acho eu. Talvez fosse Jeff Hernaberry... da loja de artigos desportivos. — Gaguejava, e Ellery sorria-lhe encorajadoramente.

— Sim, foi Hernaberry.

— MacCaby nunca lhe mandou fazer nenhum fato, a si ou ao seu irmão? Um arranjo? Nunca mandou limpar ou engomar roupa na loja?

— Não.

— Lembra-se de ter falado alguma vez de MacCaby com alguém?

— Com Jeff Hernaberry...

— Além de Jeff Hernaberry?

— Não, não me lembro.

— Nem sequer com Otis Holderfield?

— Bem... não... que me lembre, não. Talvez o Sr. Holderfield tenha dito alguma coisa a Jonathan...

A voz do alfaiate tremeu e Ellery mudou rapidamente de assunto. Fez mais algumas perguntas, mais para acalmar Waldo do que porque estivesse interessado nas respostas e, depois, mudou o assunto para John Spencer Hart,

— Não, o Sr. Hart mandava fazer os fatos em Boston, acho eu. Acho que já lhe disse isso uma vez.

— Pois foi, no dia em que lhe comprei aqueles calções de banho. E mandava-lhes fatos para engomar?

— Não, Sr.. O Sr. Hart tinha um criado que fazia esses trabalhos. Toda a gente sabia disso. Nunca trabalhamos para ele.

— Tinha clientes entre os empregados da Fábrica de Tintas de Wrightsville?

— Da fábrica de tintas? Bem, George Churchward, o diretor da fábrica, uma vez mandou-me fazer dois ou três fatos. Mas não limpávamos nem engomávamos os fatos dele.

— Churchward falou-lhe alguma vez do Sr. Hart?

— Que eu me lembre, não.

— Falou-lhe alguma vez em MacCaby?— Acho que não...

Ellery desistiu de falar de John Spencer Hart ao fim de algum tempo e passou para Tom Anderson. Waldo reafirmou a sua ignorância. Não conhecia Anderson, a não ser na sua qualidade de figura típica da cidade; Anderson nunca tinha feito nenhum biscate para os irmãos; nem David nem, que ele o soubesse, Jonathan tinham dado alguma vez dinheiro a Anderson; não tinham tido quaisquer contatos com os compinchas de Anderson, Toyfel e Jacquard; e assim por diante. Não teve mais êxito com Nicole Jacquard. Mas, quando chegou a vez de Sebastian Dodd, as respostas de Waldo foram mais concretas. Sim, David e Jonathan eram doentes do Dr. Dodd há anos. Não tinham nada de grave — sofriam só de insônias, o que já não era pouco; o médico receitava-lhes Nembutal e eles tomavam o medicamento com mais frequência do que o Dr. aconselhara, mas um alfaiate era como um tocador de rabeca, as suas mãos eram o seu modo de vida e, quando não dormia, tremiam tanto que não era capaz de enfiar uma agulha. Sim, com certeza, gostavam muito do Dr. Dodd; era muito bondoso, competente e sempre pronto a fazer um favor. E era cômodo ter o médico em frente de casa...

— Quando viu Dodd pela última vez? — interrompeu Ellery.

— Deixe-me ver. Quando é que ele morreu, diga lá outra vez?

— Na manhã do dia 27 de abril, muito cedo. Numa quinta-feira, ao romper do dia.

— Quinta-feira. Sim, vi-o dois dias antes de ele morrer.

— Na terça-feira, dia 25? Onde, Sr. Waldo?

— No escritório do Sr. Holderfield.

Então era aí que Dodd tinha estado no fim da manhã. Fora a manhã em que o pássaro tinha entrado no escritório e, mais tarde, Ellery tinha ido ao gabinete de Dakin buscar o segundo duplicado da chave feita por Millard Peague e, quando chegara a casa, Dodd tinha saído.

— Viu Dodd no escritório de Holderfield dois dias antes da morte de Dodd. Que é que ele lá foi fazer, Sr. Waldo?

— Foi fazer o testamento.

— Ah! E o Sr., que é que lá estava a fazer?

— Fui testemunha do testamento, Sr. Queen. O meu irmão e eu. O Sr. Holderfield telefonou-nos para a loja e disse que precisava de mais duas testemunhas para um testamento e se o Jonathan e eu não nos importávamos de subir. Fomos lá e, quando chegamos, estava lá o Dr. Dodd, com cara de doente. O Sr. Holderfield chamou a secretária dele, Flossie Bushmill. O Dr. Dodd disse que o papel que tinha na frente era o testamento dele, assinou-o, e Flossie Bushmill, o meu irmão e eu assinamos também, como testemunhas. Depois, voltamos para a loja, quer dizer, o Jonathan e eu. Tudo aquilo não demorou mais de cinco minutos. É claro que o testamento já estava feito.

Ellery mudou o assunto para Ottis Holderfield. Fez muitas perguntas sobre as relações dos Waldo com o falecido advogado, quando é que o tinham conhecido e em que circunstâncias; pediu a Waldo que fizesse o possível por recordar todas as ocasiões em que tinha contatado com Holderfield, de todas as consultas sobre fatos novos, todas as provas, entregas, as observações que Holderfield tinha feito em todas essas ocasiões, tanto quanto Waldo se podia lembrar. Chegaram, assim, ao sábado da morte de Holderfield e Ellery analisou o dia todo como um médico a procura de ossos partidos, procurando o mais pequeno fato, um pormenor, um incidente de que não estivesse a par. Tinha a certeza de que havia qualquer coisa escondida na memória de David Waldo; nem que fosse só um pormenor. Era uma infantilidade ter uma certeza tão grande sem quaisquer bases, mas tinha a certeza.

Porém não descobria nada.

Waldo começou a dormitar. As pálpebras, inchadas de cansaço, descaíam sobre os olhos como lagartas rastejando sobre duas bagas podres mas, depois, erguiam-se outra vez de repente.

— Está muito cansado? Não quer continuar? Quer dormir um bocado agora?

— Não sou capaz. Acabei o Nembutal. E a luz. Se faz favor veja se a consegue pôr mais fraca.

Ellery tapou novamente o candeeiro com o jornal e foi até a porta. Phil Plaskow estava na alcova ao lado do ascensor e Jorking estava no corredor, mais adiante, perto de uma porta de onde provinham vozes ruidosas e riso estrondoso. Jorking veio rapidamente até junto dele.

— O hotel não é esquisito. Bela festa que está a haver ali. Como é que isso vai, Sr. Queen?

— Devagar. Jeep, acha que podia arranjar mais café? — Ainda há algum no jarro. Ainda está quente, Phil?

— Está morno.

Ellery fechou a porta e levou o jarro do café aos lábios de Waldo. O alfaiate bebeu um golo, engasgou-se.

— Não quero mais!

— Então vamos outra vez a isto!

Waldo gemeu.

MacCaby.

Hart.

Anderson.

Jacquard.

Dodd.

Holderfield.

Jonathan Waldo.

O quarto parecia girar, o chão balançava.

MacCaby.

Hart.

Dois homens fechados num quarto de hotel durante umas horas, pensou Ellery, e começa logo a cheirar mal.

Anderson.

Jacquard.

A dada altura, Waldo sentiu-se mal e Ellery teve de o levar à casa de banho para vomitar. Também ele estava a suar e parecia-lhe que o chão do quarto se mexia sozinho.

MacCaby.

Hart.

Anderson.

Já tinha chegado outra vez a Dodd e Ellery dizia, entre dentes:

— Quando foi testemunha do testamento de Dodd, Sr. Waldo, lembra-se de Dodd ter dito alguma coisa a Holderfield ou de Holderfield ter dito alguma coisa a Dodd sobre...

— Não — gemeu David Waldo. — Deixe-me em paz.

— ... sobre qualquer outra pessoa, por exemplo? Ou que tinha medo? Ou sobre qualquer coisa que na altura lhe tenha parecido estranha por qualquer razão?

— Vai dar cabo de mim. Já lhe respondi milhares de vezes. Está a dar cabo de mim.

— Estou mas é a tentar salvar-lhe a vida. Pense, homem! Lembra-se de alguma coisa? Responda-me! — Ellery abanou-o.

— Qual era a pergunta?

Ellery teve de pensar, durante um momento. Depois, repetiu-a.

— Não me lembro. — Waldo tinha os olhos cheios de lágrimas, com pena de si mesmo. — Como é que uma pessoa se há-de lembrar de coisas dessas? No meio da norte?

— Tem de se lembrar!

— Só fomos lá acima...

— Foi lá acima, o Sr. e o Jonathan. E depois?

— Fomos lá acima quando o Sr. Holderfield telefonou. Foi três dias antes do Dr. Dodd morrer. Estava lá o meu irmão Jonathan, estava eu e estava aquela pequena...

— Pois — suspirou Ellery. Não havia nada a fazer. O homem não adiantava mais nada. Um beco sem saída. Mais valia...

— Foi três dias antes do Dr. Dodd morrer — disse Waldo em tom queixoso. — O meu irmão, eu...

— Que é que disse, Sr. Waldo?

— Não tem o direito de me prender aqui. Não fiz nada de mal. Sou um cidadão...

— Sim, claro que é, não estou a prendê-lo nem o Sr. fez nada de mal, mas que é que disse, Sr. Waldo? Quantos dias antes do Dr. morrer?

— Três!

— Três?

— Não pode dizer primeiro uma coisa e, depois, outra — disse Ellery impacientemente. — Não está enganado, Waldo? Nessa altura isso tinha sido na segunda-feira. Mas, há bocado, disse que tinha sido dois dias antes do Dr. morrer que o Sr. foi testemunha do testamento dele. Na terça-feira. Tem de se decidir, não lhe parece?

Waldo piscava incessantemente os olhos.

— Tenho a cabeça a andar à roda, Sr. Queen. Esse é que é o mal.

— Então como é que foi, Waldo, foi dois dias antes da morte de Dodd, ou três?

— Dois... ou três? Deixe-me pensar — resmungou o alfaiate.

— O dia em que Holderfield lhe telefonou para ir ao escritório dele ser testemunha do testamento de Dodd. Foi na segunda, ou foi na terça da semana em que o Dr. morreu?

Para grande consternação de Ellery, Waldo começou a chorar.

— Não me aborreça! — gritou, furioso. — Não estou em condições de lhe responder, não vê? Não sou capaz de pensar! Não posso!

Ellery encheu-se de paciência.

— Claro que está cansado, Sr. Waldo. Mas faça o possível. Não adormeça! — Começou a dar palmadas nas costas do homenzinho e os olhos de

Waldo piscaram e abriram-se. — É um pequeno pormenor, mas são essas coisas que me interessam. Foi na segunda ou na terça, Waldo?

— Que diferença é que faz? Num dia ou noutro, é a mesma coisa...

— Waldo. Você foi testemunha do testamento de Dodd. Foram dois dias antes do acidente em que ele morreu, ou três? Segunda ou terça-feira?

— Rrrrr.

— Waldo, se você adormece agora torço-lhe o pescoço com as minhas próprias mãos! Foi na segunda ou na terça?

— Foi... — a voz de Waldo tremia de ódio. — Foi... nos dois dias — disse triunfantemente. — Sim, Sr., foi isso mesmo! Nos dois dias. Agora já respondi à sua pergunta e pronto. Estou no meu direito. Não vou...

— Nos dois dias? Olhe lá, Waldo, acha que isso pode ser? Está a inventar isso para eu o deixar em paz. Ninguém é testemunha de um testamento dois dias seguidos. Não se vai embora daqui sem me responder! Responda!

Os dentes de Waldo bateram.

— Estou a dizer-lhe que foi nos dois dias. Fomos duas vezes testemunhas do testamento. Agora, lembro-me perfeitamente, Sr. Queen. Não podíamos parar? Estou a sentir-me outra vez mal. Estou enjoado...

— Foram duas vezes testemunhas do testamento do Dr. Dodd? O Dodd foi lá das duas vezes? Na segunda e> depois, outra vez no dia seguinte?

— Foi isso mesmo, e o Sr. Holderfield chamou-nos das duas vezes, a mim e ao Jonathan. Aquela má rês da secretária dele foi também testemunha das duas vezes. Se não acredita em mim, vá perguntar-lhe a ela. Vá, pergunte-lhe a ela. Vai-lhe dizer que... o Sr. . . .

— Tem a certeza, então. Waldo não respondeu.

— Waldo! Tem a certeza de que foram dois dias seguidos? A cabeça de Waldo descaiu para a frente.

— Queeeé!

— Tem a certeza? Absoluta? Certeza, certezinha? — Ellery debruçou-se sobre ele, e um pingo de suor escorreu-lhe pelo nariz e caiu em cima do cabelo ralo e grisalho de Waldo.— Waldo?... Waldo!!!

Mas o queixo do pequeno alfaiate estava enterrado no cobertor. Estava tão cansado que tinha a pele amarela como a cera.

Ellery pôs o casaco. O barulho da festa lá adiante no corredor tinha cessado. A respiração asmática de Waldo era muito ruidosa.

Ellery abriu a porta. Jorking tinha arranjado uma cadeira em qualquer lado e estava sentado com a cabeça encostada à parede do corredor, dormitando. Levantou-se bocejando.

— Que horas são, Sr. Queen?

— 3h40. Waldo adormeceu sentado na cadeira, Jeep; não o acorde. — Phil Plaskow atravessou o corredor e veio até junto deles. — Acho que vocês dois deviam começar a fazer turnos, um descansava enquanto o outro ficava de guarda. O melhor era irem os dois para o quarto, para o pé dele. Pelo menos um de vocês tem de estar sempre alerta. Mandem servir as refeições no quarto até eu e o Dakin dizermos qualquer coisa. Posso voltar ou não. De qualquer maneira, não deixem Waldo sozinho até receberem essas instruções. Acho que ele não vai criar problemas.

Ellery esperou do lado de fora da porta até ouvir a chave rodar na fechadura.

Depois, chamou o ascensor.

A frescura da brisa noturna pareceu-lhe deliciosa depois do ambiente superaquecido do quarto do hotel. Ellery abriu a janela do Buick até embaixo.

Começou a guiar devagar pela estrada deserta.

A dualidade persistente que caraterizava este caso era notável. Uma coisa ou outra. Anverso ou reverso. Até a lenga-lenga tinha duas versões. A última linha da segunda quadra tinha duas pontuações diferentes. E agora, até o testamento de Dodd tinha sido assinado duas vezes perante testemunhas, em dois dias seguidos.

Em todos os casos, todos os suspeitos podiam ter duas caras, todos os testemunhos podiam ter dois significados, todos os atos podiam ter motivações contraditórias, todos os motivos podiam ser dúbios, todas as provas podiam ser favoráveis ou desfavoráveis... é certo; era uma coisa que não podia ser esquecida. Mas, neste caso, as alternativas estendiam-se à própria morte. Todas as mortes tinham duas caras, a história de todas as vítimas tinha duas versões, em função do ponto de vista de que era considerada.

Os faróis de um carro refletiram-se no retrovisor, com um brilho cada vez mais intenso. Ellery abrandou ainda mais e o carro ultrapassou, desaparecendo da escuridão à sua frente.

... Era como se todo aquele caso, toda aquela confusão intrincada, ocultasse um duplo sentido. Uma escolha fatal, com o seu segredo inescrutável.

Passado algum tempo, passou por ele outro carro, desta vez na direção oposta. Ellery não reparou. Mas era o mesmo carro de há bocado.

Alguns minutos depois, o mesmo carro avançava velozmente na mesma direção que Ellery, afrouxando atrás do Buick até ficar a uns cem metros de distância.

Depois, continuou vagarosamente, mantendo essa distância.

Só passado algum tempo é que o carro de trás se começou a aproximar. Os seus faróis incomodaram Ellery, despertando-lhe momentaneamente a

atenção. Mas, de repente, as luzes desviaram-se e ele esqueceu-as.

O segundo carro tinha metido por um desvio, uma estrada de terra. Os faróis apagaram-se quando o motor foi desligado, a alguns metros de distância do princípio do desvio, junto à margem de um rio.

Ellery meteu o travão a fundo e o Buick chiou de indignação. Por um triz não chocava com uma barreira que bloqueava a estrada.

Estava no desvio de quinze quilômetros entre Connhaven e Fyfield, numa estrada secundária manhosa de duas vias de piso irregular, que tinham sido ainda mais deterioradas pelas lagartas das escavadoras e pelos pneus dos camiões que acarretavam cascalho e terra para as obras da estrada principal, paralela a esta e distante uma centena de metros. Nas bermas de terra da estrada estavam amontoados postes, bocados de cano e tábuas, que eram os restos de uma pequena ponte. Havia, por todo o lado, sinais luminosos.

As duas barreiras que fechavam a estrada estavam dispostas uma ao lado da outra. Ambas ostentavam o letreiro PERIGO.

Ellery parou o carro.

Tinha vindo para sul por esta estrada antes da meia-noite e estava toda aberta ao trânsito. Havia as mesmas pilhas de detritos nas bermas da estrada, os sinais luminosos brilhavam, mas as obras tinham parado durante a noite e os operários tinham ido para casa.

Teriam voltado para retomar o trabalho no meio da noite?

Ellery apagou as luzes do carro, para os seus olhos se habituarem à escuridão.

Mas, além do brilho dos sinais luminosos ao nível da estrada, não se viam sinais de qualquer atividade mais à frente e a estrada era uma recta — a julgar pelas filas de sinais — até onde a vista abrangia.

Brincadeiras de rapazes, com certeza; devia ser a maneira dos rapazotes do campo se divertirem num sábado à noite.

Neste ponto a estrada estava rodeada de bosques densos, havia os grilos e as rãs. Mas não se ouviam quaisquer rumores humanos nem se via nenhuma luz além da dos sinais da estrada.

Mesmo assim, sentia-se inquieto.

Ellery acendeu outra vez os faróis. Estava com receio de sair do Buick. A paisagem escura e sibilante, com as centenas de luzinhas dos sinais, tinha qualquer coisa de ameaçador. Mas, depois, ficou aborrecido consigo mesmo, abriu a porta do carro e saiu para a estrada.

Avançou entre as filas de sinais luminosos, em passo rápido.

Quando levantou a barreira da direita, pareceu-lhe ouvir atrás de si um som furtivo, talvez de um passo.

Voltou-se para trás.

Mas só via o Buick, com o motor a trabalhar, e a estrada escura lá atrás.

Empurrou a outra barreira para o lado esquerdo da estrada e voltou rapidamente para o automóvel.

Saltou lá para dentro, fechou a porta e soltou o travão de mão.

Quando se endireitou no assento ouviu outra vez o som.

Desta vez estava mais próximo. Muito perto do carro. Junto ao lugar do condutor.

Atirou-se para o lado, para cima do banco, mas percebeu imediatamente que já não ia a tempo e que o brilho metálico que tinha visto pelo canto do olho esquerdo à luz do tablier do carro era o reflexo do cano de um revólver apontado por cima do rebordo da janela aberta, à altura do seu cotovelo.

Ouviu duas explosões e sentiu uma queimadura e uma dor fortíssima do lado esquerdo.

No instante que mediou entre os dois tiros e a sua queda no estofo do banco Ellery teve uma experiência inédita. Era como se o raio da morte tivesse aniquilado a cobertura que ocultava todo o edifício, revelando a verdade que lá estava dentro por um momento que pareceu prolongar indefinidamente, até descer sobre ele a escuridão.

Ellery voltou a si no meio de uma confusão de imagens, atordoado com dores. Quando abriu os olhos, viu luzes e só passado algum tempo percebeu que estava deitado sobre o lado direito no assento do carro e que as luzes vinham do tablier. Tentou sentar-se e, ao fim de algum tempo, conseguiu, fazendo força com o braço direito; o braço esquerdo pendia inerte e todo o lado esquerdo do seu corpo parecia em brasa. Quando se conseguiu endireitar, inspecionou a si mesmo. O lado esquerdo do casaco estava manchado de vermelho-vivo, do ombro para baixo.

Depois, tudo escureceu novamente. Quando voltou a si pela segunda vez, estava sentado e, apesar da dor, conseguia ver o que o rodeava. Nada parecia ter mudado desde o início do episódio. O mundo continuava mergulhado na mesma escuridão animada de ruídos animais, os sinais luminosos continuavam a brilhar, as barreiras estavam onde ele as tinha deixado. Tentou levantar o braço esquerdo para ver as horas, mas o braço recusou-se. Depois, começou a sentir dores e, daí a pouco, o braço também estava em brasa. Não conseguia movê-lo. A mancha do braço e do lado tinham alastrado consideravelmente. Sentia um calor pegajoso no braço mas, ao mesmo tempo, estava aliviado.

o motor continuava a trabalhar. O pior estava passado. Pensou se seria capaz de guiar, viu que não tinha outro remédio, pôs os pés nos pedais e a mão

direita no volante e começou a conduzir devagar.

Daí a algum tempo entrava cuidadosamente na curva da Rua State, em Wrightsville. A noite estava a dar lugar a uma aurora pálida e ténue; os ulmeiros que ladeavam a rua pareciam satisfeitos e Ellery também parecia satisfeito quando parou o Buick em frente do tribunal distrital. Desligou o motor e as luzes, arrastou-se até a porta do lado direito e saiu. Subiu cuidadosamente o caminho que levava as duas luzes verdes da esquadra da polícia, mas, quando chegou aos degraus, tropeçou e caiu sobre o lado esquerdo. Sentiu uma dor lancinante e um fluxo quente. Deitado no chão, olhava com um interesse distante a nova mancha que alastrava.

Tentou levantar-se, desistiu e rastejou até a porta da esquadra. O problema agora era abrir a porta mas, para isso, tinha de se apoiar no braço esquerdo, o que estava fora de questão. Meditou no problema durante algum tempo, aplicadamente. Podia soerguer-se sobre o braço direito, mas não seria capaz de completar a ação. Finalmente, rolou até ficar deitado de costas em frente da porta e bateu nela com o punho direito.

Ao fim de muito tempo, a porta abriu-se e um homem calvo com uma coroa de cabelo escuro ficou a olhar para ele, surpreendido.

— Dakin. Chame o Dakin — disse Ellery distintamente. Tentou olhar tranquilizadoramente para o tenente Gobbin; 'mas fez-se outra vez noite para ele.

Desta vez, quando voltou a si, estava deitado num divã a olhar para a fotografia de J. Edgar Hoover, que tinha metade da cara ampliada de forma ameaçadora por detrás do vidro do filtro de água, e um homem de camisa sem colarinho, fechada no pescoço por um grande botão dourado, estava a ligar-lhe o braço esquerdo.

— Já acordou, Dakin — disse o homem com um sorriso.

Outro homem que estava à janela veio até junto de Ellery e Ellery viu que era o chefe Dakin, com um pijama estilo fato de treino rosa-velho e uma capa de borracha preta de polícia por cima.

— O Sr. é o juiz Grupp — disse Ellery numa voz feliz, como se tivesse feito uma descoberta maravilhosa.

— Como é que se sente?

Ellery viu que estava despido da cintura para cima. A pele que ficava por cima das costelas do seu lado esquerdo brilhava com todas as cores do arco-íris, amarelo, verde, púrpura, cereja, e o braço esquerdo estava ligado até o ombro.

— Não muito bem — disse.

— Beba isto.

Ellery engoliu um líquido que sabia pessimamente, Depois, encostou-se outra vez para trás, cansado.

— Não tem nada de grave — ouviu dizer ao juiz Grupp, lá muito ao longe. — Foi só o choque e a hemorragia. Se fosse a si, levava-o para o hospital.

— Não, não, para o hospital não — disse Ellery. Não quero.

— Não quer — disse Dakin.

— Tenho de fazer uma coisa, Dakin.

— Tem de fazer uma coisa — repetiu Dakin.

— Bom, então fique aqui bem abafado e não o deixe levantar-se durante umas horas, Dakin.

Quando Ellery voltou a acordar, Dakin já estava vestido e o sol batia na sala. Estava tapado com um cobertor. O braço latejava como um tambor e parecia que lhe tinham arrancado a pele do tórax.

— Sente-se melhor? — perguntou Dakin.

Ellery fez uma tentativa, cuidadosa e verificou com grande alegria que era capaz de se sentar no divã.

— Ora, lindamente!

— Calculo. Falei ao telefone com Jorkong e Plaskow e eles não sabiam de nada.

— Como está Waldo?

— Está bem. Por que é que andava com isto? — Dakin mostrou uma peça de vestuário de aspecto estranho.

Ellery pegou-lhe.

— Um palpite. — Estava uma lasca informe de metal incrustada na peça. — Não me admira que me parecesse que tinha levado um coice de um cavalo. Mesmo no coração. Ora, Dakin, ando sempre com umas coisas na mala e, na noite passada, achei que estava já muito próximo da solução e que valia a pena pôr o colete à prova de bala antes de ir até Connhaven. Foi azar não ter braços. O buraco do braço é muito grande?

— Bastante. A pistola devia estar a poucos centímetros de si quando foi disparada. Viu quem deu os tiros?

— Não.

— Pensei que era o chefe dos Bombeiros Apworth ou eu que estávamos indigitados para ser a última vítima — disse Da-kin secamente. — Como é que era? Dr., advogado, mercador, chefe? Ou o jogo agora mudou para Quem está na berlinda?

— Ainda é o mesmo jogo, Dakin — disse Ellery com um leve sorriso. — Eu é que me tinha esquecido que também era um chefe. Pelo menos, para uma pessoa desta cidade. — E calou-se.

Dakin resmungou, aproximando-se da janela:

— Quando estiver disposto a falar americano, diga-me. Ellery reclinou-se no divã, arrumando melhor as ideias. Finalmente, observou:

— Já sei a história toda, Dakin. — Dakin voltou-se. — É uma história inacreditável mas, ao mesmo tempo, muito simples. Tão simples como um jogo de criança. Mas era difícil chegar lá. Acha que Chalanski já está levantado?

— O quê? — Dakin parecia surpreendido.

— Porque acho que é melhor chamar o Chalanski. Temos ainda de compreender muita coisa antes de fazermos o que temos a fazer. Não se importa de lhe telefonar a pedir que venha cá... e que traga uma das camisas dele? Esta está um bocado suja.

Apertaram o cerco em torno da casa de Dodd em três carros. Um deles foi até as traseiras para vigiar a porta da cozinha, o jardim e o caminho que ia dar no prédio de estuque azul. O outro deixou três polícias no passeio; um deles postou-se em frente do portão principal, o outro correu até o alpendre da frente e o terceiro atravessou a rua até o monte de caliça enegrecida que tinha sido a casa dos Waldo. Do terceiro carro, saíram Ellery, com o braço esquerdo ao peito, o chefe Dakin, o delegado Chalanski e dois polícias à paisana. Quando chegaram ao pórtico, o policial do segundo carro, Dodie Gotch, já tinha entrado pela porta principal e estava no vestíbulo, agarrando com uma mão o cotovelo de Essie Pingam, que parecia petrificada de susto. A Sra. Fowler estava no fundo do vestíbulo, remexendo freneticamente na caixa do aparelho de audição.

Rima e Ken estavam a tomar o seu pequeno-almoço de domingo. Levantaram-se ambos lentamente, olhando para o braço de Ellery e para Dakin, Chalanski e para os dois avantajados policiais à paisana com as armas apontadas, um dos quais tapava a porta de entrada do vestíbulo, enquanto o outro se dirigia para a porta da cozinha e se colocava de costas para essa porta.

— Ellery.

— Vimos o seu bilhete, na noite passada...

— Que é que aconteceu ao seu braço?

— Que é isto?

Ellery sentou-se cuidadosamente numa cadeira, sorrindo para eles por cima da mesa.

— Não é todos os dias que uma pessoa apanha um tiro, Rima. Acho que vai compreender.

— Um tiro?

— Mas, afinal, que é isto?

— Ora, Ken — disse Ellery—, é uma coisa que eu antes queria que não fosse. Receio que também não agrade e se achasse que isso servia de alguma coisa pedia-lhe que se retirasse.

Ken piscou os olhos. Olhou para Rima. Mas ela não lhe podia explicar nada. Estava muito pálida.

— É um jogo de crianças — disse Ellery. — Um jogo inofensivo, ou que, pelo menos, era inofensivo até que um homem doente se inspirou nele para cometer uma série de crimes. Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão; Dr., advogado, mercador, chefe. até a noite passada, as sete mortes obedeceram a esta ordem. Às primeiras horas da manhã, houve uma nova tentativa de homicídio num desvio entre Connhaven e Fyfield. Alguém bloqueou a estrada, foi atrás de mim, esperou até eu parar e, depois, meteu uma pistola pela minha janela e puxou duas vezes o gatilho, a quinze centímetros do meu coração. O crime número oito não resultou pela boa razão de que eu tinha vestido um colete à prova de bala. Por isso, o "chefe" não morreu.

"Mas o atentado contra a minha vida quase valeu a pena. Porque me identificou como um "chefe". Mas eu não sou um chefe. Ou serei? Lembrei-me, depois, de que, por pouco tempo, nesta mesma cidade, fui mesmo um chefe para uma certa pessoa. Era uma brincadeira, é claro, mas todos os especialistas em doenças mentais sabem que um espírito perturbado não tem sentido de humor. A única pessoa para quem eu era um "chefe" é, portanto, a pessoa que me pode ter designado como vítima. Mas para quê falar assim por meias palavras? Vamos dizer nomes... Não acha, Rima?

Ela estava pálida como cera.

— Não acha o quê? — rugiu Ken. Ellery levantou-se.

— Ken, a Rima é a única pessoa em Wrightsville ou em qualquer outra parte que me chamou, alguma vez, chefe ou me considerou como tal.

Ken piscou várias vezes os olhos.

— E depois?

— Houve sete mortes em Wrightsville — disse Ellery em voz branda—, e todas elas obedeciam à sequência dos versos de uma lengalenga infantil. Primeiro, morreu um homem que, como depois se veio a saber, era rico. Depois, morreu um homem que, afinal, era pobre. Depois, morreu um homem que, além de ser bêbedo, era notoriamente um mendigo... e que culpas terá a hereditariedade? Depois, morreu um homem que era um ladrão, como todos sabiam. Depois um Dr., um advogado, um mercador. E, finalmente, houve um atentado contra a minha pessoa... o "chefe". Se foi Rima que tentou matar o "chefe", também foi ela que matou o mercador, o advogado, o Dr., o ladrão, o mendigo, o homem pobre e o homem rico. É por isso que isto tem a ver com a Rima, Ken.

— Espere lá — disse Ken—, espere lá. — Parecia estar a fazer o possível por se concentrar. — Mas, na noite passada, ela estava em casa, comigo.

— Lamento — começou a dizer delicadamente o delegado Chalanski—, mas o seu testemunho como marido, Dr. Winship...

— Confesse, Ken — disse o chefe Dakin secamente—, que não pode jurar que ela não se levantou ontem à noite quando você estava a dormir, não pegou no seu carro e não seguiu o Sr. Queen até Connhaven, que não foi ela que lhe armou a emboscada na volta e que se meteu depois na cama, onde você a encontrou quando acordou esta manhã?

Ken sentou-se, repentinamente.

— A minha opinião, Dr. Winship — disse Chalanski, tossicando—, a sua mulher é... quer dizer, toda aquela brincadeira de crianças... afinal... Bem, acho que a única explicação plausível, pelo menos de momento, parece ser um distúrbio mental. Garanto-lhe que vou ter isso em conta na acusação e que ela vai ser tratada... — Não pode estar a falar a sério — resmungou Ken. Olhou para eles e levantou-se de um pulo, gritando: — Estão todos doidos! Acusar a minha mulher por causa de um disparate de uma brincadeira de crianças, inventada por um paranóico com visões! Vou processá-los por acusações infundadas, difamação...

Calou-se. Um polícia à paisana tinha aparecido na entrada e estava a fazer sinais sub-reptícios ao chefe Dakin.

— Não faz mal, Charlie. Que é?

— Posso falar consigo um instante?

Dakin foi até a entrada. O polícia à paisana falou com ele em voz baixa. Entretanto, a única coisa que aconteceu na sala de jantar foi que Kenneth Winship deu a volta à mesa para ficar ao pé de Rima. Quando ele se mexeu o detective que estava à porta da cozinha mexeu-se também. Rima estava agarrada às costas da cadeira, de olhos fechados. Chalanski tinha os lábios franzidos, como se estivesse a assobiar, mas não emitia qualquer som. E Ellery apoiou-se no outro pé.

Dakin disse:

— Está bem, Charlie, mande rebocá-lo até a esquadra—, e quando ouviu estas palavras, Chalanski deixou de franzir os lábios. Ellery endireitou-se e Rima abriu os olhos.

Ken olhava para o chefe da polícia, com um ar desesperado. Dakin voltara para junto da porta, onde se postara. Chalanski foi até o pé dele e passado um momento Ellery juntou-se aos dois. Dakin murmurou qualquer coisa, sorrindo. Ellery disse com ar cansado “Então, pronto* e foi até junto dos dois homens que estavam na entrada, como se não houvesse já nenhuma razão para ali ficar.

— Que diabo é que está a acontecer? — perguntou o médico, roucamente.

Chalanski respondeu com ar severo e em tom ríspido:

— O melhor é dizermos-lhe já, Dr. Winship. Comparamos as marcas dos pneus que ficaram no lugar do atentado contra o Sr. Queen com os pneus do seu Packard e verificamos que eram idênticos. Dado que o Sr. só tem um carro, isso significa que a sua mulher esteve no lugar onde o Sr. Queen levou com duas balas. É claro que não é uma prova absolutamente concludente, mas acho que, depois de secar uns dias na cadeia, ela conta-nos a história toda. É claro que a vamos proteger o melhor possível, Dr.. As pessoas da cidade andam muito nervosas com todas estas mortes e têm feito umas ameaças. Mas tenho a certeza de que vamos ser capazes de evitar sarilhos. Por isso, não tem de se preocupar. — O delegado resmungou repentinamente: — Vamos, Da-kin, temos de acabar com isto.

Dakin tirou um papel da algibeira.

— Tenho aqui um mandato de captura passado em nome da Sra. Rima Winship, de solteira Rima Anderson, acusada de... Acho que o melhor é ler exatamente o que aqui está escrito, não é, Sr. Chalanski?

Chalanski assentiu.

Dakin começou a ler em tom inexpressivo. A voz dele ressoava monotonamente e Ken Winship ouvia, com a boca entreaberta e respirando ruidosamente. Rima fechara, novamente, os olhos.

Finalmente, Dakin disse:

— Leve-a, Crabbe.

O detective grandalhão que estava perto dos Winship deu um salto, empurrando Ken com um ombro e quase o fazendo cair; antes de ele recuperar o equilíbrio ouviu-se um clique e Rima ficou a olhar para os pulsos.

— Venha. — O detective agarrou-a pelo braço e começou a empurrá-la ao longo da sala. Parecia que a estava a levar pendurada por um braço.

Rima deu um grito de dor.

E, de repente, sem se saber como, o Dr. Kenneth Winship apareceu atravessado na porta à frente deles, com os braços abertos.

— Dakin.

— Não torne as coisas ainda mais difíceis, Kenny — disse o chefe Dakin.

— Dakin...

— Atrás de si está um homem com uma pistola. Não seja tolo. Saia do caminho.

— Tire-lhe as algemas. Não foi ela.

— Pois, pois, Ken. Vá, saia do caminho.

— Estou-lhe a dizer que não foi ela! Sei muito bem o que digo! E ela também sabe, por isso é que ficou calada! Não foi ela que andou no meu carro na noite passada, Dakin — mas ela calcula quem tenha sido!

— Não foi ela? — disse Dakin, pacientemente. — Então quem foi? Kenny? Uma alma do outro mundo?

— Fui eu. Fui eu que dei os tiros ao Queen. Fui eu que fiz tudo. Fui eu que os matei aos cinco. Anderson, Jacquard, o Dr. Dodd, Hotderfield, Waldo. Fui eu que planeei tudo, estou a dizer-lhe! Absolutamente tudo.

— Tinha de ser assim, Rima — disse Ellery. — Não tínhamos provas. Só tinha uma arma de que me podia servir, que era o amor de Ken por si. Foi por isso que fizemos toda esta encenação, este ataque em força, a sua prisão bem ensaiada, a entrada de Charlie Brady, a certa altura, com a informação fictícia de que as marcas dos pneus condiziam... não havia marcas de pneus... Foi uma improvisação cruel Rima, mas era a única maneira de provar que era Ken o culpado.

A casa estava silenciosa, como se tivesse morrido mais alguém, e como se as pessoas que se tinham juntado na Avenida Algonquin estivessem à espera de ver sair o caixão. E talvez estivessem. Rima estava deitada em cima da cama, imóvel.

— Ken pensava que ia alcançar a única coisa que lhe interessava no mundo — continuou Ellery. — Mas não conseguiu. Não conseguiu, mas conheceu-a a si. Rima, e se se pudesse apagar o crime como umas linhas escritas a lápis, Ken podia ter-se encontrado a si mesmo quando a encontrou a si. Mas o crime não pode ser apagado. E Ken verificou ainda uma outra coisa. É que, a partir de um certo ponto, o assassino perde o controlo dos acontecimentos e passa a ser controlado por eles. Era já tarde de mais, Rima.

“E era já também tarde de mais para si, Rima. Mais tarde ou mais cedo, você ia aperceber-se de que qualquer coisa estava errada. Mais tarde ou mais cedo, você ia saber tudo. — Tinha preparado um longo discurso em que ia dizer muitas outras coisas, tais como que ela era ainda muito nova, que o tempo fazia esquecer muita coisa, e assim por diante, mas o silêncio altivo dela, o seu sofrimento reservado reduziram-no ao silêncio. Disse, finalmente: — Posso fazer alguma coisa, Rima?

Apercebeu-se da ironia dúbia da sua pergunta enquanto esperava ali de pé, ao lado daquela figurinha imóvel. Mas vendo bem, pensou ao afastar-se dela suspirando, os seus “triunfos” de Wrightsville tinham-lhe deixado sempre na boca um gosto a ironia amarga.

Pelo menos nisso não havia contradições!

Terça-feira, 13 de junho

— Mas tem sido impossível saber o que quer que seja por Chalanski ou Dakin — disse Malvina Prentiss. — Se é que eles sabem alguma coisa, do que eu duvido muito.

— A única pessoa além de você que nos pode contar a história toda é o Winship — disse Francis O'Bannon, na sua mais pura pronúncia de Harvard—, e ele nem sequer com o advogado dele quer falar.

— Mas por que é que ele fez uma coisa daquelas, Ellery, e como é que conseguiu? É isso que o Record quer saber, antes de você ir contar a história a outros, e se pensa que o vamos deixar fugir nesse trem...

Era a hora mais sossegada do bar de Gus Olesen, a meio da tarde de um lindo dia de Verão, quando o salão do bar parecia um navio no meio da calmaria, com Gus a estudar um formulário de apostas sentado atrás do balcão e um cheiro a cerveja fresca pairando no ar. Não havia maneira de escapar. Ellery tinha reconstituído para Chalanski a epítase da tragédia de Winship, ao longo da sua sucessão no tempo; os aspectos legais estavam em ordem; não precisavam mais dele até o julgamento; não lhe restava mais nada a fazer além de apanhar o trem para sul ou, pelo menos, assim parecia. Mas apesar disso tinha uma sensação de que deixava qualquer coisa por acabar e não havia maneira de se ir embora. Era Rima, é claro. Antes de mais nada, sentia-se aterrado com a situação de Rima. Que é que ela ia fazer? Para onde havia de ir? Como é que ia viver? Não tinha nada. Quando aquilo acabasse ficava sem casa, sem marido, sem dinheiro, sem modo de vida — sem amigos. Ellery meditara aplicadamente no problema. Finalmente, lembrou-se do Dr. Josiah Buli, do Museu de História Natural de Slocum. Mas, depois de ter ido falar com ele, a Slocum não conseguiu contatar com Rima. Ela tinha-se trancado na casa de Dodd, recusando-se a falar com toda a gente, recusando-se, inclusive, a atender o telefone. Por isso, tinha mandado um bilhete à Avenida Algonquin por intermédio de Hosy Dowling, o velhote que distribuía os telegramas da estação de correio do Edifício Bluefield, e dado que não podia fazer mais nada, tinha resolvido ir-se embora. Mas, apesar disso, não foi logo. Como é que se podia ir embora de Wrightsville sem se despedir de Rima? Tinha mesmo sonhado que voltava a Ytaioa com ela. A demora tinha sido fatal. Rosalind Russell e o seu Sexta-feira tinham-no apanhado na estação e agora estava nas garras deles, e tinha de se resgatar com Sherazade para poder

voltar para junto da sua mala já registrada e apanhar o próximo trem rápido, que era o das 6h02.

— O que mais me desconcertava em tudo isto — começou Ellery a contar, com um suspiro — era a questão muito terra a terra do móbil. Quanto mais puxava pela cabeça para perceber o que estava a acontecer, mais me convencia de que os crimes não eram obra de um maníaco homicida. O maníaco homicida não tenta esconder os seus crimes — pelo contrário, geralmente gaba-se deles—, mas no caso destas mortes nunca se tinha a certeza se eram crimes ou não; até me terem dado os tiros, todas as mortes podiam ter sido naturais ou acidentes. E quando vi que as mortes obedeciam a uma sequência preconcebida, tive a certeza de que era um espírito racional que estava por detrás dos acontecimentos. Porque o maníaco homicida nunca mata de acordo com um plano preconcebido e rígido.

Ellery bebeu uns golos da sua cerveja, sem entusiasmo. O'Bannon escrevia atarefadamente no seu bloco.

— Passei em revista todos os motivos possíveis, ódio. Vingança. Ciúmes. Medo de uma revelação perigosa. Eliminação de obstáculos a qualquer coisa. Autoproteção. Proteção de outro ou outros. Mas nenhum dos motivos que me ocorriam me parecia aceitável. A não ser um — o lucro.

— O lucro? — disse Malvina Prentiss, franzindo a cara.— Mas...

— Pois é. Mas não havia dúvida de que todos os crimes estavam ligados à posse, Miss Prentiss. Todos se relacionavam com dinheiro, pelo menos até certo ponto: com dinheiro, ou com a ausência notória de dinheiro. O lucro parecia a única teoria razoável.

“Mas, analisando melhor as coisas, o lucro também não explicava nada. MacCaby deixou uma grande fortuna quando morreu, e Dodd herdou-a. Dodd lucrava. A morte de John Spencer Hart permitiu que Dodd ficasse com as mãos livres para vender a Fábrica de Tintas de Wrightsville. Portanto, Dodd também lucrava. Hart morreu sem um tostão, mais do que isso, falido. Tom Anderson, quando morreu, tinha cinco mil dólares que lhe tinham sido dados por Dodd e Nick Jacquard apropriou-se desse dinheiro, por culpa de Anderson, de resto, mas Jacquard, depois, morreu também, e o dinheiro de Anderson foi encontrado por Dakin, Rima recusou-se a ficar com ele e, portanto, foi restituído ao seu primitivo dador. Dodd lucra pela terceira vez. Até aqui é Dodd que lucra com as mortes. Mas que é que acontece a Dodd? Faz um testamento legando a fortuna herdada ao Hospital de Wrightsville! Um beco sem saída. Holderfield? Morre sem um tostão. Jonathan Waldo? Ninguém lucrou com a morte dele; o dono da alfaiataria era o irmão, David, e a casa sempre esteve em nome de David.

Chegava, assim, à conclusão paradoxal de que o lucro era o único motivo plausível, mas ninguém lucrava com as sete mortes.

“Havia ainda Outras dúvidas — continuou Ellery, encostando-se para trás na cadeira e fitando o tecto de lata ferrugenta do bar. Algumas das mortes teriam sido naturais ou acidentais, e outras criminosas? Nesse caso, quais teriam sido as mortes naturais ou por acidente e quais as criminosas? Não havia nenhuma maneira de o saber ao certo. Não havia indícios. Se se tratava de crimes, tinham sido perfeitos.

“Mas, nessa altura, tive sorte, pela primeira vez ao fim de dois meses.

— Que foi? — perguntou Malvina Prentiss. O lápis de O'Bannon parou.

— No sábado à noite David Waldo revelou-me, num hotel de Connhaven, um fato que eu ignorava até então. Os gêmeos Waldo, que tinham sido testemunhas do testamento de Sebastian Dodd, tinham validado o testamento não uma, mas duas vezes, em dois dias seguidos... três dias antes da morte de Dodd e, depois, outra vez, dois dias antes.

“Servir de testemunha ao testamento da mesma pessoa duas vezes de seguida só podia significar uma coisa: que, nessas vinte e quatro horas, o testador tinha mudado de ideias acerca das disposições do seu primeiro testamento e tinha pedido ao seu advogado que redigisse outro.

“Que é que dizia o novo testamento, o segundo? Sabemos quais eram as disposições que continha: Dodd deixou tudo, à excepção de umas insignificâncias, para financiar o novo hospital. Mas quais seriam as disposições do primeiro testamento, do que foi invalidado?

— Quais eram? — perguntou O'Bannon vivamente.

— Bom, O'Bannon — disse Ellery com um leve sorriso—, sei tanto como você. Mas tive a sensação de que esse primeiro testamento invalidado nos revelaria um fato muito importante. Não valia a pena insistir com Waldo; limitara-se a validar a assinatura de Dodd. Só havia três pessoas que sabiam o que esse primeiro testamento continha: Otis Holderfield, que o redigiu; Flossie Bushmill, a “secretária” de Holderfield, que, certamente, o deve ter passado à máquina; e o Dr. Dodd. Mas Holderfield e Dodd tinham morrido e a Flossie fugiu não se sabe para onde com um caixeiro-viajante qualquer. Por isso, tive de meditar no assunto.

Ellery estudou a espuma da cerveja.

— Fossem quais fossem as disposições do primeiro testamento, tinham de ser diferentes das do segundo. O que punha, novamente, a questão do motivo.

“Numa nova forma — acrescentou Ellery, levantando os olhos da cerveja. — Cuidou, mas no futuro. Não quem lucrava, mas quem esperava lucrar.

Calou-se e Malvina Prentiss, ao fim de uns instantes, disse aplicadamente:

— Não estou a perceber.

— Dodd alterou o testamento. Sabemos qual foi essa alteração — o legatário principal passou a ser o hospital. Mas como era o testamento antes de ter sido alterado? Quem é que perdia para o hospital ganhar? Quem é que teria sido o principal herdeiro de Dodd antes de ele ter mudado de ideias de um dia para o outro?

"Só podia ser uma pessoa. Dodd não tinha família. A pessoa que lhe era mais próxima era um rapaz, cujos estudos tinha financiado e apoiado, que tinha mandado para a escola médica, que levara, depois, para sua casa como seu companheiro, protegido e sócio profissional. Depois, lembrei-me de uma observação feita por Ken Winship no dia em que Otis Holderfield foi lá a casa ler o testamento. Depois de Holderfield ter saído, Ken disse imprudentemente a Rima que não lhe podia oferecer tudo aquilo que esperara. Na altura, não significava nada de especial; mas, depois, a observação assumiu retrospectivamente para mim um significado ominoso. "Tive a certeza de que Kenneth Winship era o herdeiro designado por Dodd no seu primeiro testamento. E que era igualmente óbvio que Ken, dada a sua relação especial com Dodd, tinha todas as razões para "esperar" ser lembrado no testamento dele. E foi tudo — disse Ellery.

— Porque é que Dodd excluiu Winship à última hora? Não sei. Há várias possibilidades. Pouco antes de morrer, Dodd andava muito perturbado. Talvez estivesse tão obcecado com as necessidades do hospital que essa ideia se sobrepusesse aos seus sentimentos pessoais. Ou, então, Dodd teve a intuição da verdade, ou pode mesmo ter tido conhecimento dela.

"Tinha, finalmente, um motivo bem definido — a esperança do lucro — e um suspeito bem definido.

Ellery começou a fazer rodelas na mesa com a caneca de cerveja.

— O Dr. Kenneth Winship queria todos aqueles milhões de dólares e não estava disposto a esperar pela herança. Além disso, Dodd era muito generoso. Pensou em construir uma ala para crianças no hospital assim que soube que era o herdeiro de MacCaby. Concedeu uma pensão vitalícia à mulher de Hart. Deu cinco mil dólares a Tom Anderson. Concedeu outra pensão à viúva e aos filhos de Nick Jacquard. Por aquele andar, os milhões não iam durar muito. Era evidente que Kenneth tinha de apressar um bocado as coisas se queria herdar a fortuna mais ou menos na íntegra.

"Mas havia um problema. Dodd não tinha feito testamento. Ouviram Holderfield dizê-lo naquela manhã... Andava, há algum tempo, atrás de Dodd

exatamente por causa disso. Dodd só fez testamento na semana em que morreu.

“Por lei, se Dodd morresse sem fazer testamento, Ken não tinha direito a nada; não havia qualquer parentesco legal entre ele e Dodd. Por isso, Ken só podia apressar as coisas desde que Dodd fizesse testamento. Em princípio, o problema deve ter parecido simples a Ken. Se Dodd fizesse testamento, Ken seria o herdeiro. A quem é que o médico, que não tinha família nem outros herdeiros, havia de deixar o dinheiro? Ken interessava-se pela medicina, tal como ele; Ken era quase como um filho para ele, e orgulhava-se de Ken como se fosse mesmo o pai dele.

Malvina Prentiss parecia perturbada e O'Bannon estava com cara de quem se está a sentir mal.

Ellery resmungou:

— Mas, na prática, o problema não era nada simples. Ken sabia há muito tempo do medo que Dodd tinha de morrer, muito antes de eu o descobrir. É evidente. Era médico e viviam na mesma casa. Ken conhecia muito bem Dodd.

“Ora um homem que tem um terror mórbido da morte raramente faz testamento por sua própria iniciativa; acha que fazer testamento dá azar. Era por isso que Dodd adiava constantemente a decisão. Como é que Ken, perante essa fobia de Dodd, o havia de forçar a procurar um advogado para fazer testamento? Ken descobriu uma maneira; era muito inventivo. Um homem que tem um medo mórbido de morrer não quer fazer testamento porque está terrivelmente apegado à vida e à esperança de viver por muito tempo ainda. Mas suponhamos que se convence de que essa esperança não existe para ele? Que a sua morte não só é inevitável, como também está iminente?

“Ken percebeu que tinha de destruir a esperança de Dodd. Tinha de convencer Dodd, sem margem para dúvidas, de que a morte dele era uma questão de dias e que nem ele nem ninguém podiam fazer o que quer que fosse para a evitar.

— Meu Deus! — murmurou O'Bannon.

— Nessa altura, Winship teve uma das ideias mais diabólicas da história do crime. Tinham morrido recentemente em Wrightsville duas pessoas, e a morte delas estava relacionada com Sebastian Dodd e tinha-o afectado; o velho Luke MacCaby, que tinha morrido com uma doença de coração, e John Spencer Hart, que se tinha suicidado. Winship reparou que MacCaby, que toda a gente considerava um miserável, tinha morrido rico e que Hart, que sempre tinha sido considerado como um dos nababos da cidade, afinal, tinha morrido pobre. Homem rico, homem pobre. Homem rico, homem pobre.

“Então, Ken, espicaçado pela esperança do lucro e que tinha ficado perturbado pelas suas vivências da guerra — Dakin disse-me que Winship tinha

estado mal da cabeça depois de voltar do ultramar—, Ken lembrou-se da velha lengalenga infantil.

"Viu então imediatamente o partido que podia tirar dela— disse Ellery. — Homem rico, homem pobre, mendigo, ladrão e depois Dr.. Se à morte de MacCaby, que tinha legado a sua fortuna a Dodd> e à morte de Hart, em consequência da qual Dodd tinha passado a ser o único proprietário da Fábrica de Tintas de Wrightsville, se seguissem as mortes de um "mendigo" e de um "ladrão", duas pessoas que estavam também ligadas a Dodd, e se Dodd tomasse conhecimento dessa sequência sinistra, então Dodd convencia-se de duas coisas: primeiro, que o próximo a morrer ia ser certamente um médico e, segundo, que esse médico seria certamente ele, Dodd. E se Dodd se convencesse disso faria testamento.

— E se não fizesse? — perguntou O'Bannon.

— Mas fez, O'Bannon — disse Ellery laconicamente. — De toda a maneira, um assassino tem sempre de deixar alguma coisa à sorte. Há sempre um pormenor desses em todos os crimes. Ken fiou-se na sorte e ganhou.

— Continue! — disse Malvina Prentiss.

— Winship pôs imediatamente mãos à obra. Antes de mais nada, tinha de descobrir uma pessoa na cidade que condissesse com a terceira pessoa da lengalenga. Era fácil. Chamavam a Tom Anderson o Mendigo da Cidade, além de o Bêbedo da Cidade, e Dodd tinha-lhe dado uma quantia importante. Winship combinou um encontro com Anderson no Rochedo de Little Prudy, a meio da noite, e atirou Anderson para as areias movediças, lá em baixo. Quando as pessoas começaram a pensar que Anderson tinha morrido, Ken mandou-me, anonimamente, pelo correio, recortes de jornal sobre as três mortes... a de MacCaby e a de Hart, com as quais não tinha tido nada a ver e que eram exatamente o que pareciam ser, e a de Anderson.

— Mas para que é que ele fez isso?

— Ora, isso era a parte mais importante do plano dele, Miss Prentiss — disse Ellery, sorrindo. — O principal objetivo da sua campanha era convencer Dodd de que a morte dele era inevitável e estava muito próxima. Ken sabia da minha fraqueza pelas coisas bizarras e pensou que se conseguisse que eu me encarregasse do caso e falasse a Dodd da lengalenga fatal, o problema estava resolvido. Se eu não mordesse o isco, ou se não descobrisse o plano a que obedeciam as mortes, Ken podia "descobri-lo" ele, ou mandar ao Record uma carta anônima com a lengalenga. Mas eu era o instrumento ideal. Era conhecido em Wrightsville. Gozava de uma certa fama e autoridade. Se fosse eu a falar dos versos a Dodd, Dodd convencia-se mais facilmente da inevitabilidade da sua morte prematura... É claro que Ken não podia adivinhar que Rima me ia pedir

para investigar o desaparecimento do pai. Mas, de qualquer modo, eu devia vir a Wrightsville só por causa dos três recortes de jornal que ele me tinha mandado. Assim que apareci em Wrightsville, ele ficou a saber que as coisas estavam bem encaminhadas. E preparou o seu passo seguinte.— Jacquard.

— Pois. O problema era conseguir que Jacquard entrasse em casa de Dodd. Não sei como é que ele conseguiu isso... mas pouco importa. O que interessa é que Ken enganou Jacquard de qualquer maneira e o levou a tentar assaltar a casa. Quando Ken desviou os olhos de Jacquard, fingindo que o fazia para me dar a pistola e ir buscar uma corda, fê-lo propositadamente. Era para incitar Jacquard a atacá-lo. Se Jacquard o não tivesse atacado, Ken tinha de inventar outra coisa, induzi-lo a tentar fugir, por exemplo. De qualquer maneira o plano de Ken era evidente: pretendia matar deliberadamente Jacquard, mas de modo a parecer que os tiros tinham sido inevitáveis e justificados. Foi o crime mais ousado de todos, cometido diante de três testemunhas idóneas, que todas elas juraram, na melhor boa fé, que os tiros tinham sido dados em legítima defesa. Ken deve ter-se divertido imenso com aquilo.

Ellery acendeu um cigarro.

— Depois disso, o cenário estava pronto. Quatro cidadãos de Wrightsville tinham morrido, um homem rico, um homem pobre, um mendigo e um ladrão. Bastava esperar até que eu descobrisse tudo. Quando descobri mesmo o plano, como ele o projectava e esperava, fui a correr ter com o Dodd para lhe recitar os versos e para o avisar de que ele era a próxima vítima da lista. Dodd aceitou imediatamente a ideia dessa fatalidade. Winship deve ter-se sentido muito orgulhoso com o êxito do seu plano!

— Isto é fantástico — proferiu Malvína Prentiss, umedecendo os lábios.

— Pois é — disse Ellery. — Mais do que fantástico. Winship era um mestre do pormenor. Depois de eu lhe ter feito o favor de aniquilar a esperança de Dodd, ficavam ainda uns pequenos fragmentos vivos. Ken pôs metodicamente mãos à obra para os destruir um a um. Serviu-se das armas de Dodd para o atingir... Que armas eram essas? Não sabe que Dodd acreditava secretamente na adivinhação?

— Acreditava em quê}

— Na adivinhação. — E revelou aos seus ouvintes incrédulos a história do quarto do sótão da casa de Dodd e do seu conteúdo.

— Podem ter a certeza de que Ken sabia da existência desse quarto e de tudo o que lá se passava; o conhecimento que tinha das práticas supersticiosas de Dodd pode mesmo ter sido o ponto de partida de todo o seu plano. Ken tinha, com toda a certeza, uma segunda chave do quarto, sem que Dodd o soubesse. Deve ter espreitado muitas vezes Dodd quando ele adivinhava o futuro nesse

quarto e, quando chegou a altura de atuar, estava perfeitamente certo do que tinha de fazer.

“Antes de mais nada Ken preparou o truque da carta da morte, o ás de espadas, essa velha carta de mau presságio, a dupla carta da morte, porque eu mesmo vi Dodd partir os dois baralhos de cartas e, das duas vezes, saiu-lhe o ás de espadas. Como é que Ken conseguiu isso? Deve ser o que vocês estão a pensar. Mas a solução é óbvia. Compram-se cento e quatro baralhos de cartas com o motivo das costas igual ao dos baralhos de Dodd, tira-se o ás de espadas de todos os baralhos e formam-se dois novos baralhos de cinquenta e duas cartas com os cento e quatro ases de espadas. Não pode falhar. Mas, infelizmente, quando consegui arranjar um duplicado funcional da chave da porta do quarto do sótão Ken já tinha entrado no quarto, tirado os baralhos falseados e colocado, em vez deles, os baralhos de Dodd. Esses baralhos de cartas completamente vulgares baralharam-me imenso!

— Arriscado! — murmurou O'Bannon.

— Nem por isso — disse Ellery— — Dodd nunca devia olhar para as outras cartas quando partia o baralho para ler a sina. Ora podemos sempre fiar-nos num hábito. E Ken conhecia bem os hábitos de Dodd.

“Depois de ter infligido a Dodd o duplo choque dos dois ases de espadas, Ken recorreu ao truque do cão a uivar durante a noite, que é um outro presságio de morte bem conhecido. Não sabia que já conseguira o que queria e que Dodd tinha ido ao escritório de Otis Holderfield na manhã seguinte ao dia da minha revelação da lengalenga e já tinha feito o testamento... o primeiro. Desconhecendo esse fato, Ken continuou a insistir. Meteu um pássaro no escritório de Dodd, o que constitui um outro mau presságio.

“Pode ter sido a insistência de Ken que o perdeu — disse Ellery, deitando tristemente a sua beata para dentro da caneca de cerveja. — Continuou a dar os últimos retoques artísticos à sua obra, as cartas, o cão, o pássaro, quando já não faziam falta, como o provaram os acontecimentos. Pode ser que Dodd, completamente desmoralizado por essa insistência, fizesse o seu segundo testamento. Tirava, assim, com uma mão o que tinha dado com a outra. Kenneth Winship conseguiu os seus fins durante vinte e quatro horas, mas não soube disso. Na manhã seguinte as coisas mudaram, mas ele não soube disso. Deve ter sabido das visitas de Dodd ao escritório de Holderfield depois do incidente do pássaro, pensou naturalmente que Dodd tinha feito um único testamento, partiu do princípio de que tinha alcançado os seus fins e preparou-se para dar o último passo, o passo decisivo. Esperou até Dodd sair de casa à noite para visitar um doente a uma certa distância e, depois, seguiu Dodd e fê-lo sair da estrada num lugar onde o desastre seria certamente fatal. Ou talvez tenha ouvido a chamada

numa extensão, saísse primeiro, esperasse Dodd, lhe batesse com qualquer coisa na cabeça e atirasse o carro com o corpo para o canal. De qualquer maneira, foi fácil.

"Foi fácil — disse Ellery — e, depois daquilo, Ken Winship só teve de fingir que tivera um grande desgosto, o Dr. Dodd foi enterrado e chegou o dia da leitura do testamento do Dr.. Só então, Winship, o grande artista do crime, o autor de um plano tão brilhante, soube que a única coisa que ganhara com os seus esforços fora morar na casa sem pagar renda durante uns anos, e nada mais.

Ellery calou-se novamente. Malvina Prentiss argumentou:

— Mas os crimes não acabaram. Porquê, se ele já não tinha nada a ganhar?

— É verdade. Não tinha nada a ganhar e sabia-o perfeitamente. Por isso, Ken Winship começou por fazer a única coisa que lhe restava fazer: aceitar a derrota. Tirou o melhor partido dos acontecimentos. Esqueceu o passado. Além disso, aparecera na sua vida algo que o ia ajudar a começar vida nova. Tinha-se apaixonado e era correspondido. Talvez, na sua mente perturbada, surgisse a ideia consoladora de que fora o fato de não ter conseguido alcançar a ambicionada fortuna com os seus crimes que lhe dera autoridade moral para casar com Rima. Seja como for, casou-se com ela e dedicou-se à vida simples de um médico de província. Do ponto de vista de Ken, e apesar do seu insucesso, a situação não era das piores. O fato de não ter lucrado nada com a morte de Dodd colocava-o acima de qualquer suspeita. Havia ainda uma coisa por resolver, que era a lengalenga infantil que ficava a meio, mas ia deixar-me quebrar a cabeça a pensar nisso sem voltar a intervir.

"Mas depois aconteceu uma coisa estranha — disse Ellery. Pode sublinhar bem esta parte da história, O'Bannon, porque é a mais interessante.

"Até aqui fora Ken que dominara os acontecimentos.

"Mas, daqui em diante, os acontecimentos começaram a dominar Ken.

"É claro — disse Ellery — que, de vez em quando, eu também falho. Falta-me uma explicação lógica e precisa para certos fatos. Há alturas em que a natureza se vinga, com uma espécie de inteligência cínica, quando se abusa dela. Nessas alturas, quase somos forçados a acreditar no determinismo, pois o destino atua com uma espécie de humor negro. É aquilo a que Hardy chama a sátira das circunstâncias. Kenneth Winship deve ter-se transformado também no joguete de uma força que não compreendia. Tinha criado uma certa sequência de acontecimentos. Mas, quando tentou parar, descobriu que, por uma tremenda ironia, isso lhe era impossível.

— Que é que está a dizer? — perguntou Malvina Prentiss. Mas Ellery continuou a falar como se não a ouvisse.

— Onde é que acaba a coincidência e começa a força das circunstâncias? É difícil determiná-lo. Em última análise, pode ser que a coincidência não exista. Pelo menos, não foi por coincidência que a sequência de Ken teve de ser continuada. Não pode ter sido. Foi um ato de justiça implacável.

— Que é que isto quer dizer? — Ellery olhou para os outros. Quer dizer que a sequência insistiu em ser completada, independentemente da vontade de Ken.

"Holderfield tinha redigido os dois testamentos de Dodd. Sabia, portanto, que no primeiro, o que tinha sido revogado, Kenneth Winship era o herdeiro universal de Dodd. Otis Holderfield, por debaixo dos seus montes de banha, era um fulano esperto e arguto. Resolveu o mistério. Viu que Winship, e só ele, tinha um motivo para assassinar Dodd.

"Ainda considerei a hipótese de Tom Anderson ter feito chantagem com Sebastian Dodd. Havia um chantagista no caso, é certo, mas não foi Anderson. Depois da morte de Dodd, Holderfield deve ter falado com Winship, deve ter dito a Winship o que sabia e deve ter prometido não revelar a existência de um primeiro testamento e o seu conteúdo, fatal para Ken, a troco de uma compensação.

"Ken não tinha dinheiro para pagar a um chantagista, mas tinha herdado a clientela de Dodd, ou a maior parte dela. É provável que Holderfield tenha exigido um pagamento alongo prazo, uma percentagem dos lucros de Ken, uma espécie de sociedade. Foi por isso que Holderfield, que na manhã da leitura do testamento de Dodd estava furioso e azedo, pouco depois ficou outra vez todo prazenteiro. Tinha planeado o seu projecto de chantagem... E, assim, Ken não só não lucrava nada com os seus crimes, como ainda ficava numa situação pior depois de os ter cometido: agora tinha de pagar por eles.

"Ken viu imediatamente o que era preciso fazer. Não era o gênero de homem para se submeter a uma chantagem sem reagir, como Holderfield devia ter compreendido. Não hesitaria perante um novo crime. Entrou, às escondidas, no Edifício Granjon ao fim de uma tarde de sábado, quando o prédio estava deserto, e atirou Holderfield da janela abaixo. Holderfield devia ter uma cópia do primeiro testamento no seu escritório, e Ken procurou-a, encontrou-a e destruiu-a.

"Um novo crime, cometido inteiramente contra a sua vontade, sem qualquer esperança de lucro, só porque não tivera outro remédio. O assassinato de um chantagista, Holderfield. O pior é que, ao matar esse chantagista chamado Holderfield, Ken estava a matar um advogado, e um advogado era a vítima que se devia seguir ao Dr., de acordo com a lengalenga. Seria só uma coincidência? Acho que não.

— De qualquer maneira é muito estranho murmurou O'Bannon, sem parar de escrevinhar no seu bloco.

— Se as coisas tivessem ficado por aqui, podia ter sido só estranho. Mas não ficaram. Depois de ter eliminado Holderfield, Ken viu que não podia parar. Os gêmeos Waldo tinham servido de testemunhas ao testamento, que constituía a única prova de que Winship tinha um motivo para cometer os crimes. Não sabia se os Waldo estavam a par do conteúdo do testamento, mas era possível que sim. E, mesmo que não estivessem, tinham servido de testemunhas a dois testamentos em dois dias seguidos e era também perigoso para ele que isso se soubesse... Os Waldo tomavam Nembutal para dormir, viviam mesmo em frente da casa de Dodd, e a casa deles era uma velha casa de madeira. Ken ateou um fogo na cave e voltou para a cama.

“Pode ter planeado também a morte de Floss Bushmill, a secretária de Holderfield, que tinha sido a terceira testemunha do testamento, ao fim ao cabo, se não ganhava nada depois de tanto trabalho, o menos que podia fazer era destruir todos os vestígios da sua implicação no caso. Mas depois começou tudo a correr mal e ficou enterrado até o pescoço em problemas mais graves e, entretanto, Floss ausentara-se para outras regiões mais auspiciosas do que Wrightsville.

“Dr., advogado, mercador... Tinha planeado matar dois irmãos que sabiam uma coisa perigosa para ele. Quando pôs fogo à casa dos Waldo Ken pode não se ter dado conta de que os alfaiates são mercadores, mas é evidente que outros poderes mais altos o não tinham esquecido:

— Incrível — disse Malvina Prentiss.

— Esses poderes a que me refiro, Miss Prentiss — disse Ellery, com um sorriso—, são especialistas do incrível. Mas, desta vez, não aconteceu nada de incrível. O fato de ter “calhado” que Winship matasse um mercador depois de um advogado, quando a lengalenga exigia exatamente essa sequência, obedeceu a uma lei quase tão natural como as de Newton. Por que é que os “mercadores” Waldo passaram a figurar na lista de Winship? Foram chamados pelo advogado Holderfield para servirem de testemunhas ao testamento de Sebastian Dodd. Ora, o escritório de Holderfield ficava num prédio de escritórios e, nesse prédio, tal como acontece em quase todos os prédios de escritórios, no rés-do-chão havia lojas, tanto mais que o prédio se situa no centro da zona comercial de Wrightsville, em que abundam as lojas. Nove em cada dez pessoas que Holderfield podia chamar para servirem de testemunhas ao testamento de Dodd seriam, assim, mercadores de qualquer ramo. Os dois que ele chamou eram alfaiates. Mas também podia ter sido o Sr. Prudy da loja de tecidos ou Jeff

Hernaberry da loja de artigos desportivos. Não foi incrível, Miss Prentiss; foi apenas uma coincidência.

“Mas, para acabarmos depressa com isto. O destino estava a divertir-se com a brincadeira. Um dos irmãos Waldo não morreu no incêndio.

“Nesta altura, os acontecimentos precipitaram-se. Ken compreendeu, de imediato, que a sobrevivência de David Waldo constituía para ele o mesmo perigo que ele tentara evitar pondo fogo à casa dos Waldo. Não podia matar Waldo no hospital, o risco de ser descoberto era muito grande. Mas, depois, Waldo, de cabeça perdida com o medo, saiu do hospital, vendeu secretamente tudo o que tinha em Wrightsville e desapareceu.

“Ken sabia que eu estava firmemente resolvido a encontrar Waldo. Se o conseguisse podia extorquir-lhe a história do primeiro testamento. Quando Waldo foi encontrado e eu fui ter com ele, deixando um bilhete na casa de Dodd a dizer a Ken e a Rima onde tinha ido, Ken esperou até que alguém o chamasse de noite, ou inventou essa desculpa para dar a Rima, saiu no carro e seguiu-me até Connhaven. De resto, a profissão dele facilitou-lhe muito os movimentos. Ninguém estranha que um médico saia de casa no meio da noite.

“Foi atrás de mim, preparou uma armadilha, a armadilha resultou, e desfechou-me dois tiros no coração, a uma distância de quinze centímetros.

“Mas o destino riu-se dele. Em primeiro lugar, eu tinha vestido um colete à prova de bala, o que ele nem sonhava. Em segundo lugar, eu era um “chefe”, fato de que me servi na armadilha que lhe preparei. Winship deve ter pensado que estava a ter um pesadelo, não estava, com certeza, a querer completar a sequência da lengalenga quando me deu aqueles tiros!

“É certo que o “chefe” não morreu. Mas também é certo que eu só era um “chefe” num sentido muito restrito e absurdo. A sequência vai ser realmente completada. Vai haver mais uma morte.

O'Bannon partiu a ponta do lápis e Miss Prentiss endireitou-se na cadeira.

— Agora é Ken que vai morrer, para pagar pelos seus crimes — disse Ellery. — E vai ser essa a sátira suprema das circunstâncias, sem qualquer nota forçada. Porque a verdade é que Ken foi o chefe de tudo. O criminoso-chefe, o chefe do planeamento, o chefe das operações e a principal vítima. Uma conclusão perfeita para a lengalenga, que ele, certamente, não vai apreciar, caso lhe ocorra. Vocês não têm a boca seca? Vou pedir outra cerveja.

O bar, agora, tinha já bastante gente, operários das fábricas, empregados de escritório que iam para casa. Não foi fácil chamar a atenção de Gus. Entretanto, Francis O'Bannon filava o seu bloco de apontamentos com ar

meditabundo. Malvina Prentiss tamborilava pensativamente com as suas unhas prateadas. Ellery acendeu outro cigarro.

— Que é que vão tomar? — perguntou Gus..

— Uma cerveja — disse a diretora do Record. Para o Sr. Queen. — Pôs uma nota na mesa e levantou-se.

Para mim é uma garrafa de bourbon — disse Francis 0'O'Bannon,

Ela olhou friamente para a cabeleira ruiva de O'Bannon.

— Julguei que isso já estava resolvido, Quatro olhos. Alce o rabo dessa cadeira e volte para a loja. Tenho uma montanha de coisas para fazer.

— Bourbon — repetiu O'Bannon.

— Sim, Sr. — disse Gus hesitantemente.

— Quatro olhos — disse Malvina Prentiss. — Falei consigo.

— Falou comigo. imagine-se. — Um rubor muito harvardiano começou a invadir o pescoço de O'Bannon. — E que é que eu tenho de fazer?

— Aquilo para que lhe pagam. Saltar por um arco!

— Malvina — disse O'Bannon em voz baixa—, vá você para a loja sozinha. Gus, o bourbon.

— E vem isto de Back Bay disse Malvina com desprezo.— Mais parece um homem do lixo de Nova Iorque.

— Pois é isso mesmo que eu sou, sua estátua de cera prateada fugida de Madame Tussaud! — O'Bannon levantou-se de um salto. Arrancou os óculos do nariz e partiu-os excitado em frente da cara dela.

— Quatro olhos! — Estava horrorizada.

— Quatro olhos uma ova! Gus, vá buscar-me essa garrafa de bourbon se não quer que eu dê cabo da sua loja. Malvina, meu amor, sou um impostor não percebeu isso? Deixava-a tratar-me abaixo de cão porque isso me agradava. Mas agora já não me agrada! gritou ele. — Pode voltar para a sua caixa de pó-de-arroz e lixar-se!

— Quatro olhos... — gaguejou ela.

— Chamo-me Francis Vincent Xavier O'Bannon e, agora, vou chamar-lhe também umas coisas a si, sua peneirenta de um raio! — E Francis Vincent Xavier O'Bannon chamou-lhe mesmo umas coisas, com uma fluência blasfema que reduziu os clientes de Gus a um silêncio respeitoso. Enquanto estava a ser assim tão fielmente descrita, Malvina Prentiss continuou de pé junto à mesa de boca aberta, petrificada pelo espanto. E depois de O'Bannon ter acabado, de ter emborcado de um trago a quinta parte da garrafa de bourbon trazida por Gus, levando o gargalo à boca, de ter cumprimentado Ellery e de sair do bar ao som de um acompanhamento de assobios e aplausos da multidão, Malvina Prentiss

fechou a boca, olhou timidamente à sua volta, corou até a raiz do seu cabelo platinado e fugiu.

E agora, dois passam a ser um pensou Ellery. A vida continua, unificando as dualidades.

Olhou para o relógio, e quando levantou novamente os olhos viu Rima à porta.

Encontraram-se no meio do salão do bar, junto de uma mesa onde um homem de fato-macaco com uma mancha de óleo no nariz alinhava cuidadosamente quatro copos de uísque.

— Então, você agora também é detective? — perguntou Ellery, muito sério.

— Não foi difícil encontrá-lo. Você é muito famoso.

— Estou muito contente por a ver, Rima.

— Foi muito simpático da sua parte arranjar-me um emprego.

— Já falou com o Dr. Buli.

— Telefonei-lhe.

— Que é que ele disse?

— Fez-me muitas perguntas. Vai pôr-me a trabalhar no departamento da Vida Selvagem, como assistente do conservador. Foi muito simpático da sua parte, Ellery.

— Tenho a certeza de que vai gostar. Rima. Tem de fazer muito trabalho no campo, segundo me disseram. Quando é que começa?

— O Dr. Buli disse que podia começar quando quisesse, por isso começo amanhã de manhã.

— Ótimo — disse Ellery com um sorriso. Depois, acrescentou. — Ainda bem que vai começar amanhã. É um ótimo dia para começar.

Rima ficou a olhar para ele como se não estivesse de acordo.

— Além disso — disse ela — não podia deixar que se fosse embora sem me despedir.

— Qualquer dia volto, Rima.

— Ah, pois, para o julgamento.

— Não é só para o julgamento.

Um homem grande com uma camisa de xadrez berrou:— Gus.

— Não é só por isso, Ellery? — As olheiras roxas e fundas dele metiam dó.

— Já se esqueceu do meu discurso de Ytaioa? Tenho de ir, Rima. Venha comigo até a estação.

— Que discurso? — disse Rima.

— Há sempre duas possibilidades — disse Ellery.

A cara dela animou-se e tingiu-se com um leve rubor e, enquanto levava Rima até junto do táxi de Ed Hotchkiss, que esperava por ele na rua, Ellery teve o pensamento pouco original de que lhe parecia estar a assistir ao nascer do Sol num mundo mergulhado na escuridão.



